

ISSN 1982-3444



REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Nº 13 - 2007



REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Nº 13

Salvador, Bahia
2007

ISSN Nº 1982-3444

Editoração e Impressão:
Colégio e Faculdade Apoio

Capa:
Manoelito Damasceno

REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO
Largo do Campo Grande, n.º 8

Revista da Academia Baiana de Educação, v.1, n. 13 (jan-dez) -2007 –
Salvador: ABED, 2007.

308 p.

O 1.º volume foi publicado em 1991.

Anual
ISSN – 1982-3444

1. Educação – Bahia – Periódicos. I. Academia Baiana de Educação

CDD:370.5
CDU: 37(05) (813.8)

REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Fundada em 9 de setembro de 1982, é uma sociedade civil, com personalidade jurídica própria, de duração ilimitada.

VOLUME 13 (2007)



REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

DIRETORIA (2006-2008)

Presidente de Honra:	Leda Jesuíno dos Santos
Presidente:	Roberto Figueira Santos
Vice-presidente:	Hermano Augusto Palmeira Machado
1.º Secretário:	João Eurico Mata
2.º Secretário:	Rosa Pereira Levita
Tesoureiro:	Marcelo Augusto Carvalho Rocha
Diretor da Revista e Biblioteca:	José Nilton Carvalho Pereira
Diretor de Arquivo e Museu:	Francisco Pinheiro Lima Júnior

SUMÁRIO

Lafayette de Azevedo Pondé completa cem anos de Idade.....	9
<i>Roberto Figueira Santos</i>	
III Ciclo de Seminários sobre as Licenciaturas.....	14
<i>Roberto Figueira Santos</i>	
No Bicentenário da Criação da “Escola de Cirurgia” da Bahia.....	17
<i>Roberto Figueira Santos</i>	
Considerações Históricas Sobre a Formação de Médicos no Brasil	26
<i>Roberto Figueira Santos</i>	
Um “Choque” de Divulgação Científica.....	43
<i>Roberto Figueira Santos</i>	
Biografias e Autobiografias.....	50
<i>Roberto Figueira Santos</i>	
Abe - Educadora do Ano 2007 Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon	58
<i>Roberto Figueira Santos</i>	
Posse da professora Vanda Angélica Fernandes da Cunha.....	61
<i>Roberto Figueira Santos</i>	
Posse da Acadêmica Betty Coelho.....	63
<i>Roberto Figueira Santos</i>	
Posse de Alfredo Matta na Academia Baiana de Educação.....	65
<i>Roberto Figueira Santos</i>	
Posse da Acadêmica Maria Conceição Costa e Silva.....	68
<i>Roberto Figueira Santos</i>	
Homenagem ao professor João Fernandes da Cunha.....	71
<i>Roberto Figueira Santos</i>	
Homenagem ao Acadêmico José Nilton Carvalho Pereira.....	75
<i>Roberto Figueira Santos</i>	
Discurso de Recepção do Dr. José Corgozinho de Carvalho Filho.	78
<i>Leda Jesuíno dos Santos</i>	

Discurso de Saudação à Professora Maria Augusta Cruz Abdon, ao receber o Título de Educadora do ano 2007 na Academia Baiana de Educação.	89
<i>Leda Jesuíno dos Santos</i>	
Discurso de Saudação à professora Maria Anália Costa Moura na posse da cadeira N.º 8.	95
<i>Leda Jesuíno dos Santos</i>	
Pronunciamento em nome da Academia Baiana de Educação para Olga Mettig em 27 de abril de 2007.	105
<i>Leda Jesuíno dos Santos</i>	
Premiações Preliminares.....	107
<i>Leda Jesuíno dos Santos</i>	
Discurso Personalidade Educacional 2007 (Folha Dirigida)	111
<i>Leda Jesuíno dos Santos</i>	
Criação e Crescimento da Academia Baiana de Educação.....	123
<i>Edivaldo M. Boaventura</i>	
Alfredo Matta História, Informática e Educação	133
<i>Edivaldo M. Boaventura</i>	
Betty Coelho e a Arte de Contar Histórias	140
<i>Edivaldo M. Boaventura</i>	
A Educação – Problema de todos nós.	146
<i>Germano Machado</i>	
Dois Filósofos.....	149
<i>Germano Machado</i>	
Ateísmo em Ascensão?	152
<i>Germano Machado</i>	
Saudação ao Dr. José Carvalho na concessão do título de Sócio Benérito da Academia Baiana de Educação.	155
<i>Prof. Manoel Barros</i>	
Prêmio Folha Dirigida – Agradecimentos.....	158
<i>Prof. Manoel Barros</i>	

Discurso de Saudação pela posse da Prof ^a Maria Conceição Costa e Silva na Academia Baiana de Educação.....	160
<i>José Rogério C. Vargens</i>	
Discurso de recepção a Vanda Angélica da Cunha.....	174
<i>Prof. Antônio Jesuino dos Santos Netto</i>	
Educadora do ano Acadêmica Maria Augusta Cruz Abdon.....	179
<i>Rosa Pereira Levita</i>	
Recordando uma mensagem que, em junho de 2002, a mestra, educadora, Leda Jesuino, professora emérita da Ufba, presidente de honra da Academia Baiana de Educação ofereceu à Acadêmica professora Maria Augusta Cruz Abdon	183
Discurso da Acadêmica Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon, na solenidade da Academia Baiana de Educação, que lhe concedeu o título de Educadora do ano 2007.	187
Discurso da Acadêmica Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon, na solenidade da Academia Baiana de Educação que concedeu o título de Sócio Benemérito, ao Acadêmico José Nilton Carvalho Pereira..	203
Minha Vida Resumida	212
<i>Acadêmico José Nilton Carvalho Pereira</i>	
A Nova Butterfly.....	231
<i>Remy de Souza</i>	
Breve nota sobre a Metodologia do Ensino do Direito.....	247
<i>Alirio de Souza</i>	
Pronunciamento de Dr. José Carvalho na oportunidade da Concessão do Título de Sócio Benemérito pela Academia Baiana de Educação...	252
Homenagem à Professora Maria Betty Coelho Silva, por ocasião de sua posse na Academia Baiana de Educação, em 29 de agosto de 2007.	254
<i>Maria Antônia Ramos Coutinho</i>	
Discurso de posse na Academia Baiana de Educação.....	257
<i>Alfredo Eurico Rodrigues Matta</i>	
Adentrando o Portal	275
<i>Vanda Angélica da Cunha</i>	

Estatuto da Academia Baiana de Educação.....	288
Regimento da Academia Baiana de Educação.....	294
Patronos da Academia Baiana de Educação e Acadêmicos Titulares.....	306
Acadêmicos Titulares.....	308

LAFAYETTE DE AZEVEDO PONDÉ COMPLETA CEM ANOS DE IDADE

Roberto Figueira Santos
Ex-Reitor da Universidade Federal da
Bahia
Ex-Governador da Bahia

Dois dos filhos do ilustre médico baiano João de Souza Pondé desempenharam funções de grande destaque na Universidade Federal da Bahia. Um deles, Adriano, foi Professor da Faculdade de Medicina, criou a Escola de Nutrição, e, como Vice-Reitor, exerceu a Reitoria em múltiplas oportunidades. Por sua vez, Lafayette regiu várias disciplinas em diferentes unidades da Universidade, exerceu a cátedra de Direito Administrativo da Faculdade de Direito, implantou e dirigiu a Escola de Administração, e, após ter sido Vice-Reitor, foi o nosso Reitor durante os anos de 1975 a 1979. Ao comemorarmos, hoje, o centenário do nascimento de Lafayette, nos rejubilamos, solidários com a sua vasta família e o extenso círculo dos seus amigos, enquanto a Universidade expressa, festivamente, o reconhecimento que lhe é devido pelos relevantíssimos serviços prestados, ao longo de muitas décadas.

Nascido em Salvador a 12 de março de 1907, diplomado pela Faculdade de Direito da Bahia a 8 de dezembro de 1929, Lafayette começou a projetar-se no serviço público estadual desde o início da década de 1930. Chegou a exercer, interinamente, a interventoria federal no Estado, em várias ocasiões, por força de nomeação assinada pelo então Presidente da República. Diante de tão extensa relação de cargos e funções por ele ocupados durante a longa existência, preferimos concentrar a atenção nos meritórios serviços prestados no campo da Educação.

Em 1935, Lafayette começou a lecionar a disciplina de Direito Internacional Público da Faculdade de Ciências Econômicas da Bahia, da qual foi Diretor. Em 1942, tornou-se professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. A partir de 1943

assumiu a cátedra de Direito Administrativo da Faculdade de Direito da Bahia. Essas várias escolas de nível superior foram, mais tarde, incorporadas à recém-constituída Universidade Federal da Bahia. Na Faculdade de Direito, notabilizada pela excelência do seu quadro docente, além de catedrático de Direito Administrativo, regeu das disciplinas de Direito Internacional Privado e Direito Internacional Público.

Exercia, com reconhecida proficiência, o magistério superior na Universidade Federal da Bahia, quando o Reitor Edgard Santos, no meio da década de 1950, resolveu implantar a Escola de Administração que se transformou em uma das unidades mais dinâmicas da instituição. A fim de levar adiante mais essa realização, Edgard convocou, juntamente com Lafayette Pondé, também, o Professor Oldegar Vieira, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Há esse tempo, a Fundação Getúlio Vargas e a Fundação Ford, esta última sediada em Nova York, vinham apoiando a criação de cursos de Administração no Brasil, mediante a oferta de bolsas de estudos a candidatos que pretendessem dedicar-se à formação de administradores em nível superior, e que fossem, já, portadores de outro diploma universitário. Os jovens baianos selecionados para esse fim se obrigavam a obter diplomas de Mestre em Administração, conferidos por renomadas Universidades norte-americanas. Os mais interessados na Administração privada foram encaminhados à Universidade da Califórnia do Sul, enquanto os mais vocacionados para a Administração pública freqüentaram a Universidade Estadual de Michigan, sediada na cidade de Lansing, capital daquele Estado.

Implantada a Escola de Administração da UFBA, Lafayette foi nomeado seu primeiro Diretor. Desde o início, revelou-se a Escola altamente inovadora quanto à programação pedagógica. De outra parte, os jovens baianos que haviam aprofundado os seus estudos nos temas referentes às bases científicas e à prática da Administração, encontraram amplas oportunidades de trabalho e emprego na nossa sociedade, onde as mesmas tarefas vinham sendo entregues, até então, a detentores de diplomas afins.

Graças à sua condição de Diretor da Escola de Administração, Lafayette passou a integrar o Conselho Universitário, no qual atuou por muitos anos, de modo a angariar a admiração e o respeito dos demais conselheiros. Em 1971, já tendo exercido as funções de Vice-Reitor, o seu *"curriculum vitae"* o tornava altamente credenciado para assumir o cargo de Reitor, o que ocorreu após a eleição, em lista tríplice, pelo Conselho Universitário e a subsequente nomeação pelo Presidente da República. Sempre rigoroso na exigência do cumprimento das leis e regulamentos, Lafayette conduziu os destinos da Universidade com lucidez e descortínio, em tempos de grandes dificuldades.

Na mesma época, foi ele nomeado membro do Conselho Federal de Educação, ainda em fase do maior prestígio daquele importante órgão. A valiosa contribuição por ele oferecida à Educação nacional, levou os seus pares a escolhê-lo para a Presidência do Conselho. Com a esposa, D. Lourdes, mudou-se, então, para Brasília, onde residiu durante os anos em que foi Presidente do mesmo órgão. A aposentadoria por implemento de idade alcançou-o quando ainda morava em Brasília. De volta a Salvador, valendo-se da experiência adquirida em tantas décadas de desempenho de funções públicas, reassumiu as atividades de magistério, coordenando cursos de pós-graduação, patrocinados pela Fundação Faculdade de Direito da Bahia.

Durante a longa carreira em que ocupou diversas funções de direção na alta administração educacional, Lafayette sempre revelou profundo conhecimento da intrincada legislação brasileira nesse campo. De trato afável, embora sempre muito austero, Lafayette é capaz de desconcertar o interlocutor, quando a situação comporta, mediante comentários da mais refinada ironia. Embora muito discreto na conduta pessoal e no trato da coisa pública, sabe ser excelente *"causeur"*. Involuntariamente, nessas ocasiões, deixa transparecer aos que o ouvem, a vasta cultura humanística, o bom gosto do colecionador de objetos de arte, especialmente da prataria colonial luso-baiana, e a prolongada vivência em ambientes de elevado nível intelectual e social. Limita-se esse comportamento,

entretanto, às oportunidades de convívio com os que gozam do privilégio da sua amizade.

Lafayette tem sido agraciado com muitas comendas e títulos honoríficos, quer brasileiros quer estrangeiros, atribuíveis, sobretudo, à sua atuação no campo da Educação. Um gesto marcante assinalou a sua vocação verdadeira: em certo momento da carreira de servidor público, teve de optar entre o cargo de Conselheiro do Tribunal de Contas do nosso Estado, e o de Professor Catedrático da Universidade Federal da Bahia. A sua preferência foi definitiva: permaneceu no magistério.

Por mais de uma geração, diferentes ramos da Família Pondé mantiveram e mantêm estreitas relações de amizade com a minha própria Família. Eis por que tenho enorme satisfação em associar-me, pessoalmente, às homenagens ora prestadas ao Professor Lafayette, exemplo de cidadão a ser reverenciado e imitado por sucessivas gerações de baianos.

Sempre muito dedicado à família e aos amigos, Lafayette cultiva estreitos vínculos afetivos que não se limitam à esposa, filha, filhos e netos, irmãos, irmãs e sobrinhos, como se estendem à família ampliada, com incontáveis ramificações, oriunda do município sertanejo de Itapicuru. Casou-se, em 1933 com a Senhora Lourdes Porto Pondé, nascida na Cidade de Santos, Estado de S. Paulo, e originária de tradicional família baiana. O casamento durou mais de seis décadas. Os dois filhos varões do casal, o médico João de Souza Pondé Neto (Joãozinho) e o bacharel em direito, Lafayette Júnior, são vitoriosos nas respectivas carreiras profissionais, assim como a filha, Gilda, proficiente bibliotecária, casada com o maestro Piero Bastianelli, também ligado ao corpo docente da Universidade Federal da Bahia. O médico, Joãozinho, durante muitos anos, foi meu discípulo e companheiro de trabalho no Hospital Universitário Professor Edgard Santos. Dirige ele, na condição de fundador e coproprietário, uma das mais importantes clínicas de Salvador, o Instituto Córdio-pulmonar. O bacharel em Direito, também de prenome Lafayette, pertence aos quadros do Ministério Público Estadual, e foi diretor do Banco do Estado da Bahia, durante o meu mandato de governador. Vários dos seus netos, portadores

de diplomas universitários, vêm se distinguindo no exercício das profissões de sua escolha. Quero destacar, na oportunidade, o importante trabalho da neta Luciana, ao informatizar a coleção completa do periódico intitulado “Gazeta Médica da Bahia”, um dos orgulhos das ciências médicas da nossa terra, fundada em 1866. Lafayette conta com vários bisnetos e bisnetas, ainda em tenra idade.

Insisto em dizer que procurei resumir, no presente texto, tão somente, o que se refere à contribuição de Lafayette à Educação Nacional. Contudo, é esta, apenas, uma das vertentes da rica biografia de quem tanto ama a sua e nossa terra, e a ela tem servido com total integridade e indiscutível competência profissional.

III CICLO DE SEMINÁRIOS SOBRE AS LICENCIATURAS

Pronunciamento do Professor Roberto Figueira Santos, Presidente da Academia Baiana de Educação em 11 de julho de 2007.

A melhoria da **qualidade do ensino básico**, problema de respeitável dimensão, vem sendo enfrentada, corajosamente, pelos que têm alguma responsabilidade no processo de educação de grandes contingentes da nossa população. Agravou-se o problema, nos últimos tempos, em vista da grande expansão do número de alunos desse nível de estudos. As iniciativas no sentido dessa melhoria, de fundamental importância para o desenvolvimento socioeconômico da nossa população, representam o mais importante do fator de esperança em relação ao futuro da nação brasileira.

Das numerosas providências de que depende a melhoria da qualidade do ensino, nenhuma ultrapassa em eficácia a da **formação dos professores** dedicados aos níveis fundamental e médio de educação. Por assim entender, a Academia Baiana de Educação vem realizando, pelo terceiro ano consecutivo, ciclos de seminários acerca dos cursos de licenciatura oferecidos pelos estabelecimentos de ensino superior do país.

A significativa expansão do corpo discente das escolas de nível fundamental, tem resultado, entre outras dificuldades, nas de adaptação aos estudos, por parte de grandes números de jovens oriundos de **famílias inteiras que jamais freqüentaram qualquer ambiente escolar**. Pressões de natureza social, recentemente, têm levado muitos desses jovens a submeter-se ao mínimo de disciplina e de esforço mental organizado, que caracterizam esse mesmo ambiente. Tornou-se, esta necessidade de adaptação, um dos mais importantes fatores, a suscitar inovações no esforço em prol da melhoria da qualidade do ensino, nos diferentes níveis.

No nosso convívio social, a queixa ouvida com maior frequência, em relação à qualidade do ensino, diz respeito à condição de muitos alunos que, após terem cursado os primeiros anos da escola fundamental, não conseguem entender qualquer texto que lhes seja oferecido à leitura. Evidencia-se, claramente, tal limitação, entre jovens que querem continuar seus estudos e, assim, chegam a matricular-se em instituições de nível superior, sem haver superado a terrível incapacidade de interpretar o sentido das palavras e das frases que, bem ou mal, conseguem ler. Além de procurar corrigir essa imperdoável falha, deve assumir a escola a responsabilidade de criar nos jovens de hoje, a motivação que os levará a acompanhar ao longo de toda a vida, a evolução dos conhecimentos pertinentes ao seu ganha-pão. Convém lembrar que esses conhecimentos estão e estarão se renovando constantemente, em ritmo cada vez mais rápido, qualquer que seja a atividade à qual se dedicarão os integrantes da força de trabalho, em futuro próximo.

No último decênio, graças à promulgação da segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e à edição de vários documentos que a complementam, vêm ocorrendo alterações legais quanto à formação exigida dos professores da fase inicial do ensino fundamental. Mostram-se mais notórias, a cada dia que passa, as graves deficiências, tanto do ponto de vista quantitativo como qualitativo, na preparação dos profissionais da educação. A demanda por essa mão-de-obra tem crescido a largos passos, o que vem gerando enormes lacunas, nem sempre corrigidas a tempo.

A Academia Baiana de Educação, para a organização dos citados Seminários, tem buscado identificar, na Bahia e em outras unidades da Federação, estudiosos dos diferentes temas relacionados ao assunto, quer oriundos do ensino público, como do particular, e os tem convidado a colaborar conosco. Quero agradecer aos que acederam ao nosso convite e nos estão proporcionando a honra da sua participação. Desejo dar as boas-vindas da Academia aos licenciados, aos bacharéis e aos estudantes, atuais e futuros professores, que tanto nos alegram com o seu comparecimento a este evento. Desejo, ainda, agradecer à Construtora Norberto Odebrecht o apoio financeiro a nós proporcionado, assim como, às Faculdades

Olga Mettig e à Fundação João Fernandes da Cunha, entidades que, a exemplo do ocorrido nos dois últimos anos, têm colocado à nossa disposição as instalações necessárias à implementação do projeto.

NO BICENTENÁRIO DA CRIAÇÃO DA “ESCOLA DE CIRURGIA” DA BAHIA

Roberto Figueira Santos
Ex-Reitor da Universidade
Federal da Bahia.
Ex-Governador da Bahia

RESUMO: Na oportunidade das comemorações do bicentenário da transmigração da Família Real Portuguesa de Lisboa para o Brasil, cumpre ressaltar o significado da criação da “Escola de Cirurgia do Real Hospital Militar de Salvador”, precursora da Faculdade de Medicina da Bahia e dos demais estabelecimentos de ensino superior do País. Foi este um dos atos de maior importância dentre os autorizados pelo Príncipe Regente D. João, desde quando chegou à Bahia, nos primeiros dias do ano de 1808, antes de transferir-se para o Rio de Janeiro. A escassa documentação relativa ao **atendimento à saúde** da população que habitou o Brasil durante os três primeiros séculos da colonização, revela um quadro extremamente precário. Nos trezentos anos decorridos desde a descoberta do Brasil, pouquíssimos haviam sido os “cirurgiões” e os “médicos” (ou “físicos”) portugueses que se radicaram em território brasileiro. Não cabem dúvidas sobre os grandes benefícios resultantes do aumento do pessoal habilitado a cuidar da saúde, depois da criação das Faculdades da Bahia e do Rio de Janeiro. Todos os profissionais da Medicina formados no Brasil até o fim daquele século, tiveram seus diplomas conferidos por essas duas Faculdades. Graças aos imensos serviços que prestaram à população brasileira, as duas Faculdades angariaram grande prestígio e se tornaram dignas da maior reverência por parte dos nossos conterrâneos.

TEXTO: O bicentenário da transmigração da família real portuguesa de Lisboa para o Brasil, iniciada no final do ano de 1807, tem suscitado recentes estudos e comentários, em comemoração aos importantes atos datados dos primeiros tempos da per-

manência da corte entre nós. Devido a uma tempestade que atingiu a esquadra na qual viajava a família real com destino ao Rio de Janeiro, alguns dos seus navios aportaram à Baía de Todos os Santos, inclusive aquele em que viajava o Príncipe Regente D. João. Pouco mais de quarenta anos tinham transcorrido desde quando a Capital da Colônia se havia transferido de Salvador para o Rio de Janeiro. Criada em 1549, por Tomé de Sousa, Salvador havia desempenhado as funções de Capital durante quase 220 anos.

Entre os atos de suma importância promovidos pelo Regente nas poucas semanas em que permaneceu na Bahia, figurou a criação, a 18 de fevereiro de 1808, da **“Escola de Cirurgia do Real Hospital Militar de Salvador”**. O pleno significado da criação dessa Escola, precursora de toda a rede de ensino superior implantada no Brasil ao longo dos duzentos anos subseqüentes, será melhor entendido se analisarmos o que havia sido a atenção à saúde no Brasil Colônia, desde o Descobrimento até o começo do século XIX.

Conforme referido na Carta Régia que consubstanciou esse ato, estava o Príncipe Regente “anuindo à proposta que lhe fez o Dr. José Maria Picanço, cirurgião-mor do Reino e do seu Conselho, sobre a necessidade, que havia, de uma escola de cirurgia no Hospital desta Cidade... (D. João) tem cometido ao sobredito cirurgião-mor a escolha dos professores que não só ensinem a cirurgia propriamente dita, mas a anatomia, como base essencial dela, e a arte obstétrica, tão útil como necessária.” O Dr. José Maria Picanço, futuro Barão de Goyana, nascido em Pernambuco, era Lente Jubilado da Universidade de Coimbra, e havia acompanhado D. João na sua viagem para o Brasil. Os dois primeiros professores por ele escolhidos, respectivamente, José Soares de Castro, para o ensino da Anatomia, e Manuel José Estrela, para o ensino da Cirurgia, foram nomeados em ato datado de 23 de fevereiro do mesmo ano de 1808.

A documentação relativa ao atendimento à saúde da população que habitou o Brasil durante os três primeiros séculos da colonização, revela um quadro extremamente precário, no qual predominava a carência de pessoal habilitado e se misturavam in-

fluências das várias culturas que contribuíram para a construção do Brasil de hoje. Começava a formar-se, na população local, a tendência para o sincretismo cultural que tem sido uma das marcas da índole da nossa gente.

No período de três séculos desde a descoberta do Brasil, pouquíssimos haviam sido os “cirurgiões” e os “médicos” (ou “físicos”) portugueses que aqui se radicaram. Tornava-se essa escassez ainda mais prejudicial, diante da dimensão continental do território a que estavam servindo. Note-se que, na época, em Portugal como em outros países, a formação dos “cirurgiões” era menos exigente que a dos “médicos” (ou “físicos”). Aos “cirurgiões” de então, competiam intervenções mais simples, como sangrias, aplicações de ventosas e sanguessugas, extrações de balas e cuidados com ferimentos externos, além de outras práticas dependentes de habilidade manual. Aos “médicos” (ou “físicos”), com melhor bagagem teórica referente aos conceitos de saúde e de doença, era reservada a prescrição de medicamentos de uso interno.

São poucos os documentos existentes sobre o funcionamento da Escola de Cirurgia de Salvador durante os oito anos (1808 a 1815) que se seguiram à sua criação. De 1815 em diante, foi ela objeto de sucessivas transformações que envolveram a mudança do seu nome, inicialmente, para o de “Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia”, ou, (segundo alguns), de “Academia Médico-Cirúrgica da Bahia”. A mais importante dessas mudanças ocorreu em 1832, ao ser adotada a designação de “Faculdade de Medicina da Bahia”, que perdurou até 1946, quando passou a integrar a Universidade Federal da Bahia.

A impressão colhida pelos primeiros colonizadores portugueses sobre a população nativa, foi a de que era ela robusta, saudável e fisicamente bem constituída. Entretanto, após os primeiros séculos de contacto dos índios com os europeus e, em seguida, com os africanos importados como escravos, ocorreu rápida disseminação de moléstias trazidas pelos que vieram de fora, devido às fracas defesas biológicas de boa parte da população autóctone, agravadas pela reduzida atenção das autoridades para com a saúde dos que aqui habitavam, nos primeiros tempos após o Descobrimento. Entre

as doenças transmissíveis que se difundiram, por vezes, de forma devastadora, cabe citar a varíola, o sarampo, o cólera, algumas doenças venéreas e a tuberculose.

Como tem sido fartamente documentado, a Metrópole portuguesa se havia oposto tenazmente à implantação, nas suas colônias, de escolas ou cursos regulares que pudessem significar competição com as universidades portuguesas. A orientação de Lisboa, durante os primeiros três séculos do nosso período colonial, foi, invariavelmente, no sentido de dirigir para Coimbra e outras Universidades européias, os jovens que tivessem possibilidade de seguir cursos superiores. No tocante ao pessoal apto a cuidar da saúde humana, sob muitas formas se manifestava a enorme escassez de cirurgiões e médicos (ou físicos). No Brasil, confundiam-se as funções dessas duas categorias de profissionais. Apareciam indivíduos mais ousados, curandeiros e curiosos que se declaravam capazes de realizar práticas baseadas, tão somente, em superstições ou crenças populares. A mesma escassez de profissionais se refletia, também, na elevada remuneração por eles exigida para o atendimento a situações de extrema carência de pessoal habilitado, particularmente, quando ocorriam epidemias. Embora não se encontrem, na literatura, informações quantitativas confiáveis, sobre os indicadores de mortalidade da população escrava no Brasil-colônia, sabe-se que as péssimas condições de trabalho, de alimentação e de habitação tornavam muito curta a sobrevida dos trabalhadores braçais e urbanos, o que se refletia na necessidade da importação de novas levas de africanos para substituição dos que morriam precocemente. A carência de pessoal para o atendimento à saúde da crescente população já havia forçado, no final do século XVIII, a criação de “aulas” de cirurgia em Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Vila Rica, iniciativas que não chegaram a gerar instituições estáveis.

Em 1782, o governo de Portugal havia criado o “Protomedicato”, instituição que tinha, entre suas atribuições, as de fiscalizar a assistência à saúde, para que ocorresse dentro de normas legais, e de **perseguir o curandeirismo**, determinando a **prisão** daqueles que não possuísem os requisitos legais para o exercício das práti-

cas consagradas. As tentativas de estender ao Brasil a ação desse órgão, geraram situações tão complexas, que levaram autoridades coloniais a solicitar permissão para que não se aplicassem, aqui, todas as exigências em vigor na Metrópole. Sabe-se, contudo, que os práticos, as benzedadeiras e feiticeiras continuaram atendendo a população, valendo-se dos processos que estavam ao seu alcance. Curiosamente, segundo assevera a historiadora Márcia Ribeiro, “diante da falta de físicos e cirurgiões e do desconhecimento da natureza das drogas medicinais do Brasil, o colonizador mais assimilou os hábitos da terra, do que impôs os seus aos povos conquistados.”⁽¹⁾

Por sua vez, os profissionais que aqui se radicaram, refletiam o atraso em que, na época, se encontrava a Medicina em Portugal. Na literatura portuguesa do início do século XVIII, eram, ainda, freqüentes as referências mágico-religiosas relativas aos problemas da saúde. Mais para o fim do mesmo século, entre pessoas de melhor instrução, começaram a ganhar terreno novas idéias, no tocante ao conhecimento racional das questões da saúde e da doença. A reforma da Universidade de Coimbra, implantada pelo Marquês de Pombal na segunda metade do século XVIII, não tinha ainda chegado a transformar a Medicina, tal como exercida para o grande público. E, ao longo do século XVIII, permaneceram arraigados no povo português, muitos conceitos relativos às doenças e às epidemias, nos quais se misturavam superstições devidas a crenças religiosas distorcidas, com rituais de magia. Aliás, alguns desses conceitos continuam presentes, ainda, no Brasil de hoje.

No entanto, ao longo do século XVIII, em vários países europeus se tinha verificado profunda evolução das idéias pertinentes à Medicina e às Ciências Naturais a ela aplicadas. Continuam lembrados os nomes de vários médicos eminentes daquela época, dos quais são exemplos: Boerhaave, da cidade holandesa de Leyden, que se celebrou pelo número enorme de médicos de vários países que dele receberam as notáveis lições “ao pé do leito” dos pacientes; Morgagni, anatomista italiano que mereceu o título de “pai da Patologia”; von Haller, anatomista, fisiologista e botânico, da Universidade alemã de Goettingen; Auenbrugger, médico em

Viena, descobridor do diagnóstico pela percussão. Celebrizaram-se, também, instituições do mesmo ramo, a exemplo da Faculdade de Medicina de Edimburgo e do Royal College of Physicians, de Londres. De extraordinária repercussão, foram os trabalhos do inglês Jenner, descobridor da vacina contra a varíola. Igualmente importantes pelas suas aplicações à Medicina, foram algumas descobertas nos campos de Física, da Química e da Biologia.

Em Portugal, contudo, durante o mesmo século, foram muito reduzidos os reflexos do progresso verificado em outros países da Europa. A despeito da reputação das citadas personalidades e instituições, representativas da medicina erudita, boa parte da população humilde continuava cuidando da própria saúde pela aplicação de meios firmados em crenças sem fundamento racional. E o Brasil, enquanto dependeu de Portugal para absorver o que se passava pelo mundo afora; muito pouco, ou nada, aproveitou dos benefícios do progresso dos outros países europeus.

O povo português havia revelado grande capacidade de empreendimento, nos séculos XV e XVI. Graças à audácia dos seus navegadores e aos conhecimentos que adquiriram sobre a complexa arte de navegar, esse povo conquistara grandes extensões de terra em várias partes do mundo. Depois disso, entretanto, arrefeceu o ânimo empreendedor da mesma nação. Vale citar, a respeito, o testemunho de

(1) - Ribeiro, M. M. - *A ciência dos trópicos* - HUCITEC - 1997 - pág. 17. Antero de Quental, um dos mais ilustres escritores portugueses, no seu livro "Causas da decadência dos povos peninsulares", em edição datada de 1871: "Nos últimos dois séculos (XVII e XVIII), não produziu a Península (Ibérica) um único homem superior que se possa pôr ao lado dos grandes criadores da ciência moderna..." (2) O arrefecimento do anterior surto de progresso, ocorrido depois dos séculos XV e XVI, tem sido atribuído a diferentes motivos, dentre os quais tiveram importante papel os rigores da Inquisição.

A transmigração da família real portuguesa de Lisboa para o Brasil tem sido comentada pelos historiadores sob variados aspectos. Alguns dão ênfase à demora na decisão do Príncipe Regente D. João, de transferir a Corte para a maior das suas colônias, diante da invasão de Portugal pelas tropas napoleônicas. Os soldados de Napoleão estavam já muito próximos de Lisboa quando, afinal, começou o embar-

que da Rainha D. Maria, viúva e mentalmente perturbada, do Príncipe Regente D. João, da sua esposa Carlota Joaquina, dos demais familiares e de grande número de funcionários, servidores e nobres amigos da Família Real. Terrível confusão se verificava no cais do porto de Lisboa, enquanto estava já preparada a esquadra para o transporte das pessoas e das bagagens, escoltada por navios ingleses. Alguns estudiosos, entretanto, têm preferido ressaltar a lucidez dessa decisão do Príncipe Regente, que resultou na preservação do domínio da dinastia portuguesa sobre o seu vasto império. E que, passados poucos anos, permitiu ao já, então, Rei de Portugal, com o nome de D. João VI, a volta à Metrópole lisboeta, depois de haver insinuado ao filho, o Príncipe D. Pedro, que se pusesse à frente do processo da Independência do Brasil.

Em meio aos que participaram do atendimento à saúde nos primeiros tempos do Brasil-colônia, incluíram-se os **jesuítas** que conviveram com os índios e procuraram, por muitos meios, trocar informações sobre o seu estilo de vida, cuidando de influenciar os seus costumes e visando a conversão ao cristianismo. Portugueses, na sua maioria, até serem expulsos de Portugal e colônias pelo Marquês de Pombal, na segunda metade do século XVIII, os jesuítas se empenharam na preparação dos medicamentos fornecidos nas **boticas** que mantinham, invariavelmente, nos seus conventos e colégios. Não raro, dadas as condições precárias de transporte e conservação, muitas dessas substâncias, quando aplicadas, já haviam perdido o seu efeito ou, mesmo, se achavam deterioradas, podendo ter consequências nocivas para os usuários.

Embora não alcançasse grande repercussão no tocante ao atendimento à saúde da população, cumpre mencionar a presença dos **holandeses** que ocuparam parte do nordeste brasileiro, durante várias décadas do século XVII. Resumiu-se a sua influência à permanência, entre nós, de uns poucos cirurgiões e médicos que para aqui vieram juntamente com o Príncipe Maurício de Nassau. Apesar de melhor preparados que os médicos diplomados em Portugal, não chegaram eles a modificar, substancialmente, o quadro sanitário da população.

A exemplo do que ocorreu em outras regiões do mundo, colonizadas por nações européias que pouco se interessaram pelo processo educacional nesses territórios, a formação de pessoal que exigia nível superior de estudos, no Brasil, foi desencadeada para os profissionais da saúde, um pouco mais cedo que para as demais atividades. Assim, muitos projetos de construção civil de maior porte, no período colonial, foram elaborados na própria Metrópole. Conseqüentemente, não se mostrou tão urgente o preparo local dos responsáveis por trabalhos de engenharia. Até mesmo, os cortes para a preparação da cantaria necessária à implantação de igrejas e conventos, foram feitos em Lisboa e embarcados como lastros de

navios que vinham buscar mercadorias produzidas no Brasil. Por sua vez, decisões administrativas e muitas questões de natureza jurídica, de maior complexidade, se arrastaram por longo tempo, até que se resolvessem na Metrópole. Entretanto, no tocante aos problemas da saúde, sempre foram muito freqüentes **situações de emergência** que, se não atendidas prontamente, podem ter funestas conseqüências, e que não poupam as camadas privilegiadas da sociedade. Daí a relativa prioridade, ainda que de pouco tempo, atribuída às instituições que servem à preparação local dos encarregados da saúde.

Como é de conhecimento geral, sob muitos aspectos, a instalação da Família Real no Brasil foi um marco da maior importância na nossa História. Com a chegada da Corte Portuguesa, muitos foram os sinais de progresso, verificados em pequeno intervalo de tempo. A criação da “Escola de Cirurgia do Real Hospital Militar da Bahia” não foi uma iniciativa isolada. Após permanência de algumas semanas em Salvador, D. João se deslocou para o Rio de Janeiro, onde desencadeou sucessivas providências visando a criação, no final do ano de 1808, da “Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica” daquela Cidade. Esta, como a de Salvador, passou a ser designada “Faculdade de Medicina”, mediante ato datado de 1832, assinado pela Regência trina que governou o Brasil durante parte da minoridade de Dom Pedro II.

Além dos cursos destinados a profissionais da saúde, situados em Salvador e no Rio de Janeiro, D. João fez instalar dois cursos jurídicos, respectivamente, em São Paulo e em Olinda. O decreto que determinava a “Abertura dos portos brasileiros às nações amigas”, promulgado enquanto D. João ainda se achava na Bahia, constituiu ato da maior significação para o Brasil, dos pontos de vista político e econômico. No Rio de Janeiro, o Príncipe mandou implantar o Jardim Botânico, no qual, desde o início, se cultivaram plantas destinadas ao uso medicinal pela população local e, também, à exportação para a Europa. Muitos exemplares dos recursos naturais do Brasil, foram reunidos e expostos no Museu Imperial, criado na mesma ocasião.

(2) Quental, A. de - Causas da decadência dos povos peninsulares - Lisboa, 1871 - transcrito por Oliveira Martins na “*História da civilização ibérica*”, pág. 206 - Publicações Europa-América - Edição n.º 887/3575 - Portugal.

Implantou-se a Escola Central do Exército, na qual se lecionavam temas relacionados à engenharia. Os soberanos portugueses fizeram vir de Portugal, embora de forma tumultuada, a famosa “Biblioteca dos Reis”, instalada no Rio de Janeiro e que, depois da nossa Independência, teve de ser indenizada pelo Brasil.

Desencadeada, ainda, por D. João, foi a vinda para o Brasil de uma delegação francesa de cultores das Belas Artes, com o intuito de criar a “Academia Imperial das Belas Artes”.

Desde os tempos iniciais da colonização, **pesquisadores de recursos naturais** formados na Europa realizaram trabalhos cujos resultados se acrescentaram aos conhecimentos empíricos, recolhidos pelos índios, sobre os mesmos assuntos. Várias dessas pesquisas incidiram sobre a identificação de plantas usadas pela população autóctone com fins medicinais. Durante o século XVIII, na Bahia e no Rio de Janeiro, foram criadas Academias que reuniam pessoas com melhor grau de instrução, para a apresentação de estudos em que predominavam temas históricos e literários. Todas essas Academias tiveram vida curta. Uma delas, dedicada às Ciências, incluiu, entre os seus membros, vários médicos, cirurgiões, boticários e outros estudiosos. Presidida pelo médico Dr. José Henriques Ferreira, também essa Academia sobreviveu, apenas, por umas poucas décadas.

Não cabem dúvidas sobre os grandes benefícios resultantes do aumento do pessoal habilitado a cuidar da saúde, depois que passou a ser preparado aqui mesmo, no Brasil. Muitos dos médicos diplomados em Salvador e no Rio de Janeiro, realizaram estágios em Universidades européias e trouxeram informações sobre o notável progresso ocorrido em vários países, ao longo do século XIX. Permaneceram as Faculdades de Medicina de Salvador e do Rio de Janeiro como as únicas em funcionamento, no extenso território brasileiro, até à última década do século XIX. Dessa forma, todos os profissionais da Medicina formados no Brasil até o fim daquele século, tiveram seus diplomas conferidos por uma ou outra das duas Faculdades. Graças aos imensos serviços que prestaram à população brasileira, as duas Faculdades angariaram grande prestígio e se tornaram dignas da maior reverência por parte dos nossos conterrâneos.

CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A FORMAÇÃO DE MÉDICOS NO BRASIL

Roberto Figueira Santos
Ex-Reitor da Universidade
Federal da Bahia
Ex-Governador da Bahia

Em qualquer sociedade e em todas as épocas, a formação de médicos tem resultado da confluência de muitos fatores, entre os quais se incluem: as **bases científicas** do exercício profissional, em cada momento; a **qualidade da infra-estrutura dos serviços de saúde a serviço da Escola**; o tipo de **organização** desses serviços, com reflexos sobre o **“status” e o papel do médico**; a **vinculação da escola médica** a outras instituições culturais da comunidade; os requisitos para a **aceitação dos candidatos** no sistema de formação.

Entende-se, **nos tempos atuais**, que a formação dos médicos requer um complexo sistema que envolve: a) a instrução em laboratórios científicos (de anatomia, fisiologia, biofísica, bioquímica, microbiologia, genética, etc); b) o aprendizado em serviços clínicos de enfermaria e ambulatório; c) a familiaridade com os aspectos sociais da clientela e da organização da assistência à saúde no País; d) o contacto com atividades de pesquisa médico-biológica; e) biblioteca atualizada quanto ao acervo de livros e periódicos, e quanto à operacionalidade dos serviços que presta; f) tudo isso planejado e executado de forma que o estudante tenha, obrigatoriamente, participação ativa em cada fase do processo.

É muito farta a documentação acerca da história da formação de médicos em sucessivas épocas, desde o período áureo da antiga Grécia. A concepção **atual** do assunto, com toda a indispensável complexidade, é, contudo, relativamente, recente. As suas raízes datam, aproximadamente da metade do século XIX, com variações próprias da evolução em cada país. Cabe, então, traçar os limites a serem observados na presente síntese. Ora, o ensino da Medicina no Brasil, conforme é de conhecimento geral, somente

foi implantado no início do século XIX. Pareceu-nos, pois, razoável concentrar a atenção no período dos últimos duzentos anos, o que coincide com o surgimento de importantes inovações na economia, na política e na organização social dos países do mundo ocidental que mais influenciaram a organização dos serviços de saúde e a preparação desses profissionais no Brasil.

Iniciou-se o **século XIX** com as transformações históricas decorrentes das guerras napoleônicas e da disseminação dos efeitos da primeira Revolução Industrial. Em si mesma, a mobilização dos grandes contingentes de soldados para os conflitos que envolveram a Europa inteira, alterou substancialmente os índices de morbidade e de mortalidade das populações daqueles países, conforme assinalam os dramáticos registros de médicos que acompanharam os exércitos de então. Por sua vez, inovações como a invenção da máquina a vapor, o uso aumentado do carvão nas grandes fornalhas industriais, a criação de máquinas aperfeiçoadas para a indústria têxtil, e outras, deram lugar à Revolução Industrial, iniciada, ainda, no final do século XVIII e que resultou em intensa migração de populações rurais para as cidades. Estas cresceram em ritmo acelerado, o que trouxe consigo novos problemas de saneamento ambiental e de saúde individual. Enquanto isso, a saúde deixava de ser, apenas, objeto de preocupações pessoais do cidadão e das respectivas famílias e se ia tornando responsabilidade crescente do Estado.

Também, ao longo do século XIX, a partir do momento escolhido para o início desta dissertação, surgiram exigências de padrões mais uniformes na educação e no licenciamento para o exercício da medicina, embora, desde tempos remotos existissem, entre alguns povos, regras que colocavam sob controle oficial as atividades desses profissionais. Os **imensos progressos** relativos ao conhecimento dos problemas da saúde humana, ocorridos durante o século XIX, tornaram a formação dos médicos no **final** daquele século muito diversa da que se observava no seu **início**.

Desde a antiguidade até os tempos presentes têm surgido, em centros culturais de maior importância, destacadas figuras de médicos que reúnem ao seu redor numerosos discípulos. Constituem eles verdadeiras referências, nos respectivos períodos de ativi-

dade, tanto do modo como se pratica a atenção à saúde, como do processo de formação dos futuros profissionais. No começo do século XIX, encontrava-se na França e, particularmente, na **Cidade de Paris**, um conjunto de médicos celebrizados pela preferência de muitos pacientes, assim como, pela atração sobre os jovens candidatos ao aprendizado da profissão, a ponto de se lhe haver atribuído a designação de “Civitas Hypocratica”.

Na França, entre os mais famosos médicos e cirurgiões que tanto atraíram os candidatos ao exercício da arte de curar, cumpre citar, desde logo, a figura de René Théophile Hycinthe **Laennec**, o inventor do instrumento – o **estetoscópio** – que continua prestando valiosos serviços no exame clínico dos pacientes. Vários outros clínicos, cirurgiões e anátomo-patologistas franceses do início do século XIX, tornaram-se, igualmente, célebres no exercício da profissão.

Na segunda metade do século, dois cientistas franceses revolucionaram a Medicina com as suas pesquisas e ocasionaram profundas modificações nos conceitos relativos à saúde e à doença. Refiro-me a **Claude Bernard**, que criou bases definitivas para os trabalhos experimentais na área médica, publicadas no famoso livro “*Introduction à la Médecine Expérimentale*”; e **Louis Pasteur** que, entre muitos outros feitos, com os seus trabalhos sobre microorganismos, afastou definitivamente a noção da “geração espontânea” de seres vivos e criou a chamada “teoria microbiana das doenças”, firmada em sólidas bases experimentais.

Ainda no século XIX, a Medicina floresceu em outros grandes centros, com características que variaram de um país para o outro. Na Inglaterra, notáveis clínicos e cirurgiões, como Brigh-ton, Addison, Hodgkin, Stokes, trabalhando em **Hospitais de Londres**, a exemplo do Guy's Hospital, do St. Bartholomew's, do Middletwon - se destacaram e atraíram muitos discípulos.

Na Alemanha, a formação de médicos e os requisitos para o exercício da profissão variaram entre as diferentes unidades políticas em que continuava dividida a nação no começo do século XIX. As Universidades alemãs deram **ênfase especial à pesquisa científica**, o que gerou importantes avanços nos ramos das ciências

básicas aplicadas aos problemas da saúde humana, a exemplo da química, da física, da anatomia, da fisiologia, e outras. Além disso, teve grande desenvolvimento a organização dos serviços de saúde, com a implantação de programas pioneiros. Ao lado de muitos outros mestres eminentes da Medicina alemã do século XIX, cabe mencionar a enorme influência do doutor **Rudolf Virchow**. A formação dos médicos na Alemanha foi objeto de minucioso relatório elaborado pelo cirurgião **Theodor Billroth**, publicado em 1876.

Nos Estados Unidos, a formação da maioria dos médicos vinha se dando ainda de forma quase caótica na passagem do século XIX para o século XX. Existia já, contudo, considerável reação ao lamentável estado de coisas, embora com resultados limitados. E umas poucas Faculdades e Hospitais Universitários vinham realizando trabalho verdadeiramente modelar, a exemplo das Universidades de Harvard, Yale e Colúmbia. Destacava-se, também, a Universidade de Johns Hopkins, graças à atuação de alguns dos expoentes da Medicina americana, como William Halsted e William Osler. Desde 1847 se havia instalado a **Associação Médica Americana**, com o objetivo de resguardar os pacientes de práticas impróprias ao correto exercício da Medicina. Essa entidade, contudo, somente veio a ter força expressiva junto à sociedade, no final do mesmo século.

Sob o patrocínio da Fundação Carnegie, no começo do século XX, foi encomendado ao pedagogo **Abraham Flexner** o relatório que teve imensa influência sobre a formação de médicos nos Estados Unidos, e repercutiu em outros países, inclusive no Brasil, particularmente no que diz respeito à **formação científica** do futuro médico.

No **começo do século XIX**, os meios de que dispunham os médicos para aliviar os seus pacientes eram tão reduzidos e pouco eficazes que a própria profissão chegava a ser **mal vista e menos-prezada** por grandes contingentes da população. **Menos de cem anos depois**, o quadro se havia alterado, substancialmente, para melhor, e estava aberto o caminho para as importantíssimas inovações introduzidas ao longo do século XX. Grande parte dessas ino-

vações somente ocorreu na segunda metade do século, após a Segunda Guerra Mundial.

Entre os temas que têm ocupado os formadores de médicos nas últimas décadas, figura o da mais íntima **integração** dos conhecimentos básicos com o aprendizado das clínicas. A Universidade Case-Western Reserve, de Cleveland, no Estado de Ohio, foi pioneira nesse sentido. Enquanto, no passado, capítulos individuais de disciplinas como a Anatomia, a Fisiologia, a Bioquímica e outras de caráter pré-profissional, eram lecionadas sem maior articulação com o conhecimento dos quadros clínicos, o programa da Western Reserve teve como meta a implantação, desde o começo do curso médico, do ensino integrado entre os conhecimentos básicos e a atividade clínica, relacionado a cada sistema do organismo humano, a exemplo do aparelho circulatório, do aparelho digestivo, do sistema nervoso e assim por diante.

Iniciado como experiência limitada, o programa foi crescendo e envolveu a preparação de apostilas tendentes a substituir os livros de texto convencionais, assim como, a indicação de exercícios práticos muito inovadores. A elaboração desse material, de excelente qualidade, absorveu enorme tempo das equipes encarregadas do novo programa, dificultando a adoção **plena** do método por outras Faculdades. Mas, valeu a experiência no sentido de que muitos cursos médicos pelo mundo afora, puderam adotar, embora parcialmente, os princípios de integração tão bem testados na Universidade de Western Reserve.

Mais recentemente, e tendo, também, como principal motivação a maior integração entre o ensino das disciplinas pré-clínicas e a aprendizagem dos temas clínicos, originou-se na Universidade McMasters, no Canadá, outro modelo pedagógico que se difundiu em diferentes países, inclusive no Brasil. Trata-se do programa conhecido como “Aprendizagem baseada em problemas” (a sigla PBL se originou da expressão “Problem Based Learning”), e que consiste, essencialmente, na apresentação de situações concretas da vivência médica, em regime tutorial, para pequenos grupos de estudantes reunidos com um “facilitador”, seguida do debate sobre a aplicação dos conhecimentos relativos às ciências básicas, associa-

da à avaliação de problemas clínicos enfrentados pelos profissionais da Medicina, sempre após **leituras recomendadas** sobre os temas em pauta.

Outra importante inovação, iniciada nos Estados Unidos e difundida em muitos outros países, consistiu na remodelação do ensino da **Medicina Preventiva**, que atingiu complexidade muito maior do que nos currículos mais antigos. Noções relativas às ciências sociais foram incluídas nos novos currículos, enquanto se providenciavam condições para o **aprendizado prático** da influência dos problemas sociais sobre a saúde das populações.

Como é de geral conhecimento, o passo inicial para a formação de médicos no Brasil foi a criação da “Escola de Cirurgia do Hospital Real de Salvador”, datada de fevereiro de 1808, mediante Carta Régia mandada lavrar pelo Príncipe Regente D. João, ao aportar à Bahia após deixar a metrópole portuguesa, invadida pelas forças de Napoleão Bonaparte. Esse mesmo ato autorizava o Dr. José Maria Picanço, Cirurgião-mor do Reino e futuro Barão de Goyana, a escolher dois professores logo nomeados: o Dr. Manuel José Estrela, para lecionar Cirurgia Especulativa e Prática, e o Dr. José Soares de Castro, para lecionar Anatomia e Operações Cirúrgicas. O Real Hospital Militar da Bahia ocupava o antigo Convento dos Jesuítas, no Terreiro de Jesus. Estava prevista a duração de quatro anos para o curso. Até então, os médicos que cuidaram da saúde da população da colônia, ao longo de mais de três séculos, em números muito reduzidos, se haviam formado na Europa, predominantemente, na Universidade de Coimbra. Em atos sucessivos, iniciados no mesmo ano de 1808, foi se constituindo outro curso médico, no Rio de Janeiro, capital da colônia desde 1763, para onde se deslocara o Príncipe Regente após deixar Salvador.

É muito escassa a documentação referente aos trabalhos da Escola nos anos de 1808 a 1815, quando houve uma primeira reformulação do curso. Em 1832, após novas alterações no currículo e mediante lei aprovada pela Câmara de Deputados, os cursos médicos, da Bahia e do Rio de Janeiro, passaram à categoria de “Faculdades de Medicina”. Essas duas Faculdades formaram profissionais que se espalharam por todo o País, até que outras fossem

criadas, a partir da última década do século XIX. As nossas primeiras Faculdades de Medicina, assim como as primeiras escolas destinadas a formar bacharéis em Direito, haviam sido instaladas como **escolas superiores isoladas**. No Brasil, não existiam Universidades às quais pudessem ser vinculadas, nem nasceram elas associadas a Academias ou outras organizações científicas. Cada qual delas, incluía todas as disciplinas necessárias à obtenção do respectivo diploma, desde as ciências básicas até o aprendizado da teoria e da prática da atividade clínica. Firmou-se, assim, um **modelo** para a implantação de escolas superiores no Brasil, que foi **exclusivo** até à década de 1930, quando passaram a funcionar as primeiras Universidades. Modelos análogos a esses, estenderam-se à formação das demais profissões de nível superior, e continuam adotados em muitas instituições de ensino superior, até agora. Sucessivos esforços visando o início do funcionamento de Universidades foram rechaçados durante longo tempo, em grande parte devido ao prestígio social e profissional das Escolas superiores isoladas.

Sobre o ensino da Medicina no Brasil durante o **século XIX e o começo do século XX**, existem importantes depoimentos, encontrados nas Memórias Históricas das duas primeiras Faculdades e em discursos parlamentares publicados nos anais da Câmara de Deputados. Pelos relatos da época, depreende-se que, em seguida às lições sobre as ciências pré-profissionais, o **ensino oficial** consistia, essencialmente, em **aulas teóricas** destinadas à descrição de quadros clínicos (interpretação dos métodos diagnósticos, apresentação dos meios de tratamento, correlação da clínica com os achados anatomo-patológicos.) O **ensino prático oficial** se resumia a umas poucas “aulas de demonstração”, às quais estava presente um portador da doença objeto da explicação pelo professor. Mas, o verdadeiro aprendizado por parte do aluno, se fazia, informalmente, pelo acompanhamento dos trabalhos de profissionais experientes, em hospitais filantrópicos a serviço do ensino oficial e em outras unidades da rede local de saúde, sem que existisse **ligação obrigatória entre esse treinamento em serviço e o currículo escolar, e sem a supervisão pelo corpo docente** da Escola. Por isso mesmo, até o começo da segunda metade do século XX, nos documentos

referidos, são escassos os comentários sobre os aspectos práticos dessa formação, ao tempo em que abundam os depoimentos acerca das aulas de doutrina, da assiduidade dos professores e dos alunos a essas preleções, das provas para avaliação do aprendizado, da pobreza das instalações destinadas ao ensino, das relações entre professores e estudantes e - mais que tudo - das falhas e erros das sucessivas leis e regulamentos que deveriam reger a matéria. Os quadros traçados por esses depoimentos, na sua grande maioria, não são nada alentadores, tanto os que se referem ao observado antes como depois de promulgado o chamado “ensino livre”, legalmente adotado em 1879. Em outras palavras: embora existissem professores que eram grandes luminares nos respectivos ramos do saber, a organização do ensino prático deixava muito a desejar, comparada ao que veio a ocorrer mais tarde, especialmente na segunda metade do século XX.

Um acervo considerável de depoimentos sobre os cursos das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia durante o século XIX se acha resumido no livro notável do Professor Almeida Júnior, da Universidade de S. Paulo, designado “Problemas do Ensino Superior”. Lê-se, já, no prefácio desse livro, a seguinte frase, verdadeiramente, assustadora: “A reforma de 1879 – a mais célebre dos tempos do Império – teve como **conteúdo principal** (exibido sob o rótulo dourado de ‘ensino livre’) estes três preceitos: primeiro, dispensar os alunos de comparecer às aulas; segundo, proibir os professores de chamá-los às lições; terceiro, abreviar a formatura. Dela se esperavam resultados maravilhosos. Mas, ao contrário, como o bom senso deveria ter previsto, foi uma catástrofe.”

Sobre o que se verificava antes dessa Reforma, pode-se depreender dos seguintes tópicos que servem de subtítulos a trechos do livro do Professor Almeida Júnior, confirmados por numerosos depoimentos de professores e políticos de alta responsabilidade: “Instalações péssimas”; “Mau provimento de cátedras”; “Professores sem assiduidade”; “Ensino deficiente... enfermarias sem asseio, sem largueza, sempre tomadas pelos mesmos doentes crônicos, descoroçoavam o estudo da clínica”; “Má cultura básica e

pouca aplicação dos estudantes”; “Reações hostis entre mestres e discípulos”; “Deturpações na regulamentação dos exames”; “A fraude nos exames”; “Indulgência excessiva dos professores”; e assim por diante.

A Reforma de 19 de Abril de 1879, quando Ministro da Educação, o professor Leôncio de Carvalho, transformou em lei a suposta panacéia do “ensino livre”. Segundo Almeida Júnior, naquela Reforma: “...o que nasceu, realmente, robusto, e teve recepção ruidosa e vingou, foi o ensino livre no curso superior... Facultativa a matrícula, serão admitidos a exame todos os que o requerem. O candidato, paga a devida taxa, poderá em cada época prestar quantos exames quiser – conforme a sua audácia e os recursos da bolsa paterna. Ainda que se matricule, não estará o aluno obrigado a freqüentar as aulas. E, se por desfastio, entender de freqüentá-las, o parágrafo 6º do artigo 20 o protegerá contra as importunações do lente: Não serão marcadas faltas nem serão eles chamados a lições e sabatinas’ ”. Cabe, aqui, a indagação: como poderia ter boas conseqüências uma legislação firmada sobre essas bases?

Prevaleceu a Reforma Leôncio de Carvalho até 1911, quando foi promulgada a Reforma Rivadávia. Sobre essa última, assim se pronunciou o Professor Gonçalo Muniz, um dos luminares da Faculdade de Medicina da Bahia: “Tão contrária à nossa índole...aos nossos hábitos, às nossas tradições, às nossas necessidades...que a inadaptabilidade das suas disposições...não tardou a ser cabalmente demonstrada pelos desastrosos resultados que se seguiram, imediatamente, à sua entrada em vigor. Daí a necessidade urgente de revogação desse decreto, como medida salvadora do ensino secundário e superior.” Mais adiante, o mesmo Gonçalo assim se refere à citada legislação: “Produto híbrido e anômalo do consórcio do germanismo com o positivismo ortodoxo, careceu naturalmente da precisa vitalidade para vingar, do que resultou a morte prematura, com quatro anos de vida.”

Na Faculdade de Medicina da Bahia, esses debates novamente se acenderam com grande intensidade, no ano de 1924. No início daquele ano letivo, o brilhante professor Prado Valadares pronunciou a famosa aula inaugural que contém referências muito

desairosas sobre os trabalhos da Escola. Essa “aula”, não só foi intensamente discutida ao longo do mesmo ano, como repercutiu até hoje, mais de oitenta anos depois. A Memória Histórica de 1924, da lavra do Professor Gonçalo Muniz (5), inclui extensas considerações sobre as palavras de Prado Valadares, pronunciadas no início do mesmo ano. Ao que se deduz, haveria um suposto declínio da Faculdade, atribuído por Prado Valadares, em 1924, à falta de assiduidade às aulas, **tanto dos professores como dos alunos**. Mas, ocorre que, em 1913, o mesmo professor atribuiu o alegado descabro, às faltas cometidas, apenas, pelos alunos. Concluía o Professor Gonçalo que não se deveria falar em declínio da instituição, quando havia constantemente aumentado o número de professores desde a criação da Faculdade, no início do século XIX e quando as modestíssimas instalações de origem tinham evoluído para o magnífico edifício construído no início do século XX, após o incêndio ocorrido em 1905, e que é parte da nossa história. Quanto ao cumprimento do currículo, nesses documentos estendia-se muito mais o debate quanto à eficácia das aulas doutrinárias, do que a respeito do **aprendizado prático** dos alunos.

Nos primeiros anos da década de 1930, iniciou-se o funcionamento das primeiras Universidades brasileiras, segundo modelo que consistiu na aglomeração de Faculdades para constituir uma nova entidade – a Universidade – com objetivos culturais mais amplos que os das unidades que a originaram. Os professores e alunos de algumas Faculdades de Medicina passaram a constituir parte de Universidades, as quais assumiram a competência para a concessão dos diplomas de graduação. A unidade de referência para a formação dos profissionais de nível superior deixou de ser a Faculdade, e passou, assim, a ser a **Universidade**. A esse novo modelo seguiu-se considerável aumento de recursos financeiros destinados às instituições federais de ensino superior e ocorreu expressivo aperfeiçoamento das práticas administrativas. Houve considerável progresso na formação profissional, que era a finalidade essencial das Faculdades criadas desde o início do século XIX. As antigas Escolas e Faculdades, ao se reunirem para integrar cada Universidade, contudo, mantiveram intactas na sua estrutura

todas as disciplinas tendentes à obtenção do diploma, incluindo, portanto, cada qual, as cátedras e os departamentos responsáveis pelos setores básicos do conhecimento (Matemática, Física, Química, Biologia, Ciências Humanas, Letras) e os que se ocupavam com as áreas profissionalizantes. Era a influência francesa, por meio do modelo dito “napoleônico”. Com a criação das primeiras Universidades, houve, portanto, integração entre as Faculdades do ponto de vista administrativo. Porém, conservou-se, em cada Universidade, a grande fragmentação dos recursos humanos, financeiros e materiais encarregados dos conhecimentos básicos, o que limitou, consideravelmente, o desenvolvimento da pesquisa cientificamente orientada.

A exemplo do que ocorria nos países europeus, o aprendizado prático da atenção à saúde nas nossas Faculdades de Medicina, se fazia, predominantemente, em hospitais filantrópicos. Membros do pessoal docente das Faculdades integravam o corpo clínico desses Hospitais, e participavam da instrução dos estudantes nas práticas médicas. Não existia, porém, da parte dos estudantes, a desejável regularidade no cumprimento das obrigações curriculares. No Brasil, as Faculdades de Medicina se articularam, predominantemente, com os Hospitais das Santas Casas de Misericórdia, destinados ao atendimento dos pacientes então rotulados de “indigentes”. Em décadas passadas, essa parceria havia dado lugar a divergências nascidas da dualidade de propósitos das duas instituições – a Faculdade e a Santa Casa -, e condicionou a aspiração, fortemente sentida por muitos dos professores de várias Faculdades, de que fossem implantados serviços hospitalares geridos pela própria instituição de ensino e pesquisa. Foi assim que, em 1947 e 1949, respectivamente, inauguraram-se os primeiros **Hospitais das Clínicas das Faculdades** brasileiras, o de S. Paulo e o da Bahia. Foram esses Hospitais planejados de acordo com modernos princípios de administração, esplendidamente equipados com material que se aperfeiçoara em consequência da Segunda Guerra Mundial, e dotados de enfermagem radicalmente diversa da que era encontrada nos nosocômios mais antigos. Várias outras Faculdades, pelo Brasil afora, conseguiram, subseqüentemente, assumir a gestão de

unidades de saúde, a serviço do ensino e da pesquisa. No caso da Bahia, pode-se dizer que o início do funcionamento do Hospital Universitário que tem o nome do Professor Edgard Santos, induziu completa mudança na qualidade dos serviços hospitalares no nordeste e no norte do Brasil, e foi o acontecimento mais importante da história dos nossos serviços de saúde ao longo de todo o século XX.

A começar da segunda metade do século XX, o teor das discussões sobre a educação médica no Brasil se modificou radicalmente. A **Associação Médica Brasileira**, despertara para o assunto e realizara um congresso acerca desse tema, em 1956. As preocupações com os aspectos práticos desse ensino foram adquirindo ênfase até então desconhecida. De 21 a 25 de fevereiro de 1961, realizou-se a **1ª Conferência sobre o Ensino da Clínica Médica no Brasil**, que retratou de forma pioneira a nossa realidade. Reunida no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Bahia, sob o patrocínio da Universidade Federal da Bahia e da Fundação Kellogg, essa Conferência foi precedida de um questionário respondido por quase todas as Faculdades, no qual, ao lado da descrição geral das características da instituição, deu-se destaque às informações sobre as disponibilidades hospitalares para o aprendizado prático dos alunos. No resumo dessas respostas, que serviu de documento de trabalho para a Conferência, deu-se especial ênfase às atividades exercidas pelos alunos junto aos pacientes, na medida em que cresciam, gradualmente, as suas responsabilidades, sempre supervisionadas pelo corpo docente. Ao final da Conferência foram redefinidos os objetivos do ensino da Clínica Médica e oferecidas recomendações para o atendimento a esses objetivos. Recomendava-se o regime tutorial nos estágios dos estudantes, em rodízio entre as várias enfermarias e ambulatórios das clínicas gerais e especializadas. Fixavam-se as bases para os sistemas de internato no final do curso de graduação, e de residência médica como início da especialização, orientada sistematicamente pelo pessoal docente das Faculdades. Seguiram-se a essa Conferência, várias outras com formatos semelhantes, em diferentes regiões do País, referentes ao ensino das demais clínicas gerais e especializadas.

Como fato da maior relevância da evolução nas últimas décadas, cumpre citar a implantação, e a subsequente expansão, da Residência Médica e a criação dos cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado), aliada à intensificação da pesquisa biomédica. Após ter-se procurado evitar, de toda a forma, a especialização precoce durante o curso de graduação, destinou-se a **“residência médica”** à especialização dos médicos recém-formados, com a supervisão de pessoal docente de considerável experiência nas respectivas especialidades, mediante o treinamento em serviços dotados de condições de trabalho com elevado nível de atendimento. Instalaram-se programas dessa natureza, inicialmente, em uns poucos hospitais muito bem equipados, a exemplo do Hospital das Clínicas da Universidade de S. Paulo, do Hospital dos Servidores do Estado, no Rio de Janeiro e do Hospital das Clínicas da Universidade Federal da Bahia, por decisão isolada das respectivas entidades mantenedoras. Em pouco tempo, graças ao radical aprimoramento na qualidade dos serviços hospitalares devido à presença dos residentes, foram se difundindo esses programas por todo o país. Inicialmente, encontravam-se em unidades de ensino e, mais tarde, em hospitais dedicados à prestação de serviços médicos, sem compromisso com a atividade didática. O número atual de residentes cresceu de modo a atingir, atualmente, mais de vinte mil.

As residências médicas são, portanto, programas de especialização que podem ser complementados pelos aspirantes aos títulos de mestre ou de doutor, desde quando o candidato participe de atividades de pesquisa, tendentes à elaboração de dissertação ou tese, e colha experiência pedagógica inicial ao lecionar turmas de estudantes ao nível da graduação.

Como providência de fundamental importância, enquanto ocorria esse sopro de modernização, a Diretoria do Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura constituiu a **Comissão de Especialistas** no Ensino da Medicina. Entre os tópicos debatidos nessa comissão, incluíram-se: a qualidade do ensino na rede de escolas médicas brasileiras; o aprimoramento dos requisitos para a criação de uma nova Faculdade; o dimensionamento dessa rede; a modernização do currículo; o internato e a residência no preparo

dos médicos generalistas e dos especialistas nos diferentes ramos da profissão; a atualização do ensino da Medicina Preventiva, com a inclusão de noções das ciências sociais pertinentes à saúde humana e de informações sobre a organização do exercício profissional; e assim por diante. A partir do começo da década de 1960, essa Comissão elaborou e fez publicar “Documentos” que tiveram forte influência na evolução do ensino médico no Brasil. O primeiro deles intitulou-se “A expansão da rede escolar”, assunto que continua objeto de acirradas discussões, e ao qual se seguiram outros, sobre “Ensino médico e instituições de saúde” e “Internato e residência”. A reconhecida importância dos trabalhos da Comissão ensejou a criação de várias congêneres, especializadas na formação de diferentes profissionais de nível superior.

Em 1962, foi criada a **Associação Brasileira de Escolas Médicas (ABEM)**, sob a Presidência do Professor Oscar Versiani Caldeira, da Universidade Federal de Minas Gerais, com a adesão de todas as Faculdades de Medicina do país. Teve essa Associação vida inicial intensíssima, e continuou, até à presente data, já, agora, com mais de quarenta anos de existência ininterrupta, servindo de “fórum” para debates sobre assuntos como os que se seguem: o funcionamento dos hospitais de ensino, as atitudes pertinentes à relação médico-paciente, os requisitos para o ingresso dos alunos, o planejamento pedagógico, os métodos de avaliação do aprendizado, o currículo médico em face da organização do exercício profissional, as peculiaridades do funcionamento dos Hospitais de ensino, as relações das Faculdades de Medicina com entidades destinadas à prestação de serviços de saúde (integração docente-assistencial), as relações das Faculdades de Medicina que integram Universidades com as demais unidades da mesma instituição, a transmissão ao futuro médico de noções de ciências sociais aplicadas aos problemas de saúde, a análise da melhor oportunidade para o início da especialização, a formação e a seleção dos futuros professores, e assim por diante. A riquíssima relação dos temas tratados nas sucessivas reuniões da Associação constitui testemunho fiel da evolução do ensino médico nos últimos quarenta anos.

A crescente demanda social em favor da intensificação das pesquisas nas nossas Universidades ganhou força no início dos anos 1960, e acabou por condicionar a reestruturação dessas instituições, no sentido de um reagrupamento dos recursos destinados aos setores básicos do conhecimento, trazendo conseqüências muito favoráveis à pesquisa biomédica e à formação dos médicos. Os currículos se tornaram muito mais flexíveis, em função da “matrícula por disciplina”, que substituiu o obsoleto “regime seriado”. E as ciências básicas, com o vigor assegurado pela nova estrutura, contribuíram para o funcionamento de cursos de mestrado e doutorado, enquanto ocorria a grande intensificação da função “pesquisa”. O aluno que pretendia graduar-se em Medicina, assim como nos demais cursos superiores, para alcançar o diploma e alargar seu horizonte cultural, passou a cursar disciplinas lecionadas em mais de uma das unidades da Universidade.

A criação da rede de cursos de mestrado e doutorado nas Universidades Brasileiras, ocorrida nas quatro últimas décadas, teve como conseqüência mais importante, a grande expansão da pesquisa biomédica. Foi esse, aliás, o aspecto mais positivo da história das nossas instituições de ensino superior no mesmo período. Conquanto muitos **cursos de graduação** em Medicina, venham se mostrando pouco satisfatórios quanto à qualidade, os mestrados e doutorados se têm revelado muito promissores no sentido de apontarem para o preparo de uma nova geração de **professores e pesquisadores**, com melhor formação sistemática para o futuro desempenho dos encargos da docência e da investigação científica.

Nas últimas décadas, têm sido propostas e experimentadas algumas inovações, em diferentes Faculdades, pelo mundo afora, com o feitio de programas experimentais. Várias dessas iniciativas têm incontestável mérito, embora não devam considerar-se revolucionárias, quando comparadas às práticas anteriores. Especial cuidado têm merecido as técnicas de avaliação do processo ensino-aprendizagem. Talvez, o aspecto mais relevante dessas inovações, seja a avaliação da **qualidade** do ensino com a inclusão das atitudes do futuro médico perante os **problemas éticos** que podem surgir no exercício da profissão. Cumpre lembrar a fundamental im-

portância do convívio dos alunos com professores que sejam, não apenas, bem formados do ponto de vista acadêmico, porém que, além disso, revelem conduta irretocável quanto à ética profissional, uma vez que, para os seus alunos, servirão como exemplos e modelos nas relações médico-paciente.

A **informática**, sabidamente, revolucionou inúmeros campos da atividade humana, em tempos recentes. Convém citar algumas das suas aplicações em atividades para as quais devem estar preparados os futuros médicos: incontáveis aparelhos foram aperfeiçoados graças aos computadores inseridos na sua estrutura; os processos de transmissão e de obtenção de informações foram ampliados e aperfeiçoados; tem sido grande a influência da informática sobre a **tecnologia educacional**, em geral; encontram-se em franca expansão, os programas de “**educação à distância**”, com aplicações em numerosos ramos do saber, porém sujeitos a cautelas especiais no caso da formação de médicos; são muito úteis as **vídeo-conferências** entre autoridades, sobre temas específicos, assim como as consultas acerca da interpretação de imagens e traçados que podem decidir o destino de pacientes, mesmo à distância; os programas de educação para a **saúde das coletividades**, têm se beneficiado das tecnologias modernas de comunicação de massa; os arquivos hospitalares têm evoluído no sentido da redução da papelada que enchia os volumosos prontuários dos pacientes, o que originou o conceito dos “hospitais sem papeis” (“paperless hospitals”); as **bibliotecas** médicas se têm valido, com grandes vantagens, de processos baseados na informática. E, assim, poderíamos continuar citando exemplos de **apoios** muito bem-vindos à preparação dos profissionais da saúde. A aquisição de habilidades, indispensável ao exercício da profissão, entretanto, continua a ser **processo artesanal**, no sentido de que é transmitida de pessoa a pessoa, do médico experiente, ao **aprendiz** da medicina. O mesmo se diga da adoção de atitudes adequadas às relações médico-paciente. Apenas mediante o convívio com o mestre, chegará o discípulo a formar atitudes condizentes com as complexas responsabilidades do futuro médico.

O extraordinário ritmo da aquisição de novos conhecimentos científicos e de progressos na tecnologia, tem tornado indispensável a participação dos médicos em atividades de **educação continuada**. A leitura disciplinada dos periódicos especializados e o comparecimento regular a congressos e outras reuniões científicas, se tornaram indispensáveis diante da rapidez com que se renovam os meios à disposição dos médicos nas suas tarefas do dia-a-dia. **Durante o curso de graduação**, o estudante deve ficar motivado para jamais deixar de atualizar-se, e procurar, por sua própria iniciativa, **identificar as fontes mais idôneas** para esse fim.

Entre tantos fatores que influenciam a formação de médicos, de todos, o mais relevante é, sem dúvida, o fator humano. Isto é: de um lado, a adequada escolha dos candidatos ao ingresso no sistema de preparação dos futuros profissionais; e, de outra parte, a observância, por parte das Escolas, de processos de seleção de professores que conduzam à indicação dos que tiverem melhor preparo para a difícil tarefa de formar novos médicos.

Com toda a sua indispensável complexidade, a formação de médicos para a sociedade contemporânea envolve graves responsabilidades das autoridades responsáveis pelo seu acompanhamento. A não-observância dos requisitos mínimos para o funcionamento das instituições encarregadas desse processo, refletir-se-á em graves prejuízos para os cidadãos, e deverá ser cobrada rigorosamente pela coletividade exposta às consequências maléficas que poderão advir de possíveis negligências a esse respeito.

UM “CHOQUE” DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Roberto Figueira Santos
Ex-Reitor da Universidade
Federal da Bahia
Ex-Presidente do CNPq

Faria bem à população brasileira, receber um “choque” de divulgação científica. Cabe perguntar: por que? dirigido a que público? As respostas a estas perguntas condicionarão a linguagem a ser usada no “choque” ora sugerido. As oportunidades de empregos com remuneração mais elevada se incluem entre as aspirações mais legítimas da sociedade brasileira, nos tempos atuais. E essas oportunidades dependem, cada dia mais, do preparo dos candidatos, no tocante aos conhecimentos científicos e técnicos dos candidatos. De outra parte, tornou-se importante conhecer o funcionamento da maioria dos aparelhos e instrumentos com que lidamos no dia-a-dia das sociedades modernas, tanto para o trabalho como para o lazer.

Em séculos passados, a totalidade do conhecimento das ciências podia ser abrangida, individualmente, por uns poucos estudiosos que se comunicavam entre si mediante linguagem por todos eles compreendida. A expansão desses conhecimentos obrigou à especialização, ou compartimentação das informações em diferentes capítulos das ciências, o que impediu a continuação do uso de uma única linguagem, ao alcance de todos os interessados. A enunciação dos resultados de novas descobertas, assim como, a formulação de novos conceitos, que deveriam tornar-se acessíveis aos diferentes públicos, criaram a necessidade de atribuir-se um tratamento “literário” à divulgação dessas informações. Cresceu, assim, nos dois séculos mais recentes, a **idéia da divulgação científica**, com as suas diferentes linguagens. De outra parte, nos países mais avançados, atribuiu-se enorme importância ao aperfeiçoamento do ensino das ciências, nos diferentes níveis de educação. E, por todos os caminhos possíveis, procurou-se instigar a curiosidade de

vastos contingentes da população, pelas notícias, adequadamente apresentadas, sobre os avanços da ciência e da tecnologia, seja pela leitura de textos apropriados, pelo acompanhamento de programas de rádio e televisão, ou, ainda, mediante visitas a museus, teatros, exposições e feiras. Não devemos esquecer que a **herança cultural** das recentes gerações de brasileiros favoreceu mais as artes, do que as ciências e as suas aplicações à tecnologia.

Pelo menos, dois tipos de públicos-alvo devem ser considerados, na prática dessa divulgação: em um deles, incluem-se pessoas com nível elevado de escolaridade, porém, sem especialização nos temas em que, eventualmente, estiverem interessadas. Outro público consiste nos que não chegam a apreender, satisfatoriamente, o significado de palavras e de símbolos que exijam conhecimento prévio dos princípios e das leis da ciência. Em cada qual dessas oportunidades, cumpre usar linguagem adequada, que não se confunde com a outra. Ambas essas situações adquirem importância que aumenta a cada dia, para todos os brasileiros e brasileiras.

A divulgação científica destinada ao público brasileiro, ao lado de outras justificativas, deve ter, também, **motivação política**. As pesquisas nas áreas das ciências e das inovações tecnológicas vêm se tornando, cada dia, mais dispendiosas. As iniciativas que envolvem a formação dos cientistas, a aquisição de equipamentos e a manutenção das entidades capazes de realizar pesquisa de bom nível, em qualquer ramo, vêm exigindo financiamento que aumenta de forma explosiva. O processo de gestão dessas atividades passou a mobilizar pessoal especializado. Onde buscar os recursos para tanto exigidos?

As fontes que continuam sendo as mais abundantes, no Brasil, são as do poder público. No Estado democrático, sabidamente, as decisões dependem, de modo mais ou menos direto, da opinião de um eleitorado sempre susceptível ao que lê, enxerga ou ouve, nas notícias inseridas nos modernos meios de comunicação. E todos aqueles que votam e, assim, escolhem muitas das suas lideranças, precisam estar bem informados para melhor exercerem os deveres de cidadãos. Diante disso, toda vez que a ciência for apre-

sentada como tema **hermético, indecifrável e distante dos interesses da população geral**, o financiamento das atividades científicas será **escasso, insuficiente, e de difícil obtenção**.

Paralelamente ao poder público, a **iniciativa privada** vem se empenhando no fomento à pesquisa, em proveito próprio e para benefício de toda a população. Somente, com grande atraso, o povo brasileiro e as nossas lideranças criaram consciência desta realidade. Durante séculos, foi muito escasso, entre nós, o estímulo à geração de **técnicas inovadoras que sejam de interesse econômico e tenham base científica**. Nas últimas quatro a cinco décadas, contudo, os educadores e os empresários nacionais despertaram para a necessidade de competirmos com outras nações, mediante a **criação de processos** de produção e distribuição de bens e serviços que se adaptassem melhor às nossas matérias-primas, aos nossos recursos humanos e ao nosso mercado, e que fossem **inovadoras** no sentido de não consistirem em simples cópias do que se vinha fazendo, no nosso e em outros países. As universidades públicas despertaram, um pouco mais cedo que as empresas, para o cumprimento dessas tarefas e, nas décadas mais recentes, têm realizado um grande esforço para recuperar o atraso em que nos encontrávamos na implantação de programas institucionais de **formação de pesquisadores e de execução de pesquisas**. Recentemente, o setor privado da economia vem destinando recursos próprios, em escala crescente, premido pela competição, a fim de criar, mediante pesquisas científicas e tecnológicas, novos produtos e processos que interessem aos nossos mercados.

Os **primeiros “divulgadores”** da ciência foram **pesquisadores** que procuraram explicar suas idéias e suas descobertas a um público mais amplo que o dos próprios colegas de atividade. Esses pesquisadores mantinham, como seria de esperar, completa fidelidade às operações mentais que haviam servido às suas atividades inovadoras. Porém, nem sempre se exprimiam em linguagem que atraísse o leitor. À medida que se foram multiplicando as especializações nos vários ramos da ciência, surgiram os **“divulgadores” profissionais**, capazes de externar as novas idéias, qualquer que

fosse o seu grau de complexidade, em linguagem acessível às diferentes faixas da população.

A divulgação da ciência evoluiu para a criação do **“jornalismo científico”**, já, no século XX. Ora, preparam-se para essa especialização, cientistas que decidem apreender as técnicas do jornalismo; ora, são profissionais do jornalismo que, atraídos pela importância da divulgação de temas científicos, se valem da experiência por eles colhida nos cursos universitários especializados e nas redações dos jornais e revistas. Em qualquer hipótese, é importante, para quem pratica o jornalismo científico, evitar a tentação de tornar **“impactante”** toda e qualquer nova informação. Em certos casos, a narrativa de uma nova descoberta pode assemelhar-se, sem prejuízo da autenticidade do conteúdo, a uma novela policial bem estruturada e bem escrita.

Os textos para esse fim empregados, devem ter **“qualidade literária”**, no sentido de usarem linguagem clara, correta e precisa, de proporcionarem prazer a quem os lê, e assim conseguirem **atrair e manter** a atenção e a curiosidade do leitor. Além disso, a distribuição do conteúdo dentro do próprio texto, deve revelar idéias coerentes e ter seqüência capaz de evitar a dispersão do interesse de quem recebe as mensagens. Princípios análogos se aplicam às informações transmitidas pelo rádio, por televisão, em museus, em exposições ou em feiras, com as linguagens próprias e adequadas a cada caso. A **veracidade dos fatos** será, sempre, requisito essencial às narrativas sobre os fatos da natureza e sobre os resultados da experimentação que hajam, ou não, confirmado as hipóteses aventadas para a sua interpretação.

As notícias, nesse campo, jamais deverão ser apresentadas como **“verdades” definitivas**, prontas e acabadas, uma vez que poderão ser superadas, sempre que surjam novos dados experimentais. Tudo que se considere **“novidade”**, deverá comparar-se com o tratamento dado, anteriormente, ao mesmo assunto, a fim de estabelecer-se o **“contraditório”**, que costuma agradar e atrair a atenção do leitor. Ainda, no mesmo intuito de manter o interesse do leitor, admite-se a inserção nos textos, de anedotas relativas a experiências pessoais, ou a aspectos históricos da questão, envolvendo con-

trovérsias aparentes ou reais entre estudiosos do mesmo tema, contanto que se mantenha como objetivo essencial, a transmissão exata e correta da informação.

Alguns jornais brasileiros de circulação nacional, assim como revistas de grande tiragem, vêm inserindo em seções especializadas, de forma crescente, matérias de divulgação da ciência e da tecnologia. As seções especializadas, com informações extensas sobre determinados assuntos, costumam ser lidas, preferentemente, por quem já estiver motivado para esses campos do saber e do fazer. Mais importantes, ainda, são os textos bem apresentados graficamente, embora resumidos, que apareçam nas páginas de assuntos gerais dos jornais e revistas de maior tiragem. As informações assim divulgadas serão, naturalmente, apreciadas por um público muito mais amplo e variado.

No Brasil, malgrado as tentativas datadas, ainda, do começo do século XIX, o empenho na divulgação das ciências continua tímido, e, portanto, permanece muito aquém do desejável, diante das exigências da vida moderna. Cabe, a respeito, citar as seguintes palavras de dois estudiosos do assunto, Ildeu Moreira e Luiza Massarani, em trabalho recente:⁽¹⁾ “Nos últimos anos, embora tenha havido um interesse crescente no meio acadêmico relativo às atividades de extensão ligadas à divulgação científica, o quadro geral ainda é frágil. Tais atividades ainda são consideradas marginais e, na maioria das instituições, não influenciam na atividade de professores e pesquisadores.” Pronunciamentos como este, que resume opinião generalizada entre os cientistas brasileiros, confirmam a necessidade de um “choque de divulgação científica”.

Estreitamente ligada à melhoria da qualidade da educação em todos os níveis, a expansão da atividade técnico-científica assume importância especial em **países emergentes**, ricos de recursos naturais e com imenso potencial de mercado para produtos manufaturados, como é o caso do Brasil. Não há por que duvidar de que o nosso futuro continue a depender da maior agregação de valor às nossas matérias primas e da maior eficiência na gestão dos processos de produção e de distribuição dos bens e serviços. Distinguem-se os textos para divulgação científica, por sua vez, dos

que servem à atividade didática e têm, entre outros objetivos, o de capacitar os não-iniciados a entenderem a linguagem própria da ciência.

Vários países têm procurado **medir o interesse** das respectivas populações pelos temas da ciência e da tecnologia. A revista "Pesquisa", editada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), publicou, recentemente, interessante matéria sob o título "Imagens da Ciência".⁽²⁾ Resume-se, nas páginas dessa revista, um conjunto de respostas colhidas por amostragem junto à população de quatro países, acerca da **percepção pública da ciência**. As pessoas entrevistadas, inclusive no Brasil, consideraram-se "pouco" ou "nada informadas" sobre o tema em pauta. Prevalece, entre elas, a imagem tríplice da ciência como condição para as "**grandes descobertas**", para o "**avanço técnico**", e como fonte de "**melhoria da vida humana**". Porém, outros itens, como a "compreensão do mundo natural" e o "domínio da natureza", não integram o imaginário popular da ciência, no mesmo grau das condições anteriormente citadas. A maioria dos brasileiros entrevistados discorda da afirmação de que "o mundo da ciência não pode ser compreendido pelas pessoas comuns". Apesar de muitos dos entrevistados terem consciência dos problemas que os progressos da ciência possam causar à sociedade, especialmente pelos conhecimentos empregados nas guerras, a maioria não tem dúvida de que os benefícios resultantes do progresso técnico-científico superam os seus efeitos negativos.

(1) - Moreira, I.C. e Massarani, L - Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil - Capítulo do livro "Ciência e Público", pág. 64 - Editado pela "Casa da Ciência", UFRJ.

A "vocação para o conhecimento" aparece, no citado levantamento de opinião, como principal fator de motivação para a pesquisa, por larga margem. Aparece, em seguida, a "conquista do poder", enquanto "dinheiro" e "prestígio", curiosamente, figuram como fatores menos importantes.

Cumpre, antes de terminar, mencionar os nomes de um pesquisador e de duas instituições que, no Brasil, merecem ser destacadas, nesse esforço. O Professor José Reis, já falecido, desempenhou papel importantíssimo entre os pesquisadores, ao dedicar-se, com pertinácia e competência, a esse tema, quando o interesse pelo

mesmo era, ainda, muito mais incipiente que agora. A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), pela ação dos seus dirigentes, pela revista que edita, pelos programas de rádio, de televisão e de teatro com os quais tem colaborado, vem mantendo acesa entre nós, brasileiros, a noção da grande importância da divulgação científica. A Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), entre outros relevantes serviços que tem prestado ao Brasil, graças à competente equipe que a dirige e à edição da revista “Pesquisa”, já citada, tem divulgado informações científicas mediante material de excelente qualidade, redigido por pessoal devidamente especializado. São exemplos modelares que, esperamos, venham a ser multiplicados.

(2) - Izique, C, e Moura, M - Imagens da Ciência - Revista “Pesquisa FAPESP” – n.º 95, págs 16-27 - Jan 2.004.

BIOGRAFIAS E AUTOBIOGRAFIAS

Roberto Figueira Santos
Ex-Reitor da Universidade Federal da Bahia
Membro da Academia de Letras da Bahia

Destaca-se a “biografia” como um dos gêneros literários mais apreciados pelos leitores da atualidade. Levantamentos recentes, em países onde é muito disseminado o hábito da leitura, apontam os livros que relatam a vida de pessoas, como dos de maior procura nos respectivos mercados. Segundo a definição mais comumente aceita, nos dias atuais, a expressão “biografia” se aplica ao ramo da história que se ocupa com a descrição e com interpretações de fatos da vida de **indivíduos**, enquanto a disciplina “história”, em geral, abrange os acontecimentos em que estão envolvidas **coletividades** humanas.

Nas civilizações mais antigas de que se tem notícia, existia, já, a praxe de representar episódios da vida de pessoas, registrados pelos meios à disposição dos artistas da época, como fossem desenhos e pinturas. Das antigas sociedades grega e romana sobreviveram textos em prosa, poemas, peças de teatro (dramas e sátiras), efígies e esculturas, referentes à vida de indivíduos que se destacaram no respectivo ambiente social. Dos textos em prosa, cabe citar como exemplos, o de Xenofonte sobre a vida de Sócrates, as “Vidas Paralelas”, da autoria de Plutarco, a “Vida dos doze Césares” de Suetônio, a “Vida de Agrícola”, escrita por seu genro Tácito, as “Reflexões” do Imperador Marco Aurélio, e alguns dos escritos de Júlio César sobre os seus triunfos militares, sendo os dos dois últimos autores de sentido autobiográfico. Livros sagrados, que fundamentam várias das mais importantes religiões, narram episódios de vida de personagens relacionados a esses cultos. Para os brasileiros, têm grande significação os quatro Evangelhos que relatam fatos da vida e registram os ensinamentos de Jesus Cristo, e que têm sido objeto

de freqüentíssimas leituras e interpretações ao longo de mais de vinte séculos, por vastos contingentes da população mundial.

Com o advento da Idade Média, adquiriu força imensa a religiosidade dos povos da civilização ocidental. Datam de então as “hagiografias”, ou histórias de vida de santos, em que se registram acontecimentos que levaram à canonização desses personagens. Devido ao propósito a que servem, fatos que poderiam dificultar o caminho para a santidade, são apresentados, tão somente, para estabelecer contraste com as mudanças de comportamento que levaram à canonização. Durante o período histórico em que floresceram as hagiografias, também foram produzidos textos nos quais o autor se refere à sua própria história. Cumpre citar, com esse feito, as “Confissões” de Santo Agostinho, datadas do começo do século V a.d. Nelas, o autor se dirige, constantemente, ao seu Deus, o que aumenta o poder convincente das palavras, tornando-as muito mais fortes do que se houvessem sido dirigidas aos seus semelhantes, ou, à Igreja a que pertenceu o autor.

Quando sobreveio o Renascimento, a ênfase na teocracia característica da Idade Média, foi substituída pela **valorização do indivíduo**, o que significou, neste sentido, uma volta ao que se havia observado entre os gregos e romanos. Renovou-se, a partir do final do século XVII, condição propícia às “**biografias**”, como relatos de histórias de vida de personagens **laicos ou seculares**, que se destacaram no convívio com os seus contemporâneos. Do século XVI em diante, graças à maior disseminação do uso da imprensa e à alfabetização de mais amplos contingentes da população dos países europeus, aumentou, significativamente, o interesse pela leitura de biografias, o que, por sua vez, estimulou a elaboração de número crescente das narrativas com esse feito.

Além de excluir dessa designação, os poemas, as peças de teatro (dramas e sátiras), as canções com letras transmitidas de boca em boca, as pinturas, as efígies em moedas, as esculturas, alguns autores têm preferido, mais modernamente, deixar fora da classificação como “biografias”, as obras divulgadas pelo rádio, pelo cinema, pela televisão, pelos DVDs e os textos transmitidos via “internet”, embora se refiram a episódios da existência de

cidadãos ou cidadãs. Dentro desse conceito mais restritivo do que sejam as “biografias”, somente se devem incluir histórias de vida que sejam, totalmente, verazes quanto aos fatos narrados, transmitam interpretações e impressões sobre o caráter do biografado e abranjam os diferentes aspectos do seu comportamento. Assim, estarão fora desse conceito textos com o propósito exclusivo de elogiar o personagem, como os panegíricos e os obituários, ou de criticar e difamar o mesmo, como nos libelos acusatórios. E se excluem, naturalmente, da mesma definição, as obras de ficção, nas quais o autor, valendo-se da imaginação, cria personagens e descreve o seu comportamento, mesmo quando essas narrativas incluam fatos que, tendo ocorrido com pessoas que tiveram existência real, apareçam atribuídos aos personagens fictícios.

O alto grau de aceitação do gênero “biografia” entre o público instruído pode ser resumido nas respostas dadas pelo escritor inglês William Goldsmith a alguém que lhe perguntou qual seria a melhor lição que se poderia dar a um jovem. Respondeu ele: “recomendar a leitura da vida de um homem bom”. Perguntado, em seguida, sobre qual seria a segunda melhor lição, respondeu: “a leitura da vida de um homem mau”.

O conceito das “biografias”, segundo o qual estão elas entre as obras de arte literária, importa em que a sua leitura deva despertar prazer e manter a atenção dos leitores, sem prejuízo da veracidade dos fatos narrados. Pode-se dizer que a biografia é, a um só tempo, obra da inteligência e produto das emoções despertadas pelo personagem, no autor e nos seus leitores. Ao criar o texto, o autor, ora se torna o maior aliado, o mais competente advogado do personagem objeto da biografia; ora se transforma no seu pior inimigo, a depender de como sejam interpretados os sucessivos episódios da vida do biografado. O trabalho do biógrafo pode ser, pois, a um só tempo, admirável e terrível. Não têm sido poucos os biógrafos perseguidos por terem revelado fatos que, embora verdadeiros, desagradaram profundamente ao biografado e aos seus familiares e amigos. Existiram, mesmo, casos como o de Walter Raleigh, considerado o primeiro “mártir” da história das

biografias, por ter sido condenado à morte e executado por ordem do rei Jaime I, da Inglaterra.

O nosso conterrâneo, Luiz Viana Filho, um estudioso do gênero literário das “biografias”, chamou a atenção para a impossibilidade “de reproduzir-se, integralmente, a vida de um homem; enquanto um biógrafo dará maior relevo a este ou aquele aspecto, outro acentuará passagens diferentes, embora ambos conheçam, perfeitamente, o assunto e tenham a convicção e a preocupação de se subordinarem à verdade. E como poderia deixar de ser assim, se em cada biografia se terá de refletir, com maior ou menor intensidade, o próprio temperamento do autor?”. No prefácio por ele escrito ao seu livro sobre Machado de Assis, Luiz Viana Filho assim se exprime: “E como a estes (os biógrafos) é vedada qualquer concessão à fantasia ou à imaginação, precisam buscar a verdade trabalhosamente”. Coincide esta opinião, rigorosamente, com a definição mais aceita, atualmente da “biografia” como gênero literário.

Apesar de distinguir-se, com clareza, de outros ramos da história, entendem alguns que as “biografias” não foram, ainda, analisadas com a desejável profundidade, como gênero literário. Ao contrário, as biografias têm sido muito menos compreendidas que outros grandes gêneros da literatura universal. Faltaria, ainda, mais intensa discussão teórica envolvendo a linguagem, a estrutura, os padrões de seleção e os modos de organização dessas obras. Os critérios dos críticos literários sobre os textos em apreço têm sido muito heterogêneos, e, na maioria, sem a devida perspectiva analítica. Muitos leitores buscam, apenas, conhecer a “história da vida”, e não dispõem de erudição suficiente para ir além disso, no tocante à interpretação dos fatos. Pergunta-se, então: Que critérios existem para qualificar uma biografia? Como elaborar uma biografia, para que seja considerada “boa”? Em verdade, até agora, não existem respostas adequadas a essas perguntas. Em 500 críticas, examinadas nos Estados Unidos, o espaço médio devotado ao estilo e à técnica foi, apenas, de 10 a 15% do total dos textos. No entanto, quando submetidos a uma análise crítica bem feita, cresce, notoriamente, o prazer resultante

da sua leitura. Tem-se avaliado, então, o mérito das biografias pelo número de leitores, logo após lançadas no mercado e durante os anos em que têm estado expostas à venda; o que não constitui, seguramente, o melhor dos critérios de qualidade.

Alguns homens de letras que se destacaram no ambiente social onde viveram e atuaram, evitaram legar à posteridade anotações íntimas, o que dificulta o trabalho do biógrafo. Sabe-se de uns poucos dentre eles, que queimaram, deliberadamente, cartas e outros escritos relativos aos seus sentimentos mais profundos. Oposta a essa, tem sido a atitude adotada, muitas vezes, pelos autores de autobiografias, ao exporem o que há de mais íntimo nos seus pensamentos e emoções, como ocorreu com Jean-Jacques Rousseau nas suas “Confissões”, publicadas em 1781, três anos após a sua morte. Ao estudar a biografia de pessoas que se destacaram nos respectivos ambientes sociais, alguns autores têm encontrado, apenas, documentos oficiais, relativos ao seu personagem, a exemplo de certidões de nascimento e de casamento, e de processos forenses. O grande esforço para a elaboração da biografia de William Shakespeare é, disso, exemplo eloquente. Em contraposição, também se identificam outros, que adotaram o hábito de redigir notas autobiográficas, nelas se incluindo os diários que proliferaram a partir da época do romantismo, com declarações tão íntimas que não poderiam ser, senão, do próprio autor.

A tarefa do biógrafo costuma ser cheia de contrastes e de surpresas, de alegrias e de conquistas, assim como, de dificuldades e de insegurança. O autor poderá levar anos até conseguir certeza quanto a determinado fato da vida do biografado. E viverá momentos de autênticas vitórias, ao descobrir informações preciosas, ainda não reveladas por outros escritores. A fim de realizar trabalho satisfatório, o autor deverá sentir-se possuído de verdadeira obsessão pela figura do personagem. Convém não confundir as biografias, como obras literárias, das crônicas que consistem, apenas, na enumeração, em ordem cronológica, de eventos relativos à vida do personagem.

No século XIX, surgiram dicionários nacionais de biografias, como ocorreu na Suécia, na Áustria, na Holanda, na Bélgica, na Alemanha e na Inglaterra. Durante a “era vitoriana”, coincidindo com a opulência de muitas famílias inglesas, foram publicadas numerosas biografias encomendadas e pagas por pessoas ligadas aos biografados. Algumas dessas tiveram nível elevado e deram a ênfase esperada aos feitos positivos dos biografados, satisfazendo, assim, os que haviam feito as encomendas. Outras, contudo, resultaram em complexas ações judiciais, por conterem referências ao biografado que desagradaram aos que subsidiaram o trabalho.

Nos séculos XIX, XX e no começo do atual, tem sido enorme a proliferação de biografias. Ao lado das que se referem a personalidades com algum destaque, surgiram outras, relativas a pessoas menos conspícuas, porem representativas de atividades que interessam a número expressivo de leitores. A grande popularidade das “biografias”, em vários países, deu origem a **coleções** que incluem personagens conhecidos perante o público, como sejam reis e rainhas, presidentes da República, estadistas, filósofos, cientistas, escritores, pintores, músicos, atores do teatro e da televisão, e, assim por diante. Ao lado de coleções com elevado valor literário e histórico, encontram-se outras, cujo intuito predominante é o da popularização dos nomes dos biografados junto a leitores menos ilustrados.

As “autobiografias” constituem categoria especial do gênero literário das biografias. Como indica a expressão que as designa, trata-se da história de vida do autor escrita por ele próprio. Muitas delas assumem o caráter de “memórias”, de depoimentos que podem abranger toda a vida do personagem, ou, apenas, partes dela. No passado, deram-lhes o nome de “idiografias”. Posso falar delas com a experiência de quem já escreveu um depoimento acerca do muito que existe em comum, ao lado das diferenças entre a história de vida do meu Pai e da minha. Várias são as motivações que podem induzir à elaboração de uma autobiografia. Em alguns casos, deseja o autor compartilhar com outros, reminiscências especialmente agradáveis ou que poderão ser úteis aos que,

porventura, venham a atravessar experiências análogas às por ele vividas. Para outros autores, o motivo é mais pragmático, e manifesta o interesse comercial de tirar proveito da fama ou da posição social por eles alcançada. O meu propósito, ao escrever um depoimento autobiográfico, foi a consciência de que circulam, na comunidade onde vivo, relatos de ocorrências das quais participei pessoalmente, e que contêm inconcebíveis distorções da realidade. A versão correta desses fatos poderá interessar a determinado público da atual e de futuras gerações.

Algumas **autobiografias**, antes, mesmo, que esta designação houvesse sido cunhada, se tornaram famosas, e continuam sendo lidas, séculos depois de haverem sido escritas. Nessa categoria se incluem as “Confissões” de Santo Agostinho e as de Jean-Jacque Rousseau, ambas já citadas. E, ainda, as “Memórias de Além-túmulo” de Chateaubriand, um dos monumentos da literatura francesa e universal.

Em tempos mais recentes, a idéia de relatar histórias de vida tomou rumos extremamente diversificados e imprevisíveis. Os modernos meios de comunicação, como o rádio, o cinema, a televisão, os DVD e a “internet”, cada qual com sua linguagem própria, criaram oportunidades novas de apresentação e de interpretação dos fatos pertinentes às histórias de vida. Mudou o público que mostra curiosidade em conhecer o estilo de vida de homens e mulheres, que são produtos de cada época; e surgiram motivações no processo de escolha de quem deve ser biografado, que antes não existiam. Em função dessas novas circunstâncias, aumentaram disputas judiciais acerca de informações, verdadeiras ou não, referentes à vida do biografado, publicadas sem sua permissão e consideradas “invasões da privacidade” do mesmo.

As biografias e as autobiografias escritas por autores brasileiros, merecem um estudo à parte, ao qual venho, também, me dedicando. Por enquanto, referirei, apenas, umas poucas obras que se revestem de feitio especial.

De grande importância para o conhecimento da História do Brasil, é um conjunto de obras em que os biógrafos e os biografados são ligados por laços de família. “Um estadista do

Império” é o título da monumental história da vida do Senador Nabuco de Araújo, escrita pelo seu filho, igualmente ilustre, Joaquim Nabuco, o mesmo que escreveu a notável autobiografia intitulada “Minha formação”. Carolina Nabuco escreveu a biografia do seu pai, sob o título de “A vida de Joaquim Nabuco” e, também, a história de vida de Virgílio de Melo Franco, promissor político mineiro que teve um fim trágico e inesperado e foi ligado a ela por parentesco afim. Também ligado à mesma família, o Senador Afonso Arinos de Melo Franco escreveu a biografia do seu Pai, Afrânio de Melo Franco, em três volumes, sob o título de “Um estadista da República”, além de outra obra notável, que é a biografia do avô da sua esposa, intitulada “Rodrigues Alves: apogeu e declínio do presidencialismo”, em 2 volumes. Afrânio de Melo Franco se notabilizou, ainda, como memorialista, tendo escrito cinco volumes de memórias, sob os títulos: “A alma do tempo”, “A escalada”, “Planalto”, “Alto mar - mar alto”, e o “O diário de bolso”. O professor Carlos Chagas Filho, casado com uma filha do Senador Afrânio de Melo Franco, por sua vez, escreveu a biografia de um dos mais notáveis cientistas brasileiros, intitulada “Carlos Chagas, meu Pai”.

Várias editoras brasileiras, a exemplo da Editora da Universidade de São Paulo e da Livraria José Olímpio, têm incluído entre as suas publicações, coleções de biografias de ilustres brasileiros. Desses, vários são de autoria de Octávio Tarquínio de Souza, a saber, as biografias do Imperador D. Pedro I, de José Bonifácio, Bernardo Pereira de Vasconcelos, Evaristo da Veiga e Diogo Antonio Feijó.

Entre os biógrafos baianos, cumpre citar, novamente, o ex-Governador Luiz Viana Filho, autor de livros sobre as vidas de Joaquim Nabuco, do Barão do Rio Branco, de Machado de Assis, Eça de Queiroz, José de Alencar e Anísio Teixeira. As obras de membros desta Academia de Letras da Bahia que se têm dedicado à difícil tarefa de escrever sobre a vida de personalidades ilustres, estão sendo referidas em estudo a ser, em breve, aditado ao presente.

ABE - EDUCADORA DO ANO 2007
MARIA AUGUSTA DE CARVALHO CRUZ
ABDON

Pronunciamento do Professor
Roberto Figueira Santos,
Presidente da Academia Baiana de
Educação em 21 de novembro de 2007.

Entre as tarefas mais gratas, atribuídas ao Presidente da Academia Baiana de Educação, incluo a condução das sessões solenes destinadas a homenagear os nossos confrades e congreiras, assim como as manifestações de agradecimento às instituições que têm manifestado apoio irrestrito às nossas iniciativas em favor da Educação, particularmente, em nossa terra.

Nova oportunidade se nos oferece, hoje, devido à aprovação, pela unanimidade do plenário da Academia, da outorga do título de “Educatriz do ano 2007” a congreira Maria Augusto Carvalho Cruz Abdon, por proposta da nossa Presidente de Honra, a congreira Leda Jesuino dos Santos.

A homenageada tem toda a sua carreira profissional dedicada à Orientação Educacional. Logo após licenciarse em Filosofia pela Universidade Católica de Salvador, a congreira Maria Augusta realizou cursos de pós-graduação e de especialização em Orientação Educacional, assim revelando, desde cedo, a sua preferência por esse ramo das Ciências da Educação. Além dos cursos sobre a especialidade realizados em Salvador, completou a sua formação no exterior, respectivamente, na Universidade de San Diego, na Califórnia e na Universidade Laval, em Québec, o primeiro no ano de 1972 e o subsequente em 1983.

Em decorrência desta sólida preparação, tornou-se a professora Maria Augusta titular da Faculdade de Educação Olga Mettig, e lecionou nas Faculdades de Educação da Universidade Católica de Salvador e da Universidade Federal da Bahia. Nesta última,

assumiu a chefia do Setor de Orientação Profissional do Serviço de Seleção, Orientação e Avaliação. No serviço público estadual, exerceu a coordenação do Serviço de Orientação Educacional dos colégios públicos de Salvador. Eleita e reeleita para vários mandatos, Maria Augusta tem sido, ao longo de muitos anos, Presidente da Associação de Orientadores Educacionais da Bahia. São várias as publicações de trabalho seus sobre o campo da Orientação Educacional. Vem, ainda, promovendo cursos de atualização, para os quais tem mobilizado especialistas do Rio de Janeiro, de São Paulo e do Canadá. Entre as suas atividades comunitárias, registra-se a Presidência do Rotary Clube Bahia-Leste, no ano 2000.

A Professora Maria Augusta é a primeira e única ocupante da Cadeira número 17 desta Academia, cujo patrono é o poeta e Professor de Medicina Egas Moniz Barreto de Aragão. Nascido em 1870 e falecido em 1924, era filho de outro intelectual, o Doutor Francisco Moniz Barreto de Aragão. Descendente de uma das mais antigas e respeitáveis famílias da Bahia, Egas Moniz usava o pseudônimo Pethion de Vilar ao assinar os seus trabalhos literários. Segundo Pedro Calmon, “nos seus versos, ora de esquisita beleza, magistralmente simbolistas, ora românticos e parnasianos, foi um dos temperamentos artísticos dos mais nobres da sua geração”. Entre as numerosas obras de sua lavra, inclui-se o livro intitulado “Problemas de Educação Nacional”, datado de 1922.

A estreita ligação da confrreira Maria Augusta com as Faculdades Integradas Olga Mettig, nos proporciona renovar as manifestações de gratidão da Academia Baiana de Educação para com esse tradicional estabelecimento de ensino, pela imensa boa-vontade com que tem acolhido muitas das atividades do nosso sodalício. O elevado conceito em que é tida a Faculdade criada pela saudosa Professora Olga Mettig valoriza e enaltece as iniciativas conjuntamente levadas a efeito graças à parceria entre as duas instituições. A Professora Olga Mettig foi uma das confreriras eméritas da nossa Academia. Vários dos nossos confrades e confreriras, dos mais assíduos e atuantes, são, também, professores das Faculdades Integradas Olga Mettig, a exemplo do eficiente tesoureiro Marcelo Rocha, um dos pilares desta Academia, de Astor de Cas-

tro Pessoa, mestre de cerimônia das nossas sessões solenes e Educador do Ano-2006, e da homenageada de hoje, a acadêmica Maria Augusta Cruz Abdon. Por sua vez, a dedicadíssima Secretária da Academia, a confreira Rosa Pereira é irmã da saudosa Professora Olga Mettig. São múltiplos, portanto, os laços que unem as duas instituições desde as suas origens, para grande honra nossa.

A fim de saudar a homenageada, usará da palavra a Presidente de Honra da Academia, Professora Leda Jesuíno dos Santos.

POSSE DA PROFESSORA VANDA ANGÉLICA FERNANDES DA CUNHA

Pronunciamento do Professor Roberto Figueira Santos, Presidente da Academia Baiana de Educação em 5 de setembro de 2007.

Muitos anos se passaram, desde quando a Academia Baiana de Educação e a Fundação João Fernandes da Cunha se vêm associando em iniciativas relacionadas com o que têm, em comum, as duas instituições, nos respectivos propósitos e finalidades. Para tanto contribuiu, notoriamente, a condição de membro titular - e, mais tarde, de membro emérito - desta Academia, de quem criou a Fundação, o saudoso confrade João Fernandes da Cunha. Por falecimento deste, para substituí-lo na Presidência da Fundação, foi escolhida a Professora Vanda Angélica da Cunha, logo depois indicada, com o respaldo de expressivo currículo no campo do ensino das Ciências da Informação, para ocupar a cadeira número 35 desta Academia. A Professora Vanda Angélica possui o título de Mestre em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Bahia e faz parte do corpo docente do Instituto de Ciência da Informação da mesma Universidade, onde leciona nos cursos de Biblioteconomia e Documentação e de Arquivologia. Pesquisadora na área da Ciência da Informação, tem numerosos trabalhos publicados em livros e revistas da sua especialidade. É patrono da cadeira que passa a ser ocupada pela Professora Vanda Angélica, o Professor Pedro Júlio Barbuda e seu primeiro ocupante foi o Professor Cassilandro Everaldo Barbuda, sucedido pelo Professor João Fernandes da Cunha.

A Professora Vanda Angélica entra na Academia trazendo consigo um propósito a ser cumprido. Havendo coordenado o "Programa Proler" no âmbito da Fundação João Fernandes da Cunha, entre 2002 e 2004, houve por bem, pouco antes de eleita para membro titular deste sodalício, enviar-nos um expediente no qual "externa o maior interesse em contar com a parceria permanente da Academia Baiana de Educação" a respeito do Programa

Proter, “enriquecendo com sugestões e participação de especialistas acadêmicos”, particularmente no projeto “Ciranda de Leitura. Espaços. (Im) pactos, desejos e carências para a inclusão social”. Devo declarar, perante esta assembléia, que a Academia estará à inteira disposição da nova confrreira, a fim de apoiá-la na nobre missão de fomentar entre a nossa juventude o saudável hábito da leitura, para isso capacitando mediadores de interesse pelo uso de livros e de periódicos.

A fim de saudar a nova confrreira na presente cerimônia, usará da palavra o confrade Antônio Jesuino dos Santos, pronto, como sempre, a emprestar o brilho da sua inteligência e a solidez da sua cultura ao serviço da nossa Academia.

Coincide a presente cerimônia com a comemoração, de tão grande relevância para a nossa história institucional, dos primeiros vinte e cinco anos de existência desta Academia. Fundada a 9 de setembro de 1982, ao longo do recente quarto de século, enfrentamos e superamos obstáculos e dificuldades, reafirmando, assim, o alto significado dos nossos objetivos. Reunindo a representação de diferentes campos de atividades dentro da grande área da Educação, temos sabido manter no mais alto nível os debates acerca da importância, cada dia mais notória, do aperfeiçoamento da qualidade da formação da juventude da Bahia e do Brasil. É de geral conhecimento que as oportunidades de trabalho na chamada “sociedade do conhecimento” - na qual estamos imersos, irrecusavelmente - vêm dependendo, de forma crescente, de educação com padrões que propiciem às gerações que estão chegando, a capacidade de superação dos complexos desafios característicos do mundo moderno. E assim, confiantes no que o futuro nos trará, continuamos a valorizar o convívio entre os que, de mais tempo, já integravam o nosso quadro social, e os que, como a confrreira Vanda Angélica Fernandes da Cunha, vêm trazer a contribuição de novas idéias e novos saberes, sempre bem-vindos e carinhosamente acolhidos.

POSSE DA ACADÊMICA BETTY COELHO

Pronunciamento do Professor Roberto Figueira Santos, Presidente da Academia Baiana de Educação em 29 de agosto de 2007.

Entre as muitas ramificações da ciência e da arte de educar, incluem-se as que se relacionam, estreitamente, com a atividade literária. À Academia Baiana de Educação cabe identificar e acolher, para honra nossa, competências que se hajam destacado em nosso meio, pela realização de trabalhos pertinentes a esses dois campos de labor intelectual, respectivamente, o da Educação e o da Literatura. A Professora Maria Betty Coelho Silva, com intenso brilho, dedicou a sua vida profissional à literatura infantil, de cunho pedagógico. Eis por que esta Academia a elegeu para ocupar a cadeira de número 11, que tem como patrono o eminente médico e professor da Faculdade de Medicina da Bahia, Antonio Pacífico Pereira, e como último ocupante o saudoso Professor Ângelo Lyrio de Almeida que, pela sua dedicação às tarefas da Educação, mereceu a estima e a admiração dos seus conterrâneos.

A Professora Betty Coelho, pouco tempo após diplomar-se, em 1941, pela antiga Escola Normal da Bahia, atual Instituto Central de Educação Isaías Alves de Almeida (ICEIA), foi aprovada em concurso para o magistério primário do Estado. Seguiu-se a sua designação para sucessivos cargos pertencentes à estrutura da Secretaria Estadual de Educação. Entre outras, exerceu as funções de “Orientadora de Literatura Infantil e Práticas Leitoras”, na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, e de “Professora de Literatura Infantil e Arte de Contar Histórias”, em cursos de atualização e extensão promovidos por numerosas entidades, não, somente, da Bahia, como de outras unidades da Federação, a exemplo de São Paulo, Santa Catarina e Rondônia. Colaborou em importantes pesquisas e publicou muitos livros e artigos, cujos títulos confirmam a atração pelo mesmo tema. Os seus livros, particularmente, têm tido grande

aceitação perante o público infantil. Participou de numerosas atividades de feitiço cultural, entre as quais se registram a realização de palestras relacionadas à literatura infantil, e o comparecimento a Seminários e Congressos, que se ocuparam com os temas da sua preferência. Foi agraciada com vários prêmios de natureza cultural e mereceu muitas homenagens promovidas por instituições altamente credenciadas.

Para recebê-la entre nós, foi escolhido o Membro Emérito desta Academia, Professor Edivaldo Boaventura, que se tem mostrado incansável no cumprimento de tarefas pertinentes a este sodalício. Em recente homenagem a ele prestada, tive ocasião de assim manifestar-me: “Não sei quantas horas têm o dia e a noite de Edivaldo Boaventura. Mas, o que ele tem realizado ao longo dos 73 anos de sua existência, ultrapassa qualquer medida razoável de capacidade de trabalho do ser humano... Nos últimos tempos, dificilmente se passa uma semana - qualquer período de uma semana - sem que Edivaldo esteja encarregado de um ou mais discursos de grande responsabilidade”. Nesta noite festiva, vamos ouvi-lo uma vez mais, em saudação à nossa mais nova confreira, a professora Betty Coelho, eleita, por unanimidade, pelos membros desta Academia, para ocupar a cadeira de número 11. Em seguida ouviremos uma belíssima história, contada pela nova confreira, e que agradará tanto a este auditório quanto as suas narrativas têm deleitado as crianças que costumam acorrer às sessões de leitura por ela conduzidas.

POSSE DE ALFREDO MATTA NA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Pronunciamento do Professor Roberto Figueira Santos, Presidente da Academia Baiana de Educação em 1.º de agosto de 2007.

Renova-se a Academia Baiana de Educação com o ingresso, na condição de membro titular, de Alfredo Eurico Rodrigues Matta, jovem dotado de reconhecido brilho intelectual e familiarizado, intimamente, com os modernos instrumentos de ensino e de pesquisa literária e científica. Diplomado em História pela Universidade Católica de Salvador, aprofundou-se nos estudos da mesma disciplina, a fim de obter os títulos de mestre e de doutor pela Universidade Federal da Bahia. Empolgado com o uso da informática na educação à distância e na pesquisa histórica, graduou-se em Processamento de Dados pela Universidade Salvador (UNIFACS). Durante o ano letivo 1998-1999 frequentou a Universidade Laval, em Québec, onde se dedicou ao estudo, em feliz associação, das disciplinas Tecnologia Educativa, Informática e Educação. Com o apoio do CNPq, realizou trabalhos de pós-doutorado na Universidade do Porto, sob o tema “Educação à Distância e Comunidades de Aprendizagem Internacionais em Língua Portuguesa”. As suas duas teses, a de mestrado, intitulada “Casa Pia Colégio dos Órfãos de São Joaquim”, orientada pela professora Consuelo Novais Sampaio, e a de Doutorado, sob o título “Tecnologias de aprendizagem em rede e ensino da História”, sob a orientação do Professor Emérito Edivaldo Boaventura, ambas aprovadas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), foram transformadas em livros que vêm tendo ampla aceitação por parte dos estudiosos de assuntos tão relevantes. Herdeiro de consagrada tradição familiar em vários ramos da atividade intelectual, Alfredo é Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia e professor titular da Fundação Visconde

de Cairu. Exerce, além disso, função de destaque na direção do Instituto Anísio Teixeira da Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

Antes, mesmo, de pertencer aos quadros da Academia Baiana de Educação, o jovem confrade já vinha prestando valiosa colaboração ao planejamento e à realização dos Seminários sobre as Licenciaturas, projeto que tem ocupado o melhor dos esforços desta instituição, nos três últimos anos. Entre outras formas de participação nesses Seminários, coube-lhe a de organizar duas videoconferências internacionais, com o copatrocinio do Instituto Anísio Teixeira e a colaboração de membros desta Academia, associada à de renomados professores das Universidades de Lisboa e do Porto. A primeira dessas conferências, já realizada, em novembro de 2006, sobre o tema “As Licenciaturas em Ciências Exatas e da Natureza”, alcançou grande sucesso. A segunda está programada para o próximo mês de Novembro e versará sobre “As licenciaturas em Ciências do Homem e em Letras”.

A cadeira número 5 da Academia Baiana de Educação tem como patrono o professor Álvaro Augusto da Silva. Professor de reconhecida proficiência nos níveis médio e superior, exerceu a Secretaria de Educação do Estado da Bahia em duas oportunidades e teve o seu nome ligado à implantação do Instituto Central Isaías Alves de Almeida. O último ocupante da mesma cadeira foi o eminente confrade Edivaldo Machado Boaventura, a quem caberá, dentro em pouco, receber Alfredo Mata, recém-eleito, por unanimidade, para membro titular desta Academia. Tendo sido um dos fundadores e seu Presidente durante muitos anos, Edivaldo permanece como um dos esteios desta instituição, da qual foi, recentemente, promovido a Membro Emérito, o que abriu a vaga para acadêmico titular, a ser preenchida, dentro em pouco, por Alfredo Mata, nos termos do nosso Regimento. Entre as melhores demonstrações do notável desempenho de Edivaldo Boaventura na condição de Professor Emérito, designado para servir nos programas de pós-graduação da Universidade Federal da Bahia, incluiu-se a tarefa de orientador da mencionada tese de doutorado de Alfredo Mata.

Vive hoje, pois, a Academia Baiana de Educação, na presente sessão de gala, oportunidade excepcional de fazer justiça a dois dos maiores talentos dentre os que se dedicam, na nossa terra, com amor e desvelo, à difícil e gratificante tarefa, de educar os jovens que serão o futuro deste país.

POSSE DA ACADÊMICA MARIA CONCEIÇÃO COSTA E SILVA

Pronunciamento do Professor Roberto
Figueira Santos, Presidente da Academia
Baiana de Educação em outubro de 2007.

Registra o "*curriculum vitae*" da Professora Maria Conceição Costa e Silva, total dedicação a atividades múltiplas na área da Educação, sempre motivadas pela sua irreprimível vocação para o magistério.

Nascida no Município baiano de Santo Antônio de Jesus, onde realizou o curso primário, transferiu-se para Salvador a fim de submeter-se ao antigo exame de admissão ao ginásio. Foi aluna do Instituto Normal da Bahia, atual Instituto Central de Educação Isaías Alves de Almeida. Em seguida, diplomou-se em Letras Clássicas e Pedagogia, com habilitação em Orientação Educacional e Supervisão, pela Universidade Católica de Salvador (UCSal). Mediante concurso público, foi efetivada no magistério estadual e lecionou em vários colégios das redes pública e privada de Salvador, tanto de nível médio como superior. Foi Diretora do Colégio de Aplicação da mesma Universidade Católica de Salvador (UCSal) e exerceu vários cargos de direção na Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), exerceu o cargo de assessora técnica da Pró-Reitoria da Graduação. Foi Diretora do Centro de Ensino Supletivo de Narandiba, da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, entidade projetada para promover o aprimoramento dos métodos pedagógicos adaptados aos jovens que freqüentam a escola fora da idade escolar. Foi membro efetivo do Conselho Estadual de Educação de 1991 a 2004, cargo em cujo exercício foi relatora de importantes pareceres. Na condição de pesquisadora do Instituto de Estudos e Pesquisas da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, realizou trabalhos sobre índices quantitativos e qualitativos de reprovação nos exames de admissão ao ginásio nos colégios oficiais de Salvador. Dedicou-

se à implantação do sistema de acesso direto ao curso ginasial, com a supressão do exame de admissão. Contribuiu para a elaboração de projetos do Plano de Aplicação do Fundo Nacional de Desenvolvimento Educacional.

Sobram motivos, pois, para a fundamentação da proposta (do Confrade José Rogério da Costa Vargens), apresentada perante o plenário desta Academia, e aprovada por unanimidade, no sentido da escolha da Professora Conceição da Costa e Silva para ocupar a Cadeira de número 1, da qual havia sido titular o saudoso Professor José Simões e Silva Júnior, professor e ex-Reitor da Universidade Católica de Salvador professor de Fisiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, e pesquisador na área da Fisiologia da Reprodução. A mesma Cadeira da nossa Academia, havia sido, anteriormente, ocupada pelo seu irmão, o Professor Ruy Simões, profundo conhecedor da Língua Portuguesa, ex-Reitor da Universidade Federal e Professor das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras das duas mais antigas Universidades deste Estado.

A cadeira de número 1 tem como patrono o Professor Abílio César Borges, Barão de Macaúbas, uma das mais importantes e mais interessantes figuras de educador, na nossa terra. Nascido no município baiano de Rio de Contas, em 1824, veio para Salvador aos catorze anos de idade. Aqui realizou o curso de humanidades e ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia. Ainda estudante, transferiu-se para a Faculdade do Rio de Janeiro, onde completou o curso e obteve o diploma de médico em 1849. Tendo voltado a Salvador, fundou o Instituto Literário da Bahia, destinado à realização de palestras e de tertúlias freqüentadas pelas mais expressivas figuras da intelectualidade baiana. Em 1858 fundou o Ginásio Baiano, à frente do qual esteve durante quatorze anos e que se tornou famoso pelo prestígio alcançado por vários dos seus ex-alunos, entre eles, Ruy Barbosa e Castro Alves. Tendo se transferido, novamente, para o Rio de Janeiro, lá fundou o Colégio Abílio, em 1871, conhecido pela aplicação de métodos pedagógicos inovadores. Graças ao seu forte sentimento de patriotismo, durante a Guerra do Paraguai organizou, às próprias custas, o Batalhão dos Zuaivos, e partiu para o cenário da guerra. Foi, também, um dos pionei-

ros do abolicionismo. Escreveu numerosos trabalhos literários sobre temas diversos e, pelos relevantes serviços prestados ao país, em diferentes campos de atividade, mereceu o título de Barão de Macaúbas.

Concedo a palavra ao confrade e amigo, titular da Escola Politécnica da nossa Universidade, o Professor José Rogério da Costa Vargens, a fim de saudar a nova confrreira, a Professora Maria Conceição Costa e Silva, ao ser recebida nesta Academia.

HOMENAGEM AO PROFESSOR JOÃO FERNANDES DA CUNHA

Pronunciamento do Professor Roberto Figueira Santos, Presidente da Academia Baiana de Educação, em 21 de maio de 2007.

O exercício da filantropia requer qualidades que estiveram presentes, em abundância, no espírito do professor João Fernandes da Cunha. O respeito aos valores morais da nossa tradição cristã e católica; o exato conhecimento da comunidade a que serve e a avaliação das suas carências, dentro de criteriosa escala de prioridades; o entendimento da importância das causas beneficiadas; o desprendimento e a generosidade de quem não procura apegar-se, excessivamente, aos bens terrenos; são, todos esses, fatores essenciais a quem se dispõe a doar algo que lhe pertença para o bem dos seus semelhantes. Precedendo a todas essas virtudes, o filantropo há de ter sabido amearhar recursos financeiros, recolhidos graças à capacidade de trabalho e à excepcional competência no exercício de atividade profissional lucrativa; ou terá sabido gerir com proficiência bens materiais que, porventura, hajam sido herdados. Se o espírito da filantropia não é freqüente, entre nós, no Brasil, mais rara, ainda, tem sido a associação deste com a compreensão da importância da educação e da cultura, a motivar a criação de obras destinadas, especialmente, aos mais carentes. Essa, a sensibilidade que marcou, de forma profunda, a personalidade do Professor João Fernandes da Cunha, e que valorizou, ainda mais, os seus gestos, tornando-o um dos grandes beneméritos da comunidade baiana.

A palavra “filantropia”, pelas suas raízes, significa, “amor à humanidade”. O seu antônimo, a “misantropia”, expressa ódio à humanidade, desconfiança pessimista da natureza humana, e representa isolamento, egoísmo, falta de sintonia com as necessidades dos semelhantes. Embora, ao longo dos tempos, tenha evoluído a maneira de oferecer para outros o que é seu, o espírito de benevo-

lência que anima a filantropia tem estado presente entre os homens, desde o passado mais remoto de que se tem notícia. Invariavelmente, nos livros que fundamentam as religiões de maior aceitação pela humanidade, encontram-se referências à filantropia como prática a ser estimulada e aplaudida. Em tempos mais recentes, especialmente após a Revolução Industrial, o acúmulo de riqueza em várias nações, por uns poucos dentre os seus cidadãos, elevou a níveis impressionantes as quantias doadas por gestos de benemerência.

A idéia de criar uma Fundação destinada a fomentar a Educação e a Cultura em nosso meio, surgiu desde 1992, no espírito do Professor João. Aos poucos, essa idéia-força foi se materializando, enquanto ele ganhava experiência na arte de exercer a filantropia. Já houve quem dissesse ser esta, uma arte mais difícil que a de acumular riqueza pessoal. Inicialmente, a Fundação ocupou uma sede provisória, mais modesta; seguiu-se a aquisição do magnífico imóvel onde ora nos encontramos. Este, para tornar-se a sede definitiva da Fundação, teve de sofrer dispendiosa reforma, visando a sua adaptação à nobre finalidade de acolher projetos, criteriosamente escolhidos, nos campos da Educação e da Cultura. A biblioteca, organizada com todo esmero e aberta ao público, diariamente, durante muitas horas, tem servido a número incontável de jovens estudantes, que a freqüentam a fim de preparar-se para os embates da vida. São muitas as Academias de finalidade cultural, que aqui encontram abrigo para as suas reuniões de trabalho e para os eventos festivos que animam e revigoram a sua atuação. Entre elas, se inclui a Academia Baiana de Educação, que tenho a honra de presidir. Confrade dos mais zelosos e participante dos mais assíduos às nossas reuniões de trabalho, o Acadêmico João Fernandes da Cunha, em todas as oportunidades nas quais tinha cabimento a ação conjunta das duas entidades, ofereceu apoio irrestrito da sua Fundação à nossa Academia.

Igualmente digna de louvor tem sido a solidariedade de toda a família do Professor para com ambas essas entidades. Inspirados no seu dignificante exemplo, movidos pelo mesmo espírito de “amor à humanidade”, os seus familiares têm contribuído com dedicação, trabalho, e com a renúncia de parte expressiva de impor-

tante patrimônio que continua sendo usada para manter de pé os ideais do seu patriarca. A viúva, Senhora Edith, os filhos, filhas, genros, noras e netos participam, invariavelmente, dos eventos da Fundação. E, por morte do professor João, a sua irmã, Senhora Vanda Angélica da Cunha, apoiada em apreciável currículo no campo da Biblioteconomia, dirige os passos da Instituição, no mesmo caminho trilhado pelo irmão. Professora da Universidade Federal da Bahia nos cursos de Biblioteconomia e Documentação e de Arquivologia, com mestrado pela mesma Universidade, a nova Presidente da Fundação é pesquisadora na área da Ciência da Informação e tem numerosos trabalhos publicados em livros e revistas da especialidade.

De ascendência ilustre, nasceu João Fernandes da Cunha na fazenda dos seus pais e avós, no distrito de Salitre, Município de Juazeiro. Jamais esqueceu a terra onde nasceu e sempre procurou estender a filantropia a instituições de todo o território baiano.

Os seus diplomas universitários em Economia, Contabilidade e Jornalismo abriram caminho para a brilhante carreira profissional, em instituições ligadas a atividades financeiras. Assim, além de funcionário do Banco do Brasil por muitas décadas, participou da implantação do Banco do Nordeste, e foi gerente geral do mesmo Banco, com responsabilidade sobre extensa parcela da região nordestina; foi diretor do Instituto de Fomento Econômico da Bahia; diretor fundador do Banco do Estado da Bahia, e seu Presidente interino; e membro dos Conselhos Fiscais do Banco de Desenvolvimento do Estado da Bahia e da Empresa Baiana de Saneamento.

Cabe destacar as duas vocações que apontaram o rumo por ele adotado, para realizar-se, plenamente, nos campos da Educação e da Cultura. Era, ainda, adolescente, quando começou a lecionar matemática e desenho, a alunos que tinham aproximadamente, idade igual à sua. Mais tarde, depois de conquistar o diploma universitário, tornou-se professor da Faculdade de Economia da Universidade Federal da Bahia. Chegou a Diretor da mesma Escola, por decreto do Exmo. Sr. Presidente da República e mereceu a outorga do honroso título de Professor Emérito da mesma Universidade. Quero deixar aqui consignado o meu testemunho da eficaz

contribuição que prestou, ao integrar o Conselho Universitário, o Conselho de Coordenação do Ensino, Pesquisa e Extensão e o Conselho de Curadores da Universidade, durante uma das fases de mais intensa atividade da instituição, quando da modernização da sua estrutura, em torno do ano de 1970.

Vivenciada, tão intensamente, quanto a vocação para o magistério, foi a sua dedicação à poesia. A extensa produção literária refletiu vigorosa inspiração, particularmente, no que diz respeito aos temas religiosos. Foi, sobretudo, pela poesia, que soube manifestar a intensa fé que o animava nos princípios e nos ensinamentos da religião católica.

Bem houve a Família de João Fernandes da Cunha, associada às várias entidades culturais por ele beneficiadas, ao promover a presente homenagem na data de mais um aniversário de nascimento do seu patriarca. E nós, amigos e admiradores da pessoa e da obra do homenageado, solidários com os seus familiares, valemo-nos de mais esta oportunidade para renovar as expressões da irrestrita admiração, da grande saudade e da imensa gratidão que a ele devotamos.

HOMENAGEM AO ACADÊMICO JOSÉ NILTON CARVALHO PEREIRA

Pronunciamento do Presidente Roberto Figueira Santos na cerimônia de entrega do título de Sócio Benemérito da Academia Baiana de Educação ao confrade José Nilton Carvalho Pereira em 15 de outubro de 2007.

Em muitas das atividades da Academia Baiana de Educação, tem sido o Confrade José Nilton Carvalho Pereira, um dos mais dedicados e operosos dos nossos colaboradores.

Nascido em 1951, no município baiano de Araci, ao completar vinte anos de existência, já se iniciava o Professor José Nilton nas tarefas do magistério, lecionando Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Em apoio a essa atividade, escreveu vários textos largamente usados pelos seus alunos. O pendor para a Educação levou-o, mais tarde, a dedicar-se à gestão e à manutenção de instituições educacionais. Devido à experiência assim adquirida, foi nomeado membro do Conselho Estadual de Educação da Bahia, cargo que exerce há nada menos de quinze anos, por nomeações para sucessivos mandatos. Na condição de Conselheiro, exerceu a Presidência da Comissão de Direito Educacional e foi relator de alguns dos mais importantes processos em tramitação naquele colendo órgão. Proferiu numerosas palestras e participou de vários seminários, nos quais representou o Conselho Estadual de Educação. O nosso confrade exerce, também, a militância na política municipal, atividade que lhe tem permitido promover e defender a prioridade merecida para projetos educacionais.

A Academia Baiana de Educação o havia recebido, pela primeira vez, em junho de 2002, quando foi eleito membro titular, a fim de ocupar a Cadeira de número 40, cujo patrono é o baiano Sátiro de Oliveira Dias. Antes de formar-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, o professor Sátiro Dias integrou caravana de estu-

dantes que lutou na guerra do Paraguai. Foi este um dos mais destacados educadores e políticos baianos na época que se estende do Império aos primeiros anos da República. Além parlamentar brilhante, eleito para vários mandatos no Poder Legislativo, Sátiro Dias foi Diretor da Instrução Pública e Secretário do Interior do Governo da Bahia. E exerceu os cargos de Presidente das Províncias do Ceará, Rio Grande do Norte e Amazonas. Ao assumir a Cadeira de número 40, José Nilton substituiu o Confrade Hildérico Pinheiro de Oliveira, lente da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia e um dos discípulos diletos do eminente inovador na área da Educação em nossa terra, o sempre lembrado Professor Anísio Teixeira.

Durante vários anos, a nossa Academia, ainda sem sede própria, funcionou no espaço cedido, generosamente, pelo Acadêmico José Nilton, em estabelecimento educacional que é de sua propriedade. Após haver ocupado o cargo de dois.º Secretário, na diretoria deste sodalício, vem ele sendo escolhido por seus pares, repetidamente, para coordenar a publicação da Revista e da Biblioteca da Academia, funções nas quais não tem poupado esforços para bem desincumbir-se dessas árduas tarefas. Para isso, tem mobilizado recursos humanos e materiais, também oriundos de empreendimentos que integram o seu patrimônio pessoal. Sobram motivos, portanto, para concessão do título de sócio benemérito, que ora lhe está sendo entregue. Encontram-se essas razões muito bem documentadas na proposta apresentada pela Confreira Maria Augusta Carvalho Cruz Abdon, proposta que mereceu a aprovação unânime do plenário da Academia. Ao ser reconhecido como sócio benemérito desta Academia, tinha José Nilton justas razões para solicitar que a presente cerimônia ocorresse no “Dia do Professor”, tendo em vista haver sido pela proficiência com que exerceu múltiplas tarefas no campo do magistério, que o nosso confrade se credenciou profissional e socialmente. E esta Academia, por sua vez, se sente feliz pela oportunidade de comemorar o “Dia do Professor” com a entrega do título de “Sócio Benemérito” a alguém que dedicou, integralmente, o seu tempo e a sua capacidade de trabalho

à nobre tarefa da formação de jovens que irão batalhar pela melhoria da qualidade de vida do nosso povo.

A saudação ao novo sócio benemérito, como de praxe, estará a cargo da congreira que foi autora da proposta, a Acadêmica Maria Augusta Carvalho Cruz Abdon, a quem, neste momento, tenho a grata satisfação de conceder a palavra.

DISCURSO DE RECEPÇÃO DO DR. JOSÉ CORGOZINHO DE CARVALHO FILHO

Leda Jesuíno dos Santos

A Academia Baiana de Educação sente-se particularmente honrada por lhe ser oportuna, nesta tarde outonal de agosto, aqueci da pelo sol do ameno inverno da Bahia, prestar uma justa homenagem a um dos seus mais insígnies membros, Dr. Jorge Calmon Moniz de Bittencourt, tão admirado quanto amado pelo seu desempenho ao longo de uma vida, toda ela feita de forte elos interligados pela força do servir à sua comunidade para a conquista do maior troféu que um homem pode alcançar, que é a Plenitude de Ser.

Dr. Jorge Calmon, que, ao ser elevado à categoria de Membro Emérito desta Academia, deixa espaço como titular da cadeira n.º 33, cujo patrono é Maria Romana Calmon de Bittencourt, fica na minha memória como o príncipe inglês da minha adolescência. Ao subir e descer aquela escadaria de tapete vermelho da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em Nazaré, parecia entrar e sair de um palácio, cuja realzeza estava na sua própria figura de um homem sereno, discreto, amável e firme, com uma profunda compreensão da natureza humana que talvez seja a razão de ser do seu encanto pessoal, intransferível, cada vez mais raro nos nossos tempos de palavras rápidas, tempo curto e gestos cortantes e duros.

Mais tarde, na década de 60, ao confiar-me a educação de usa filha querida, Maria Edith, pude então testemunhar o seu desempenho de pai debruçado sobre o desenvolvimento de sua filha, acompanhando a *performance* de nossa excelente aluna, comparecendo com sua Leonor a todas as reuniões de pais e mestres. por nós coordenadas em noites inesquecíveis no Colégio Estadual da Bahia, quando estava sob nossa responsabilidade o

projeto das classes experimentais por força do Convênio MEC - UFBA - SÉC.

Nessa oportunidade, pude compreender a grandeza dos homens que sentem a responsabilidade de ser pai, na sua dimensão exata, sem os pretextos profissionais com que, em geral, muitos homens dela costumam se eximir.

Na pessoa de Dr. Jorge, reúnem-se não só o professor, o jornalista, o historiador, o escritor, o homem de letras, mas o pai amigo e presente, o educador, o exemplo de uma liderança positiva e vitoriosa.

Duplamente honrada nesta data, a Academia Baiana de Educação hoje se engrandece pois atravessa galhardamente o seu pórtico, neste momento, um autêntico cidadão baiano que, nascido nas Alterosas, entre as montanhas que contaram e embelezam a sua terra natal, aprendeu com elas o sonho de galgar o infinito e a projetar-se para o céu azul da sua Pátria, colocando o elevado ideal de “servir educando” como temática básica do seu viver.

Dr. José Corgozinho de Carvalho Filho vem do oeste de Minas Gerais, nascido na Cidade de Martinho Campos, antes Município de Abadia, trazendo no sangue a força telúrica dos minérios, dos quais seu solo natal é tão pródigo, e, no coração, o toque mágico dos que se sensibilizaram pelo que está além do seu ego: o outro.

Talvez por essa força energética, que lhe foi passada quando, criança pobre em Belo Horizonte, estava recebendo bolsa de estudo, Dr. José Carvalho tenho conseguido, mesmo cursando o Colégio Estadual da Capital mineira, chegar à Universidade Federal de Ouro Preto, para diplomar-se em Engenharia de Minas, Metalurgia e Civil, diploma que lhe possibilitou, numa arguta percepção empresarial, fundar na Bahia a Ferbasa - Companhia de Ferro Ligas da Bahia, para fornecer ferro-cromo à área siderúrgica.

O jovem engenheiro, na década de 60, segundo suas próprias palavras, estava “apaixonado pelo negócio de aço inoxidável e sabia que o Brasil precisava dele”. E paixão tão intensa levou o Brasil a ganhar um alquimista. Iniciava, assim, sem o saber, a sua grande missão alquímica, fazendo primeiro as transformações

materiais, para atingir, a pouco e pouco, a sua própria transformação interior.

O metal com que lhe custearam os estudos, ele o transformou no mais puro ouro do conhecimento e, logo depois, no áureo poder da sabedoria de viver. Esta sabedoria lhe foi transmitida através de uma experiência singular no Rio de Janeiro com os jesuítas do Colégio Santo Ignácio que resolveram preparar jovens superdotados - ele era um deles - para formar uma elite sacerdotal. Lá, o nosso empresário foi aluno do grande filósofo Leonel França e de Saboya de Medeiros, no *Aluisionium*, estabelecimento anexo ao Santo Ignácio. O filósofo e o romancista se fundiram na personalidade de Dr. José Carvalho e estão expressos no seu livro *protótipo*. Não é sem razão que, no templo ecumênico do *campus* educacional de Belmira, está a bela estátua de Sócrates, feita com sucatas de metal.

Ao deixar as montanhas de Minas Gerais, a Bahia o atraiu pelo depósito de cromo existente no Município de Campo Formoso, o que representou, para o jovem engenheiro de 39 anos, os primeiros passos da sua trajetória em terras da Bahia.

Vindo de Minas, entre minas permanece até hoje, quando a Ferbasa pode orgulhar-se de abastecer o mercado interno de ferro-cromo e, ainda, exportar, pois o Brasil é o único país que possui minas deste metal, todas elas situadas em nossa Bahia de Todos os Santos e de todos os Pecados.

E o jovem engenheiro que, aos 13 anos, já estava inserido na força de trabalho e que já havia trabalhado em minas de carvão mineral no Paraná, já trazia consigo a experiência de construir pontes e viadutos, chega aos 67 anos como empresário, cumprindo com a Ferbasa o papel a que se propôs: o de especializar-se em cromo e ligas especiais, detendo 80% da reserva de cromo do País e situada entre as 500 maiores empresas brasileiras, faturando nos últimos 15 anos de 80 a 120 milhões de dólares, sem considerar as suas subsidiárias. Sua produção anual é de 120 mil toneladas, embora use atualmente apenas 60% da capacidade produtiva, utilizando, com as subsidiárias, 3.000 funcionários.

Não causa espanto o fato de o Governo Federal lhe ter conferido a **Ordem Nacional do Mérito Científico**, por sua contribuição na área metalúrgica. Na época em que foi criada a Ferbasa, a indústria de aço inoxidável consumia cerca de mil toneladas de ferro-cromo por ano. Este número hoje é 80 vezes maior.

Esta alquimia industrial que levou o engenheiro de Minas a transformar sua empresa numa considerável potência e, logo após, numa **Fundação** - a famosa Fundação José Carvalho - que movimenta cerca de 4,5 milhões de reais, o que não é muito, comparado ao volume movimentado pelas grandes empresas do setor, é simplesmente apenas o começo de um processo alquímico em busca da Pedra Filosofal, ânsia de encontrar o famoso **Adamo**, ou seja, o elixir procurado para transformar metais em ouro. E, por incrível que possa parecer, os metais que saíram das minas da Bahia e passaram por um laboratório especial, também sofreram alterações no crisol das retortas, pipetas, da acurada bioquímica anímica, transmutaram o apego, a ambição, no precioso ouro do humanismo e da solidariedade humana.

É nesse processo transformador alquímico que o empresário José Carvalho inicia sua ascensão a um patamar tão elevado que, na década de 90, o coloca no nível das mil fundações brasileiras que se envolvem em projetos educacionais socioeducativos, ficando abaixo apenas de algumas como a Fundação Rubem Berta e a Fundação Bradesco, com 30 milhões de dólares anuais, 39 escolas e 78.000 alunos¹.

O passo inicial foi aplicar em educação, através da Fundação José Carvalho, todo o lucro obtido pela empresa Ferbasa. Debruçou-se sobre a educação rural onde vivia, e até hoje vive, a sua cotidiana labuta em busca de pessoal qualificado, percebendo claramente, o nosso Alquimista, que a Pedra Filosofal era a Educação, afirmando com clareza o papel social das organizações ao declarar que “não basta pagar impostos: a empresa tem de fazer a sua parte, porque sozinho o Governo não tem condições de resolver todos os problemas” (sic)².

¹ VEJA, 15 set. 1993.

Precisando, inicialmente, de uma escola que formasse mão-de-obra especializada para sua empresa, considerada a melhor siderúrgica do País, gasta 2 milhões de dólares anuais em educação, numa rede de ensino que era constituída, já em 1993, por 8 escolas situadas em 6 cidades do interior com 4.800 alunos, onde já se havia atendido 17.000 estudantes. Desde 1975, a Fundação José Carvalho aplicou 60 milhões de dólares nas escolas destinadas a crianças carentes.

Não é sem razão que foi considerado o Mecenaz da sala de aula. Os dividendos da empresa, que fatura cerca de cem milhões de dólares por ano, são recursos destinados aos projetos educacionais. O desenvolvimento desses projetos dentro do Complexo Educacionais é destinado a oferecer à criança carente dos municípios de Pojuca, Catu, Mata de São João e Entre Rios, minimizando o êxodo rural para as grandes cidades, os índices de repetência e de evasão, “visando tomar o ensino e a cultura ao alcance tanto quanto possível de quantos demonstrarem interesse e aptidão”³.

Preocupado com cinco grupos de pessoas que dificilmente terão o amparo de programas educacionais governamentais adequados, priorizou 5 setores, não se descuidando da educação convencional, em face da precariedade da rede oficial de ensino em todos os níveis, e optou pela teoria humanista de Carl Rogers, considerando o processo educacional como um esforço para aperfeiçoar pessoas e melhorar a qualidade da vida humana dentro do conceito do homem como um “ser de necessidades” em busca sempre de recursos para resolução destas necessidades, não só as de manutenção, mas também as de crescimento.

Os objetivos da Fundação, definida como entidade filantrópica, estão fixados no atendimento aos cinco grupos: as crianças pobres da roça, as de alto potencial intelectual e criativo, as que são abandonadas, os meninos de rua e os filhos dos “sem-terra”.

² VEJA, 15 dez. 1993.

³ VEJA, 15 dez. 1993.

Estes objetivos levaram a Fundação a criar: escolas convencionais, escolas rurais alternativas, abrigo-escola para órfãos, atendimento às crianças de rua e colégio profissionalizantes e de ensino médio para alunos talentosos.

São em número de cinco as escolas convencionais: Maria Carvalho, em Pojuca e Denise Carvalho, em Catu, que operacionalizam recursos pedagógicos atuais, sobretudo com o concurso do Conselho de Pais, numa linha altamente participativa. O ingresso dos alunos é feito mediante a concessão de bolsas de estudos e a realização de testes de sondagem.

O Colégio Técnico é uma escola de ensino médio, orientada para a profissionalização, que já preparou 4 centenas de profissionais na área de Computação, Tradutor e Intérprete e Mineração. Fundado em 1975, em Pojuca, fundamenta-se nas teorias de Piaget e nas sociointeracionistas de Vigotsky e tem como clientela jovens de alto potencial de origem interiorana provenientes do meio social pobre, em regime de co-educação, na faixa etária de 14 a 19 anos. Na linha pedagógica de Rogers, permanecem 2 a 3 anos e meio como residentes no *Campus* Belamira e nas cidades de Catu e Pojuca.

Estão mais no domínio público os trabalhos desenvolvidos nas escolas rurais alternativas e no abrigo-escola. Consideradas pelo BID como modelo de educação rural para ser ampliado no Brasil, elas se situam em Entre Rios e Mata de São João, onde se adequam às peculiaridades regionais, oferecendo ao aluno um regime de periodização ao ano letivo: durante trinta dias ficam em internamento na escola e sessenta dias em seus lares, realizando atividades rurais aprendidas na escola, que atende 700 a 1.000 alunos por ano. São residentes nos municípios de Inhambupe, Itanagra, São Sebastião do Passé, Alagoinhas, Catu, Pojuca, Mata de São João, Santo Amaro, São Francisco do Conde, Ouriçangas, Cardeal da Silva, Aporá, Entre Rios e Esplanada. São famílias não alfabetizadas que encontram, nas Escolas Tina Carvalho e Rolf Weinberg, o sonho de oferecer aos filhos melhores perspectivas.

Como a manutenção dessas escolas situa-se na faixa de 45 mil dólares mensais, sem subsídios de organismos governamentais,

tomou-se necessário buscar a auto-sustentação por meio da integração de objetivos: produzir produtos afins com as atividades agrícolas regionais, utilizando meios educativos e formativos. Ambas as escolas, contando com alta tecnologia realizada por competentes profissionais, colocam à venda no mercado, produtos agropecuários, ali cultivados e fabricados, como seus conhecidos queijos, sendo o lucro do investimento revertido na manutenção desses estabelecimentos educacionais.

O Abrigo-Escola, hoje Lar Tamina Carvalho, atende crianças de 0 a 4 anos e situa-se no Centro Industrial de Aratu, com capacidade atual para 50 leitos, podendo ser duplicada. As crianças podem ser adotadas, reintegradas à família ou transferidas para outro estabelecimento congênere. Já 130 delas foram adotadas e reintegradas. Compreendendo hoje a necessidade de expandir esta experiência, vai levá-la a várias obras da Fundação e a outras Instituições.

Para sua auto-sustentação, além das fábricas de laticínios, foi criado o famoso Tamina Park, com 36 opções de brinquedos, simulador de realidade virtual, restaurante e salão de eventos, o maior taboágua do Brasil, com a frequência de 8 mil pessoas por dia, durante a alta estação.

Não ficaram fora de sua mira os filhos dos sem-terra, para os quais doou 4.000 hectares que garantiram o assentamento de 250 famílias no Município de Esplanada.

Quanto aos meninos de rua, são assistidos numa fazenda em Mata de São João onde recebem assistência educacional e de saúde, têm acesso às atividades relacionadas com o campo, ficando longe das drogas.

O retomo está quantificado: 200 egressos da Fundação conseguiram entrar em Universidades. Trinta deles são advogados, outros são médicos e engenheiros.

Compreendendo a função social da riqueza, sempre acreditou no que afirma categoricamente: "Morrer rico é uma prova de falta de imaginação". Professor de Filosofia e Física durante algum tempo, o empresário cidadão-modelo compreendeu que existe algo além das minas materiais do seu afazer técnico. Percebe este algo

mais que lhe oferece a harmonia do seu ego com o seu *Self*, seu interior mais profundo, quando declara: "Esse é um negócio que, em vez de lucro, me dá uma grande satisfação interior. Passei todas as minhas ações para a Fundação, para evitar que, após minha morte, os diretores quisessem acabar com o trabalho social, ou seja, com a Fundação, uma vez que ela controla as outras empresas".

O pioneiro nos negócios, que foi balconista e humilde menino que desejou, um dia, abraçar o sacerdócio no Colégio Santo Inácio, no Rio de Janeiro, foi tocado pela problemática da desigualdade social e pelos problemas que impedem a tão desejada educação para todos, sobretudo no meio rural, onde pesquisas realizadas indicam que um quinto dos alunos das escolas públicas trabalham ou estão em busca de trabalho, seja como bóias-frias ou na propriedade camponesa como lavrador subalterno. O fato é que estão cada vez mais incorporados precocemente ao trabalho agrícola.

O seu modelo tem influenciado mais uma dezena de empresas privadas, sendo um dos seus principais parceiros a Bosch. Embora com recursos próprios, sem recorrer a organismos governamentais, assinou em 1995 convênio de mútua colaboração com o Tribunal de Justiça (Comissão FIJ - vinculada ao Tribunal Especial para Assuntos da Família, Infância e Juventude), possibilitando agilizar os processos de adoção das crianças do Lar da Criança Tamina Carvalho. Até fevereiro do ano em curso, aproximadamente 350 crianças de 0 a 3 anos foram adotadas.

A Fundação não atua em parceria com órgãos governamentais nem com os não-governamentais, como pode parecer numa visão superficial. Dr. José Carvalho congregou em torno de si, e é de se louvar este empreendimento, doze empresários sensibilizados pela problemática social e foi, então, fundada a ASSENDE - Associação Empresarial de Apoio ao Menor Desassistido, entidade jurídica, constituída em 1994, sem fins lucrativos, que se dedica a prestar assistência socioeducacional à criança carente, que se desenvolve sob a égide da Fundação José Carvalho, que a lidera, empresta o seu *know-how* e a inspira.

A ASSENDE sim, e não a Fundação, atua em parceria. O grande mérito da proposta educacional é o *follow-up* que permite serem os egressos encaminhados à força-trabalho, aproveitados nas empresas da ASSENDE, cujos sócios têm interesse em aproveitá-los nas suas empresas, conhecendo os seus históricos de vida, compreendendo as suas problemáticas de vida:

As parcerias com órgãos do Governo estão acontecendo, embora tenha declarado, em 1996, que “o Estado já tem suas preocupações e quem pretende prestar um trabalho filantrópico deve prover seus próprios meios de sustentação”.

Está em suas metas ir em frente, dando uma demonstração de como a iniciativa privada pode participar da solução dos graves problemas educacionais do País, ajudando na formação do homem de origem rural. A sua inconformação com a desigualdade de oportunidades o levou a refletir e agir nas causas do problema e colocá-las não só em cima do próprio sistema escolar que acompanha processos, práticas sociais de reprodução, controle e manipulação da própria desigualdade, mas também em outros fatores como: oportunidades desigualmente distribuídas por disponibilidades econômicas do País ou de algumas regiões, as quais não permitem investimentos e recursos para custeios suficientes para que todos recebam a devida educação; famílias com história clínica de baixos índices de escolaridade, de dificuldades de trabalho e, conseqüentemente, de carências de nutrição, saúde e estabilidade, as quais não demonstram interesse persistente pela educação de seus filhos.

Recebendo da Assembléia Legislativa da Bahia o título de Cidadão Baiano, foi premiado pela dedicação ao seu projeto de vida, o que o fez declarar: “Foi a melhor coisa que fiz na minha vida. A única maneira de fazer uma redistribuição de renda neste país é colocando ótimos professores nos locais pobres, porque eles vão ser agentes de mudança fortíssimos. Se não existir educação, não teremos nada”.

Sessenta dos operários da fábrica estudaram, quando crianças, nas escolas da Fundação. De cada cinco membros que se formaram nas escolas da Fundação, a empresa utilizou um.

Minhas senhoras, meus senhores, confrades acadêmicos, tive a honra - e a recebi com uma indizível alegria - de o novel acadêmico, ao cumprir determinações regimentais, me escolher para saudá-lo neste significativo momento. Dr. José Carvalho, estou certa de que sua opção por escolher-me entre tantos ilustres acadêmicos tem um motivo. Sinergicamente interligados por uma dor profunda, sabemos, ambos, o que significam as ausências, as perdas e os vazios que a morte física desencadeia nos corações de pais e o que se costuma chamar “eterna saudade”. Neste momento, permita-me envolvê-las, Denise e Mônica, na faixa vibratória que circula no finito e no infinito e as mantém vivas no cosmo, levando-nos sempre para alcançar, um dia, a plenitude de Ser.

Esta é, para nós, a grande verdade que transparece na sua obra e, neste instante, no meu coração.

Consciente das minhas responsabilidades. busquei o fio condutor do projeto de vida de um pioneiro, um humanista, um cidadão, um empresário modelo, bem-sucedido, com o trunfo da ISO 9002 há mais de cinco anos, com louvores do Governo de sua terra, consciente de que não deseja apenas fazer cartaz para sua empresa, dar-lhe um cartão de visita e crescer, ele próprio, em *status* porque o investimento social o leva a ser louvado.

Coloca-se Dr. José Carvalho como sendo do outro tipo de empresário, aquele que, mesmo sua atividade industrial nada tendo a ver com o social, mesmo com o facilitar abatimento no Imposto de Renda como vantagem, ele invente na Educação e faz tudo porque gosta, conforme suas palavras textuais. E “gosta” significa dizer porque ama guardando dentro si o mágico Eros do Alquimista que, das minas, extraiu o metal e, por ter encontrado a Pedra Filosofal, conseguiu transformá-lo em ouro.

Assim como, em criança, transformou o metal dos que custearam seus estudos em conhecimento, trouxe consigo, no mais recôndito do seu ser, a matriz. Reproduziu-a. Buscou a fórmula secreta, o **Adamo**, e a encontrou na **profunda compreensão das humanas desigualdades de oportunidades** que o cercavam. Transformou o que a terra lhe ofereceu na áurea missão da educação de crianças e jovens da Bahia que o acolheu e lhe

conferiu o título de Cidadão-modelo e à sua obra, de Empresa cidadã.

Senhores Acadêmicos:

É este o Alquimista que, neste momento, se torna um de nós, para transformar - com a sua Pedra Filosofal - o seu metálico labor de cada dia no áureo e suave conviver que a amizade proporciona aos que elegeram a Educação como a grande alquimia das suas próprias vidas. Alquimia que também é **espagíria**, palavra que vem do grego *spáo* - arrancar, e *ageiro* - reunir. Arrancado da terra o minério, ele o reuniu para beneficiar o seu país.

**Discurso de Saudação à Professora Maria Augusta Cruz
Abdon, ao receber o título de Educadora do Ano 2007 na
Academia Baiana de Educação.**

Leda Jesuíno dos Santos

Ao emitir a proposta à assembléia geral desta Academia para nossa querida Maria Augusta Cruz Abdon receber o título de educadora do ano de 2007, na realidade estava cumprindo um dever de gratidão, resgatando um débito há muito contraído, quando, na sua dinâmica e inconfundível atuação acadêmica, tomou iniciativas, enfrentou obstáculos e de certo modo definiu rumos desta instituição.

Escolhida pelo fundador desta Academia, o saudoso professor Hermano Gouveia, integrou Maria Augusta o seu quadro como membro fundador com um incomparável entusiasmo, como é da sua maneira de ser, característica relevante da sua personalidade que advém da sua força interna, inata, de realizar, de fazer com que os fatos aconteçam, de colaborar para que as instituições desenvolvam suas potencialidades de seguir sempre em frente em busca de um encontro verdadeiro com o que há de mais essencial na educação - o “eros pedagógico”, ou seja, o prazer de dar o máximo de si para ver o educando no sistema formal ou informal, conseguir Ser o que Pode Ser, o “atuar” no sentido aristotélico de Potência e Ato.

Exatamente por isso escolheu, na sua dinâmica educacional, uma das mais difíceis habilitações do curso de Pedagogia, requerendo uma gama significativa de conhecimentos de psicologia. Talvez por esta sua formação acadêmica, pela sua personalidade voltada para a compreensão do outro, decidiu, num momento crítico desta Academia, acolhê-la como sua orientanda, e muitas decisões acertadas foram tomadas sob suas sábias orientações, aliás, sempre acatadas pelo professor Hermano Gouveia em momentos oportunos e decisórios.

Maria Augusta tem uma trajetória existencial significativa, tonificada pela sua invulgar capacidade de trabalho e uma inusitada

característica humanista que é a empatia tão rara quanto necessária nos tumultuosos dias em que vivemos. No momento em que lhe é conferido um título tão honroso quanto merecido, quando a Academia Baiana de Educação se orgulha de acolhê-la no seu quadro, é oportuno lembrar o quanto é rica de paisagens a sua estrada profissional.

Licenciada em Filosofia pela UCSal, traz consigo a angústia existencial um pouco amenizada pela compreensão do básico princípio filosófico do *nosce te ipsum*, do conhece-te a ti mesmo, escrito no oráculo de Delfos na Grécia, que Sócrates incorporou ao seu pensamento incomparavelmente sábio e profundamente verdadeiro, base da psicologia atual e da educação dos nossos tempos, ou seja, o autoconhecimento exigido como princípio prioritário para o crescimento individual do ser humano.

Enveredou-se pela Psicologia para especializar-se em Orientação Educacional e encontrou aí o seu caminho; sentiu-se integrada nele, incorporou todas as suas dificuldades e lutou bravamente para que elas fossem na prática aplicadas a suas proposições teóricas.

Pós-graduou-se na UFBA, especializou-se em S. Diego na Califórnia em 1972 e, em 1983, fez um curso de especialização em Crescimento Pessoal em Québec na Universidade Laval, no Canadá. Nunca mais parou de estudar, participando ativamente de inúmeros cursos de extensão, enveredando pela Orientação Vocacional, pela Parapsicologia, pela Análise Ocupacional, viajando pelo Brasil para aperfeiçoar-se sem nenhum patrocínio ou bolsa de estudo. No Rio de Janeiro, em São Paulo, no Rio Grande do Sul, nos principais centros educacionais do Brasil, esteve Maria Augusta em busca de uma melhor *performance* profissional.

Em 1970, enfrenta o concurso da Faculdade de Educação da UFBA, concorrendo ao título de professor adjunto de Princípios e Métodos de Orientação Educacional I e II e Orientação de Estágio Supervisionado e consegue o título que certamente lhe abre as portas para a carreira universitária.

Assume a responsabilidade de professora titular de Princípios e Métodos de Orientação Educacional I e II na Faculdade de

Educação da Católica. Envereda pela área de Psicologia e ensina Psicologia nas Faculdades da 3ª Idade e de Turismo nas Faculdades Integradas Olga Mettig.

Sustenta o seu discurso acadêmico numa vasta e produtiva experiência profissional como orientadora educacional no Colégio Estadual da Bahia, no Teixeira de Freitas, no Colégio Nossa Senhora do Carmo e se sente, nesta fase, responsável por afirmar a importância da Orientação Educacional no sistema educacional da Bahia e, para isso, assume várias coordenações e chefias. É o *modus operandi* que encontra para realizar, na prática com seus alunos em estágio supervisionado, os princípios básicos de sua disciplina. Domina então Maria Augusta, o campo operacional da Orientação na Bahia, não só em Salvador.

Chefia com absoluto êxito o Núcleo de Orientação Educacional da faculdade de Educação da UFBA. Organiza cursos, promove simpósios, encontros, reuniões científicas, seminários, participa de Congressos em várias capitais do País.

Em Porto Alegre, como dirigente máximo do Centro de Orientação Educacional da Bahia, preside o VII Congresso Brasileiro de Orientação Educacional. O mesmo acontece no Ceará e em Belo Horizonte.

Em 1976, apresenta o seu trabalho em São Paulo no IV Congresso Nacional de Orientação Educacional, intitulado "Estágio Supervisionado em Orientação Educacional".

A Orientação Educacional encontrou em Maria Augusta o seu arauto. Promovendo inúmeros seminários e realizando palestras nos Colégios, nas Faculdades, nos Centros de Orientadores Educacionais, a professora Maria Augusta, entusiasta, dinâmica e com uma disposição invejável para o bom combate foi à luta e conseguiu afirmar a importância da Orientação Educacional no sistema público e particular da Bahia. Caetité, Brumado, Vitória da Conquista, outras cidades do Estado da Bahia ouviram aquela jovem mulher aparentemente frágil demonstrar, com a forma do trabalho prático, quão importante era para uma Escola instalar o SOE - Serviço de Orientação Educacional. Em 1976, publica *Orientação Educacional - Estágio Supervisionado* - UFBA-FACED, UFBA-UCSal.

A partir de 1966, acha-se pronta para aceitar cargos de alta responsabilidade que vão lançá-la na luta renhida com autoridades para defender o fortalecimento dos Serviços de Orientação Educacional.

Em 1966, assume a vice-presidência do Centro de Orientadores Educacionais da Bahia e, em 1969, a presidência para a qual foi reeleita.

Aceita logo depois, em 1981, a presidência da Associação de Orientadores Educacionais da Bahia, sendo reeleita.

Na realidade, é, sem sombra de dúvida, a mais significativa liderança da Orientação Educacional da Bahia.

Seus méritos profissionais, sua competência indiscutível, tive como testemunhar de muito perto. Na Faculdade de Educação na UFBA, as suas múltiplas atividades tornaram o núcleo de orientação dinâmico e sempre promissor.

Reconhecido o seu trabalho pelos alunos, foi sempre recompensada com a admiração e o respeito dos colegas, do corpo discente das três Faculdades de Educação onde atuou.

No entanto, a sua *performance* toma vulto quando, em 1996 o Secretário de Educação do Estado toma uma decisão difícil de ser aceita pelas lideranças educacionais.

Na última gestão governamental, a Secretaria de Educação acolheu a proposta dos Orientadores Educacionais. Não foi concretizada, porém, a sua disposição de reverter o quadro vigente.

Foi, sem dúvida, um retrocesso no processo educacional num momento decisivo.

Para a Orientadora Educacional, a professora, a líder dos movimentos construtivos e vencedores, foi mais do que uma parada no tempo... Foi um golpe demasiadamente forte para sua mente e seu coração.

A esperança, porém, não está fora das suas emoções, aquelas mesmas emoções da juventude, do início da jornada. Creio que, para Maria Augusta, a luta pela volta do SOE no sistema educacional vai continuar, por dois bons motivos. Em primeiro lugar, pelo seu *élan*, fortalecido por um ideal bem estruturado por uma vontade bastante determinada de contribuir com as suas ferramentas para a

educação do seu país.

Em segundo lugar, por perceber, com sua lucidez mental, sua formação filosófica e sua vocação de educadora, o que pode significar, para o sistema educacional, o apoio da Psicologia, na equipe interdisciplinar de uma escola, em face da “policrise” em que se encontra o mundo e que Morin - o educador deste momento difícil em que vivemos - considera uma “crise generalizada por entre as civilizações do globo e suas ramificações estão presentes em todas as áreas e esferas do saber em todos os domínios da ciência”.

A educação, como não pode deixar de ser, ao sofrer o reflexo desta crise dentro da chamada “agonia planetária”, sustenta-se nos ombros dos que ainda crêem para ver, aqueles que são os “animadores”, que podem compreender que o ser humano, através da educação, é capaz de reformular sem pensamento e refletir-se conscientemente.

A nossa querida Maria Augusta, que viveu conosco a experiência das classes experimentais no Colégio Central, assumindo o controle do Serviço de Orientação Educacional, com a colaboração de uma excelente psicóloga que foi Alice Costa, e que também conosco “aprendeu a aprender aprendendo”, e aprendeu também a desaprender; a professora ilustre de várias décadas de vivência educacionais, sabe, mais do que qualquer um de nós, o quanto precisam os nossos jovens de orientação, de um norte, de apoio e compreensão, hoje mais do que nunca.

Talvez por isso tenha assumindo a presidência do Rotary Club da Bahia Leste após seus cinco anos de rotariana. Conseguiu, então, num clube de serviço, desenvolver um trabalho através de um projeto educacional.

Como vice-presidente desta Academia, a professora Maria Augusta esforçou-se durante cinco anos - de 1992 a 1997 -, para colaborar, oferecendo o melhor de si mesma, seja no seu espinhoso desempenho de Tesouraria, seja na sua incomparável disponibilidade para atuar nos momentos mais críticos.

Esteve sempre a postos como educadora, desenvolvendo a “ética da solidariedade” e ternamente humana, continua conosco,

graças aos Céus.

Acreditamos que a nossa ilustre acadêmica Maria Augusta Cruz Abdon recebe, hoje, o título de Educadora do Ano, não só pelo que conseguiu realizar, mas também, e principalmente, por pertencer ao grupo de educadores citados por Morin, que acreditam que, apesar de as instituições bloquearem suas iniciativas, um dia suas idéias vingarão.

Educadores que estão conscientes da crise em que estamos todos mergulhados e a encaram não com desespero, mas com vontade de superação; educadores que compreendem que a crise é mutação, faz parte do processo de desenvolvimento, de crescimento, desenvolvem no pensamento um otimismo crítico, reflexivo, e acham necessário que, como educadores, devem compreender na “agonia planetária” em que se encontram, que o homem é “um ‘ser terrestre’ e habitante de um todo planetário, cuja complexidade lhe permite vislumbrar a necessidade e a urgência de solidarizar-se com o Universo”.

Encontramos no âmago, no eu profundo da nossa homenagem o substratum necessário para a incluir no sonho de Morin - formar educadores para enfrentar com “consciência reflexiva” e a “ética da solidariedade”, a esclerose crítica que nos bloqueia.

Encontramos, na professora, o “eros pedagógico”, na orientadora, um dos mais raros pré-requisitos, a humildade, na Acadêmica, a constante solidariedade. Com estas características, tem credenciais para ser considerada uma Educadora do Ano e de sempre, capaz de perceber o outro, e ajudá-lo a Ser, a Fazer, a Conviver, a Amar.

Na sua vida pessoal, revelou-se a esposa compreensiva e generosa, tentando conviver com serenidade e determinação, superando a maternidade que não ocorreu com o amor pelo sobrinho querido que está hoje em outra dimensão do infinito.

Conheceu o amor na sua plenitude porque amou e foi profundamente amada numa família numerosa que até hoje a circunda com alegria e admiração.

Conhecendo o amor, pôde amar - que é, sem dúvida, o supremo bem da vida.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO À PROFESSORA MARIA ANÁLIA COSTA MOURA NA POSSE DA CADEIRA N.º 8

Leda Jesuíno dos Santos¹

Ao ser honrada pelos meus pares que endossaram a indicação do Dr. Jorge Calmon – nosso ilustre e admirável mestre maior –, oficializada pelo Dr. Jair Santos, eficiente e querido ex-Presidente desta Academia, para introduzir a Professora Maria Anália Costa Moura ao convívio acadêmico desta Casa, o faço com a plena convicção de que, neste significativo momento, devo recorrer à filosofia e à psicologia transpessoal, preferências definidas e comuns ao nosso conviver durante longos e vividos quarenta anos universitários, na areia movediça e complexa da educação, concebida como ciência aplicada, fundamentando-se nos postulados básicos das ciências que lhe dão suporte.

Acredito que, neste aqui e agora, o que for dito estará envolvido numa concepção holográfica do Universo e, consequentemente, numa visão holística da educação, que serve de base à constante atuação da nossa querida Professora

Maria Anália, no panorama educacional da Bahia, onde pontifica com a sua com a sua indiscutível capacidade de assumir a responsabilidade de Ser o que se espera que ela seja, nos momentos decisivos de tensão, quando as instituições onde trabalha precisam de sua eficiente colaboração.

Heisenberg, célebre Prêmio Nobel, desencadeou uma mudança de paradigma na história do conhecimento humano, demonstrando, diz-nos o Dr. Biase 1 célebre neurocirurgião holístico que “a consciência humana desempenha um papel fundamental nos experimentos atômicos, determinando as propriedades dos fenômenos durante o processo de observação”, concepção esta comprovada e formalizada no seu célebre “Princípio da Incerteza”.

1 A Professora Leda Jesuino dos Santos é Professora Emérita da Universidade Federal da Bahia e Presidente de Honra da Academia Baiana de Educação.

Isto significa que, na física atômica, não pode mais ser mantida a nítida divisão cartesiana entre Matéria e Mente, entre o observado e o observador.

interação onde os ideais de ambos os sujeitos podem modificar a realidade.

Nesse instante, como observador em função de tratar do observado, que é a trajetória da educadora em pauta de análise, a dicotomia se torna difícil e o princípio quantitativo de exata fidedignidade dos fatos pode ser substituído pelo qualitativo, que é a forte interação entre o observador e o observado, o que torna impossível falar de Maria Anália sem falar de mim mesma.

Uma vez que, nas teorias mais atuais que procuram fundamentar o conceito e as técnicas da pesquisa, está bem clarificado que “as crenças e os valores das pessoas determinam o que se pode considerar como fatos que, por natureza, estão intimamente imbrincados com valores” estes valores “devem ser uma parte integrante de todo o processo de qualquer pesquisa”.²

E mais ainda, se o estudo do ser humano é o estudo de atores morais, ou seja, de pessoas que agem na base de seus próprios valores e disposições, é impossível adotar uma postura distante no processo de compreensão da ação humana.

E uma vez que o principal critério do pesquisador qualitativo é a validade, incidirá sempre o nosso discurso sobre a atuação da Professora Maria Anália, em face do contexto sociocultural e do modo que, como ator social, o percebeu nas condições do meio em que viveu e ainda vive.

²Márcia Linhares Barreto. As quarelas ideológicas da metodologia contemporânea. Paradoxa, ano II, n.º 3, abri/jun, 1996.

Parece ser a verdade primeira da sua grande percepção da importância de o processo ensino-aprendizagem que não pode ser, jamais pensado como independente da construção moral e ética do sujeito, sempre estabelecendo um forte vínculo entre esta construção ética e o processo de educação escolar.

Como Spinoza, distinguiu a ética da moralidade, não confundindo o conjunto de deveres, que se impõe ao sujeito durante o seu desenvolvimento, com a ética que é o modo próprio do sujeito ser no mundo.

E, talvez por isso, manteve com a filosofia um vínculo que a tornou apaixonada pela verdade total do homem e da sua presença, e por um empenho sério na construção de um mundo mais humano. Acreditou sempre que, com a ética, torna-se evidente a possibilidade de liberdade do sujeito em cumprir, de um modo único, o seu próprio destino, recuperando o sentido de estilo e singularidade, pelo despertar da sua própria consciência.

Essas verdades que Maria Anália trazia no bojo do seu próprio ser, tornaram-se realidades concretas para mim quando, nas décadas de 40 e 50, pontificava na UFBA o mais Magnífico dos Reitores, Dr. Edgard Santos, e a Faculdade de Filosofia abria então, suas portas para receber uma plêiade de intelectuais recrutados pelo sonho de Isaías Alves para ministrar aulas a jovens que, naquele momento histórico vivenciavam toda a problemática da Segunda Guerra Mundial e se inscreviam nos seus mais variados cursos, buscando, ao ampliar seus conhecimentos, um mercado de trabalho ocupado, na época, por ilustres médicos, renomados engenheiros e advogados, e cultos religiosos – Padres e Pastores – que ensinavam as várias disciplinas do currículo escolar, nas áreas exatas e humanas.

Na década de 50, Maria Anália diploma-se em Geografia e História pela novel Faculdade de Filosofia que já integrava, então, a Universidade da Bahia, depois Universidade Federal da Bahia, e em 1970 diploma-se, também, em Pedagogia, na Universidade Católica de Salvador.

Mas, foi em 1957 que passou a lecionar no Colégio de Aplicação, com excelente desempenho profissional.

E foi, exatamente, em 1957 que o Dr. Isaías Alves não me solicitou determinou-me (era o tempo do *magister dixit*) assumir a direção do Colégio de Aplicação, por impossibilidade da Professora Martha Dantas e sua irmã Madalena continuarem no cargo, o que significava para mim uma revolucionária mudança de vida profissional.

Como lecionava História da Filosofia e Metafísica, deixei o Departamento de Filosofia para me dedicar ao Colégio de Aplicação pois minha vida familiar com dois filhos me exigia presença e dedicação, não permitindo acumular funções.

Foi então que o Mestre Isaías, valendo-se da sua autoridade me informou que iria me assessorar, diretamente, uma jovem licenciada com a qual ele já havia contatado...

Eu iria, pois, contar, num cargo de confiança, com uma profissional que eu não conhecia, a não ser através de referências elogiosas. Ao ser apresentada à Professora Maria Anália deparei-me com uma jovem exuberante, extremamente sensível, muito bem trajada, devidamente maquiada e muito bonita. Confesso que a minha experiência nos cursos secundários, no Colégio 2 de Julho, Costa Pinto e Ypiranga trouxe à minha memória, os bilhetinhos de declaração de amor que recebia dos meus alunos de 11, 12, 15 anos. Eu tão descuidada de mim mesma!

E me preocupei. Esta jovem vai me trazer complicações, pensei. Sua palavra fluente, sua beleza marcante, acentuadas pelo cuidados dos detalhes, precisariam ser sustentadas por um equilíbrio interno que pudesse, diante dos alunos do Colégio de Aplicação, na faixa de 11 a 18 anos, despertar admiração sem sedução.

Precisaria impor o respeito necessário para ser amada com a devida e regulamentar distância, sem se deixar influenciar pelos arroubos juvenis diante dela.

No contexto atual, talvez, os senhores estejam esquecidos do que ocorria, há quarenta anos, quando os alunos se apaixonavam pelas professoras, quando, nas Faculdades, poucas mulheres ingressavam e, no corpo docente dos colégios, predominava o elemento masculino.

Maria Anália assumiu a sua responsabilidade com magistral desempenho e, no exercício docente referente às disciplinas de formação específica em Geografia e na formação pedagógica no concernente à Didática, Metodologia e Prática de Ensino deu uma valiosa contribuição.

Não estava, porém, fadada a permanecer na microeducação e entrou na complexa área da macroeducação, com segurança.

No convívio do Colégio de Aplicação, sobretudo com o Colegiado de Professores Assistentes de Didática, que tive a honra de presidir, muitos conceitos foram firmados no trato cotidiano, com a filosofia desenvolvida num ambiente revolucionário onde pontificavam Alice Costa, Rosa Florence, Waldir Freitas de Oliveira, Martha Dantas, Julieta Fahel Guimarães, Cora Pedreira, Judith Endraos, Maurício Raynal, Aracy Esteves, Therezinha Guimarães. Nas salas de aula daquele velho casarão que o fogo consumiu em poucos minutos, firmou conceito sobre a sala de aula que até hoje a caracteriza, e que assim pode ser formulado: é naquele espaço (a sala de aula), mais ou menos sagrado, que se realiza o encontro dos seres nos saberes, nos conteúdos, nas técnicas, mas, sobretudo, na importância da vontade política do professor/educador, em razão de exigir-lhe, antes de qualquer ação de mudança, a realização de uma autocrítica, uma análise íntima de sua atividade profissional perante suas turmas, uma avaliação do seu desempenho diante da clientela que lhe é entregue a cada ano, da qual muitos que a compõem nada mais se tornam do que desenhistas de seus próprios nomes – rótulos identificadores do “ele”.

Incorporou, para atuar ao longo de sua vida profissional, que a personalidade do Educador está acima da verdade absoluta do livro didático, e o que mais se desenvolveu no Colégio de Aplicação: ensinar a pensar, refletir, chegar a conclusões pautadas no âmbito de sua incipiente experiência de vida.

Na linguagem pedagógica atual, significa dar início a um novo processo de metamorfose do ouvinte-aluno – ele – simples coadjuvante, em aluno-receptor - o tu -, alternante do aluno-sujeito, o eu, co-participante, co-responsável pelo seu (dele) crescimento

intelectual e pelo do docente, no plano pedagógico-educacional. No falar de Adaleda Oliveira, Doutora da UERJ, trata-se de fazer o aluno “emergir de sua de sua posição inicial de anonimia e participar, com satisfação do desabrochar de sua individualidade”³.

Com essa visão de mundo, sua própria Weltanschauung, como dizem os filósofos alemães, Maria Anália partiu para brilhar além do Colégio de Aplicação e da Faculdade de Filosofia. Os cargos foram e ainda são muitos, na Universidade Católica, na Secretaria da Educação, na Faculdade de Educação da Bahia, na Faculdade da Terceira Idade, no Instituto Central de Educação Isaías Alves, no Centro de Estudos de Pós Graduação Olga Mettig, atuando na micro e na macro educação, no sistema oficial e particular de ensino, ora no exercício pleno da docência, ora em assessorias às Faculdades de Educação, como líder, nos colegiados de implementação de serviços de Coordenação pedagógica, ora em pesquisas sobre Avaliação Curricular, como no Projeto de Pesquisa Educacional Urbana (Proped), ou Avaliação sobre Recursos Humanos atuantes nas Escolas Polivalentes, ora dentro da área de Supervisão.

Em co-autoria com a Secretaria de Educação publica o livro **Um modelo de Supervisão Educacional para o 1º Grau**, em 1975, e, em 1978 lança um outro **Um Projeto Experimental para a Supervisão Educacional**. Ligada às origens, em 1974, Publica **Estudos Sociais**, Editora **Ao livro Técnico**.

Em todos os cargos e funções desenvolveu a Liderança, a leitura, o estudo, as reflexões e cultivou os grandes valores humanos: a amizade, a solidariedade, a generosidade e o exercício do perdão, com a finalidade de contribuir para a estruturação do ser humano.

3 Adaleda de Mattos Oliveira. Transformar o Ele em EU: o objetivo esquecido da educação. Paradoxa, ano II, n. 3, abr./ jun. 1996. p.81.

Após a convivência diuturna com Maria Anália, no Colégio de aplicação, somente alguns anos depois, nas décadas de 60 e 70, pudemos estar próximas, na Faculdade de Educação da UFBA,

em várias atividades, no Conselho Estadual de Educação, como Conselheiras e na Pró-Reitoria da UFBA, quando ela, então Diretora da Faculdade de Educação, era membro do Conselho Universitário. Neste período efervescente da UFBA Sua vida profissional atingiu o ápice, com as conseqüentes responsabilidades. E vale a pena lembrar o que representou, em nossas vidas, o reitorado do Dr. Roberto Santos e a Reforma Universitária.

Foi neste momento efervescente da UFBA que Maria Anália assumiu, acredito, as suas maiores responsabilidades, aceitando muitos desafios que, na letra fria do seu currículo não estão e nem poderiam estar ressaltados. O que o esforço dependido representou em sua vida para assumir a Coordenação Geral dos Cursos promovidos pelo Programa de Expansão e Melhoria do Ensino – PREMEN, visando à graduação, em regime de Curta Duração de Professores Polivalentes, de Pessoal Técnico-Pedagógico e Administrativo, enfrentando mil e poucos alunos, no período de quatro anos, é por demais significativo para ser comentado neste falar breve e sucinto.

Como a compreensão de uma ação particular requer a compreensão do significado-contexto, no qual ela se dá, torna-se imprescindível registrar o clima da UFBA quando os cursos da Faculdade de Filosofia foram desmembrados nos Institutos Básicos, permanecendo apenas Filosofia, Psicologia, Ciências Sociais e cabendo à Faculdade de Educação englobar o curso de Pedagogia, o Centro de Ciências da Bahia e o Programa de Lingüística Aplicada. Nesta urgente tarefa, a Professora Maria Anália responde presente, com espírito de solidariedade humana, demonstrando sempre que as crenças e os valores das pessoas determinam o que se pode considerar como fatos.

E, naquele momento, posso testemunhar que, talvez inspirada na música erudita que foi sempre sua preferência, ouvindo Bach e Beethoven, ou mesmo nos poemas de Cecília Meireles, Fernando Pessoa e Thiago de Melo, aquela mulher cuidada e já não tão jovem, debruçou-se sobre a mesa de trabalho como jamais, creio, fizera antes. Tanto é verdade que ela própria considera o PREMEN como a sua Pós-Graduação em excelência. E da sua

pena saíram os planejamentos, os pareceres de assessoramento, documentos institucionais como Estatutos, regimentos e instruções.

E da sua linguagem tão própria e tão sua, foram emitidos muitos pronunciamentos nos congressos, seminários, encontros, no âmbito da UFBA, da UCSAL, da Secretaria da Educação e, também, do MEC.

Atuando nos três níveis – no 1º, no 2º e no 3º Graus – nos três sistemas – o Municipal, o Estadual e o Federal, nas três Faculdades de Educação, em Salvador, nas Faculdades mais especializadas de Turismo e da Terceira Idade, na Graduação e na Pós-Graduação, pois integra o corpo docente do Centro de Estudos de Pós-Graduação, Maria Anália somou trinta anos de exercício da docência em educação, vinte anos na Administração Superior da UFBA, nas instâncias de Diretora da Faculdade de Educação, Vice-Diretora, Coordenadora de Colegiado de Curso, Chefe de Departamento, Presidente do Conselho Departamental e Congregação, quatro anos no Exercício de atividades técnico-pedagógicas que a prepararam para, mais além, num salto quântico, sentir mais do que compreender a dinâmica do ser humano rumo à transcendência.

E tornou a sua paixão pela educação em amor pleno e total pela estruturação do Ser humano. Auto-educou-se no processo de educar o outro. Só que, no momento atual, embora ainda em plena atividade docente e legislando nos dois Conselhos de Educação – Municipal e o Estadual, compreende mais do que nunca a minha posição Pessoal de que pronunciamentos sobre Educação não estão conseguindo trilhar outros caminhos exploratórios senão os já redundantemente percorridos.

“O campo em que o manifestante costuma movimentar-se na ação acusatória da desatenção do governo e da sociedade ao problema e no conseqüente reconhecimento das dificuldades pedagógicas e estruturais por que passa o corpo docente, permanece circunscrito aos limites da superficialidade indesejável, não condizente com a complexidade e abrangência do problema”. Esta afirmativa da Doutora da Faculdade de Educação da UERJ⁴, no seu brilhante artigo “Transformar o Ele em Eu: o objetivo

esquecido da educação”, parece ser a tônica do pensamento da Professora Maria Anália.

Ela defende o princípio de que é preponderante para a formação do cidadão tornar-se sujeito do seu próprio discurso. Na monocrômica paisagem humana de uma sala de aula se reflete o fenômeno da realidade social urbana da atualidade: descaracterização do indivíduo.

E, porque assim pensa, acercou-se da Educação Holística Transdisciplinar e Transpessoal, em 1993, matriculando-se no curso do Núcleo Transdisciplinar e de Integração da UNEB. Numa visão Integradora e Espiritualista, aceita o universo mais como uma grande mente do que como uma grande máquina, e que o Cérebro e o Universo, Micro e Macrocosmo, são duas faces de uma mesma realidade Intrinsecamente interconectadas.

Humanista, por certo acompanha Alberto Einstein nesta declaração corajosa: “a humanidade tem toda razão em colocar os arautos dos elevados padrões morais e valores acima dos descobridores da realidade objetiva. Aquilo que a humanidade deve a Seres como Buda, Moisés e Jesus está, para mim, num plano mais elevado do que as realizações das mentes indagadoras e construtivas.”

Esposa e Mãe, fez do seu lar o reservado e intocável recanto de aprofundamento e mergulho no seu próprio universo de idéias e ideais. Recorreu à prece, através dos Beneditinos e D. Jerônimo lhe deu suporte. Foi sempre em busca de Deus e fez da sua Palavra o instrumento básico de sua missão na terra que foi, e continua sendo, sem dúvida, a de arar o terreno arenoso da educação.

4 Adaleda de Mattos Oliveira, op. cit., pg. 81.

Sabe, nas suas noites solitárias, que com um bom coração pode-se mudar o mundo, que é a tese orientalista de Sathia Sai Baba. E estamos dentro de uma nova ética humanística. Não está, a Professora Maria Anália, distante dos mais recentes ângulos da educação da Nova Era. Sabe, como Franz Capra, que a consciência

ecológica que emergiu de forma instintiva e espontânea durante os movimentos contraculturais dos anos sessenta, é espiritual em sua essência, pois espiritualidade, diferentemente de religiosidade (que traz a conotação de algo ritualizado), é o modo de consciência em que nos sentimos unidos ao Cosmo como um todo, e a ecologia nos une à Gaia e ao Cosmo.

Conhece a Global Education e a todos os movimentos da Universidade da Paz, onde Pierre Weil e Leloup lutam e pontificam.

Percebe que o montante de investimentos nas áreas da Educação, Ciência e Tecnologia ainda está muito aquém das necessidades sociodesenvolvimentistas dos países do Mercosul. Com uma participação de, aproximadamente, 1,5% do comércio internacional, estes países, segundo dados das Nações Unidas, representam menos de 0,3% do total mundial aplicado à educação e à pesquisa científica. E lamenta que ainda não haja uma política educacional moderna, dinâmica e integrada. Não só sabe, mas sente e exatamente por isso que penetra, agora, nos umbrais desta Academia, para servir à causa que a trouxe até nós: a educação do seu país.

PRONUNCIAMENTO EM NOME DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO PARA OLGA METTIG EM 27 DE ABRIL DE 2007

Leda Jesuíno dos Santos

Toda esta festa se resume num reconhecimento, mais do que ao trabalho, mais do que a educação, além do louvor merecido dos encômios meritórios, o reconhecimento como um dever de gratidão a uma extraordinária mulher que liderou com força e serenidade, que soube entregar sua vida a um ideal, que se concretizou na sua caminhada e principalmente no seu coração.

A Academia Baiana de Educação não apenas se associa, mas e sobretudo deseja deixar marcado neste momento a sua participação honrosa, sua presença, interagindo com entusiasmo nesta homenagem significativa a nossa confreira emérita: professora Olga Mettig.

Tivemos a ventura de encontrar na nossa sala de aula, como aluna dedicada e atenta a figura hoje homenageada de Olga, assistindo com invulgar interesse o que apresentávamos nas nossas elucubrações filosóficas no curso de Filosofia da UFBA naquelas tardes amenas da década de 50, no velho casarão de Nazaré, onde a Faculdade de Filosofia iniciou seus primeiros passos com 40 alunos e ilustres professores.

Olga já era uma professora conhecida que tinha ao seu lado como colega nosso aluno Sá Teles o nosso atual confrade.

Éramos muito jovens naquela época e confessamos que não sabíamos, no nosso íntimo, se conseguiríamos cumprir a missão de ensinar a alunos tão diferenciados.

Conhecemos então, a personalidade de Olga que sempre nos surpreendeu pela humildade, pela a sua dedicação constante às leituras que exigíamos com rigor, pela compreensão exigida do raciocínio lógico dos textos de Platão e Aristóteles.

A suavidade encantadora com que sua palavra chegava

sempre aos seus alunos, professores, amigos nunca comprometeram a logicidade de suas idéias e a firmeza dos seus ideais. Muito ao contrário, fortaleceram a sua liderança, sua posição definida e sua coragem de enfrentar as dificuldades.

Soube ser aluna, mestra, amiga, colega, orientadora, conselheira e sobretudo magnânima: Assim foi com a Academia Baiana de Educação, acolhendo-a no seu seio, na sua casa, na sua Faculdade, no seu coração todo o tempo que foi preciso, colaborando sempre com a sua presença atuante e serena.

A Academia Baiana de Educação presta hoje um preito de gratidão a uma educadora emérita, a uma mulher de presença singular, a alguém que vivenciou o fato educacional na sua pele, nos seus sentidos, na sua mente, no seu espírito, no seu coração.

Para ela "*sursum corda*"

PREMIAÇÕES PRELIMINARES

Leda Jesuíno dos Santos

Em um dos seus últimos pronunciamentos, sempre tranqüilo, comunicativo, interagindo com a assistência, Edivaldo Boaventura emitiu um conceito que retomo agora para ressaltar a importância de dois eventos significativos para a área de Educação: “Não premiar é punir”.

O silêncio que sucede a determinadas iniciativas de órgãos públicos ou privados, de pessoas tituladas ou não, sempre deixa, no tempo e no espaço, um vazio que incomoda e às vezes tortura e entristece. Pior, desestimula.

No mês de outubro chuvoso de 2006, a Faculdade Dois de Julho promoveu a II Conferência Jaime Wright de Promotores da PAZ e dos Direitos Humanos, escolhendo um tema altamente relevante e atual: A Cidade e os Direitos Humanos.

Da programação, constou a conferência de Rubem César (Viva Rio), além de mesas-redondas de renomados especialistas sobre os temas: “Direito à cidade e à cidadania”, “Comunicação e cultura nas cidades brasileiras” e “Construindo a cidade de todos e para todos: inclusão social e gestão pública”. Com uma conferência do jurista Dalmo Dallari, houve a outorga do Prêmio Jaime Wright de Promotores da Paz e dos Direitos Humanos. Devendo ser conferido a pessoas e entidades comprometidas com a criação de uma sociedade fundamentada na solidariedade e paz, foi entregue ao Irmão Henrique, “Peregrino da Trindade”, e ao Fórum Comunitário de Combate à Violência (FCCV).

Irmão Henrique, desde 1989, decidiu viver ao lado dos moradores de rua, para conhecer o drama das pessoas sem abrigo, a fim de ajudá-las a recuperar a identidade e a auto-estima. Monge da Igreja Católica, veio morar na Bahia em 2000, já diplomado em Filosofia e Teologia, deixando a França, sua terra natal, para adotar uma igreja abandonada na Cidade Baixa, que hoje acolhe 35 pessoas. Conhecido como o “Peregrino da Trindade”, Irmão Henrique

tem conseguido amparar os necessitados e faz questão de informar que sua comunidade é ecumênica, aberta a vários voluntários, que colaboram com o projeto que já recuperou centenas de dependentes químicos e com outros problemas. São psicólogos, terapeutas anônimos que integram a comunidade.

Ao receber o prêmio Jaime Wright 2006, Irmão Henrique apresentou-se com vários membros da sua comunidade, cantando o poema “Alegria da rua”, escrito em francês e traduzido, o que emocionou profundamente a assistência.

Também foi premiado, nesta ocasião, o Fórum Comunitário de Combate à Violência, entidade criada em 1996, já tendo atendido mais de 2.000 pessoas. O Fórum se fundamenta na constatação de que a violência é um problema prioritário de saúde. Tânia Cordeiro e Suzana Varjão representam a entidade, que conta com o apoio da Unicef-Unesco e toma como embasamento pesquisas que demonstram ser a violência a primeira causa mortis na faixa etária de 15 a 19 anos.

A Tânia Cordeiro e à jornalista Suzana Varjão, que, com denodo e coragem, enfrentam a marginalização das famílias das vítimas da violência, foi conferido o prêmio Jaime Wright, com justiça e profundo reconhecimento.

O prêmio Jaime Wright é uma homenagem ao Reverendo Wright, que trabalhou ao lado de Dom Paulo Evaristo Arns, da Arquidiocese de São Paulo, tendo desenvolvido inúmeras atividades em prol da defesa dos Direitos Humanos.

Ao diretor da Faculdade Dois de Julho, professor Josué Mello, os educadores agradecem a iniciativa, como estímulo e reconhecimento dos seus incômodos esforços para premiar atitudes que contribuem para incentivar valores como solidariedade, direitos humanos e cidadania.

O mais significativo é que, neste período, outras premiações incentivaram aqueles que militam na área educacional e não estão acostumados aos reconhecimentos estimuladores. Um delas foi decorrente da iniciativa da *Folha Dirigida*, em parceria com a Associação Baiana de Imprensa e a Academia Baiana de Educação, que promoveu uma votação entre 600 professores e educadores dos

mais atuantes para escolher três educadores e uma instituição educacional que se houvessem distinguido pela sua atuação e seu desempenho no âmbito de educação na Bahia. Vencedores foram Naomar Almeida, Magnífico Reitor da UFBA, Edivaldo Boaventura, Professor Emérito da UFBA, e Ney Campelo, Secretário Municipal de Educação, além da Universidade Federal da Bahia como instituição.

Numa solenidade realizada no Palácio da Aclamação e promovida pela *Folha Dirigida*, foram entregues os prêmios que, sem nenhuma dúvida, representaram estímulo e reconhecimento, não só para os premiados, mas também para os que, de há muito, militam na área da Educação.

Mais premiações se sucederam. O Parlamento Mundial para Segurança e PAZ reuniu personalidades da mais alta significação para a sociedade local a fim de entregar-lhes o Decreto-Diploma de consagração e a **Medalha de Ouro "O Pacificador da ONU Sérgio Vieira de Melo"**. A solenidade ocorreu no salão da Fecomércio, na Casa do Comércio estando presentes o Rev. Mons. Victor Bung, a Delegação Brasileira, através do seu Embaixador At-Large e Ministro Plenipotenciário, Rev. Mons. Luiz Antônio do Nascimento, o Deputado do Parlamento Mundial para Segurança e Paz e Presidente da Gênera - Inteligência Social, Leopoldo de Albuquerque. Entre as personalidades agraciadas, estavam o Reitor da Unifacs, Professor Manoel Joaquim Fernandes de Barros Sobrinho, a Superintendente das Obras Sociais Irmã Dulce, Maria Rita Lopes Pontes, o Secretário do Trabalho do Estado da Bahia, Eduardo Santos, o Superintendente de Relações Institucionais do Liceu de Artes e Ofício da Bahia, Nelson Issa, o Presidente da Fifa - Alagoas, José Carlos Andrade a Presidente da Associação Comercial da Bahia Lise Weckerle, o Presidente da Fecomércio Carlos Amaral, o Presidente da FIEB, Jorge Lins Ferreira, o Presidente do Instituto Newton Rique, o representante da Fundação A vena Brasil Nordeste Neylar Vilar Lins.

Noites marcantes estas que assinalam a maior compreensão da sociedade sobre determinadas ações, às vezes inusitadas, aparentemente esdrúxulas, que são significativas respostas a problemas

sociais de difíceis soluções.

Muitas são as controvérsias, as polêmicas, as considerações, de natureza pedagógica, psicológica e ética, sobre premiação. As medalhas foram praticamente retiradas das escolas, inclusive as notas milimétricas quando se aprovava ou reprovava por décimos e centésimos. No entanto, o método comparativo foi imposto ao homem desde que sua capacidade de análise e discernimento se aprimorou na proporção dos obstáculos que se apresentaram no seu caminhar pelas trilhas existenciais, que se lhes apresentam cada vez mais complexas e bipolares. A premiação é um tema bipolar. Não é sem razão que se concebe premiar como excluir, porquanto toda escolha implica exclusão. No entanto, os excluídos de hoje, se estimulados, poderão ser os premiados de amanhã, e assim sucessivamente.

O importante é compreender que “o fazer o melhor possível” não deve estar condicionado à premiação, nem ao reconhecimento, que poderão vir ou não, a depender de aleatórias circunstâncias imponderáveis. Premiar é também reconhecer méritos que, às vezes ocultos nas sombras da humildade, não aparecem aos olhos de todos, sobretudo daqueles que ainda estão aprendendo a ver, pois não se pode atribuir a todos “olhos para ver e ouvidos para ouvir”, como desejava Jesus.

Neste ano de 2007, a *Folha Dirigida*, a Academia Baiana de Educação e a Associação Baiana de Imprensa promove, mais uma vez, a oportunidade de premiar dois educadores e uma instituição educacional, o que representa um grande incentivo para a área educacional.

DISCURSO PERSONALIDADE EDUCACIONAL 2007 (Folha Dirigida)

Leda Jesuíno dos Santos

Ao saudar os que compõem a mesa diretora dos trabalhos desta noite, quero congratular-me com a iniciativa dos que promovem este evento por se posicionarem inteiramente de acordo com um pensamento que se tornou a epígrafe deste momento; “não premiar é punir” - frase com que meu querido amigo e irmão Dr. Edivaldo Boaventura iniciou o seu discurso ao receber, o título de Personalidade Educacional de 2006, a justa homenagem que destacou seu perfil de educador como lídima e vigorosa expressão no panorama educacional da Bahia. Amigo, conselheiro, colega, colaborador, humanista, Edivaldo sempre foi e continua sendo aquele educador que honra e prestigia qualquer instituição a que se integre. Nesta noite, partilho com ele as emoções deste momento e o faço participante de muitas das minhas “aventuras educacionais” para as quais a UFBA me designou, sobretudo da maior delas - a implantação da Faculdade de Educação.

Sinto-me honrosamente premiada por ser Amélia Rodrigues a grande homenageada desta noite, escolhida entre muitas para estimular, com a sua trajetória, os educadores de amanhã. Parabenizando as instituições organizadoras pela escolha do seu nome, destaco a importância de sua contribuição e aproveito o ensejo para agradecer a presença de colegas, alunos, amigos, colaboradores do Conselho Estadual de Educação, confrades e congreiras da Academia Baiana de Educação, conselheiros da Fundação 2 de Julho, da Fundação José Carvalho, colaboradores da Escola Estadual Leda Jesuíno e da Escola Satélite, das instituições pelas quais dei o melhor de mim para que seus objetivos fossem cumpridos: Mobral, Rondon, Bandeirantismo, Lar Franco Belcaro, Instituto de Cegos da Bahia, Escola de Serviço Social da UCSal., e tantas outras.

Educação é uma palavra densa e tensa. Expressa um con-

ceito extremamente complexo, carregando, no seu bojo, um significativo acervo de questionamentos, de contradições e divergências e, às vezes, até de aporias, dificuldades que conduzem às tensões pela; impossibilidade de viabilizar as prováveis soluções.

No entanto, ela traz consigo uma certa magia embutida no Sonho e na Esperança do Homem, porque expressa um conceito ao qual se apegam os que acreditam na validade plena da necessidade de utopia (lembro o grande livro de Pierre Fuster - *A Utopia e a educação*), aqueles que aceitam o “crer para ver” e, de certo modo, não estão apegados ao “ver para crer” do mundo hodierno, materialista e pragmático. São os idealistas não ingênuos, mas criticamente otimistas, como diz Paulo Freire.

E, como está circundada por muitas áreas do Saber, tanto as ciências exatas quanto as sociais, suas interfaces são muito tênues e extremamente sutis. É, portanto, multifacetada e, por isso mesmo, o fato educacional não acontece dentro de um espaço limitado de um tempo definido: a educação é continuada. Bem ao contrário, está acontecendo a todo momento e em toda parte, todos educando todos e ninguém especificamente educando ninguém.

Muitos estão ensinando e muitos estão aprendendo no lar, na escola, no parque, no cinema, na piscina, no casebre, no palácio, embaixo das árvores. Poucos, muito poucos, estão “aprendendo a aprender aprendendo”, e raros, raríssimos, estão aprendendo a desaprender.

O grande equívoco do início do século passado de só aceitar como legítima a educação formal levou Paulo Freire a confessar que, muitas vezes, ao desenvolver suas experiências de educação comunitária, não foi considerado um educador e seu trabalho analisado como não sendo educacional e, sim, meramente político. Mesmo nos Estados Unidos, o educador Myles Horton declarou que as pessoas tinham a maior dúvida se havia educação fora da escola e diziam: “Bem; pode ser que haja alguma coisa fora das escolas que possamos chamar educação”. E confessa que as grandes instituições educacionais nunca o convidavam para proferir conferências. De certo modo, era excluído.

Esta situação apresentada por dois grandes educadores de

continentes distantes nos dá uma idéia de como é delicada a interface da educação com a política e com a economia como consequência, e como é difícil aprender a desaprender.

No entanto, não só o seu interagir com as várias áreas do conhecimento constitui um dos seus grandes problemas. Dentre muitos outros, ela se depara sempre com a necessidade constante do suporte da filosofia e de três ciências básicas: a psicologia, a sociologia e a antropologia, ansiando pela interdisciplinaridade epistemológica para esclarecer, tornar límpido, sem jaças, o seu próprio conceito: o que é educação, o que é realmente **educar**. Num dos seus últimos livros, Paulo Freire declara: “para mim, é impossível separar. Ao educar, ensino, ao ensinar, educo”.

A partir da análise etimológica do seu conceito, educar - *educere* - é tirar de dentro do educando o seu potencial pela maiêutica socrática e, atravessando os séculos, ainda a educação está envolvida em polêmicas, ideologias, dúvidas, quando questionada sobre a sua utilidade, seus métodos e técnicas, seu destino maior, seu objetivo prioritário, seu espaço, sua finalidade precípua. Na realidade, a educação deve estar pronta a responder as perguntas que Kipling considerou estarem sempre presentes em nossa mente: **o que, por que, para quê, como, onde e quando?**

Seria menos complexo respondê-las se o contexto atual em que a educação atua, fosse menos tumultuado. Não é assim. Impossível discordar do grande Edgar Morin ao afirmar que estamos todos mergulhados numa “policrise” diante de uma “agonia planetária”. Neste momento crítico, e natural que as polêmicas sejam acirradas. Mas, já em 1977, se instalou em Londres o que se chamou de o “Grande Debate”. A pergunta era desafiadora. Afinal, para que serve a educação? Preparar as crianças para bem-sucedidas carreiras na indústria, no comércio e em profissões e atividades essenciais à vida ou torná-las aptas para o que se convencionou chamar de uma vida plena na sociedade contemporânea? Como estão sendo educadas as crianças nas 40 mil escolas da Inglaterra?

A pergunta era assim formulada: até que ponto a educação da Inglaterra deve orientar-se para as necessidades da indústria

moderna, como quer a maioria dos empregadores ingleses ou se dirigir no sentido de preparar essas crianças para a vida na sociedade contemporânea, com especial atenção para as ciências comportamentais, como pedem os professores progressistas?

As indagações se multiplicam. O que ensinar? Então se dividiram os progressistas e os conservadores. Em torno do currículo, optaram antagonicamente. Nas escolas progressistas, como o objetivo era viver na sociedade moderna, diminuiu-se a carga horária de Literatura e Matemática, ensinando-se mais educação sexual, marxismo, budismo, o que resultou numa evasão de alunos para escolas tradicionais.

Os pais se revoltaram contra a ênfase dada pelos progressistas ao ensino do uso adequado de instruções sobre a melhor maneira de aproveitar os benefícios por desemprego, pagos pelo governo inglês.

Acirradas controvérsias levaram os empregadores a se queixarem das escolas progressistas, declarando que os candidatos a emprego recém-saídos de tais escolas eram incapazes de ler e escrever corretamente e, o que é pior, denunciaram ter os alunos recebido, nessas escolas, pesada doutrinação contra o trabalho na indústria.

De um lado, os defensores da disciplina como eixo e, do outro, os apologistas de um sistema aberto no qual o aluno decide por si mesmo o que deve aprender. A interface da educação com a política, nesse Grande Debate, ficou evidente. Pela municipalização, os conselhos municipais eram dirigidos por maioria socialista, o que resultou no predomínio, na sala de aula, da ideologia política de quem ensina.

A introdução da política na educação criou o que alguns críticos do sistema passaram a chamar de “geração perdida”, um segmento da população sem as qualificações básicas para ganhar a própria vida ou para substituir as gerações mais antigas, educadas por métodos totalmente diversos. Na verdade, uma parte dos estudantes formados no fim dos anos 60 e 70 foi sacrificada em função de teorias educacionais não testadas e teve de ser reeducada para atender às necessidades da indústria.

Foi tão grave a situação, que o declínio industrial inglês daqueles anos foi atribuído à deficiência do ensino.

Esse Grande Debate; que não é novidade, para os senhores, coloca a educação face a face com a complexidade em que esteve sempre envolvida, sobretudo neste início de século, quando os resultados do Iluminismo, das promessas do Racionalismo, que erigiu a Razão como sua deusa, se traduzam no desenvolvimento cego e descontrolado da tecnociência que, segundo Morin, gerou a “agonia planetária” e a “policrise”, desencadeadas pela progressão das incertezas que se instalam em todos os âmbitos do presente e do futuro, bem como a insegurança da consciência dos perigos que sofre hoje a humanidade.

Torna-se oportuno lembrar a teoria da incerteza de Heisenberg, que atinge diretamente as ciências exatas, ao demonstrar que, nos laboratórios de pesquisa do átomo, não chega o cientista à certeza do que é encontrado se onda ou se partícula, e que existe a recíproca influência entre o observador e o observado.

Indagam, porém, os filósofos da educação: será que é a vida ou a educação que está em crise? Charles Peguy afirma que se crises do ensino não são crises do ensino: são crises da vida. Responsabilizam a superficialidade que caracteriza a sociedade atual, produzindo “seres tangenciados”, que não se engajam integralmente nos grupos e círculos sociais a que pertencem, mas são abrangidos por eles e podem cingir-se apenas a cumprir as regras do jogo. Buscam o sucesso, valorizando o **Êxito**, que é valer por cumprir tarefas dentro de um tempo certo, em detrimento do **Triunfo**, que é valer por Ser, ou Ser, a glorificação do subjetivo, a frutificação do individual no social.

A sociedade ou os seus grupos sociais não incorpora, não integram os indivíduos no seu seio como membros plenos, não os tornam seus. Oferecem-lhes apenas conexão, um contato tangencial. Na sociedade, as formas sociais são superficiais. Evidentemente, a sua educação será semelhante, por ser a transmissão delas. Os questionamentos se sucedem.

Mas será mesmo crise ou apenas mutação? E as elucubrações em torno do tema não cessam nem cessarão tão cedo.

Paulo Freire lança a sua pergunta: mudar as estruturas ou mudar o coração das pessoas? E ele mesmo declara: “em meu próprio pensamento, ficou a idéia de que não faz muita diferença o que as pessoas são: se elas fazem parte de um Sistema, elas irão funcionar da maneira que o sistema dita que funcionem. Fiquei mais preocupado com mudanças estruturais do que com mudar o coração das pessoas. São as estruturas da sociedade que temos que mudar. Não mudamos os corações humanos”.

Crise, grande mudança ou transformação?

Se é mudança, como pode a educação influenciar nesta? Se é crise, de que forma ela pode contribuir para a superação dessa agonia planetária? Qual o seu papel primordial? Se é força propulsora de mudança, **como** deverá atuar? Se definidos **o que** é educação, sua essência, **o porquê** de sua existência, a sua finalidade, o seu objetivo, e **para que** serve, parece-me que a maior dificuldade está no **como** atuar. Como mudar as estruturas sociais? Qual é o papel da educação nesta tentativa revolucionária? Que soluções são apresentadas por aqueles que se debruçam sobre sua problemática?

Parece-me que as soluções estão ainda em curso, nas mãos dos educadores, que os franceses estão chamando “*animateurs*”, os animadores, aqueles que seguem em frente, conscientes das suas responsabilidades, na contramão da história.

Tomo como base dois pronunciamentos de Morin e de Paulo Freire. Ambos sugerem soluções que valem a pena considerar. Baseando-se na teoria da complexidade, há a possibilidade de uma “reforma de pensamento”. Acredita Morin numa mudança de mentalidade, numa modificação do estado de espírito. Acredita, ainda, que processos impossíveis acontecem, primeiramente, a partir da criação do que ele chama “desvio alternativo”, e um desvio pode acontecer não somente a partir de uma experiência voluntária, conduzida por alguns indivíduos aqui ou ali. Acredita que possa haver esta vontade de sair da rotina e que seja possível encontrar uma minoria de educadores engajados num movimento de reforma. E mais que isto, acredita que esta minoria possa ser, ela mesma, **a animadora deste movimento**. O “desvio alternativo” torna-se uma tendência e a tendência pode impor-se, nunca, porém,

de maneira rígida ou ortodoxa.

É um processo de contágio. Há momentos **epidêmicos** em que uma certa idéia que está incubada, inibida, acaba por se difundir. Acredita, pois, Morin que a mudança pode ser feita a partir do coração do homem. Nenhum ser humano pode ser animador sem que esteja emocionalmente envolvido. Morin vai desenvolvendo o seu raciocínio, vê como alternativa a formação de experiências-piloto de colégios experimentais, provocando-se, então, o movimento da mudança.

É neste exato momento que me encontro com ele. Tendo dirigido uma classe-piloto com professores de mentalidade aberta e corações tocados pela animação, que costuma chamar de eros pedagógico, pude dimensionar a força propulsora de uma classe experimental.

Paulo Freire tem, para a educação, um olhar eminentemente político, acreditando que, na esfera do **como**, é necessário tomar o educador os devidos cuidados para que não haja a predominância do conteúdo sobre a dimensão social da disciplina e nem vice-versa; e, quanto à metodologia, adverte que o tradicional e o inovador precisam estar equivalente nas práticas pedagógicas.

E Morin nos fala que a crise em que vivemos é fecunda; nela, estão contidos o perigo e a oportunidade; perigo, pela destruição que vem ocorrendo entre a natureza e os seres humanos; e oportunidade, como caminho para a transformação. É um caminho difícil, que se faz caminhando, com a reformulação do pensamento, mente aberta, substituindo o pensamento linear, que isola e aprisiona, por um pensamento complexo, que une e liberta.

“Para que isso seja possível, são necessárias uma consciência reflexiva de si e do mundo e uma nova ética da solidariedade, que implica mudança de atitude e perspectiva de vida!”

Creio que está presente a básica imprescindível necessidade de autoconhecimento, o ajustar-se a si e ao outro, para respeitar a multidimensionalidade dos seres e das coisas.

Na prática pedagógica, a teoria da complexidade desemboca na crença na transdisciplinaridade como maneira de se procurar romper os limites entre as disciplinas que fragmentam o saber e

a visão de educadores e alunos.

No panorama educacional do século passado, estiveram presentes grandes coadjuvantes que significaram valiosas alternativas pedagógicas: o Escotismo, o Rondon e o Mobral. Nestas três instituições, os estudantes encontravam espaço para realizar tarefas educativas de alto teor educacional e desenvolver o que Morin está apresentando como elemento essencial: a ética de solidariedade. Pude acompanhar de perto o clã dos escoteiros e o entusiasmo das bandeirantes, estas completamente imbuidas do lema "*Semper Parata*". A consciência da importância do servir, a consciência do relevante papel da educação comunitária estava nos corações dos estudantes quando, pelo Projeto Rondon, iam aos *campi* avançados para atender a população carente e sedenta de ajuda. Foi empolgante ver estudantes da UFBA alfabetizarem pelo Mobral, enfrentando as dificuldades de penetrar em bairros onde só com a polícia podíamos entrar. Como participante dos dois projetos, pude sentir de perto o que é possível fazer em educação comunitária e, como conselheira bandeirante, pude aquilatar como o - educando pôde aprender fazendo-, participando, convivendo com a natureza nos grandes acampamentos, com o outro nas companhias, com a vida na sua quotidiana dinâmica do Ser, do Fazer, do Conviver, do Aprender aprendendo.

No centro deste turbilhão de idéias, neste fervente caldeirão de controvérsias, está o educador que, na proposta de Karl Marx, tem de ser "educado", e, no conceito de Paulo Freire, deve desenvolver ao máximo a virtude da humildade, e segundo Morin, viver a ética da solidariedade.

Deve ser educador e aceitar, ao mesmo tempo, ser educado. Ter a disposição de ser aprendiz concomitantemente a seu papel de professor. O fato educacional precisa acontecer: o ensino-aprendizagem deve estar presente para assegurar o seu importante papel numa sociedade em mudança, que precisa de quem ensine de verdade e aprenda com consciência.

Na análise do perfil do educador, surge a famosa pergunta de Marx: - Quem educa os educadores? Questão-chave mas, logicamente, insolúvel - afirmam alguns, em face de um questionamen-

to de tal porte. E, nesta via de reflexão, entra em pauta de análise a formação do educador, assunto controverso, com grandes divergências. Para Morin, três ciências são básicas na sua formação: a Ecologia, as Ciências da Terra e a Cosmologia. Enquanto estive na Direção da Faculdade de Educação, foi enfatizada a importância do Estágio Supervisionado, do Tirocínio Docente. Como o médico, na sua formação, precisa do preceptor, o professor necessita de um educador que o oriente individualmente e o coloque face a face com as dificuldades de sua profissão, na sala de aula, diante do aluno. Ele deve estar pronto para enfrentar a realidade atual que o espera, como agente de mudança, capaz de centralizar “focos de mudança” para que o sistema possa, lenta e gradualmente, assimilá-la.

São muitos os tropeços com que se vai deparar o educador e um deles, na dimensão teórica, é a não conscientização da importância da educação infantil, o que está sendo levado para a área governamental. É impactante ouvir de senhores empresários que não vale a pena pagar mais por um filho no jardim de infância de melhor qualidade educacional porque sua criança só precisa mesmo brincar. Porém toda a sua competência e determinação de aperfeiçoamento profissional e de crescimento pessoal vai precisar fortalecer-se para enfrentar a violência, esteja ela instalada na escola pública ou na particular, no ensino fundamental ou no nível superior, na sala de aula ou nas outras dependências da escola.

É surpreendente tomar conhecimento da síndrome de que estão acometidos alguns professores, caracterizada pelo pavor de entrar numa sala de aula, em face do comportamento de alunos que, muitas vezes, os ameaçam de agressões se as notas não forem as que eles esperam. O burburinho irritante, a postura provocadora, as colocações feitas em linguagem chula, a dificuldade de fixar a atenção, aliados ao despreparo do professor sobretudo quanto ao manejo de classe, acentuam o quadro de total inadequação e impossibilitam o ensino-aprendizagem. 🍌

Funcionários de algumas escolas são ameaçados de morte pelos alunos se denunciarem à diretora ou aos professores atos de vandalismo, roubo e uso de drogas por eles praticados. Atemori-

zados, silenciam, mas em alguns casos adoecem, somatizando o medo e o pavor que os paralisam.

Para agravar a situação em que se encontra a educação, impossível omitir o que os americanos estão chamando de *bull-yings*, a violência surda, mascarada na forma de “brincadeiras”, o que vem sendo há dez anos pesquisado, quando se descobriu o que estava por trás de muitas tentativas de suicídio entre adolescentes.

Conceituada por muitos como sendo maus tratos, ameaças que acontecem na sala de aula, essas “brincadeiras” machucam a alma, causando severa depressão, estresse, pânico, fobias e suicídios. Toda a comunidade escolar deve estar envolvida, e os educadores que se debruçam sobre o tema, sugerem as mais variadas medidas para o controle do *bull-yings*, envolvendo também os pais e desenvolvendo estratégias pedagógicas que se fundamentam nos princípios da solidariedade, da tolerância, da compreensão do outro, do respeito às diferenças.

A educação tem a sua grandeza, toda ela embutida na sua missão maior - tornar o homem um ser feliz, propocionando-lhe meios para o desenvolvimento de todas as suas potencialidades, para que possa ser e existir, ajustado consigo mesmo, com a natureza, com o Universo, vivendo com plenitude a condição humana, que é de encantamento pelas manhãs radiosas, pelas noites estreladas, pela magia das crianças em busca da felicidade. Educar para a felicidade é o sonho - e como é bom sonhar! - dos educadores engajados na crença no poder da intuição, da sensibilidade, da pedagogia do autoconhecimento, da educação emocional, do - afetivo como efetivo.

A arte de aprender e a de autoconhecer-se podem processar-se simultaneamente.

Acredito na possibilidade de se vivenciar, no futuro, projetos de transdisciplinaridade, enfocando a dimensão interior, psicológica da própria existência.

Os questionamentos podem, então, incidir sobre o conceito de Felicidade e vão desembocar na perspectiva axiológica da educação. A via de entrada para a mudança é construída pela educação dos valores, a possível forma de realizar a tão desejada transforma-

ção. Sinto discordar da assertiva de Paulo Freire. É possível mudar o coração do homem se houver - e há - a possibilidade de trabalhar os valores, desde o nascimento até a morte. E para mim, que sou espiritualista, até depois da morte física.

Vários projetos existentes com este objetivo estão-se operacionalizando no Brasil e no mundo. Na Europa, na Ásia, nas Américas, há educadores com um olhar mais profundo sobre como tornar o homem conhecedor de si mesmo, compreensivo com o outro, realizado como ser humano, inserido no Universo e pronto para enfrentar a morte dentro de uma realidade existencial sem medo, sem tabus, sem pavor, sabendo harmonizar-se consigo mesmo e acreditando que é possível ser feliz, consciente, compreendendo, crendo firmemente que a vida é um fenômeno universal, resultante da energia que circula no finito e no infinito.

Meus amigos, senhoras e senhores, Heidegger, ao completar 80 anos, disse que aquele que agradece sente sempre o agradecimento a quem do que recebe.

Sinto-me como Heidegger, sem saber ao certo como devo expressar o agradecimento, certa de que o meu pronunciamento longe esteve de corresponder à honrosa homenagem que, neste momento, me é prestada.

No entanto, perfazendo a minha estrada existencial, acredito ter sido uma “animadora” ao fazer um pouco o “desvio alternativo” de que nos fala Morin e penso no que ocorreu certo dia na Ásia.

Na Índia milenar distante, certa vez um monge estava sendo esperado por muitos discípulos para proferir uma conferência ao ar livre, sob frondosas mangueiras indianas.

Iniciava a sua fala com aquela serenidade oriental quando, de repente, uma ave sobrevoou o local, cantando maviosamente o seu canto habitual, deixando todos, que ali estavam sentados, embevecidos e reflexivos. O monge silencia, levanta-se depois vagarosamente e diz: - Meus caros discípulos, meus amigos, a conferência já foi realizada. Era impossível acrescentar algo. Tudo já estava dito, muito melhor do que ele diria.

Infelizmente, não tive, nem poderia ter, a sorte do sábio

monge. Fui obrigada a perturbá-los com palavras toscas e destoantes, que muitas vezes não são as que gostariam de ouvir. Perdoem-me, com amor.

CRIAÇÃO E CRESCIMENTO DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Edivaldo M. Boaventura
Membro fundador e emérito da
Academia Baiana de Educação

Agradecemos aos companheiros da Academia Baiana de Educação a promoção para membro emérito. Agradecemos, igualmente, ao presidente Roberto Figueira Santos a saudação. Passamos, assim, de membro fundador e acadêmico de número para o nível cósmico da emergência.

Na busca da fundamentação, ensina a lei da casa, ao dispor acerca da constituição do quadro e provimento das quarenta cadeiras, que:

Haverá um quadro especial de 5 (cinco) membros eméritos, a ser preenchido, com a prévia aquiescência dos indicados, por membros titulares que tenham mais de 70 (setenta) anos de idade e que tenham colaborado ativamente para o desenvolvimento e o renome do sodalício, ficando vaga, em cada escolha, a correspondente cadeira de membro titular. (Estatuto reformado em 1997, Art. 3º, § 1º)

A Academia ao instituir a categoria dos membros eméritos promoveu os confrades Jorge Calmon, Raymundo Gouveia Neto, Olga Pereira Mettig e José Newton Alves de Souza, na presidência Jair de Oliveira Santos (1996-1998).

O ritual desse agradecimento, compondo-se das palavras lustrais do reitor Roberto Santos, acomoda-nos na categoria dos eméritos. A nova situação nos deixa profundamente feliz. São as alegrias natalinas de dezembro que cobrem dores profundas. São os claros e os obscuros da vida, retratados por Caravaggio, na Itália,

e por George De La Tour, na França. Eles souberam matizar a luz clara do amarelo em contraste com a profunda sombra marrom.

A promoção me compensa de contentamento com altas expressões de sentimentos do professor Roberto Santos e assinala o meu natalício no mesmo dia da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Por tudo isso, muito obrigado.

Como emérito, observamos a classe dos sócios: efetivos ou de número como qualificam os portugueses, beneméritos, benfeitores, honorários, colaboradores e correspondentes. A nossa Companhia estabeleceu um novo paradigma: eméritos por promoção etária circunstanciada. Mas somente a classe dos membros de número tem continuidade pela sucessão com direito ao epíncio, cântico ou poema em que se celebra uma vida. As academias seguem o ciclo vital da frágil existência humana.

Esta festa é de toda útil e altamente significativa. Dizia Milton Friedaman, professor de Chicago, que “não há jantar inútil”. Depois que se vão as flores, os sabores e as bebidas, ficam as palavras que geram ações e intenções de realizações.

Já assentado na classe dos eméritos, recordemos a criação, a institucionalização e o crescimento da nossa Companhia, com o propósito de renovar a sua missão, de alcançar os seus objetivos e de formular novas estratégias.

A criação da Academia em 1982

A conjuntura dos anos oitenta foi muito propícia à criação. Em setembro de 1982 - já lá vão 24 anos, no próximo 2007, festejaremos o nosso jubileu - o então presidente do Conselho Estadual de Educação, Raimundo Matta, que sabia bem concretizar as coisas, com sua inquietante inteligência, realizou o encontro nacional sobre a pedagogia de Rui Barbosa, juntamente, com o III Seminário Nacional de Direito Educacional. O certame reuniu educadores, como Miguel Reale, que dissertou brilhantemente a cerca das idéias do jovem Rui.

No término desses dois encontros, realizamos a assembléia geral de criação da Academia Baiana de Educação, precisamente em 9 de setembro, natalício do Dr. Abílio César Borges, barão de Macaúbas.

Contamos com a participação de membros da Academia Brasileira de Educação a exemplo de Paulo de Almeida Campos, educador fluminense, da Associação Nacional de Profissionais de Administração Educacional (Anpae), Carlos Mascaro, e do sócio da Academia Pernambucana de Educação, Itamar de Vasconcelos.

A iniciativa de reunir educadores em Academia foi do inesquecível Hermano de Almeida Gouveia Neto que vinha conversando neste sentido com seu tio o professor Raimundo Nonato de Almeida Gouveia e com José Newton Alves de Souza. Ao tempo em que se articulava, em plano nacional, com Arnaldo Niskier, João Gualberto Carvalho de Menezes, Paulo de Almeida Campos e Carlos Mascaro. A influência da Academia Brasileira de Educação, instalada no Rio de Janeiro, pelo doutor Albagle induziu Hermano a criar o nosso sodalício. Ainda em 1982, fundava-se também a Anpae/Bahia. Hermano confessa que tomou a decisão de liderar o movimento de criação e de fato concretizou a criação. Mobilizou colegas do magistério, principalmente, do Instituto Central de Educação Isaías Alves (Iceia), da Faculdade de Educação da Bahia, dirigida por Olga Mettig, e do Conselho Estadual de Educação. Assim em 9 de setembro de 1982 nove professores reunidos por Hermano instituíram a Academia Baiana de Educação. São membros fundadores: Raimundo Nonato de Almeida Gouveia, Antônio Pithon Pinto, José Newton Alves de Souza, Hermando José de Almeida Neto, Remy Pompilho Fernandes de Souza, Adroaldo Ribeiro Costa, Antonino de Oliveira Dias, Raimundo José da Matta e Edivaldo M. Boaventura.

Era o tempo em que voltávamos de The Pennsylvania State University, quando ingressamos na Phi Delta Kapa, por indicação de Hermes de Melo, na History of Education Society, na National Organization of Legal Problems Education (Nolpe), e na portentosa American Educational Research Association (AERA) a maior entidade de pesquisa educacional dos Estados Unidos. Em

1982, precisamente em setembro, iniciávamos a coluna Educação, no jornal A Tarde, com o apoio do seu editor-chefe Jorge Calmon.

Criada a Academia, fomos acolhidos por Olga Mettig, na Faculdade de Educação da Bahia, com o apoio decisivo de Raimundo Matta, então presidente do Conselho de Educação da Bahia. Durante o período de instalação, 1982 a 1986, a Academia foi presidida por Raimundo Gouveia, mas cabia sempre a Hermano, como secretário, movimentar a jovem associação. Ingressaram sucessivamente Ruy Simões, Adelmo Pessoa, Angelina Assis, Cassilandro Barbuda, Cícero Pessoa, Cid Teixeira, Enoch Sena, Francisco Pinheiro, Guiomar Florence, Jorge Calmon, Luiz Fernando Macedo Costa, Raul Sá, Thales de Azevedo, Zilma Gomes Parente de Barros. De 1986 a 1990, Hermano efetivou-se na presidência.

Preenchendo as cadeiras, novos sócios foram admitidos: Astor de Castro Pessoa, Bárbara Vasconcelos de Carvalho, Carlos Alberto Pedreira de Cerqueira, Germano Machado, Jair de Oliveira Santos, João Eurico Matta, Rômulo Galvão de Carvalho, Pedro Barbuda, José Francisco de Sá Teles, Consuelo Pondé de Sena, Elsiore Moreira Alves, Hermes Teixeira de Melo, Leda Jesuino dos Santos, Luís Henrique Dias Tavares, Alaor Coutinho, Maria Augusta Abdon e Yeda Barradas Carneiro. Ressalte-se o espírito gregário de Hermano Gouveia Neto.

Percebíamos que precisávamos institucionalizar a organização. Fomos o escolhido para esta função. Não somente institucionalizar, como também programar melhor as atividades, procurar sede, criar a revista (*house organ*) e instituir o prêmio Educador do Ano, dentre outros objetivos emergentes.

Institucionalização da Academia

Para dar vida legal a Academia, utilizamos o projeto de estatuto e regimento com o qual trabalhamos, juntamente, com Jair de Oliveira Santos, Leda Jesuino, João Eurico Matta, Sá Teles e Adelmo Pessoa até conseguirmos o reconhecimento como pessoa jurídica mediante registro em cartório, tudo conforme o relator Jair

de Oliveira Santos. (Diário Oficial do Estado da Bahia, 01 agosto 1991. Ano LXXV. Nº 14.824) O nascimento jurídico da Academia permitiu que ela obtivesse logo a declaração de utilidade pública pela Câmara de Municipal de Salvador por proposta do vereador Germano Tabacof. Igual expediente foi encaminhado à Assembléia Legislativa da Bahia sem sucesso.

A institucionalização implicava também na criação das armas para o brasão identificador da nossa instituição. Conseguimos o desenho das armas da Academia pelo heraldista Victor Hugo Carneiro Lopes com o lema *Luceat Lux Vestran*.

Publicação da revista e do boletim

Para a programação das atividades, escolhemos um dia certo por mês para reunião com a programação semestral prevista no *Boletim*.

A publicação da revista contou com o apoio efetivo do Colégio Águia, pelo seu diretor e confrade Jair de Oliveira Santos. Publicamos o primeiro número em setembro de 1991 com o nosso editorial – A função da Academia de Educação. A edição desse periódico foi importante para divulgação da produção dos acadêmicos e de membros da comunidade, bem assim para os atos e comunicação referentes à vida da Companhia. A revista foi desenhada pelo colega Manuelito Damasceno, professor da Faculdade de Educação da Ufba e da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). O formato seguiu o modelo da Revista da Associação das Escolas Médicas. Aliás, a vida universitária baseia-se no tripé: 1) carreira docente desenvolvida no departamento; 2) participação em associações científicas e acadêmicas com a realização de congressos, simpósios, colóquios; e 3) apoio em editoras. *Publish or Perish*.

Prêmio Educador do Ano

Como reconhecimento pela causa da educação, instituímos o prêmio “Educador do Ano”, concedido pela primeira vez à professora Zilma Gomes Parente de Barros, mestre em Educação, doutora e docente livre em Letras, professora de Língua e Literatura Alemã, primeira coordenadora do Mestrado em Letras da Ufba, pró-reitora de ensino de graduação, membro e vice-presidente do Conselho Federal de Educação. Recorde-se a sua eficiente direção no Colégio de Aplicação da Ufba infelizmente desativado contra a sua vontade. Esse estabelecimento persiste, na formação de inúmeros baianos e na sua excelente dissertação de mestrado que tive a honra de orientar. O segundo a receber o prêmio foi o reitor José Carlos Almeida da Silva, reconhecimento pela liderança na Universidade Católica de Salvador (Ucsal). Não premiar é punir pelo silêncio os que muito realizaram.

Sede no palacete Bernardo Martins Catarino

Para a sede, após doze anos de criada, a Academia, voltou a se juntar aos Conselhos de Cultura e de Educação e à Fundação Anísio Teixeira, no mesmo espaço, no palacete Bernardo Martins Catarino, que passou assim pela conjugação das circunstâncias a ser núcleo de cultura oficial. Pela reunião de tão distinguidas associações, culturais e educacionais, o palacete em estilo arquitetônico eclético tornou-se um verdadeiro silogeu. Hildérico Pinheiro de Oliveira com o humor que lhe era muito peculiar preferiu chamar um “shopping de cultura”. Para a obtenção dessa sede, muito concorreu o confrade Rômulo Galvão de Carvalho, presidente do Conselho de Educação, destinando-nos não somente sala exclusiva para secretaria e diretoria, mas também a utilização plena dos amplos espaços do solar. Era o reconhecimento tácito do *uti pssidetis* pela Academia.

Discussões e seminários

O que conseguimos de mais importante durante os seis anos em que estivemos à frente do sodalício foi a realização de discussões, debates e seminários abordando relevantes questões educacionais de 1990 a 1996. Alguns exemplos: o poder na educação, Jair de Oliveira Santos; Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, deputado federal Eraldo Tinoco, relator do projeto na Câmara dos Deputados; I Fórum de Educação Holística e de Qualidade, acadêmicos Leda Jesuino dos Santos, Jair de Oliveira Santos e Edivaldo M. Boaventura; Qualidade em educação, Jair de Oliveira Santos; homenagem da Academia ao centenário do reitor Edgard Santos, Oldegard Franco Vieira; Escola sem paredes, Remy de Souza; Qualidade em educação: uma experiência pedagógica, Jair de Oliveira Santos; Ernesto Carneiro Ribeiro, José Newton Alves de Souza; Educação na perspectiva planetária, Edivaldo M. Boaventura; reforma do vestibular, Leda Jesuino dos Santos e Célia Maria Ferreira Cordeiro; Novo projeto da LDB, Rômulo Galvão. Tivemos a satisfação de empossar os colegas Hildérico Pinheiro de Oliveira, Alírio Fernando Barbosa de Souza, José Carlos Almeida da Silva e Germano Tabacof. Introduzimos a pelerine para os atos solenes e chegamos a receber propostas da Randal e de Will Ltda para a confecção do colar acadêmico.

Durante os seis anos em que estivemos a frente da Academia, contamos com a participação de todos os colegas, simbolicamente, destaco a colaboração de Leda Jesuino dos Santos, Maria Augusta Abdon e de Jair de Oliveira Santos, que nos sucedeu de 1996 a 1998.

A Academia na gestão dos seus presidentes: Raimundo Almeida Gouveia (1982-1984), Hermano Gouveia Neto (1986-1990), Edivaldo M. Boaventura (1990-1996), Jair de Oliveira Santos (1996-1998), Hildérico Pereira de Oliveira (1998-2002), Alírio Fernando Barbosa de Souza (2002-2004) e Roberto Figueira

Santos (2004-2006 e 2006-2008) afirma-se cada vez mais como instituição prestante. Presentemente, o presidente Roberto Santos realiza oportuno programa de formação de professores de Ciências.

Missão da Academia

Cooperar com o crescimento da educação baiana com constante discussão é uma das nossas missões. Academia é honraria, mas é também serviço. Não há aqui a tentação do repouso previdenciário. A propósito, ensina-me um aluno de educação física, Hélio Carneiro de Campos, que acaba de defender uma brilhante tese de doutorado acerca de capoeira regional e o método de mestre Bimba, que se temos de envelhecer, fazendo exercício, envelheceremos com mais dignidade. Exercício físico e ginástica mental nas respectivas academias apropriadas mantêm a forma e o espírito.

A Academia é antes de tudo um elemento enriquecedor da comunidade educacional baiana. Constitui-se em um apoio à educação no momento em que ela precisa do concurso de todas as forças vivas, além de reverenciar os vultos do ensino pelo estabelecimento do fio condutor da tradição pedagógica. Se educação é passado, a história da educação, é também presente e mais ainda futuro pela projeção de novos cenários como a educação a distância. A educação é um saber prático e aplicado a campos concretos de aprendizagem, fundamentado nas ciências de Educação.

No momento presente, a gestão do conhecimento é uma função, não somente da escola como também da empresa. Talvez as empresas estejam mais decididamente voltadas para gerir o conhecimento em face do capital intelectual, fator diferenciador na concorrência. Com a gestão, importância fundamental vem tomando a avaliação. Importa enfatizar a gestão dos empreendimentos educacionais com avaliação somativa em direção à dinâmica tecnológica da educação.

Não podemos deixar de demonstrar a nossa preocupação com a educação dos afrodescendentes com base na igualdade de oportunidades educacionais que encontra nas ações afirmativas uma modalidade de equidade. O critério do mérito é racional mas é tremendamente injusto porque não atende aos excluídos e os portadores de necessidades especiais de todos os tipos. A igualdade de oportunidades educacionais é um critério mais equânime do que o sistema do mérito. Foi uma das lições que aprendemos em Penn State.

Agradecemos a todos que contribuíram para esta festa, em especial a Leda Jesuíno dos Santos, a Maria Augusta Abdon e ao professor Roberto Santos pelas estimulantes palavras.

Somos membro fundador e titular, a emergência nos completa com mais responsabilidades. Terminemos com Fernando Pessoa: “E tudo isso, que é tanto, é pouco para o que eu quero”.

Em 11 de dezembro de 2006, o professor Edivaldo M. Boaventura recebeu o título de membro emérito, sendo saudado pelo presidente professor Roberto Santos, em solenidade realizada no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, com a mesa constituída pelos professores Roberto Santos, presidente da Academia Baiana de Educação; professora Leda Jesuíno dos Santos, presidente de honra; professor Hermano Machado, Vice-presidente da Academia Baiana de Educação; professora Consuelo Pondé de Sena, presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia; professor Cláudio Veiga, presidente da Academia de Letras da Bahia; professora Ana Angélica Gonçalves, chefe do gabinete da Secretaria Estadual de Educação; componentes da mesa alta, autoridades, representações, alunas e alunos queridos.



Presidentes da Academia Baiana de Educação

1982 – 1984	Raymundo Gouveia
1984 – 1986	
1986 – 1988	Hermano Gouveia Neto
1988 – 1990	
1990 – 1992	Edivaldo M. Boaventura
1992 – 1994	
1994 – 1996	
1996 – 1998	Jair de Oliveira Santos
1998 – 2000	Hildério Pinheiro de Oliveira
2000 – 2002	
2002 – 2004	Alírio F. Barbosa de Souza
2004 – 2006	Roberto Figueira Santos
2006 – 2008	

ALFREDO MATTA HISTÓRIA, INFORMÁTICA E EDUCAÇÃO

Edivaldo M. Boaventura
Membro fundador e emérito da
Academia Baiana de Educação

É com prazer que saúdo Alfredo Matta ao ingressar na Academia Baiana de Educação. Tenho redobradas razões para acolhê-lo, na sua solene *inceptio* nesta Companhia. Como emérito, por promoção etária circunstanciada, confirmo a minha condição de fundador do Sodalício. Sodalício que em 9 de setembro próximo completa o seu jubileu. São 25 anos de serviços à causa da educação baiana, presentemente, sob a liderança esclarecida do reitor Roberto Santos.

O sentido gregário das academias faz com que elas estabeleçam várias sortes de membros, a saber: titular, de número, benemérito, benfeitor, honorário, colaborador e correspondente. Os quarenta titulares numerados formam o núcleo da Academia. Você, Alfredo, entra para a classe dos titulares como dizem os brasileiros, de número como chamam os nossos irmãos portugueses. Os titulares possuem o direito subjetivo ao elogio se possível com epinício, que marca não somente a passageira substituição, mas a densa continuidade sucessória propositadamente encomiástica. As Academias seguem o ciclo vital da frágil existência humana.

Aqui chegamos, com o currículo desenvolvido na Universidade. Serão elas, as academias, o remanso do crepúsculo arrematado com sabedoria e com alguma ironia? Há muito que se fazer nos sodalícios. Não se esqueça, meu caro Alfredo, que a Academia é honraria, mas é também serviço, que pede assiduidade, trabalho, produção e fala, em suma, convivência. Resista à tentação do repouso previdenciário.

Academia e Universidade se completam. Às vezes, se sucedem. Ambas fascinam, atraem, consagram, são ambicionadas pela distinção que causam e enriquecem o currículo. São *ad vitam*,

para toda vida, vitalícias. O exercício da imortalidade se efetiva na lembrança dos outros em nós. A tomada de posse é o momento solar da recordação suprema, como você fez com o patrono Álvaro Augusto da Silva, exímio professor de geografia, construtor da Escola Normal, no Barbalho, em estilo *art nouveau*. Como secretário da Educação, lhe concedi o título de educador emérito.

Ao recebê-lo, meu caro Alfredo, sinto que prolongo a função de professor orientador do seu brilhante doutorado, realizado, em boa parte, na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, complementado na Universidade Laval, em Québec. Como *advisor*, conheço de perto o seu caráter, a sua personalidade e o seu esforço para construir a carreira docente, a exemplo do seu pai, João Eurico Matta. Carreira que apresentarei em síntese, como um *case study*, neste cerimonial de entrada.

Decididamente, você é um professor. O tempo vai transformando aos poucos o professor em educador, educador moderno voltado para as tecnologias educacionais, para a educação a distância e presencial com o lastro cultural na história. História, filosofia, antropologia, sociologia constituem as fundações culturais da educação (*cultural foundations*).

Confesso que ao receber a intimação afetiva para proferir a fala de saudação pensei logo nos três fatores de sua educabilidade: família, escola e grupo de parceiros.

Um elemento estimulante de sua formação é o ambiente familiar. Do ponto de vista da ascendência, o recipiendário é herdeiro de uma dinastia de seis gerações de diplomados. Com destaque para Edgard Matta, seu avô paterno, causídico notável, cultor do direito penal com marcante talento verbal e professor de sistemas econômicos.

A Academia vai proporcionar o encontro do pai, o nosso confrade João Eurico Matta, com o filho Alfredo. João Eurico, dos mais distinguidos *scholars*, professor de Língua e Literatura Portuguesa, Teoria Geral da Administração, Processo Decisório e Dinâmica de Grupo, é um dos fundadores da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia (Ufba). Os seus

pais, João Eurico e Geísa, experimentam um momento epifânico, pleno de satisfatórias e compensadoras emoções. Enquanto os Matta vêm de Nazaré das Farinhas, os Rodrigues originam-se da encantadora e bem arrumada vila de Bonfim de Feira, tal circunstância feirense explica muito do seu ímpeto criador.

Quanto à sua formação universitária, resulta do tripé História, Informática e Educação. É notável o esforço de síntese das ciências do comportamento com a informática, direcionada ao ensino. Mais precisamente, integrou História, Informática e Educação, chegando com teoria e prática à Informática Educacional. É essa fundição que individualiza a sua proposta acadêmica. Por que e como chegou a essa integração? Como determinou a procura combinada da História com a Informática? O seu trabalho tem respondido à essa junção.

Atendendo ao humanismo paterno, diploma-se, primeiramente, em História, pela Universidade Católica do Salvador (UCSal). Como jovem, inquieto e inteligente, interessando-se pela informática, gradua-se, em seguida, em Processamento de Dados, pela Universidade Salvador (Unifacs). Recém- formado, trabalha na Universidade do Estado da Bahia (Uneb) e segue para a Universidade do Québec para especializar-se em Informática Aplicada às Ciências Humanas, em 1990, e em Tecnologia Educacional, em 1995, conforme o convênio que assinei como reitor da Uneb com o presidente desta universidade multicampi o saudoso professor Gilles Boulet. Convenção que teve como executores o casal de docentes Denise e Marcel Lavallée. Mais tarde, Alfredo retornaria ao Québec quando do doutorado sanduíche.

Estuda então história e informática, em universidades distintas, para alcançar, na continuidade intensiva da busca pessoal, a combinação dessas duas matérias e chegar, enfim, à educação, conhecimento, essencialmente, prático, sustentado pelas ciências da educação, conforme as aproximações de Gaston Mialaret.

Vejamos os passos dessa bela e desafiante trajetória, que o conduziu à Academia Baiana de Educação.

Ensinando História da Bahia, na UCSal, a sua primeira experiência em ensino superior, é selecionado pela Universidade Federal da Bahia para o mestrado em História. Aprofunda o conhecimento em História sob a orientação da professora doutora Consuelo Novais Sampaio que o conduziu à temática empírica da história da educação com a dissertação sobre a *Casa Pia Colégio dos Órfãos de São Joaquim: de recolhimento a assalariado* (1999). Fundada em fins de século XVIII, é uma das mais antigas instituições educacionais do País. Consuelo informa:

Com habilidade de pesquisador criterioso, e sensível à complexidade do seu objetivo de investigação, Alfredo Matta inicia este estudo reconstruindo as atividades comerciais e a estrutura social da Salvador do século XIX, com ênfase no processo de urbanização e conseqüente aumento da demanda de mão-de-obra semi qualificada.

Ao tempo em que ensina e se aprofundava em história com as pesquisas do mestrado, Alfredo Matta começa uma das mais excitantes experiências de aprendizagem. Com o conhecimento de graduação em Informática e com os dois estágios na Universidade de Québec, monta Laboratório de Informática e práticas de tecnologias educacionais para vários colégios secundários, em especial, para o Instituto Social da Bahia (ISBA). Quero chamar a atenção para essa experiência de aplicação da informática ao ensino secundário, conduzida por ele próprio, aceitando plenamente o desafio de ensinar alunos a aprenderem com a informática.

Em seguida, é chegado o momento de realizar o doutorado. Por volta de 1997, procura-me, na Faculdade de Educação, para ser o orientador. O seu projeto era desafiante tanto para ele como para mim. Com clareza me comunica a sua dupla formação em história e informática, contando com uma portentosa experiência no ensino com estudantes secundaristas em informática. A educação é a argamassa que une essas duas disciplinas.

Entrementes, havia amplas possibilidades de realizar o doutorado no Canadá. Lembro-me bem que o professor Marcel Lavallée, da Universidade do Québec, insistia que fosse para essa universidade. Todavia, os compromissos profissionais impediram-no que se ausentasse da Bahia por longa temporada. Aceitei ser seu orientador, mas ponderei que as condições canadenses eram bem superiores as da Bahia e que em Québec poderia realizar melhor programa de doutorado.

Eu havia chegado de uma longa estada como professor visitante da Universidade de Québec em Montreal (Uqam) e conheci bastante os recursos desta corporação, em especial, o doutorado em educação interdisciplinar e multicampi. Alfredo não aceitou as minhas ponderações e resolveu fazer comigo o doutorado. Integrou-se, perfeitamente, ao grupo dos meus queridos orientandos: Orlando Hage, Maurício Mogilka, Fernando Espírito Santo, Dayse Costa Lima Fonseca, Nívea Fraga Rocha, Bohumila Araújo, Maria Tereza Navarro de Brito Matos, Manuel Joaquim Fernandes Barros, Sara Martha Dick, Fernanda Gonçalves Almeida, Antonietta d'Aguiar Nunes, Antônio Almeida Carreiro, Penildon Silva Filho. Depois, juntou-se ao grupo sua mulher Francisca de Paula Santos da Silva, a quem desejo vivamente cumprimentar.

Por aquela época, eu estava inteiramente voltado para o estudo do direito educacional com uma pesquisa sobre a educação nas leis orgânicas dos municípios com suporte financeiro do CNPq. Convenci Alfredo a fazer um doutorado sanduíche em Québec, caminho seguido depois com sucesso por Manuel Joaquim Barros e Jader Cristino Souza.

Após os exames de qualificação, viajou por um ano acadêmico para a Universidade Laval. A Universidade Laval é a mais antiga das universidades canadenses de expressão francesa, confessadamente, católica, surgiu do Petit Séminaire, o que não impediu de ser autorizada pela rainha Vitória, chefe da igreja anglicana.

Com a volta ao Brasil, Alfredo melhorou bastante o referencial teórico e passamos aos trabalhos de tese. Procuramos

harmonizar a aprendizagem de História mediada pelo uso de computadores com a abordagem pedagógica e o uso da tecnologia educativa. Para a abordagem metodológica, escolhemos o método experimental, em conformidade com o problema da pesquisa. Contamos na metodologia com a colaboração do professor Hermes de Melo.

Em 2001, Alfredo defendeu a tese “Procedimentos de autoria hipermídia em rede de computadores: um ambiente para o ensino-aprendizagem de história” com uma banca examinadora internacional, composta dos professores Thérèse la Ferrière, da Universidade Laval; Richard Lehrer, da Universidade Wisconsin; Ernesto Ruiz, da Universidade Federal de Santa Catarina; pela Ufba Robert Vehine; e eu, como orientador. A defesa foi em português, francês e inglês, tendo como intérprete a professora Antonieta d’Aguiar Nunes. Reconhecidamente, Alfredo conseguiu elaborar um trabalho científico da maior distinção. A defesa foi um sucesso.

Sucesso consagrado pelos dois prêmios nacionais recebidos: Jovem Cientista de 2001 do CNPq, com entrega solene pelo presidente da República no Palácio do Planalto, e o Papede da Capes. Como professor orientador acompanhei gratificado toda a premiação.

A pesquisa foi, portanto, a sistematização de uma prática pedagógica de sucesso, na qual a mais moderna tecnologia educacional, a internet e a rede de computadores serviram como ambiente mediador para a construção da aprendizagem nos mais diversos conteúdos escolares. Um exemplo do bom uso da educação a distância.

Com o doutorado, Alfredo intensificou o seu magistério. Além da Universidade Católica, ingressou no Mestrado de Computação Científica da Fundação Visconde de Cairu e no Mestrado em Educação e Contemporaneidade, na Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Alfredo atua na área de Educação a Distância, Metodologia Científica, Tecnologia Educacional, Sistemas de Informação e História Regional do Brasil.

De 2005 a 2006, fez o pós-doutorado na Universidade do Porto. Compareci ao seu programa tanto nesta Universidade como na Universidade de Coimbra e observei como trabalhava em igualdade de condições com os colegas portugueses.

Com vida produtiva, participa de congressos, publica artigos em periódicos com *qualis*, orienta dissertações e teses, em conformidade com as exigências da plataforma Lattes. Aliás, Lattes, Qualis e Capes constituem um conjunto de exigências. Publicou recentemente “Tecnologias de aprendizagem em rede e ensino de história”. Com alunos, edita coletâneas de artigos. Tem destacada liderança na Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED) e coordena o Pólo Bahia.

Com uma formação moderna, estruturada em duas graduações, mestrado, doutorado e pós-doutorado, com várias idas aos principais centros de educação a distância, no país e no exterior, conta com uma sólida experiência de magistério no ensino superior, professor que é da Uneb, Ucsal e Fundação Visconde de Cairu.

Em 2007, começa uma nova experiência profissional que muito o motiva. Dirige a Educação a Distância do Instituto Anísio Teixeira, razão pela qual escolheu seu posto de trabalho para a tomada de posse.

Meus caros amigos, temos a satisfação de integrar o professor doutor Alfredo Eurico Rodrigues Matta ao nosso convívio. Se já tínhamos o prazer de gozar da companhia do pai, o estimado confrade João Eurico Matta, o nosso contentamento aumenta ao juntar pai e filho no mesmo grêmio. Esta saudação envolve, afetuosamente, Geísa com João Eurico e Paula.

Temos a certeza, Alfredo, de que você dará uma importante contribuição para o engrandecimento de nossa Academia e da Educação Baiana.

Seja bem vindo

Grato pela atenção.

Salvador, 1.º de agosto de 2007

BETTY COELHO E A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

Edivaldo M. Boaventura
Membro fundador e emérito da
Academia Baiana de Educação

A Academia Baiana de Educação recebe uma professora, uma educadora, Maria Betty Coelho Silva. Na sala de aula, a mestra, no mundo da educação, ocupou importantes cargos, dirigiu setores significativos, e mesmo decisivos, da Secretaria de Educação da Bahia e outros tantos em âmbito nacional. Mas é como contadora de história que dona Betty é conhecida e reconhecida. Como surgiu a contadora de história? Vale a pena ler para vocês um pequeno trecho introdutório do seu livro *Contar Histórias uma arte sem idade*.

Há muitos e muitos anos, ainda estagiária do Curso Normal, tive meu primeiro e memorável contato prático com as crianças.

A classe, 1.^a série.

Os alunos, sessenta.

A escola, um prédio novo, amplo, num bairro distante, populoso, de nível socioeconômico baixo.

Era dia de eclipse parcial do sol. As professoras, curiosas, deixaram suas classes para apreciar de uma varanda o espetáculo. Do longo corredor, já se ouvia a algazarra das crianças. Quando entrei na “minha sala”, os tamancos cruzavam-se no ar. As crianças pararam um instante para ver-me e, em seguida, recomeçaram.

Não lhes devo ter causado nenhuma impressão de “autoridade”, com meu uniforme azul e branco de normalista, eu própria apenas um pouco mais crescida que elas.

Tentei lembrar os ensinamentos dos professores de Didática. Que fazer numa situação dessa? De certo, haviam esquecido de me dizer. Toda teoria tão bem estudada não se enquadrava ali,

naquele instante. Num relance, a intuição: *vou contar uma história*. E comecei:

- Era uma vez um macaquinho que passou em frente de uma barbearia e viu um homem fazendo a barba.

- Barbeiro, corte meu rabo!

Risos. E o silêncio se fez, interrompido somente para cantarmos juntos:

- Barbeiro, me dê meu rabo, o rabo que Deus me deu...

Quando a professora da classe retornou (contou-me depois), tomou um susto ao perceber o silêncio sua sala.

- Será que meus alunos foram embora?

Estavam entretidos e conquistados.

Aprendi a primeira lição de magistério: ouvir histórias e cantar são coisas de que as crianças gostam muito.

Daí por diante, não parei de aprender com as crianças, observando-lhes as reações, interpretando suas atitudes e refletindo sobre isso. Contar histórias ficou sendo minha atividade predileta.

A professora Betty é a figura da mulher bíblica. Ao lado do marido, Gercy Coelho, criou, educou e formou seis filhos e se realizou como mulher, professora e mãe. Seus filhos Luiz Antônio, médico; Ivo, médico; Alberto, corretor de imóveis; Renato, administrador; Mônica, engenheira química; Paulo, já falecido; genro e noras; doze netos e já dois bisnetos participaram e participam dessa bela história que é a sua vida.

Em 1941, diplomou-se em magistério pela Escola Normal da Bahia, realizou concurso, obtendo primeiro lugar o que lhe dava o direito de escolher a escola. A regência implicava em trabalhar com um novo método de alfabetização, o método dos contos, ou o método de Lili, porque baseado no livro de Anita Fonseca *O livro de Lili*. Inicia então a sua carreira como regente, passa a vice-diretora, inspetora do ensino primário, assistente do ensino particular e chega a superintendente do ensino elementar, função que a leva a Portugal, em premiação cabralina. Lá, no momento do discurso oficial, prefere contar uma história.

Torna-se Membro do Conselho Técnico do Comitê da Organização Mundial para a Educação pré-escolar (Omep). Omep

que nos recorda tanto a contribuição de Angelina Assis para o ensino infantil. Betty Coelho trabalhou na comissão executora do convênio Sudene/Mec/Usaid, que procedeu a exaustivo levantamento do ensino primário na Bahia com estudos inovadores sobre currículo e supervisão escolar. Nessa progressão funcional de cargos muito aprendeu. A Secretaria de Educação, como organização, ensina e muito. É uma rica constelação de recursos humanos.

Na sua trajetória, alcança Betty um posto que a conduz ao encontro das suas inclinações: orientadora de literatura infantil, na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato. É também o seu encontro com a legendária Denise Tavares, com todas as conseqüências para o futuro de sua vida profissional.

Ainda no âmbito da literatura infantil, é designada representante, na Bahia, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), capítulo brasileiro do *International Board on Books for Young People* (IBBY) e desenvolve projeto de pesquisa em literatura infantil em conexão com a educação pré-escolar. É votante do prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e jurada do Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, em São Paulo, o mais importante prêmio do gênero no país.

Passando a trabalhar na Fundação Cultural do Estado da Bahia, coordenação de bibliotecas públicas, implanta a divisão de literatura infantil e juvenil e intensifica a ministração de cursos sobre a arte de contar histórias, participando das bienais do livro em São Paulo por intermédio da Câmara Brasileira do Livro, ministrando aulas, fazendo oficinas, contando histórias.

Ensina a disciplina Literatura Infantil em colégios particulares de Salvador. Fundamenta-se nos clássicos Charles Perrault, Irmãos Grimm, Hans Christian Andersen, e nos modernos, a exemplo de Bruno Bettelheim, psicólogo que fez a psicanálise dos contos de fada, e nos brasileiros Monteiro Lobato, professora Nelly Novais Coelho (professora de Literatura Infantil da USP), Ana Maria Machado, Lígia Bojunga Nunes, detentoras do prêmio Andersen, Ziraldo e tantos outros.

A literatura infantil permeia a vida profissional da professora Betty quer seja na carreira de magistério, da técnica em educação, da mestra, da professora.

Com o conhecimento acumulado ao longo da sua vida profissional, publicou, em 1986, *Contar histórias uma arte sem idade*. Como se desenvolve a temática desse livro? Considere-se que contar histórias prepara para a leitura e alimenta a imaginação. Essa lição da experiência pode resumir a metodologia da narração em quatro etapas.

Primeiramente, a escolha da história, constatando-se a sua importância como fonte de prazer para a criança e contribuição para o seu desenvolvimento mental. É importante a elaboração de um roteiro, no sentido de organizar o desempenho do narrador, pois os interesses são despertados de acordo com as faixas etárias.

Uma vez escolhida a história a ser narrada, passa-se à sua análise, isto é, ao estudo da história. É o segundo passo. Jamais decorá-la. Vai o conselho de sua experiência: “Estudar uma história é, em primeiro lugar, divertir-se com ela, captar a mensagem que nela está implícita e, em seguida, após algumas leituras, identificar os seus elementos ‘essenciais’”. Em outras palavras, busca-se a análise do conteúdo da mensagem ou a análise do discurso, que se intromete entre a língua e a fala.

Escolhida e preparada a história, prevê-se a utilização dos recursos, que é a terceira etapa. Chega-se, dessa maneira, à narração da história propriamente dita. Conversa-se antes de iniciar e não se deve ir para além de dez minutos, com os pequenos, e vinte, com os maiores.

As quatro etapas estariam completas e acabadas? Não. Quais as atividades depois de contada a história? A história não acaba quando chega ao fim. Permanece na mente da criança, que a incorpora como alimento de sua imaginação criadora. Enumeram-se então vários tipos de atividades a serem desenvolvidas: dramatizações, pantomimas, desenhos, recortes, modelagens, criações de textos orais e escritos, maquetes. A história não tem fim, ela nunca termina. A propósito, Maria Antônia Ramos

Coutinho, na sua tese de doutorado acerca do itinerário de Betty Coelho, pontua:

Na trajetória de Betty, pode-se identificar uma forte dimensão afetiva ligada ao desaparecido passado e à consciência da efemeridade do tempo. Entretanto, não se manifesta qualquer vestígio de nostalgia ou de melancolia nas lembranças da contadora. Contar histórias, ler livros e partilhar leituras, no campo profissional e na convivência familiar, são as linhas axiais do traçado do seu destino. Para Betty, a palavra que conta, enraizada em seu cotidiano, preenche as ausências, supre as perdas, sutura os pontos partidos e impulsiona a existência. (COUTINHO, 2006, p.199).

Betty publicou o livro sobre a arte de contar histórias, tão desejado pelos colegas, tão exigido pelos que conhecem o seu trabalho. Seguiram-se quatro obras ficcionais para crianças: *A menina do avental* (1988), *E se?* (1988), *Foi um dia, um dia foi* (1992) e *O galo cantou e ninguém sabe onde* (1993). É aí que medimos a sua contribuição no sentido de despertar o interesse pelo livro, pelos caminhos da leitura que conduzem ao conhecimento.

Como bem coloca Eliana Yunes no seu texto *A função social da leitura*, no Congresso do Sistema de Bibliotecas Públicas em Salvador, em 1995: “É a leitura que vai capacitar os indivíduos a se pensarem, a se reconhecerem, a se historicizarem e a poder decidir”.

O reconhecimento do trabalho da professora Betty tem sido gratificante. Em 1984, a Secretaria de Educação e Cultura da Bahia lhe outorgou a Medalha do Mérito Educacional “Barão de Macaúbas”, e duas outras foram-lhe conferidas pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, uma, em 1989, pelo seu trabalho de incentivo à leitura no Estado da Bahia, e outra, em 1999, comemorativa dos trinta anos dessa Fundação. Dentre as consagrações mais recentes, em 2005, criou-se a Biblioteca Infantil Betty Coelho, biblioteca comunitária da Boca do Rio, iniciativa do poeta Douglas de Almeida. Por meio de Renata Junqueira, a Universidade Estadual Júlio de Mesquita (Unesp), em Presidente

Prudente, Estado de São Paulo, deu o seu nome ao Centro de Estudos de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil que assim ficou: Centro de Estudos de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil Maria Betty Coelho Silva.

Uma forma de reconhecimento mais profunda de seu trabalho pela leitura foi a análise de sua vida e obra, na tese de doutorado: *Histórias correm no corpo: o itinerário de Betty Coelho*, defendida por Maria Antônia Ramos Coutinho, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, em 2006. A dissertação doutoral “articula aspectos teóricos e fragmentos biográficos da professora, escritora e contadora de histórias, [...] focalizando a sua prática narrativa como ponto de convergência entre a voz e a letra, a oralidade e a escrita, a tradição e a modernidade”.

Para ingressar em nossa Companhia, a professora Betty, simbolicamente, escolheu o Palácio Rio Branco, antiga Casa dos Governadores, sede da Fundação Pedro Calmon, seu atual local de trabalho.

A Academia Baiana de Educação elegendo-a, consagrou o seu trabalho e reconheceu o mérito da educadora, da autora de literatura infantil, da contadora de história que com a sua arte estimula a leitura e forma o leitor.

Bem haja, professora Betty Coelho, queremos acolhê-la no nosso convívio, e (porque não?) queremos ouvir histórias.

Gratos pela atenção

Salvador, 29 de agosto de 2007, dia consagrado ao martírio de São João Batista.

A EDUCAÇÃO – PROBLEMA DE TODOS NÓS

Germano Machado*

O problema da educação não é só um problema de Governo, mas de todos nós, pessoalmente, através, sobretudo, da família. Dividir, como se fez nos anos 50-60, a escola entre duas, a pública e a particular, agravou a problemática educacional. Levou a uma situação não-democrática, pois na democracia real e não apenas formal, as crianças freqüentam a mesma unidade escolar. Conduzir, assim, a uma socialização educativa e, portanto, ainda também democratizante. Não só uma escola para as elites de alto nível e as classes médias, mas igualmente oferecer às massas de pobres uma educação de valor, prático e generalizado.

Se assim não for (e porque não foi) houve discriminação total, guetos, favelamento, violência, guerra civil de fato, a não distribuição de renda, um analfabetismo antieconômico.

A educação é desafio permanente para a economia e a economia que não vise a educação geral, falha e se torna frustrante ao país, que é o que existe no Brasil de hoje.

Daí a gravidade quanto à insegurança entre os favelados e pobres em geral. Não há comunidade porque não há relacionamento classial em toda a nação, de modo especial não há empenho nas classes médias.

Em que resulta? No que estamos vendo: os criminosos, os assaltantes, os presos, os ladrões, os miseráveis, a proliferação de negros e mestiços em parte substancial, também os brancos sem nível econômico satisfatório, pelo menos minimamente, estão criando um Estado dentro do Estado...

* Formado em jornalismo pela UFBA, fundador do CEPA, colaborador em todos os jornais da Bahia, escreveu *A Longo Prazo*; *Homens e Estruturas*; *Da Física da Matéria à Metafísica do Espírito*; *Filosofia da Síntese*, entre outros, pertence à Academia de Letras e Artes Mater Salvatoris, à Academia Baiana de

Educação, à Academia de Letras e Artes do Salvador, ao GAC-BA, Professor aposentado da UCSal e UFBA.

Veja-se o Rio de Janeiro, veja-se São Paulo, veja-se a Bahia e o resto dos demais Estados!

A educação agora, diante desse quadro terrível, como um desafio do Governo Federal, dos Governos estaduais e municipais, de todos nós brasileiros é, através de um novo e vigoroso sistema econômico, levar à escola pública de nível e de valor. É um desafio aos Ministérios da Fazenda, de Planejamento, do Governo na presidência da República, do Ministério da Educação, sobretudo coligado e privilegiado pela Presidência.

Sem essa abordagem revolucionária, no seu sentido profundo e medular, o país não evoluirá para grandes destinações.

As Federações das Indústrias e do Comércio, em todo o âmbito nacional, o Banco Central e os Bancos particulares de alta projeção, em geral, ou olham para a Educação – ou seremos uma nação sem destinos.

A economia é um problema educacional e a Educação é um problema econômico – fundamental.

Estou virando o Pacheco de Eça?! Mas é necessário.

Não esqueço, pois, assim, de modo algum, que o preparo universitário aí está incluso forçosamente. Que uma abrangente alfabetização e um ensino primário nas cidades e nos campos se impõem. A Universidade aí se demonstrará e o problema do preparo de professores primários, secundários e superiores – é mais do que necessário. Que os professores dos três níveis ganhem salários dignos e não miseráveis.

Olhemos a Nação em conjunto e integração: como falar de Educação sem falar de saúde? Como falar de saúde sem falar em Educação? Não adianta, senão eleitoralmente, o Bolsa-Família, se não estiver vinculado, obrigatória e forçosamente, à Educação dos beneficiados. Se não for assim não passaremos de uma Democracia de banana...

O Governo está falando (falando) em Educação a partir dos seis anos (alfabetização), mas o que deve ser é iniciá-la aos três anos.

Sem educação integral (instrução, educação formal e auto-
educação) não adianta nada colocar o Exército nos morros e
favelas, no Rio, São Paulo e no país em toda sua dimensão, porque
morros e favelas existem devido à pobreza, à miséria, à exploração
do homem pelo homem, portanto, à falta total da Educação.

DOIS FILÓSOFOS

Germano Machado

História das Idéias Filosóficas na Bahia (Séculos XVI a XIX): obra completa no seu gênero, escrita pelos nossos dois grandes filósofos, dentro e fora do mundo acadêmico e cultural, professores doutores Francisco Pinheiro Lima Júnior e Dinorah D'Araújo Berbert de Castro. São 774 páginas historiando a vida e ação da filosofia e de seus cultores em várias áreas de estudo e ensino, no mundo leigo e no eclesiástico. Trabalho de tal envergadura que o Professor Antônio Paim, cultor e por assim dizer o mestre neste campo de análise em história das idéias no Brasil, na Apresentação, declara com a responsabilidade e veracidade peculiares à sua inteligência multimoda em filosofia: “Francisco Pinheiro e Dinorah d’Araújo Berbert de Castro realizaram um trabalho exaustivo, difícil mesmo de ser apresentado à vista das proporções que assumiu. Quer me parecer, entretanto, que encontraram uma solução muito feliz...” “Com este livro, Francisco Pinheiro e Dinorah d’Araújo Berbert de Castro prestam uma contribuição inestimável ao estudo da Filosofia Brasileira. A História das idéias filosóficas na Bahia está destinada a tornar-se livro de consulta obrigatória a quem se disponha a conhecer, em profundidade, o sentido principal da meditação brasileira”.

Depois do que afirma peremptório Antonio Paim, o que dizer? No lançamento da obra, em fins de 2005, na Biblioteca do Mosteiro de São Bento, o CEPA – Círculo de Estudo Pensamento e Ação, órgão cultural que mantém o GEF – Grupo de Estudos Filosóficos (com Adma Nunes, Gilson Figueiredo dos Santos e outros, jovens e velhos) esteve presente com o filósofo Almerindo César de Quadros, que foi aluno de Pinheiro e admirador de Dinorah, também diretor da entidade e eu, seu fundador, amigo de ambos.

Não poderíamos, porém, deixar de nos manifestar através de o *A Voz do CEPA* sobre o grande texto, o que agora fazemos, contentes.

A Capa é de Esmeraldo Coelho e Folha de rosto de Irmão Paulo Lachenmayer, um artista e um monge completo. Edições Ianamá teve o privilégio de editoração e indexação. A impecável revisão coube a Edinéia Maria de Almeida.

Dividido em três partes, a 1ª parte – Um Filosofar Difuso – analisa a Filosofia como atividade permanente do homem, avalia os elementos culturais primitivos do nosso país, mostra a importância da vida literária na Bahia (séc. XVI-XIX) neste aspecto, apresenta periódicos, livros e bibliotecas, comenta um assunto importante na tessitura filosófica – o saber de salvação – e chega às revoltas populares pela liberdade e suas idéias-forças. São mais de 138 páginas.

Na 2ª parte – Um Filosofar Institucional – vai aprofundando a temática filosófica e mostra os sistemas filosóficos que influenciaram o pensar brasileiro. Aponta as fontes indicadoras, o ensino da Filosofia em colégios, lista os professores de Filosofia e penetra nas idéias filosóficas nas faculdades.

Na 3ª parte – Compêndios e Livros de Filosofia Adotados entre nós – seqüência os compêndios, os manuais de Gramática Filosófica e chega mesmo a outros escritos destes quatro séculos.

É fantástico, digo, porque li a obra seqüentemente, relendo até hoje capítulos.

A Bibliografia e o Índice Onomástico (imprescindíveis à avaliação do trabalho de pesquisa e análise) vão das páginas 713 a 741.

Apesar da formação cultural e religiosa dos dois autores, História das Idéias Filosóficas na Bahia (séculos XVI-XIX) é totalmente isento e imparcial, citando e apontando TODAS as correntes e autores das mais diversas concepções na vivência filosófica.

O que escrever mais? Agradeço mais uma vez ao professor Pinheiro, que conheci desde jovem na Ação Católica e ele grande pregador e conferencista eclesiástico, que deu um curso de tomismo na Liga dos Ideais em 1949, da Congregação Mariana Acadêmica, na Vitória, ou Pensionato Padre Torrend, SJ, a meu pedido e aprovação do mesmo jesuíta e do seu amado discípulo Dr. João Mohana, depois Padre João Mohana, conhecido nacional e internacionalmente. Agradeço ao Prof. Pinheiro o prefácio do meu livro *Da Física da Matéria à Metafísica do Espírito*.

A professora Dinorah sempre teve muita compreensão dos meus ideais, sobretudo do CEPA, manifestando-o várias vezes, inclusive em reunião da Academia de Letras e Artes Mater Salvatoris, da qual ela, Pinheiro e eu somos membros. Espírito justo o da Profa. Dinorah d'Araujo Berbert de Castro, que, inclusive, ambos nos honraram com palestras no CEPA para o GEF-GEL em geral. Obrigado aos grandes e notáveis autores da completa História das Idéias Filosóficas na Bahia (séculos XVI a XIX).

ATEÍSMO EM ASCENSÃO?

Germano Machado

Segundo o IBGE, em suas estatísticas, o índice de ateísmo no Brasil está em ascensão, passando a mais de 7% de indivíduos que se declaram não admitir a existência de um Creador ou, como diria Platão, um Organizador do Universo.

Na Europa também, o ateísmo expresso tem crescido, assim como a queda vertiginosa prática das igrejas, sobretudo a Católica e a Luterana e Reformadas.

A indiferença não será o móvel desse ateísmo e da diminuição cada vez maior da religião em toda a Terra?

Não será a perda de um axiologia integral – valores sendo postos de lado? Não há possibilidade, em artigo de jornal, de aprofundar o assunto. Acentuarei alguns aspectos.

Com a Renascença, no pós-medievo, o retorno ao espírito grego relativista de uma cosmovisão como a cristã-católica, seguida pela divisão da Igreja católica na Reforma e seus desdobramentos (multiplicação infinda de denominações que, hoje, são inúmeras com o pentecostalismo e sua “teologia da prosperidade”, finalmente com o totalitarismo ateu do comunismo soviético, do fascismo e do nazismo racistas, dá-se o crescimento da descrença religiosa e do ateísmo.

Vamos ser claros e sinceros: a Igreja Católica não deu uma palavra objetiva sobre a hecatombe que o judaísmo sofreu na Alemanha nazista e a Encíclica de Pio XI de condenação não chegou a ser publicada sobre o assunto (Pio XII deveria ter conhecimento da Carta de seu antecessor, fez muito pelos judeus, mas temeu reação mais drástica do demoníaco nazismo de Adolf Hitler).

As denominações religiosas cristãs reformadas e outras vertentes de religião não consideraram o concreto prático do social

humano e se atrelaram, todas, direta e/ou indiretamente ao materialismo-atéismo prático do capitalismo explorador.

Então, diante de panorama tão antiteísta, o ateu honesto, que não age contra o próximo e vive uma vida pública e particular correta, não é lógico e certo?

Não distinguindo Religião de Religiosidade (esta, inata em todo ser humano oriental e ocidental), não compreendemos este fato. Religião é consequência da Religiosidade. Assim, uma é denominação, congregação e comunidade e, outra, é vivência pessoal. Os religiosos de todas as denominações devem pensar essas considerações.

Justifico o ateísmo? Evidentemente, não. Que são hoje ateus (ou antiteístas) como Voltare, Diderot, mesmo Nietzsche, Marx e semelhantes? Grandes escritores, poetas e economicistas! Que é hoje o racionalismo que vai sorrateiramente penetrando através da Renascença, da Reforma e de certos filósofos contraditórios? Um ateísmo que se dilui, veja-se a derrocada do socialismo real do comunismo soviético e o impasse terrível da globalização do capitalismo, onde a potência maior, os Estados Unidos, está em crise aguda e podem prejudicar os demais países.

Todos eles falam em Ciência, na verdade, é cientificismo, absolutização da Ciência, onde o extraordinário Galileu não aderiu, crente em Deus, prático e direto. Do mesmo modo, o cientista Francis Collins, que coordenou o Projeto Genoma, é um dos maiores defensores da fé e crença em Deus.

Richard Dawkins, sobretudo, juntamente com Daniel Dennett e os chamados “ateus militantes” são cientificistas, esmagam sua religiosidade inata no homem, prova maior da existência de Deus, são fanáticos e fundamentalistas.

Não quero falar do Teísmo de Platão, do Plotino, de Agostinho e Tomás, mas em um filósofo não-religioso como David Hume, acham-se análises profundas sobre Deus, o que é de espantar, por um lado, e clarear a razão, por outro.

A Ciência não nega Deus nem quem pratica a Religião. A Religião não pode e nem deve ser, não é, contra a Ciência, embora

de posições que tomou às vezes contra, tem se desculpado e vem se modificando, é ver o problema do Evolucionismo que não contradiz o Criacionismo.

Portanto, o crescimento do ateísmo deverá conduzir ateus e religiosos a uma funcional visão do Homem-no-Universo e do Universo-no-Homem.

A Filosofia e a Ciência hão de ver que a Matéria (Energia) não poderia ter existência por si mesma (por si mesma, o quê?!). A Filosofia e a Teologia (portanto, a Religião e a Religiosidade) hão de exaltar e se configurar com a Ciência. Ciência e Religião hão de compreender que sempre existirão e que precisam olhar o homem na sua realidade profunda, no seu intimismo, angústia, dramas existenciais. Para mim, a maior “prova” de que Deus existe é que nem a Religião e nem a Ciência sobreviveriam não fossem os Santos, os Honestos, como Einstein, os que como Bobbio, racionalista, afiançava que Razão e Intuição completam-se na Religiosidade que todos os homens têm no coração, na emoção e nos sentimentos.

Assim, apelo humildemente que os ateus e os religiosos parem e pensem no que Pascal, homem de Ciência desde criança! e tão religioso, afirmava: *“O coração tem razões que a própria razão desconhece”*...

SAUDAÇÃO AO DR. JOSÉ CARVALHO NA CONCESSÃO DO TÍTULO DE SÓCIO BENÉRI- TO DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO EM 27.9.07

Prof. Manoel Barros

Senhor Presidente desta Academia, Professor Roberto Santos
Senhora Presidente de Honra da Academia, Professora Leda Jesuí-
no
Prezados Confrades e Confreiras, em especial o Confrade José
Carvalho, que hoje homenageamos
Senhoras e senhores convidados, em que se incluem os amigos e
colegas de trabalho dele

O nosso Confrade José Corgosinho de Carvalho Filho já
foi distinguido por esta Academia por duas vezes. A primeira
quando foi eleito para ocupar a Cadeira nº 33, de que é Patronesse
Maria Romana Calmon de Bittencourt, e cujo primeiro ocupante
foi o Professor Jorge Calmon Moniz de Bittencourt, a quem ele
sucedeu. Na ocasião da sua posse foi ele saudado pela nossa Presi-
dente de Honra, Professora Leda Jesuíno. A segunda homenagem
foi em 2000, quando recebeu o título de Educador do Ano, na oca-
sião discursou em nome da Academia a Professora Maria Anália
Costa Moura.

Esta é, portanto, a terceira vez em que nós distinguimos o
nosso Confrade, o que já de si diz da importância da sua contribui-
ção para a Educação na Bahia.

Seria difícil superar a eloquência das saudações anteriores
ao nosso homenageado, como também não haveria o que acrescen-
tar à precisão dos dados nelas contidos sobre o Doutor José Carva-
lho, salvo se fosse para atualizá-los. Optei então por começar dando
a minha visão sobre a história pessoal do homenageado baseado na

semelhança da minha experiência como fundador e dirigente de uma instituição de ensino.

Do que pude perceber vejo que ele, como eu, foi influenciado pelo espírito cristão que perpassa a nossa cultura e que a impregnou de valores fundamentais para a vida humana. Reflitamos sobre isso para melhor compreendermos a obra de José Carvalho.

O Cristianismo se constitui, na minha opinião, na forma mais avançada de religião que conhecemos. Sua mensagem não foi escrita pelo seu fundador, mas a força das suas idéias marcou de tal forma os que o seguiram que eles a difundiram pelo mundo num crescendo que continua a se expandir dois mil anos depois.

A essência dessa mensagem é o Amor e a força dela deriva do fato de que Cristo não só pregou o Amor mas, sobretudo, o praticou. Isto bem aparece na força da expressão latina "*In fine, dilexi*", "Amou até o fim" quando se conclui a descrição da Paixão.

Podemos acrescentar a isso a sua Regra Áurea "Este é o maior dos mandamentos: Ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo".

Podemos também ver a realização dela nas primeiras comunidades cristãs quando seus contemporâneos diziam de seus membros: "Vede como eles se amam!".

Compreendi melhor tudo isto quando, como bom descendente do racionalismo, vi uma definição de Amor. Ela diz que o Amor é "Uma visão positiva incondicional do outro", ou seja, quem ama não vê defeitos no objeto do seu amor e quer tudo de bom para ele.

Isto vale tanto para o amor entre pessoas como para o amor de alguém que se dedica a amar a todos. Neste caso o desejo de quem ama é o bem daqueles a quem se dedica. Este deve ser o espírito dos educadores.

E isto é tanto mais verdade quando Cristo foi o Educador por excelência. Basta olharmos as suas parábolas. Na sua aparente simplicidade elas transmitem de forma poderosa as idéias mestras do Cristianismo.

Tomemos, em particular, a parábola dos Talentos que está no Evangelho de São Mateus, capítulo 25, versículos 14 a 30. Ela narra a história de um homem que, ao ausentar-se para longe, chamou seus servos, e entregou-lhes os seus bens em dinheiro romano. Ao primeiro deu cinco talentos, ao segundo, dois e ao terceiro, um. Os dois primeiros, durante sua viagem, negociaram os talentos recebidos e devolveram, respectivamente, dez e quatro talentos. O terceiro devolveu apenas o que havia recebido, pois ficou com medo de aplicá-lo em negócios. Os que multiplicaram os talentos transmitem de forma poderosa as idéias dois mil anos depois. Moniz de Bittencourt, a quem ele ganharam o reconhecimento do seu senhor e novas responsabilidades. Mas o que guardou, o que recebeu, até este o amo lhe tirou, dizendo: "Porque a todo o que já tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância; e ao que não tem, tirar-se-lhe-á até o que parece que tem". E o despediu.

Metaforicamente considerada, esta parábola refere-se à responsabilidade moral que temos de multiplicar os bens, materiais ou espirituais, que de Deus recebemos. Se recebemos muitos bens materiais, devemos dividi-los com quem nada tem e, se o Criador nos deu a luz do conhecimento espiritual, não podemos ocultá-lo por egoísmo, preguiça ou por receio de represálias e dissabores, mas devemos praticá-lo e difundi-lo. Com isso, ajudaremos a construir um mundo mais justo e mais fraterno.

É nesta luz que vejo a obra de José Carvalho e que justifica o título que a Academia agora lhe outorga. Creio que todos verão o mesmo na apresentação multimídia que foi preparada pela Fundação que leva o seu nome e que veremos a seguir. Ela completa estas palavras iniciais para o nosso homenageado. E, certamente, nos inspirará a fazer ou continuar a fazer como ele na nossa vida de educadores.

Prêmio Folha Dirigida - Agradecimentos

Prof. Manoel Barros

MENSAGEM

Agradecimentos iniciais

Quero começar agradecendo aos promotores desta festa: o jornal Folha Dirigida, representada pelo seu Diretor na Bahia, Antonio Dias, um amigo da Educação; a Academia Baiana de Educação, por seu Presidente Professor Roberto Santos, e a Associação Baiana de Imprensa, por seu Presidente Jornalista José Jorge Randan.

Devo também agradecer às 900 pessoas do setor educacional na Bahia que participaram do processo de escolha e, particularmente, àqueles que indicaram o meu nome para o prêmio Personalidade Educacional do ano de 2007 – Prêmio Professora Amélia Rodrigues.

Reconhecimento do alcance do prêmio

Embora o prêmio seja atribuído à minha pessoa, devo deixar claro que o considero como uma distinção para a Instituição que dirijo, a Universidade Salvador – UNIFACS.

Este reconhecimento deriva do fato de que foram, hoje, milhares de pessoas, entre dirigentes, professores, colaboradores e alunos e diplomados que nos ajudaram a construir a nossa Universidade.

A minha trajetória pessoal de educador deve, também, imensamente, a minha esposa Stella e a meus filhos que hoje me ajudam a dirigir a Instituição.

A eles acrescento meus pais, Mário e Inah Barros, que me legaram os valores que até hoje me orientam.

Relembro, finalmente, meu amigo, o Professor Ademar Linhares, que comigo fundou a Instituição, há 35 anos atrás, e que me deixou como seus sucessores dois ex-alunos nossos, Dr. Sérgio Viana e Dra. Verônica Fahél, que vêm, desde sua morte, colaborando no desenvolvimento da nosso sonho original.

O nosso compromisso

Um prêmio como esse cria em todos nós da UNIFACS, ao lado da satisfação pelo reconhecimento do nosso trabalho, um compromisso para o futuro de continuarmos a construção da Instituição.

Não é um compromisso fácil. Quando começamos, nos colocamos altos ideais que, felizmente, resultaram num empreendimento sólido, comprometido com o desenvolvimento da Bahia por um trabalho de educação de qualidade, de pesquisa relevante e de interação com a sociedade através de atividades de extensão.

Mas as necessidades da Bahia e do Brasil cresceram e se modificaram, e não podemos contar com o sucesso do passado como garantia de que responderemos adequadamente aos novos tempos.

Estamos, porém, alertas e buscando novas formas de executar nosso trabalho, mesmo enfrentando novos riscos, para preservar os nossos ideais originais e os valores neles contidos. Deus nos guiou até hoje e, certamente, continuará a iluminar o nosso caminho.

Obrigado a todos.

Discurso de Saudação pela Posse da Prof^a Maria Conceição Costa e Silva na Academia Baiana de Educação

José Rogério C. Vargens

24.10.2007

Desde a sua criação, nos idos do século XVIII, o povoado da Capela de Padre Matheus, erguida sob invocação a Santo Antônio, exibiu forte tendência para se desenvolver. Desmembrado de Nazaré é elevado à categoria de Vila ainda no Império e, já no segundo ano da República, à categoria de Cidade.

No segundo quartel do século XX, a Cidade de Santo Antônio de Jesus era, então, um destacado centro comercial da Estrada de Ferro Nazaré.

Naquela terça-feira de maio, fase de lua escura, tempo bom para semear, frutificar ou colher, faltando apenas uma semana para a Festa da Cidade, a notícia se espalhou com rapidez. O que não era de admirar. Afinal, "Seu" Laurindo, embora modesto e de recursos limitados, era uma das pessoas mais conhecidas.

Morador da Rua XV de Novembro, a principal da Cidade, era assim conhecido pelo seu ofício. Possuía uma barbearia. Hoje seria um "salão unissex", já que o seu titular tinha também a habilidade de lidar, na especialidade, com ambos os sexos.

Sua fama se ampliava porque, como cidadão de muito bom conceito, era o único cabeleireiro a quem era autorizado penetrar na intimidade dos lares da abastada elite para cuidar da formosura das *madames* e de suas sinhazinhas.

Devido a esta popularidade, no próprio dia 22, toda a Cidade já sabia do nascimento da terceira filha de “Seu” Laurindo. Era o quarto rebento que Dona Maria Brasília lhe dava. O primogênito, Antonio, já não existia, ficaram as duas irmãs que lhe antecederam, Leda e Maria José.

Foram chamados para padrinhos o casal Anízia e Arthur Torres, então residentes em Santo Antonio e que, mais tarde, teriam decisiva influência na vida de **Maria Conceição** – nome de batismo a que o Registro acrescentaria **Costa**, da mãe, e **Silva**, do pai.

Embora o casal tivesse tido ao todo dez filhos, a menina ficou caçula, pois, como o primeiro, os seis irmãos que lhe sucederam não resistiram à elevada mortalidade infantil no interior da Bahia da época. Ela própria foi salva por um triz.

Acometida de uma prolongada gastroenterite nos primeiros meses de vida, teve que aprender a andar sem a oportunidade de engatinhar. As recomendações da época não lhe permitiam o contágio com o chão. Assim, revezava-se entre o colo da tia Tonha e da avó Florentina, dois presentes que dona Maria Brasília se fez acompanhar no casamento e que o bom Laurindo recebeu como dote, acolhendo por toda a vida.

Menina franzina, perninhas tão finas que, quando um sabiá cantava, a avó lhe dizia: “Olha! o passarinho está reclamando as perninhas que você lhe roubou!”

É em núcleo familiar muito bem consolidado que atravessa a infância. O pai portava uma característica que não era comum para um homem do interior e de tão poucas posses: possuía o curso primário completo, caligrafia impecável e o hábito cotidiano de ler.

Dona Maria não teve a oportunidade de cursar a escola formal, mas, graças ao estímulo do berço e o incentivo do marido, não ficava atrás – dominava muitos saberes e tinha igual predileção pela leitura.

Assim, chegada à idade escolar, é matriculada na Escola Félix Gaspar, onde cursa todo o primário, com acompanhamento muito atento dos pais.

O desempenho escolar era muito bom, embora a menina fosse muito traquina. Estripulias que eram reprimidas por dona Maria, servindo-se dos cipós de uma parreira cultivada no quintal. Prática esta condenada, veementemente, pelo pai, que, provavelmente sem saber, comungava com as teses propaladas no século anterior pelo Patrono Abílio César Borges, cuja Cadeira a estudante irá agora ocupar. Deixando, entretanto, de lado as fundadas razões do Barão e do pai, quem educava mesmo a pirralha era dona Maria...

Na verdade, não sobrava muito tempo para peraltices, porque às tarefas escolares diárias somavam-se os compromissos dos afazeres domésticos partilhados entre todos, adultos ou crianças, inclusive aquelas com as quais dona Maria complementava o orçamento doméstico, como o cultivo de frutas e hortaliças no quintal. Havia uma muito especial: o revezamento para mexer as enormes taxadas de doce com que dona Maria fazia as famosas bananadinhas, distribuídas por toda a Cidade e aos passantes da Estrada de Ferro, graças aos serviços de corretagem de um punhado de graciosos moleques.

Ah! Que tarefa calorenta e estafante! Mas, convenhamos, muito contribuiu para desenvolver a menina franzina – o que ela muito iria precisar!

Concluído o primário, concluíam-se, também, as possibilidades da nova Acadêmica. Santo Antonio de Jesus, apesar do prestígio de Landulfo Alves, ainda não oferecia o curso ginasial. Tampouco a família tinha meios para sustentar a filha em um colégio interno na Capital, como acontecia com os colegas de posses. Interrompe-se, assim, por algum tempo, a promissora carreira escolar da menina. Fato quase definitivamente consumado!

Todavia, justo naquele intervalo, vão os padrinhos, em passeio, visitar a Cidade da antiga residência, e aí encontram a tristeza dos compadres e da filha, pelo desencanto de tantos sonhos ameaçados.

Naquele momento, ninguém poderia imaginar quantos tanto têm a agradecer pelo providencial convite para que a futura Professora Conceição viesse morar em Salvador com a Família Torres, de modo a prosseguir seus estudos.

Carregada de malas, curiosidades e sonhos – muitos sonhos – chega aqui a adolescente premiada pela sorte! Contudo, depara-se com a primeira dificuldade: o temido Exame de Admissão ao Ginásio!

Longe de ser a única, foi a sua primeira grande e marcante ansiedade. Menina de escola pública do interior, naquela Bahia provinciana, como poderia competir com os colegas da Capital? Ou mesmo com os do interior que, entretanto, contavam com o nivelamento propiciado por cursos e explicadores particulares? Meios para tanto nem poderia cogitar.

Preocupada, confessa à mãe: a aprovação não lhe parece viável. Mesmo, assim, sozinha, mergulha nos livros com todo afinho.

Provas feitas, resultado publicado, saboreia sua primeira grande vitória: matrícula garantida no Curso Ginásial do Instituto Normal da Bahia! Feliz Natal de 1943!

Agora, estrada aberta, era vencer e vencer. Mas não foi tão fácil. Apesar da boa acolhida, seus dias eram marcados pelo conviver em casa alheia. Ademais, muito freqüentemente, os horários da casa não combinavam com os da escola. As aulas começavam às 13:00 e o almoço, dificilmente, saía às 12:00. Mas, entre o apetite

da adolescente (que fome!) e a pontualidade do compromisso escolar, vencia a obrigação.

O pior era subir, a pé, a empinada Ladeira do Funil, que se interpunha entre a casa dos Torres na Djalma Dutra, Sete Portas, e o Instituto Normal, no Barbalho.

O sofrimento foi atenuado pelos lanchinhos que, discreta e sistematicamente, dona Maria passou a lhe enviar.

Quando as dificuldades são diárias, o desembaraço de vencê-las é crescente. Desse inevitável encontro, começam a brotar precoces apelos de maturidade. Assim, escoaram os primeiros anos de sua aventura soteropolitana – caminham os mesmos passos: a adolescência e a lucidez.

Ginásio concluído, comemorações, sorrisos e lágrimas, estas de justificada emoção e alegria. Familiares e padrinhos gratificados, ela própria realizada, enfim....

Enfim? Enfim o quê? E agora, o que fazer? Literalmente, o que fazer?!

A cabeça da menina-moça dava voltas. Tinha compromissos com os pais e benfeitores. Estava bem credenciada pelo desempenho alcançado, mas, qual deveria ser o novo desafio?

A dúvida era clássica: como compor as cores dos sonhos e os tons da realidade? Como realizar o encontro entre o possível e o viável?

É que a vocação era para a Medicina. Mas... A Medicina era muito e os meios continuavam poucos!

Ademais, de uma forma ou de outra, ainda algum tempo teria necessariamente de continuar na mesma situação: abrigada

pelos padrinhos e mantida pelos pais. Não lhe parecia que seria correto demandar mais e por tempo mais longo. Eram os tais apelos de maturidade que, mansa e habilmente, desvaneciam a fantasia fecunda dos sonhos!

Sentia-se também atraída pelo Magistério. E isto sim, estava bem mais à mão. Bem ali no Instituto Normal, onde já se sentia familiarizada. Seriam apenas mais três anos.

E assim foi: perdeu a Saúde, ganhou a Educação.

Essa troca, por vezes tem ocorrido. O Patrono Abílio César Borges diplomou-se Médico e sagrou-se Educador. José Simões, último ocupante da Cadeira, também.

O tempo correu. Durante as férias, alegremente passadas em Santo Antonio, no aconchego da família, a normalista exercitava-se dando aulas aos pequenos candidatos que, como ela, tinham o Exame de Admissão. É que esse fantasma lhe deixou marcas inapagáveis, de tal sorte que este tema sempre lhe despertou grande motivação nas ocasiões em que cruzou com ele.

Já agora, morena vistosa – convenhamos, sete anos de Ladeira do Funil, sabiá algum nada mais havia o que reclamar – Maria Conceição chega à Colação de Grau das Normalistas de 1950. Entre os Professores Homenageados, dando a estatura do curso, Ada Nascimento, Alfredo Nogueira Passos, Helvécio Carneiro Ribeiro, Paulo Fábio Dantas, Renato Mesquita e Sílvio Santos Valente.

Diplomada, co-autores e circunstantes, quem quisesse que sorrisse, chorasse ou comemorasse à vontade, porque agora era para valer! Vitória definitiva e, supostamente, chegava-se ao cimo!

Cimo, coisa alguma! Aí começava, com desenvoltura e velocidade, uma longa e elogiosa carreira.

Logo a seguir a formatura, é designada Professora Estagiária, quadro extranumerário, do Colégio Daltro Filho, em Itapagipe. No ano seguinte, aprovada em Concurso Público de âmbito estadual com conceito que lhe permitiu escolher a Capital, torna-se, a partir de março de 1952, Professora Primária do Colégio Santos Titara, sob a direção de Raidalva Vieira Bittencourt, na atual Avenida Vasco da Gama.

Nesse mesmo ano, já dona de si, compreende que o que tivera de escolher era pouco e, assim, teria de percorrer o ensino superior. Determinada e sem abandonar a carreira de professora primária, nem poderia, ingressa, em 1953, no Curso de Letras Clássicas da Universidade Católica. Desejava muito ser aluna de Raul Sá, pois já havia escolhido se dedicar ao ensino da Língua Portuguesa.

Estava lotada há dois anos na Escola Úrsula Catarino, no Rosário, quando, em 1956, alguns acontecimentos teriam significado especial.

Recebe da Professora Anfrisia Santiago, em encontro motivado por objetivo completamente diverso, surpreendente convite para ensinar naquele prestigiado estabelecimento. Melhor porta não se poderia abrir para credenciá-la junto ao universo do ensino particular. Agradece, entretanto, recusa o convite: não era possível compatibilizar o famoso "plantão" do Colégio, que obrigava as professoras a aguardarem a coleta dos alunos pelos pais, com o horário das aulas vespertinas na Universidade. Insistindo no convite e de forma ainda mais surpreendente, Dona Anfrisia lhe libera dessa obrigação e, assim, foi afinal convencida.

Entretanto, é no ensino público, que se dá o acontecimento muito mais conseqüente. Rama Krishna é Diretor do Colégio Duque de Caxias, na Liberdade, e resolve criar um Curso de Admissão ao Ginásio destinado a suprir as dificuldades do alunado, majorita-

riamente carente, daquele importante centro de ensino. Nem houve necessidade de insistir!

Ora! Exame de Admissão é justamente o fraco da jovem Professora! Lembrando-se, sempre, do seu próprio drama, mergulha de corpo e alma nessa nova atividade e, inevitavelmente, também, no Duque de Caxias. Onde, no ano seguinte, torna-se Instrutora de Português do Curso Ginásial, um ano mais, Assistente do Diretor e, mais tarde, Vice-Diretora.

Ainda, naquele mesmo ano de 1956, em dezembro, com imposição de Grau proferida por nosso confrade Francisco de Lima Pinheiro, então Diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica, é Licenciada em Letras Clássicas.

Na sua carreira docente, o Duque de Caxias foi à experiência que mais lhe marcou, contudo, após a Licenciatura em Letras, foi Professora de Português, em muitos outros estabelecimentos, como Sofia Costa Pinto, Ginásio Estadual Manoel Devoto, Centro Integrado Luis Tarquínio e Ginásio Severino Vieira.

Em estabelecimentos de ensino superior, foi Professora de Língua Portuguesa da Universidade Católica, onde foi também Diretora do Colégio de Aplicação e, na Universidade do Estado da Bahia, foi Assessora da Pró-Reitoria de Graduação.

Ampliou e aperfeiçoou sua qualificação acadêmica em diversos cursos. Na UCSAL, anos de 1961 e 1962, realizou curso de especialização em Orientação Educacional na Faculdade de Filosofia, tendo como Diretor nosso confrade Remy de Souza. Mais tarde, em 1973, na Faculdade de Educação dessa mesma Universidade, complementou os créditos para Licenciarse em Pedagogia.

Em Recife, fez Curso de Capacitação Educacional, na SUDENE, em 1963. Nos Estados Unidos, de 1966 a 1967, aper-

fez o curso de Inglês na Universidade de Georgetown, em Washington, e realizou um interessante programa de estudos e treinamento, na Universidade de Wisconsin, em Milwaukee, com experiências de campo nas escolas primárias daquele País, tendo como enfoque o treinamento de professores e a organização, administração e supervisão do ensino primário.

Sua carreira de educadora, todavia, não se limitou às salas de aula. Em paralelo, vivenciou muitas outras experiências.

Aturdido com o grande volume de afazeres, Paulo Américo de Oliveira acumulava as funções de Presidente do Conselho Estadual de Educação, primeira composição após a Lei de Diretrizes e Bases de 1961, e de Diretor de Ensino da Secretaria de Educação e Cultura. Em 1965, com a intenção de ajudar seu grande amigo, Rama Krishna cede a Professora Conceição para, temporariamente, exercer a função de Assistente de Gabinete daquela Diretoria.

Nossa acadêmica nunca imaginou que aquela colaboração com a Secretaria iria perdurar por tão longo tempo!

Com o falecimento inesperado de Paulo Américo, assume a Diretoria Alair Coutinho, recém chegado da França. Mantém a Assistente no cargo e, posteriormente, reconhecendo seu valor e potencial, estimula a auxiliar a aceitar convite para se deslocar aos Estados Unidos a fim de realizar o programa já referido.

Durante o Governo Luis Viana Filho, sob o comando de Navarro de Brito, envolve-se com um dos projetos que mais lhe gratificou: o Exame de Suficiente Educação Primária, possibilidade oferecida pela Lei Orgânica, promulgada naquele Governo, segundo a qual o Exame de Admissão era substituído por exame aplicado pela Secretaria e realizado na escola de origem do candidato. É que ecoavam no seu íntimo, mais uma vez, as lembranças de suas próprias dificuldades. Exerceu a Coordenação da Comissão Central

encarregada de executar o projeto. Além disso, nesse mesmo governo, foi Diretora da Divisão Técnico-Pedagógica.

Permanece na Secretaria, durante a gestão de Rômulo Galvão, complementada por Cléber Pacheco, exercendo a Diretoria da Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento – DESAP, na qual teve a oportunidade de desenvolver importante programa de Habilitação de Professores Leigos.

Encontra-se nessa função, quando assume o Governo da Bahia nosso atual Presidente Roberto Santos. Secretário de Educação: Carlos Correa de Menezes Sant'Anna.

Ao assumir a Secretaria, com aquela pose que, para os desconhecidos, encobria uma grande figura humana, entrevista alguns servidores, para se inteirar da situação. Chegada sua vez, Conceição lhe apresenta, como de praxe, seu pedido de exoneração. Sant'Anna, reto e ético, como sempre, afirma que, efetivamente, ela não seria mantida no cargo, até porque, estando a sua Divisão vinculada ao Departamento de Ensino Superior e tendo o Governador tão altas qualificações e experiência na área, o provimento desse Departamento se faria com uma das pessoas de sua equipe anterior. Solicitou, entretanto, para que ela aguardasse a substituição no cargo e respondesse, também, interinamente, pela Diretoria do respectivo Departamento, já vaga. A servidora lhe responde que, na verdade, por razões pessoais, desejava se afastar da Secretaria, valendo-se de licenças acumuladas, mas não lhe custaria aguardar mais alguns dias, enquanto as providências se consumavam. Todavia, o tempo que se imaginava de apenas dias, foi muito mais longo, levou cerca de ano e meio.

Inesperadamente, sem que a servidora houvesse sido comunicada, chega ao Gabinete do Governador minuta de decreto de sua exoneração, sem que constasse o habitual "a pedido". Providencialmente, no entanto, alguém no Palácio estranha o documento, telefona para Conceição e corrige a redação. Ocorre, entretanto

que, porque estivesse viajando ou por deslize dos rituais burocráticos, ao Secretário também não foi dada oportunidade prévia de agradecer à funcionária os serviços prestados durante o longo período de espera, como desejava.

Sant'Anna, ao tomar conhecimento, chama a servidora e, despojado de qualquer pose, pede-lhe desculpas! Pronto, foi o bastante! Ganhou definitivamente sua admiração! Conceição permanece na Secretaria, como Assessora, dedicando-se ao Profaz e, nessa condição e entusiasmo, ao Projeto do Complexo Educacional de Narandiba.

Meu amigo Carlos Sant'Anna, na fase final de sua vida, emocionava-se com os atenciosos telefonemas de Conceição procurando saber de seu estado de saúde.

Nos governos subseqüentes, coordena a implantação do Centro de Ensino Supletivo de Narandiba e, tarefa concluída, torna-se Diretora deste mesmo Centro até a utilização dessas instalações pela criação da Universidade do Estado da Bahia.

Essa vertente da carreira como técnica se estende até 1990, integrando, nos últimos três anos, a equipe de pesquisadores do Instituto Anísio Teixeira.

Há, contudo, mais uma outra rota de importante contribuição. Exerceu diversos mandatos como membro do Conselho Estadual de Educação. O primeiro iniciado em 1979. Os demais, sucessivamente, de 1991 a 2004, período, durante o qual eu tive a felicidade de conviver e muito a lhe agradecer.

Conselheira atuante exerceu, por mais de uma vez, a Presidência da Câmara de Educação Superior. Ao longo de determinado período, foi Vice-Presidente, quando tive o privilégio de partilhar com ela a tarefa de dirigir o colegiado.

Nas funções de Conselheira, em meio a muitas outras atividades, envolve-se, mais uma vez, com programas de longo alcance destinados à qualificação de professores. Desta vez o objetivo era proporcionar o nível superior aos professores que exerciam o magistério nas séries iniciais do ensino fundamental, tendo apenas a formação em nível médio.

Minha querida Conceição, permita-me que lhe trate assim. Afinal, nem a formalidade de que estou investido consegue dobrar o afeto que lhe tenho.

Que longa caminhada lhe traz aqui!

Esta Academia lhe recebe no outono da vida. Quantas lembranças, quantas saudades! Cada lembrança, uma saudade!

É que o outono, minha prezada amiga, é a estação que detém a magia de despistar as árvores, dourando as folhas.

As taxadas de banana de D. Maria? Eram doces...

Os cipós de parreira eram ásperos, mas a mão era leve!

Ah! O percurso entre o Instituto Normal e a casa dos Torres, no retorno, era premiado pela brisa fresca do entardecer e, ademais, a Ladeira do Funil, rampa abaixo, encurtava o caminho!

Ao evocar as lembranças, a memória encena os momentos que marcam a vida. Momentos de alegria, de tristeza, de ansiedade...

Foram tantos! - Cada momento, uma lição.

Que longo aprendizado!

E como são fortes as lições da angústia....

Posso imaginá-la, ginasiana ainda, ao saber que seu pai, uma das figuras centrais da sua vida, estava gravemente enfermo. Possibilidades médicas em Santo Antônio esgotadas e a dificuldade de meios para transferir o doente para Salvador configuravam a situação como irreversível. Não obstante, conseguiu-se trazer Laurindo.

Aqui é internado no Hospital Santa Isabel e entregue aos cuidados de dois jovens médicos – um deles recém formado. Situação gravíssima: um apêndice supurado já com aderências. Paciente debilitado, penicilina já existia naqueles idos de 1945, mas era cara, difícil de obter e de manuseio complicado.

As chances eram quase nulas. Mesmo assim, idealistas, a parelha de médicos aceita o desafio de operá-lo, desde que a família autorizasse, devidamente esclarecida de que a chance de resistir à cirurgia não era maior que 10%.

Ato cirúrgico longo, mas o paciente sai com vida. Contudo, o pior estaria por acontecer. Ao ser transferido para a enfermaria, a maca esbarra no portal da entrada e o paciente despenca no chão!

Os médicos, furiosos, consideram-se liberados de todos e quaisquer compromissos! Pura conversa fiada! - Seriam eles mesmos que se encarregariam de conseguir a difícil, mas providencial, penicilina. Vital para o caso.

Salvo, Laurindo adotou dois procedimentos pelo resto da vida. Como havia ficado na enfermaria Senhora Santana, todos os anos, nos dias 26 de Julho, enviava as famosas angélicas de Santo Antonio de Jesus para adornar a festa da Santa.

Católico fervoroso, todas as noites e ao longo dos 30 anos que ainda viveu, sem faltar uma única, rezava pelos dois médicos

que lhe atenderam: Cesar Sá, cunhado de José Simões, que a Conceição incumba agora suceder, e o recém formado Jesuino Neto, confrade que continua honrando esta Academia, a Medicina e o Colégio de Cirurgias da Bahia.

Esse foi o exemplo mais forte de gratidão que a vida lhe proporcionou. E o reconhecimento, Conceição, tem a importância de alimentar com um dos melhores sabores da convivência humana!

Esta Academia quer a sua presença, seu conhecimento e sua experiência – mais de cinquenta anos de carreira – vinte e oito de magistério, vinte e cinco de serviços prestados à Secretaria de Educação e dezessete como Conselheira de Educação.

Entretanto, esta jovem Academia – adolescente que ainda seja – quer afirmar-se intérprete dos baianos nesse imenso universo da Educação.

É assim, que pratica neste ato, também, um gesto de gratidão, expressando o reconhecimento de milhares de crianças, jovens e adultos que receberam os benefícios de sua atuação, ou por frequentarem as suas aulas, ou por terem sido alcançados pelos inúmeros projetos que receberam o bem de sua participação.

Maria Conceição Costa e Silva, receba neste coletivo abraço o reconhecimento da Bahia - não à Médica que não pode ser - mas à grande educadora que tem sido!

Junte-se a nós! Seja bem vinda!

DISCURSO DE RECEPÇÃO A VANDA ANGÉLICA DA CUNHA

Prof. Antônio Jesuíno dos Santos Netto

Boa noite, a todas e a todos.

Quero saudar o Diretor dos trabalhos, eminente Professor Doutor Roberto Figueira Santos, muito digno Presidente da Academia Baiana de Educação, estendendo minhas saudações aos lídimos representantes das entidades sociocientífico-culturais que compõem a mesa desta solenidade.

Queridas confradeiras, caríssimos confrades,

Engalana-se a Academia Baiana de Educação para receber como confrreira Vanda Angélica da Cunha, reconhecendo os seus méritos na dignificante tarefa de lidar com livros, documentos e pessoas.

Quero ler, para vocês, algumas páginas do livro da vida da homenageada, que vem, por certo ser fiel ao lema da Academia Baiana de Educação *LUCEAT LUX VESTRA*, “luza a vossa luz”, Vanda Angélica da Cunha, para que, com sua colaboração haja cada vez mais brilho em nossa confraria.

Nascida em abençoado e aconchegante lar, é fruto do amor do casal senhor Antônio Fernandes da Cunha e senhora Edelvita Angélica da Cunha, extremosos pais, protegidos pela Nossa Senhora das Grotas, Santa reverenciada pela família juazeirense.

A jovem Vanda Angélica da Cunha completou a graduação, obtendo o Bacharelado em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal da Bahia, após um convívio harmonioso com as colegas da turma. Folheando o livro da Vida de Vanda Angélica da Cunha, vocês verificarão que ela desempenhou, com competência e extrema dedicação todas as atribuições da sua pro-

fissão de bibliotecária, de acordo com que especifica a Lei n.º 4.084 de 30 de junho de 1962, regulamentada pelo Decreto n.º 56.725 de 15 de agosto de 1965, como listadas a seguir:

I - o ensino das disciplinas específicas da biblioteconomia;

II - a fiscalização de estabelecimentos de ensino de biblioteconomia;

III - administração e direção de Bibliotecas;

IV - organização e direção dos serviços de documentação;

V - execução dos serviços de catalogação de manuscritos e de livros raros ou preciosos, de mapotecas de publicações oficiais e seriadas, de bibliografia e referência.

Professora assistente da UFBA, desde 1992, lecionando nos cursos de Biblioteconomia e Documentação, bem como em Arquivologia.

Sempre ávida de conhecimentos, assumiu o compromisso de manter-se atualizada e crescer na profissão que abraçou. Fez curso de Pós-Graduação na UFBA, obtendo o Mestrado em Ciência da Informação, dissertando sobre: *O profissional da informação na Biblioteca Pública: o bibliotecário e a demanda por Educação continuada*. Foi aprovada com distinção pela banca examinadora.

A profissão de bibliotecário vem passando por transformações constantes, estimuladas pela globalização e pela revolução tecnológica, que têm modificado e ampliado as exigências com relação ao perfil deste profissional e Vanda Angélica da Cunha permanece acompanhando esta evolução.

Como docente, administrando aulas nas disciplinas: 1) Bibliotecas Públicas e Escolares; 2) Ação Cultural em Biblioteconomia; 3) Metodologia e 4) Técnicas de Pesquisa Científica em Ciência da Informação. Granjeou a admiração e simpatia dos seus alunos e foi homenageada, repetidas vezes, em quadros de formaturas, revelando a riqueza dos seus ensinamentos e como são justos os jovens discentes.

Na seleção dos professores que mais contribuíram para a sua formação, os alunos escolheram-na para paraninfa da turma de Biblioteconomia e Documentação da UFBA (1993) e patrona em outras oportunidades (2001-2004).

Prolongando o vínculo com ex-alunos, foi escolhida como orientadora e supervisora de grande número de concluintes em cursos de especialização e Pós-Graduação.

Está em andamento uma pesquisa científica sobre “ciranda de leitura (in) pactos carências na perspectiva da inclusão social”, aguardada com ansiedade pelos colegas, que também estão na expectativa de mais um Livro, no prelo, intitulado *Provérbios educam para a vida?*

Sua produção literária envolve prefácios, capítulos de livros, artigos em periódicos especializa dos e notícias em jornais, publicações de comunicação em congressos, simpósios e jornadas, bem como palestras como convidada, em várias instituições comunitárias.

Entre os prêmios e títulos, encontramos, no Livro da Vida de Vanda Angélica da Cunha, o certificado de relevantes serviços prestados à Nação como Presidente do Conselho Regional de Biblioteconomia na 5.^a Região.

Foi homenageada com placa, na Fundação Gregório de Matos (2000) pelo seu desempenho como Gere te do Arquivo Histórico Municipal.

A Associação Social e Cultural 22 de Dezembro, em Musurunga (2001), colocou placa denominando “Biblioteca Professora Vanda Angélica da Cunha” em ampla sala de leitura.

Como cidadã, prestou relevantes serviços à Cidade do Salvador, e obteve a comenda Maria Quitéria (2007), outorgada pela Prefeitura Municipal de Salvador.

Foi homenageada pela direção e funcionários da Biblioteca Municipal Prof. Edgar Santos.

No afã de difundir os conhecimentos da profissão que abraçou com tanto amor, Vanda Angélica da Cunha atuou com denodo na implantação da Biblioteca Pública do Município de Camaçari, assessorando a implantação do Sistema de Bibliotecas para o Estado da Bahia.

Com responsabilidade, ocupou importantes cargos de direção tais como: diretora da Biblioteca Pública do Estado da Bahia (1975 e 1981 a 1985), diretora do Arquivo Público Muni-

cial de Salvador. Constituindo fato inusitado à valorização de um técnico de alta qualificação, Vanda Angélica da Cunha permaneceu, por onze anos consecutivos, no cargo, apesar das mudanças políticas, em quatro gestões municipais.

Oportunizando a publicação *Memória, sociedade e mídia impressa: a experiência do Arquivo Histórico Municipal de Salvador*, obra que contém o melhor da experiência de nossa homenageada e uma das suas maiores contribuições para a difusão da Biblioteconomia e Arquivologia na comunidade baiana!

Outra publicação que merece também ser destacada é a *Memória histórica da Associação Profissional dos bibliotecários da Bahia*, relatando vinte e um anos de realizações, demonstração do seu espírito associativo.

Interagindo com a comunidade, sua participação foi decisiva na criação da BAMUCA - Banda Municipal de Camaçari e, incentivando as manifestações na área das Artes, criou também, no mesmo município, o Balé Folclórico.

Implantou, na Universidade Católica do Salvador, a Coordenação de Cultura e desenvolveu ações educativas e culturais nos Campi Ipa, Palma e Federação, sendo creditada também, a Vanda Angélica da Cunha, a criação do Madrigal da referida Universidade. Na Fundação João Fernandes da Cunha, integra a estrutura da Instituição desde os primórdios na rua do Politeama, 140, sendo responsável pelo planejamento e implantação das atividades culturais e administrativas, vindo a ocupar, em maio de 1992, a diretoria da Biblioteca e de Ação Cultural.

Passo gigantesco deu a Fundação João Fernandes da Cunha com a transferência das instalações do Politeama para o Largo do Campo Grande, n.º 8, o belo edifício que nos acolhe neste momento, inovando e ampliando os seus já excelentes serviços com vários pontos altos, e um dos mais altos é a biblioteca.

Em decorrência do infausto acontecimento, a morte do nosso queridíssimo e inesquecível confrade João Fernandes da Cunha, em prol de quem enviamos as nossas melhores vibrações para a sua evolução na espiritualidade, assinalando a imensa saudade do grande amigo, Vanda Angélica, na qualidade de constante

colaboradora e irmã, assumiu, em 17 de janeiro do corrente ano, a presidência da Fundação. Em uma das suas primeiras atitudes, assegurou, para gáudio nosso, a disponibilidade das instalações, tão bem estruturadas neste belo edifício.

Chega a ser comovente acompanhar as atividades de jovens carentes, utilizando os serviços oferecidos por esta benemérita organização, folheando livros ou clicando os aparelhos de informática.

Agradecendo a paciência com que fui ouvido por esta seleta assembléia e evitando ultrapassar os limites de tolerância, vou pronunciar, agora, duas palavras que ecoarão maviosamente aos ouvidos de todos: para finalizar...

Para finalizar, convido todos os participantes, toda a platéia, para, em uníssono, homenagear Vanda Angélica da Cunha e todas as bibliotecárias da Bahia, pela nobilitante missão de contribuir para promover ao mais alto nível o progresso científico e cultural da sociedade em geral.

Convoco-os para recitarem comigo algumas estrofes da lavra do grande vate baiano Antonio de Castro Alves, em "O livro e a América".

Recitemos: *"Oh! Bendito o que semeia livros,
Livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É gérmem que faz a palma
É chuva que faz o mar".*

Muito obrigado!

Educadora do Ano **Acadêmica Maria Augusta Cruz Abdon**

Rosa Pereira Levita - 21/11/07

Exm.^o Sr. Dr. Roberto Figueira Santos - D.D. Presidente da Academia Baiana de Educação

Exm.^o Sr. Sebastião Gomes Brito D.D. - Governador do Rotary - Distrito 4550 - Gestão 2007/2008

Exm.^a Acadêmica Leda Jesuíno dos Santos - D.D.

Presidente de Honra da Academia Baiana de Educação

Exm.^o Sr. Prof. Acadêmico Hermano Augusto Palmeira Machado - Vice-Presidente da Academia Baiana de Educação

Exm.^o Acadêmico Dr. Marcelo Augusto Carvalho Rocha - Secretário da Academia Baiana de Educação e Presidente das Faculdades Integradas Olga Mettig

Exm.^o Prof. José Carlos Almeida da Silva - Magnífico Reitor da Universidade Católica de Salvador

Exm.^a Sr.^a Prof.^a Maria Augusta Cruz Abdon - “Educadora do Ano de 2007”

Demais membros que compõem e ornaram a mesa da Presidência.

Ciosa dos compromissos assumidos com a Academia Baiana de Educação e, também, com o Rotary Clube - Distrito 4550, hoje aqui me encontro, a fim de participar do júbilo reinante entre Confrades e Confreiras, Rotarianos, autoridades, parentes e amigos da Acadêmica Maria Augusta Cruz Abdon, a qual merecidamente recebeu o honroso título de “Educadora do Ano 2007”.

Impossível furtar-me de participar desta homenagem prestada a Acadêmica Maria Augusta Cruz Abdon, bem como ocultar-lhe o meu embaraço ante a magnitude da incumbência que me foi confiada, difícil e delicada, pelo dever que me impõe de condensar em singelo discurso todo o brilho, toda a beleza e toda a significação dos trabalhos realizados pela homenageada desta noite quando exerceu a Presidência do Rotary Clube Bahia Leste, gestão 2000/2001.

Proceder de modo diferente seria desacerto que não cometeria, dado a advertência de “Tácito”: *“Escreve-se a história não para adulação, mas, para o testemunho e a verdade”*.

Serei mui breve e nem há necessidade de alongar-me porque todos nós já a conhecemos pelos trabalhos, pela sua capacidade intelectual que impõe respeito e admiração e que a tornou, na atualidade, uma “Mestra”, uma Acadêmica, uma Rotariana das mais fortes expressões de cumprimento altruístico e dedicação ímpar dos seus deveres.

A importância e qualidade de seus planejamentos, o didatismo de suas lições cheias de entusiasmo comunicativo, constituem fatos do conhecimento geral, e por muito que lhes dissesse, teria que responder a discreta censura que me fariam de ter ficado a quem da sua justa apreciação.

Como a presente solenidade me faz recordar!!!

Neste momento transportando-me ao cenário daquela noite memorável do dia 3 de julho de 2000, dia tão especial em que a Prof.^a Maria Augusta Cruz Abdon na solenidade de sua posse, no honroso cargo de Presidente do Rotary Clube Bahia Leste me tornou uma rotariana.

No seu discurso de posse demonstrou com argumentos eloqüentes a necessidade de darmos prioridade às crianças e aos idosos, urgente obra de humanidade e também de patriotismo.

E, assim, sempre ao seu lado, exerci as funções de 1.^a e 2.^a Secretária, sendo testemunha do seu entusiasmo e desejo de bem servir a comunidade, atendendo as metas estabelecidas pelo Presidente do R.I.

Convencida e desejosa de realizar algo grandioso em favor do próximo, submeteu à apreciação do Conselho Diretor o seu minucioso planejamento.

Em primeiro lugar, exerceu uma ação motivadora e ativa para o desenvolvimento e a retenção do Quadro Social, a fim de que o seu Clube alcançasse um padrão elevado, pois novos sócios trazem novas idéias, energia e entusiasmo.

Em segundo lugar, desenvolveu o Companheirismo, considerado a “Pedra” fundamental da nossa organização rotária.

Em terceiro lugar, desenvolveu serviços prestados à comunidade, dando atenção aos idosos, e principalmente aos meninos de rua.

Em quarto lugar, promoveu Reuniões “Interclubes”, visando a aproximação dos Presidentes dos Clubes mais próximos.

Em quinto lugar: Atendeu as solicitações das Instituições Beneficentes.

Para atender a estes desafios tornou-se indispensável o apoio dos Companheiros. Este apelo foi ouvido, pois, os generosos corações dos seus companheiros foram em seu auxílio, ajudando-a na concretização dos seus planejamentos.

Jamais o desânimo fez parte de seu programa pois, lutava sempre com a alegria, envidando esforços no sentido de obter o melhor desempenho do seu “Plano de Atividades”.

Preparou cuidadosamente a visita de Dr. Hugo de Oliveira Barreto, Governador do Distrito 4550, gestão 2000/2001, aprovando e cumprindo o plano de ação por ele estabelecido.

Realizou uma linda festa no Instituto Feminino da Bahia, nesta cidade, em benefício de Instituições que necessitavam de apoio.

Respondeu prontamente a toda correspondência recebida. Presidiu todas as reuniões do Clube, sendo elas cuidadosamente planejadas.

Programou as reuniões do Conselho Diretor, realizando-as nas residências dos companheiros.

Compareceu a Conferência do Distrito 4550, realizada no “Sauípe” pelo Governador Dr. Hugo de Oliveira Barreto - Gestão 2000/2001.

Várias comemorações foram realizadas, tais como: Dia dos Pais - Dia das Mães, o transcurso dos aniversários dos companheiros e de suas Senhoras.

Várias “palestras” sobre assuntos rotários foram realizadas pelos Rotarianos E.G.D.

No fim do seu mandato concedeu certificados de “Honra ao Mérito” aos membros do Conselho Diretor.

Em junho do ano 2001 no término do seu mandato enviou

ao Governador Dr. Hugo de Oliveira Barreto - Distrito 4550, um relatório sobre as suas realizações no exercício de Presidente do Rotary Clube Bahia Leste.

Apenas esboçada, foi essa preciosa gestão 2000/2001 da Presidente Maria Augusta Cruz Abdon, a qual servirá sempre, no decorrer dos anos, como um exemplo a ser imitado.

Considerando que a verdadeira força do Rotary reside na qualidade de seus sócios e não na soma de seus valores o E.G.D. Archimedes Teodoro - Diretor gestão 80-82 do R.I. disse:

“Precisamos não de gênios ou de super-homens mas de homens e mulheres comuns para fazerem coisas simples, que constituam as aspirações mais legítimas da humanidade, contribuindo para ver o amor ao próximo proclamado, o pão distribuído, a fé diversificada, a alegria compartilhada, a dor minorada e o mérito respeitado”.

E Augusto Cury afirmou:

“Ser um empreendedor é executar os sonhos, mesmo que haja riscos. É enfrentar os problemas, mesmo não tendo forças.

É caminhar por degraus desconhecidos, mesmo sem bússola. É ter consciência de que quem vence seus obstáculos triunfa sem glória.

É não esperar uma herança, mas construir uma história ...”

E, assim, a Emérita “Educadora do Ano 2007” e a Acadêmica Maria Augusta Cruz Abdon, além de galgar os degraus da vida Universitária, galgou também no Rotary, a Presidência e na Academia, a Tesouraria. Destacou-se pelo seu esforço, pelo seu trabalho diurno, iluminado-os com a sua inteligência. E hoje, como ontem, continua a abrir caminhos com as forças do amor, da energia e do trabalho. Eis porque triunfou.

E por ter uma biografia tão magnífica, desejo-lhe que continue lutando pelas suas realizações, se apaixonando pela vida, amando intensamente seus familiares e amigos, pois ser feliz é uma conquista e não obra do acaso...

Maria Augusta Cruz Abdon: Eu a saúdo com profunda admiração por tudo que realizou com dedicação sem limites, daí além do título de “Educadora do Ano 2007” merecer o de “honra ao Mérito”.

Felicidades

Rosa Pereira Levita

**RECORDANDO UMA MENSAGEM QUE, EM
JUNHO DE 2002, A MESTRA, EDUCADORA, LEDA
JESUÍNO, PROFESSORA EMÉRITA DA UFBA,
PRESIDENTE DE HONRA DA ACADEMIA BAIANA
DE EDUCAÇÃO OFERECEU À ACADÊMICA
PROFESSORA MARIA AUGUSTA CRUZ ABDON**

Recordar esta mensagem significa, trazê-la, de novo, em comovido e refulgente brilho, ao coração de Maria Augusta.

Enlevo e amorosidade envolvem, também, o meu coração, porque ao ser convocada para pronunciá-la, passei a vivenciar a honra de renová-la, nesta minha voz, a voz desta amiga que expressa homenagem à autoria da amada mestra, Leda Jesuíno, quando expresso louvor a Maria Augusta, educadora desde sempre e agora, solenemente, consagrada, nesta noite de 21 de novembro, neste bendito ano 2007.

Maria Anália Costa Moura *

ASSIM É A MENSAGEM:

MARIA, DE AUGUSTO NOME

Não foi sem razão que a batizaram tão imponentemente, Maria Augusta.

Feliz adequação entre o nome e a pessoa, que tem em seus ombros um augusto prenome.

Ela é, realmente, augusta.

Essencialmente, augusta.

E sua nobreza vem do seu interior, não é perceptível a olhos superficiais dos que olham, mas não enxergam!

A dignidade que carrega em seu nome, etimologicamente visto, revela-se, naturalmente, na solidariedade inata, impregnada no seu modo de ser, tão natural e espontâneo, que lhe marca a face

magra, de traços fortes e definidos harmoniosamente, posto num corpo delgado e ágil, pronto para executar, com presteza, as ordens emanadas de um cérebro produtivo, de ma mente lúcida, sempre interagindo com um coração que abriga uma grande compaixão, com fortaleza e suavidade, combinação rara, aliás, raríssima!

Os conflitos habituais que surgem, entre a razão e o coração, não confundem sentimentos, nem perturbam o modo de ser de uma mulher que acaba de deixar a Presidência do Rotary Club – Bahia Leste, com a alegria de quem obteve a paz interior de ter-se esforçado, o máximo, logrando o que desejava, com o sentimento de integração excepcional!

Convocando todos os Presidentes do Rotary de Salvador, teve o privilégio de congregar, pela primeira vez, cidadãos em uma singular e inédita reunião histórica para os rotarianos.

Pertencendo à classe do que se preocupam com o fazer, sempre esteve atenta às possibilidades de realizações empreendedoras para as instituições, nas quais trabalhou, emprestando a grandeza do seu ideal de educadora, de um ser de relação, preocupada com o outro!

- Maria Anália Costa Moura é Professora Universitária, Conselheira do Conselho Estadual de Educação e Acadêmica da Academia Baiana de Educação

Diplomada em Filosofia, pela Universidade Católica de Salvador, não fixou seu pensamento, nem o seu fazer, na área filosófica.

Como uma das primeiras Orientadoras Educacionais da Bahia, debruçou-se sobre a bibliografia que João Mendonça, pioneiramente, preparou para seus alunos.

Avançou muito. Fez curso de Pós-Graduação em Orientação Educacional, (Especialização) na Universidade Federal da Bahia e curso de Crescimento Pessoal, no Canadá, na Universidade de Laval, em Québec.

Em concurso, ingressou na então novel Faculdade de Educação da UFBA e dedicou, inteiramente, ao Núcleo de Orientação, o melhor de si mesma.

Implantou o Centro de Informação Profissional da UFBA, atuou como Presidente da Associação de Orientadores Educacionais da Bahia, em cinco gestões, realizando cursos com professores de todo o Brasil e do exterior, realizando congressos nacionais, cursos e seminários, cujo objetivo era a atualização dos Orientadores.

Durante sua gestão, conseguiu a sede da Associação de Orientadores Educacionais da Bahia (AOEB).

Coordenou o Serviço de Orientação Educacional em todos os Colégios Estaduais de Ensino Médio, em Salvador e participou, com excepcional desempenho, do Serviço de Orientação Educacional da experiência das classes-piloto, no Colégio Estadual da Bahia, na década de 60.

Na UFBA foi ativa, criativa e realizadora: escreveu, formou Orientadores Educacionais, promoveu debates, mesas-redondas.

Hoje, na UFBA, pontifica como mestra, na sala de aula, e como chefe de Departamento.

Nas Faculdades Olga Mettig foi professora titular, durante muitos anos, da disciplina Princípios e Métodos de Orientação Educacional e Estágio Supervisionado.

Atualmente, é Vice-Diretora Geral das Faculdades Integradas Olga Mettig.

No Rotary, com projetos ambiciosos de promoção humana, levou os Rotarianos até onde eles podem ir.

Sem dúvida, Augusta, no dia-a-dia do seu viver é, “sendo”, e sempre está, “estando”, o que vale dizer que é inteira, de uma rara integridade, verdadeira na verdade que, às vezes incomoda!

Mas, é sempre uma seta que indica um caminho, muitas vezes, árduo, que, porém, leva a algum lugar no futuro. Leda Jesuíno Publicação na imprensa escrita, em Salvador, em 26 de junho de 2002.

E, neste instante de glória, quero marcar nossos entrelaços
com o encanto que irradia dos versos da Ode de Fernando Pessoa,
em recíproca homenagem:

*Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
no mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
brilha, porque alta vive.*

Discurso da Acadêmica Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon, na solenidade da Academia Baiana de Educação, que lhe concedeu o título de Educadora do Ano 2007.

Excelentíssimo Senhor Professor e Acadêmico Roberto Figueira Santos, digníssimo Presidente da Academia Baiana de Educação em nome de quem saúdo todos os componentes da mesa desta egrégia academia.

Ilustríssima Senhora Professora e acadêmica Leda Jesuíno dos Santos, Presidente de honra, em nome de quem saúdo todos os professores e alunos das classes experimentais.

Ilustríssimo Prof. José Carlos Almeida da Silva – Reitor Magnífico da UCSAL – Universidade Católica do Salvador em nome de quem saúdo todos os funcionários e professores.

Ilustríssimo Dr. Marcelo Augusto Rocha em nome de quem saúdo a presidência, vice-presidência, diretor acadêmico, coordenadores acadêmico, funcionários, colegas professores, técnicos financeiros, amigos das conceituadas Faculdades Integradas Olga Pereira Mettig.

Ilustríssimo Sr. Helder Luiz Belo de Mello digníssimo diretor do Palácio da Aclamação em nome de quem saúdo todos os servidores deste palácio e onde tenho o prazer de participar desta significativa homenagem.

Ilustríssimo Sr. Dr. Sebastião Gomes Brito - DD. Governador do Rotary Clube em nome de quem saúdo os queridos companheiros rotarianos, de modo especial do Rotary Clube Bahia Leste.

Ilustríssima Sra. Profa. Brites Solla, presidente da Associação de Orientadores Educacionais da Bahia, em nome de quem saúdo todos os Orientadores Educacionais da Bahia.

Ilustríssima Sra. Lia Viana Queiroz em nome de quem saúdo o Núcleo de Orientação Educacional da UFBa.

Ilustríssima Profa. Maria Anália Costa Moura em nome de quem saúdo todos os professores e alunos da Faculdade de Educação da UFBa.

Ilustríssima Sra. Profa. Sônia Maria Moraes Ferreira em nome de quem saúdo todos os alunos da UCSal.

Ilustríssima Sra. Profa. Zuleide Cardoso Cavalcanti em nome de quem saúdo todos os professores e alunos das Faculdades Integradas Olga Mettig.

Ilustríssimo Dr. Heraldo Moura Costa em nome de quem saúdo todos orientandos do Colégio Estadual da Bahia – Central.

Ilustríssimo Sr. Manoel Coelho Cruz Filho - meu irmão, em nome de quem saúdo todas nossas irmãs e demais familiares.

Ilustríssima Sra. Dra. Ângela Cruz Dias Ribeiro em nome de quem saúdo todos os sobrinhos e sobrinhas.

Ilustríssimo Sr. Manuel Rodrigues Lima Neto em nome de quem saúdo todos os primos em especial os de Aracaju.

Confrades e Confreiras Senhoras e Senhores.

Na escola do mundo recebi uma eloqüente lição ministrada pela vida, quando aprendi que uma grande e poderosa vertente do legítimo reconhecimento fraterno é representada pelo sincero cultivo da gratidão.

Este sentimento, que enobrece a alma e ilumina a consciência, deixa de ser uma absoluta utopia e tem o real poder de ser transformado em factível realidade, quando o coração, reconhecendo os benefícios recebidos, vibra em harmoniosa sintonia, buscando a parceria com Deus, para em dinâmico estado de prece, projetar vibrações fraternas que alcançam a todos aqueles que aprenderam a doar no pleno exercício que traz a louvável experiência de amar.

Tenho muitas razões para sentir-me grata e feliz, mas quero destacar algumas com absoluta sinceridade que deixam indeléveis e luminosas marcas em minha vida.

Iniciarei agradecendo a grande amiga-irmã, Leda Jesuíno pela indicação e pelo discurso que fundamentam a escolha de meu nome como educadora de 2007, aprovada por unanimidade e aclamação dos meus pares. Muito grata a todos a homenagem que ora recebo desta Egrégia Academia de Educação, instituição que tenho a honra de participar, conduzido pelas mãos generosas do querido amigo e fundador, o colega e ex-aluno, o acadêmico Hermano José de Almeida Gouveia.

Acolhida pelos confrades e confreiras, como titular da cadeira nº 17 cujo patrono é Dr. Egas Muniz Barreto de Aragão. E saudada pelo amigo de saudosa memória Carlos Alberto Pedreira de Cerqueira.

Hermano José Gouveia Neto implantou e implementou a Academia de Educação, juntamente com seu tio Dr. Raimundo Gouveia, medico e querido professor da UCSal que doaram muito de si e de seu tempo para o crescimento da nossa Instituição. Contamos também com grande colaboração dos acadêmicos Dr. Jair Santos, Dr. Edvaldo Boaventura.

Muito grata a ambos pela oportunidade de conviver com inteligência, conhecimento, sabedoria e, sobretudo com a grande amizade de ambos e saudosa memória.

Gratíssima Profa. Leda Jesuíno pela linda saudação e pelas palavras sempre incentivadoras.

Rosa Levita, sinceros agradecimentos pelos elogiosas palavras – Minha 1ª e 2ª secretária do Rotary Clube Bahia Leste – afilhada duas vezes na Academia de Educação e no Rotary. Pessoa com imensa sensibilidade social e grande rotariana.

Agradeço de coração a amiga Maria Anália Costa Moura pela leitura do artigo da autoria da Profa. Leda Jesuíno. Maria Anália amiga e companheira de trabalho na FEBA, na UCSAL e UFBA. Onde, juntas enfrentamos muitas batalhas.

Quando tive oportunidade de aprender e descobrir o diádia no nobre e difícil labor docente.

Imensos agradecimentos ao acadêmico José Nilton Carvalho Pereira pelo precioso apoio na realização desse evento.

Renovo minha gratidão a eficientíssima Secretária da Academia Baiana de Educação Maria Tereza Lima Dias Pereira, pela grande colaboração, pela confiança, pela amizade, sempre disponibilizando seu precioso tempo.

Agradeço a Profa. Mônica Susmaga da Silva pela dedicada colaboração.

Minha eterna gratidão a Julio César Habib responsável pela “produção” da homenagem.

Mil agradecimentos ao eficiente mestre de cerimônia Prof. Astor de Castro Pessoa. Exemplo de ética pessoal e profissional. Conhecido hoje na Faculdade de Educação Olga Mettig: “Astor o grande pacificador”.

Minha vida em pequeno resumo:

Nasci e morei por alguns anos em uma casa ampla cercada de muitos irmãos e amigos, em Parapiranga, alto sertão da Bahia.

Meus pais: Manoel Coelho Cruz, sergipano de Divina Pastora, forte guerreiro, suave e firme e Rosalva Carvalho Cruz, serena e generosa.

Deste casal harmonioso e feliz nasceram 15 mulheres e 2 homens ocupando o décimo lugar deste contingente feminino e numeroso rebento.

Citarei seus nomes por ordem de nascimento: Esmeralda, Nancy, Guiomar, Olga, Hilda e Edna. (as três últimas faleceram prematuramente) Olga, Nahilda, Hilda, Maria Augusta, Luciene, Geovana. Até que enfim, surge o varão Manoel Coelho Cruz Filho. Entusiasmado, meu pai afirma: agora pretendo mais 10 homens – nasce o 11º filho, também homem – Aloísio para sua alegria. Na tentativa de mais um homem, eis que surge outra mulher, Edna, mais outra, Selma, mais outra, Vera Christina. Totalizaram 15 mulheres e 2 homens. Na convivência com tantas irmãs todas de personalidade forte, os dois homens tornaram-se tímidos e introvertidos.

Minha mãe uma heroína deu a luz 17 vezes, parto normal, acompanhada de uma parteira somente. Em compensação o resguardo era de 40 dias, com um gostoso pirão de galinha que era disputado por seus pimplinhos.

Vivíamos principescamente. Meu pai, um guerreiro, trabalhador e, como todo bom sergipano soube administrar seus negócios: Dirigia uma grande casa comercial o “Armazém Cotinguiba; Uma fábrica de algodão, e era representante de várias empresas em Aracaju”.

Criou a tipografia para impressão do jornal O Paladino e o jornal Cotinguiba, fundou a Filamônica que animava a cidade. Era proprietário de uma farmácia. Inaugurou um cinema só para a família, mas, o seu lado humano gritou mais alto e pensando em atender a comunidade Parapiranguense, ampliou o espaço e nasceu o Cine-Teatro Cotinguiba (nome do rio de sua terra natal). Daí se explica o meu vício pelo cinema, até hoje sou uma verdadeira cinéfila. Meu pai não media esforços para o nosso conforto e por não ter na cidade luz elétrica valia-se do motor que gerava energia. A nossa casa e nossa rua eram privilegiadas, sempre bem iluminadas.

Os primeiros e únicos meios de transporte a ele pertencia, um caminhão para transportar mercadoria e um automóvel de marca Plymouth para nossos passeios a Aracajú e a querida cidade vizinha Simão Dias.

Vivíamos cercados de amigos e parentes, minha avó Joviniana, sempre presente. Era a médica e dentista da cidade, Tia Nunu e Tia Mira colaboravam conosco a todo momento. As duas eram parteiras de mão cheia.

Montadas a cavalo atendiam as mulheres da roça sem distinção de classe, e sem remuneração. Eram as charlatãs mais bem qualificadas que eu conheci.

Nunca erravam no diagnóstico apresentado e no tratamento aplicado. Foram nossos primeiros e grandes exemplos.

Nossos pais, com outras famílias sentavam a porta para apreciar a criançada brincar em volta de quatro lindas palmeiras imperiais. Brincávamos de juju, chicotinho queimado, picula e outros mais.

E ao brilho da luz da lua fazíamos roda e cantávamos: *a rosa vermelha é do bem querer e a rosa vermelha e branca ei de amar até morrer*. Além de Ciranda, cirandinha, Bom-barqueiro, Meu limão Meu limoeiro.

Famílias unidas e mães dedicadas exclusivamente aos seus filhos. Muitas amizades foram ali construídas e que permanecem firmes até hoje: a exemplo registramos a presença de Maria Carvalho Mendonça, Valda Carvalho Santana, Deodice Santa Rosa, Aldo Andrade, Mercês Matos.

“Quando a amizade nos aquece é belo viver”!

Desde criança, curiosa, e “perguntadeira” como se diz no interior, desaforo pra casa nunca levei, embora às vezes fosse repreendida. Tinha a resposta na ponta da língua.

Eis que me deparo com a 1ª professora, sem conhecimento de Psicologia Infantil, nada sabia de Didática e Metodologia e ainda sem alma e sem coração. Batia nos filhos até desmaiarem em nossa frente e nos alunos a palmatória cantava. Em mim ela não ousou tocar, mas se o fizesse nem sei do que eu seria capaz. Coloquei como guarda-costas dois colegas Flavi e Miruca. Contava com eles para qualquer emergência.

Nas minhas peripécias infantis, ela reagia dizendo: você age assim, porque seu pai é “manda chuva” porque é rico. Você tem costas largas.

Certo dia, em seus momentos de fúria expulsou-me da sua Escola “Saia por aqui, fora!”. Neste momento cruciante de minha vida encontrei felizmente apoio de meus pais. Saímos todas, eu e minhas irmãs da escola. Escola? ou cárcere sem grade e com tortura:

“Esta nobre atitude de meus pais, senhores e senhoras foi a minha primeira e essencial vitória”!

Encontrei finalmente uma professora que me conduziu de forma definitiva para o mundo e a seara dos livros: o mundo de ler, escrever, contar, pensar, refletir, declamar e aprender tricô. Sendo as classes numerosas e com a 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª séries reunidas e, não podendo dar atenção a todos, convidou-me a professora para fazer banca no turno vespertino em sua residência.

Como reforço contava com a colaboração de seu marido, Dr. Lafaiete Veloso que ocupava o cargo de Juiz da Comarca de Paripiranga. Ele era respeitado e querido por todos. Esta professora, impar, singular, essencialmente especial, chama-se Maria Dias Veloso. Carinhosamente chamada “Pequena”.

Tenho a honra e o privilégio de receber sua filha Dra. Maria Tereza Veloso como sua representante. Infelizmente por motivo de saúde a querida professora Pequena não pode comparecer.

Faço minhas as palavras de Graham Green:

“Há momentos na infância em que as portas se abrem e deixam o futuro entrar”.

Deus lhe pague, querida mestra por esta grande oportunidade.

No exame de admissão fui bem classificada obtive o 2º lugar, o 1º pertenceu a Margarida Freire de Carvalho, neta do Pe. João.

- Aprovada no exame de admissão, passo a cursar a 1ª série ginásial no Colégio Nª Sª de Lourdes, em Aracajú. Gostei do Colégio e em particular de algumas irmãs, como Irmã Terezinha, Irmã Margarida, Irmã Maria Alice, que hoje se encontram na casa de repouso das Sacramentinas.
- Ao visitar a cunhada Irmã Francisca de Assis, vou abraçá-las e, recordarmos minhas peripécias.
- Na perspectiva de residir em Salvador eu e Luciene fomos transferidas para a Sacramentinas, onde já estudavam algumas irmãs neste colégio e outras eram internas no Instituto Feminino da Bahia.
- Nas Sacramentinas encontrei freiras maravilhosas; Irmã Elisa Maria, Irmã Clementina, Madre Superiora Irmã Blanche.
- Existia uma freira que gostava muito de pedir dinheiro. Certa feita pede-me uma contribuição para colaborar com as missões. Transmito a meu pai a solicitação. No outro dia no horário de ida para o colégio ele me entrega um grande envelope. Antes de iniciar as aulas procurei a dita freira e lhe entreguei a encomenda. Só que no lugar de dinheiro ela se deparou com uma grande fotografia de toda família reunida. É obvio que ela ficou visivelmente irritada e aborrecida. Que Deus a tenha!
- Desde muito jovem ansiava por ser mais livre, pretendia o diálogo de hoje, queria ser ouvida, atendida... Por que só o adulto tem voz e vez? Injustiça, grave injustiça!
- Após insistentes pedidos a meu pai e por intermédio de minha irmã Guiomar, matriculei-me na 3ª série ginásial no Colégio Americano, hoje 2 de Julho.
- Neste educandário encontrei vida. Particpei de Ballet, Vôlei, Teatro. Seus diretores Mr. e Mrs. Baker.
- D. Irene Baker, grande educadora, porém muito austera.

- Ao escrever fatos da minha vida percebi que alguns episódios dariam uma novela, desta do globo, bem forte e complicada e com algumas tramas. Prometi a mim mesma e agora aos senhores, que na 1ª oportunidade escreverei um livro relatando alguns acontecimentos, com detalhes, na trajetória da minha vida.

- No Colégio 2 de Julho encontrei grandes mestres: Irene Gusmão, Itália Magnavita, Cleriston Andrade, Noemia Rego (vulgo Calamitee), e outros tantos.

- Mas, nenhum superou a profa. de Latin, com uma voz metálica, seu porte elegante, de tailleur bem talhado. Sua maneira sui-generis de ensinar e amar aos seus alunos nos encantava.

- A genialidade de minha professora Leda Jesuino dos Santos, sua simpatia, doçura, sensibilidade e generosidade é que tornaram aqueles anos da minha vida mais bonitos.

- Meus agradecimentos, de coração a coração, Profa. Leda.

- Os colégios públicos eram conceituados naquela época. Estudando no Severino Vieira deparei-me com ilustres e inesquecíveis professores – Armando Costa, Eliza Saldanha, Adelmo Pessoa. No recreio adorava disputar o pingue-pongue. Por esta razão, sempre chegava atrasada nas aulas.

- Como pretendia fazer o curso clássico fui transferida para o Colégio Central do qual guardo grandes recordações. Éramos contemplados com excelentes professores: Prof. Peixoto, Prof. Raul Sá, Prof. Conceição Menezes e Prof. Álvaro Rocha, Prof. Antônio Figueiredo, Prof. Alexandre Augusto Machado.

- Neste Educandário como profissional, tive o privilégio e honra de participar como professora de História e como Orientadora Educacional no grande projeto das Classes Experimentais, coordenado pela iluminada e inigualável Leda Jesuino. Quando tive excelente oportunidade de ampliar meus conhecimentos na área de educação.

- E o tempo passa célere e impiedoso!

- A máxima persuasiva da Psico-neurolingüística é convincente quando afirma: você se transforma naquilo que acredita, pois é absolutamente certo que a qualidade e a intensidade

dos seus pensamentos definem o seu próprio destino.

- Meus pais sempre preocupados com o futuro de seus filhos, em março de 1944, saudosos deixamos Parapiranga e partimos confiantes para Salvador-Bahia.

- Helen Keller, recebendo o Premio Nobel da Paz, expandiu a luz de sua reverência pela bênção da vida ao dizer com bastante ênfase: “Por que rastejar, se podemos voar”? Alçamos vôo em busca de horizontes mais amplos onde foi plenamente possível promover realizações marcantes.

Desembarcamos em Salvador-Bahia de Todos os Santos, e de todos os encantos Sr. Arnô, D. Rosalva e sua “tropa”. Aportamos no bairro do Canela – Rua Pedro Lessa nº 12, em uma mansão com três andares, à sombra de uma linda mangueira.

Participavam da inesquecível turma do Canela, Mário, Luiz, Carlos Porciúncula, Mário e Heitor Portugal, Maria Amélia, Álvaro e Arlindo Reis, João, Luiz Carlos, Maria Helena Didier, Maurício, Cecília, Helena, Mourinha e Silvio Monsão, Henrique Diniz Gonçalves, Armando Carneiro da Rocha, Lici e Diva Machado, Rosa Franco e Mariinha (filha de Maria Portuguesa) minha grande amiga. Continuamos mantendo contato nas datas mais significativas.

Após cinco décadas de separação da turma tive a honra e privilegio de reuni-los em meu apartamento boa parte dos queridos amigos da juventude.

Sobre este memorável encontro Nancy escreveu:

“O tempo passa e vem a saudade suave e mansa sugando de lágrimas nossas lembranças”.

Carlos Maurício Torres, além de Engenheiro tornou-se Poeta e Escritor. Sobre este encontro escreveu:

“O Canela numa geração”. Ficamos surpreendidos pela capacidade de memorizar tantos acontecimentos. Maurício escreveu em um dos seus versos.

Vivíamos no bairro do Canela,
décadas de 1940 e 1950 no calendário

Jovens de uma geração se encontravam
E grandes amizades se consolidavam.

E o tempo continua girando... girando... implacavelmente!

Você corre contra o tempo ou a favor dele? Somos todos viajantes eternos. O presente cria o futuro. Isso é fácil de entender; não como um espectador passivo, mas como um ativo piloto capaz de passar em pontos cruciais do seu passado e do seu futuro para construir a sua vida presente.

Deixamos a mansão do canela por motivos econômicos e fomos morar em um casarão, em Mont-Serrat, com vista belíssima onde se descortinam a extensão e beleza de Salvador.

Em Mont-Serrat estudei incansavelmente para o vestibular. Aos sábados e domingos estudava embaixo de uma bela árvore sob a orientação de Alberto meu namorado de então, nas disciplinas Filosofia e Inglês. Como ele era exigente, Santo Deus!

Sonhava ser advogada! Nas aulas do curso clássico; em trabalhos apresentados acusava e defendia como ninguém. Até hoje sou perita em acusar ou defender quando necessário, sempre com a minha verdade.

Finalmente chegou o dia do famoso vestibular. Naquela época eram 11 disciplinas. Para surpresa minha, no dia e hora do exame soube que estava matriculada em Filosofia e não em Direito. Irmão Gonzaga tentou explicar: que meu noivo, que estudou no Colégio Maristas era seu amigo, havia feito a transferência e acrescentou, fique calma! Faça sua prova depois conversaremos.

As aulas na Universidade Católica iniciaram. E eu ficava muito atenta aos ensinamentos do Prof. Rosalvo Torres, Prof. Manoel Lemos, Prof. Frei Jacinto Bruller, Prof. Raimundo Gouveia, Prof.

Agostinho e tantos outros. As aulas do Padre Francisco Pinheiro eram imperdíveis. Ele falava sobre os filósofos com tanta naturalidade e sapiência que todos nós, encantados, não víamos a hora passar.

Estudamos com ardor Platão, Aristóteles, Descartes, Bergson, Emanuel Kant. Nunca esqueci o que o Prof. Pinheiro certa vez me disse: Maria Augusta, estude árabe com Alberto porque se, o namoro acabar você não perdeu tempo. Ele era meu conselheiro e confidente. Para o Prof. Francisco Pinheiro que estudou em Roma, o conhecimento existia para ser compartilhado.

“O poder do professor é eterno. Não é possível dizer onde termina sua influência”.

Da graduação em Filosofia na UCSAL, parti para pós-graduação em Orientação Educacional na UFBA em seguida fiz Mestrado na Universidade San Diego- USA e especialização na Universidade Laval em Québec – Canadá.

Iniciei minha vida profissional no Colégio Nossa Senhora do Carmo, indicada pela Profa. Leda Jesuíno. Lecionei nessa acreditada casa de Educação, História do Brasil e Psicologia.

Foi o 1º educandário particular a implantar o Serviço de Orientação Educacional. Tive a honra e o privilégio de ser sua 1ª e única orientadora educacional, durante décadas.

O Colégio N. Senhora do Carmo foi o laboratório das primeiras experiências educacionais.

D. Olga mestra paciente e sábia, de escuta sensível, que se interessou por mim, me compreendeu, quando era inquieta e iniciante. Pessoa que me fez olhar o mundo por perspectiva diferente e me ajudou com seus conselhos e seu afeto a encontrar novos e belos caminhos. O esplendor de Deus se revelou nesta criatura. Creiam!

Estendemos o trabalho do SOE ao turno vespertino, desta vez sob a direção de sua filha Olguinha. Ali desenvolvemos um bom e

inusitado trabalho de orientação educacional. A Olguinha meus sinceros agradecimentos.

Nas Faculdades Integradas Olga Mettig, continuo atuando, como Vice-Diretora Geral. Sempre recebendo do Diretor Geral Dr. Marcelo Rocha, Diretor Acadêmico Paulo Sérgio, dos professores, secretários, pessoal do financeiro, pessoal de apoio, a grande amizade o respeito, estima e alta consideração.

Na Secretaria de Educação e como Presidente da Associação de Orientadores Educacionais contei com a efetiva colaboração do Secretário Edivaldo Boaventura, Prof. Carlos Santana e do Prof. Rômulo Galvão. Estes Secretários de Educação muito contribuíram com suas presenças nos nossos seminários e congressos e nomeações de Orientadores Educacionais para os colégios oficiais do Estado da Bahia.

Foi o período áureo da Orientação Educacional.

Na Faculdade de Educação da Bahia da UFBA lecionei por muitos anos e implantamos o Núcleo de Orientação Educacional e Profissional da Bahia sob a eficiente direção de D.Leda Jesuíno, Terezinha Guimarães e Maria Anália Costa Moura. Deste trio eficiente e eficaz, recebi atenção e apoio. O nome da Profa. Alice Costa jamais poderia ser esquecido nesse momento por ter contribuído para a implantação do Centro de Informação Profissional. Ao Prof. Tobias Neto exemplo de professor comprometido com a educação, obrigado pelos ensinamentos duradouros, caro mestre.

No serviço de seleção orientação avaliação da UFBA (SSOA) sob dinâmica direção da Profa. Adelaide Rezende; vivemos significativos momentos no setor da Informação Profissional (CIPRO).

Lecionei na Faculdade de Educação da UCSAL durante vários anos.

No início, sob a liderança do Reitor Manoel Eugênio Veiga e José Simões. Hoje contamos com José Carlos Almeida Silva – Reitor magnífico, nosso eterno e querido Reitor.

Pertencendo ao Conselho Universitário da UCSAL relatei o que aconteceu comigo no vestibular ao Reitor José Simões. Dias após, ele veio me informar, com bastante alegria que eu poderia entrar no curso de Direito, matrícula especial, sem o vestibular – Retruquei. Como, e em que horário caro reitor?.

Leciono as disciplinas Orientação Educacional e Vocacional, na UFBA, UCSal e Faculdade de Educação Olga Mettig. Supervisiono Estágio e coordeno o SOE nos Colégios oficiais de Salvador. Sou presidente da Associação de Orientadores Educacionais da Bahia. Tenho o hábito de me envolver radicalmente em tudo que faço. Na verdade, a Orientação Educacional foi a grande paixão da minha vida.

Teria Alberto razão quando encaminhou meus passos para Educação?

Acaso ou Sabedoria?

Teria eu as mesmas oportunidades fazendo o curso de Direito?

Dolorosa interrogação!

Do casarão em Mont-Serrat, parti para construir núpcias na Igreja da Catedral Basílica, com Alberto Elias Abdon. Economista, falava fluentemente inglês, francês e árabe, idioma de seus descendentes. Sempre apreciei pessoas cultas.

Apesar de seu temperamento difícil e bastante ciumento, convivemos 25 anos, até seu falecimento. Com sua família, sempre mantivemos ótimo relacionamento.

Ricardo Henrique, sobrinho querido representou o filho que não tivemos. Trabalhou como professor na Faculdade de Educação e com Olguinha Mettig coordenou o Curso Pré Vestibular. Partiu para dimensão superior aos 31 anos no auge da carreira, deixando imensa saudade.

Para glória de meus pais, seus filhos foram bem sucedidos e escolheram as mais diversas profissões: Medicina, Odontologia, Direito, Serviço Social, Contabilidade, Magistério e Orientação Educacional.

Tornamo-nos ativos, determinados, criativos na arquitetura de nossos sonhos, sempre com honestidade e integridade em qualquer circunstância.

No percurso pelos difíceis caminhos do mundo, os problemas foram enfrentados como desafios, iniciando uma nova e luminosa fase de progresso e evolução.

Enfrentando as limitações para superá-las com a harmoniosa autoridade de quem encontra o “porto seguro” com a bússola da autoconfiança. É preferível procurar ser estrela na grande constelação da vida e não permitir ofuscar o nosso brilho pessoal por impressões negativas que tornem opacas as nossas manifestações.

Não estacionamos ampliando desencantos no curso de nossa vida. Prosseguimos em nossa jornada, pontilhando o nosso caminho com testemunhos de coragem para lutar e, persistência para vencer.

Transmito o pensamento que se incorpora no meu cabedal de conhecimentos:

Quando todos o aplaudirem, sinta orgulho do seu desempenho nos palcos do mundo. Quando, porém, os aplausos da sua própria consciência fizerem eco na intimidade mais profunda da sua alma, aí sim, você terá o pleno direito de sentir-se realmente feliz.

Concluo com uma poesia que foi por mim declamada no dia da Primavera na Escola Primária da professora D. Pequena:

Recorri neste momento a poética de Olavo Bilac para expressar a minha empatia com a natureza, sábia e mestre de todos os mestres de todos os tempos.

Velhas Árvores

(Olavo Bilac)

Olha estas velhas árvores – mais belas
Do que as árvores mais moças, mais amigas,
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera e o inseto à sombra delas
Vivem livres de fomes e fadigas;
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E alegria das aves tagarelas...

Não choremos jamais a mocidade!
Envelheçamos rindo! envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem,

Na glória da alegria e da bondade
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!

Discurso da Acadêmica Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon, na solenidade da Academia Baiana de Educação que concedeu o título de Sócio Benemérito, ao Acadêmico José Nilton Carvalho Pereira, em 15 de setembro de 2007 - no Colégio Apoio.

Excelentíssimo Senhor Professor Acadêmico Roberto Figueira Santos; Digníssimo Presidente da Academia Baiana de Educação; Excelentíssima Senhora Professora e Acadêmica Leda Jesuíno dos Santos, Presidente de honra da Academia Baiana de Educação, em nome de quem saúdo os componentes da mesa.

Confrades, Confreiras, Senhoras e Senhores, Familiares do homenageado;

Saudação especial ao Confrade José Nilton Carvalho Pereira - homenageado de hoje.

“O maior espetáculo do homem ainda é o próprio homem.”

Neste 15 de outubro de 2007, no "Dia do Professor", a Academia Baiana de Educação se reveste de gala para outorgar o título de Sócio Benemérito ao grande e inigualável Professor José Nilton Carvalho Pereira.

Tivemos a honra e o privilégio de recebê-lo como Confrade em 05.06.2002, por indicação do Acadêmico Hildérico Pinheiro de Oliveira na cadeira cujo patrono é Sátiro Dias.

Conheci o homenageado em 1998, na Mansão Wildberg, Largo da Vitória, por ocasião do lançamento do livro “A Solidão de uma Estrela” autoria da iluminada e singular Professora Leda Jesuíno, que se apresenta denotando a mesma sensibilidade, penetrando na alma da índia, tentando - “estabelecer ponte entre o transcendente e o imanente” - afirma a autora: - *“a solidão de uma estrela é um conjunto de poemas que são preces e preces que são poemas”*: suscitou de alguns convidados, sentados em volta de uma mesa, servidas de deliciosos vinhos e gostosos canapés, comentários sobre o livro, suas lindas crônicas e poemas. De

repente, um dos componentes do grupo, demonstrando vasto conhecimento sobre literatura brasileira e grande facilidade de expressão, fez silenciar a todos. Ouvíamos atentamente, encantados com significativa versatilidade. Quase no final do evento, embalados com as músicas indianas, cochichei ao amigo Alírio Fernando de Souza: Quem é este cavalheiro? Onde leciona? Quando posso ouvi-lo outra vez? É Alírio com sua gargalhada que lhe é peculiar, respondeu alto e em bom som: Professora, não conhece o tão falado Professor do Cursinho de Vestibular? Olha, José Nilton, ela não sabe seu nome. E ele, na sua simplicidade, encabuladamente sorriu. Eu lhe estendi a mão, parabenizando-o e agradecendo os conhecimentos ali adquiridos.

Nove anos depois, encontro-me aqui para saudá-lo. Sei que é grande a minha responsabilidade, mas é bem maior a minha admiração pelo Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira dos Cursos de Vestibular.

Sua eficiência profissional lhe conferiu um carisma que foi além dos “cursinhos de vestibular”, onde a língua e a literatura portuguesa em suas mãos foram sempre trabalhadas em lições que se celebrizaram nos cursos: Integral, Águia e Nobel.

Destacou-se com brilhantismo como Professor de Língua Portuguesa, Redação e Literatura Brasileira no Colégio Nobel e Colégio Apoio.

O que era ideal no coração do Professor José Nilton tornou-se uma realidade e desempenhou outras atividades além das educacionais. Com garra e tenacidade, envolveu-se em atividades agropecuárias, em Araci, sua terra natal e em Alagoinhas.

A partir de 2002 envolveu-se com assuntos publicitários e como sócio quotista da Street Marketing Ltda. (60% das quotas). Do Colégio Nobel, 25% das quotas - 1977-1986. Do Colégio Apoio Ltda: 80% das quotas - 1986.

É uma grande responsabilidade sim, a consciência de que somos agentes causadores de absolutamente tudo que nos acontece em termos de perdas e conquistas, sorrisos e lágrimas, porém é um conforto a conscientização de que poderemos ser agentes transformadores, reformulando individualmente o destino de nossas

próprias vidas. Nada se torna irreversível, pois com o bom uso do livre arbítrio, o inalienável poder de transformar sombras em luz já que mudando a maneira de pensar tudo se modifica na subjetiva dimensão do ser e na dinâmica materialização do agir.

Desde muito jovem, José Nilton despertou para o mundo do saber e sentindo uma imperiosa necessidade de usufruir conhecimentos, não apenas na sua área específica quis, também, ampliar os seus conhecimentos alcançando segmentos os mais diversos do saber humano.

No seu jeito simples de sertanejo araciense, com garra e entusiasmo tornou-se cada vez mais competente e valorizado no cenário de sua profícua atuação.

- Participou do projeto original da Faculdade Rui Barbosa, participou como co-fundador (1984-1985).
- É membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.
- Membro da Academia Baiana de Educação, eleito para o cargo de Segundo Secretário - 4.9.2002.
- Responsável pela Revista da Academia Baiana de Educação com valiosos serviços prestados; além de ceder a sede do Colégio Apoio para as nossas reuniões mensais, sempre com a mesma compreensão e distinção.

Afirma o nosso homenageado *“Não tive tempo de acumular titulação acadêmica”*.

E, em virtude de seu “notório saber” em matéria de Educação, atuou com eficiência e eficácia como Membro Titular do Conselho Estadual de Educação - 1991/2006 - nos seguintes mandatos:

- 1.º mandato - 1991 a 1995.
- Prorrogação do primeiro mandato antes da reestruturação do CEE/BA - 1995 a 1998.
- Mandato por dois anos após a reestruturação do CEE/BA - 1998 a 2000.
- Transformação do mandato de dois para quatro anos, na vaga existente após a morte do inesquecível Conselheiro Rômulo Galvão - 200 a 2002.

- Última renovação de mandato regimentalmente possível - 2002 a 2006.

José Nilton soube no CEE-BA desempenhar a função de Conselheiro com habilidade, por meio da harmoniosa coordenação de esforços conseguindo êxito exercendo os cargos de:

- Presidente da Comissão de Direito Educacional - Relator de Resolução sobre Estágio Curricular;
- Relator da Reforma do Regimento interno do Conselho Estadual de Educação;
- Relator da Reforma do Ensino Médio para a rede estadual de Ensino;
- Relator da Resolução sobre elaboração de Regimento Escolar e outras resoluções de alcance normativo;
- Em atos de representação: participou em fóruns no Conselho Nacional de Educação, na Universidade Federal de Pernambuco.
- Palestras em Faculdades e Universidades, na Secretaria de Educação do Estado da Bahia, tendo como público alvo professores e técnicos das DIRECs da Capital e do interior.

Teve o Professor José Nilton oportunidade para demonstrar a sua capacidade não só em cargos bem desempenhados como através de publicações a saber:

- Apostilas diversas de obras literárias comentadas para o vestibular da UFBA;
- Apostilas de Literatura Brasileira;
- Publicou ainda: "Do Barroco ao Simbolismo: do Simbolismo à Literatura atual" e "Gramática para o Vestibular".

"Tudo é possível para quem sabe o que deseja e se resolve a conquistá-lo! Um objetivo definido só pode ser transformado em realidade quando se acredita na sua realização."

E assim, agindo, passou o nosso querido Confrade a proferir palestras diversas em seminários, em nome do Conselho Estadual de Educação ou a convite particular, incluindo palestra sobre os parâmetros curriculares nacionais.

Participou em fóruns do Conselho Nacional de Educação sobre as novas diretrizes curriculares nacionais para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio.

Empolgava a todos que o assistiam na realização de palestras, nas UNEB, nas Faculdades Integradas Olga Mettig e em fóruns do Conselho Estadual de Educação.

Por merecimento recebeu o certificado de participação no Seminário de Pedagogia - Rumos e Perspectivas convidado pela UNEB e moção de aplausos por palestras através da Câmara Municipal de Paulo Afonso e Câmara Municipal de Catu.

Seus méritos são sempre o resultado do esforço constante e eficaz, provocando condecorações. Recebeu o nosso homenageado, a Medalha do Descobridor do Brasil “Pedro Álvares Cabral” concedido pela “Sociedade Geográfica Brasileira”. Condecorado, ainda, com o título de **Gran Colar** da Academia Brasileira de Arte, Cultura e História comemorativo à Semana da Pátria, entregue no Hotel Hilton, em São Paulo. Título de Cidadão de Lauro de Freitas, concedido pela Câmara de Vereadores, por haver sido um dos pioneiros empreendedores no loteamento e futuro bairro de Vilas do Atlântico.

Deixando-se empolgar pela política e inclinado a fazer o bem em Araci, coordenou campanhas políticas e assessorou a Prefeitura Municipal. Candidatou-se a vice-prefeito (1988) e a prefeito em 1992.

Foi presidente do grêmio do Ginásio de Araci, participou de passeatas e ações comunistas, tentando contribuir para o crescimento do nosso Brasil já que conhecia e sentia as dificuldades das famílias e de jovens interioranos.

Em Salvador, ousou e sonhou em construir um mundo melhor, mais justo, mais humano. Como jovem consciente, participou de movimentos estudantis e assistiu com muita tristeza, colegas sendo imolados pelas “tropas militares”. Como grande

observador percebeu falhas, oportunismos e que o comunismo era uma ilusão, decepção para a humanidade.

E o que continuamos a ver, a perceber e a sentir, pelo que tomamos conhecimento através dos meios de comunicação é o seguinte: De um lado o governo concentrando a reforma universitária nos aspectos de financiamento e ingresso, oferecendo uma falsa popularização de acesso. O Brasil precisa completar a Abolição e a República.

O Brasil despreza milhões de jovens que poderiam dar grandes contribuições universitárias se tivessem sido alfabetizados e concluído o ensino básico com qualidade.

A única forma de universalidade com qualidade é a educação básica; é investir na educação pública de qualidade. A educação básica no Brasil era de qualidade quando apenas os filhos da elite freqüentavam a escola e eram mantidas e fiscalizadas pelo governo nacional, no Império e na República.

A federalização significa em primeiro lugar trazer para a União a preocupação com a educação básica, fazer com que as crianças sejam preocupação também do governo federal, e não abandoná-los aos municípios, dependendo da riqueza ou pobreza da Prefeitura e do interesse ou desinteresse do Prefeito.

Quando tivemos a oportunidade de participar de um seminário nas Faculdades Integradas Olga Mettig, ouvimos textualmente do palestrante Professor Cristóvão Buarque: *"A refundação da Universidade só se concretiza quando: Uma elite competente e comprometida para construir uma nação eficiente, sem apartação e com justiça"*.

Assim, desembarca José Nilton da agitação estudantil das tentativas de entrar na política para ver se melhora a educação neste tão sofrido país e embarca na sala de aula do Colégio Central onde foi aluno brilhante e depois chegou a UFBA pretendendo fazer o curso de Direito; na seleção interna optou em fazer Administração, com graduação na UFBA.

Fascinado pela Literatura, ingressou na Faculdade de Letras da Universidade Católica do Salvador. Na ânsia de obter

mais conhecimento, inscreveu-se em cursos livres de Inglês (ACBEU), Francês (Casa da França) e Alemão (ICBA).

José Nilton de imaginação fértil sempre a fazer planos! Mas sabemos que a imaginação por si só não é o bastante; é imprescindível a decisão - e, com seus irmãos Gildaltro Carvalho Pereira e Maria Zélia Carvalho Reis, construíram o Colégio Apoio em pontos estratégicos da cidade do Salvador.

Na Vitória, em Vilas do Atlântico e em Stela Mares.

Atualmente, estão em pleno funcionamento em Vilas do Atlântico, oferecendo o curso de Educação Infantil ao Ensino Médio, inclusive a 3.^a série com pré-vestibular. Em Stella Maris, administra o curso do Ensino Médio até a 3.^a série com pré-vestibular. Em Vilas do Atlântico, instalou a Faculdade Apoio oferecendo os cursos de Direito, Administração e Engenharia.

Milhões de pessoas têm imaginação e fazem planos que facilmente lhe dariam fama, mas esses planos nunca chegam ao estágio da decisão.

Demóstenes, um jovem grego, muito pobre, nutria um grande desejo de ser orador. Nada havia nisso de extraordinário. Outros têm desejado a mesma coisa e conseguido realizar esse desejo. Mas Demóstenes acrescentou a decisão ao desejo e, apesar de ser gago, conseguiu dominar essa limitação e tornar-se um dos maiores oradores do mundo, o mais célebre dos oradores atenienses.

“Parece-me que o bom cidadão deve preferir as palavras que salvam às palavras que agradam”. Quando Sêneca, filósofo da retórica, nascido em Córdoba nos ensina que: *“para não abusar da verdade ou pendência, deve-se evitar o uso de muitos elogios ou de superlativos”*, isso não se adequa ao presente caso. Mais que uma demonstração de justiça e reconhecimento, entendo que proclamar as qualidades intelectuais e profissionais do nosso confrade neste instante, significa um dever desta egrégia Academia para as gerações mais modernas tão carentes de exemplo de homens úteis à sociedade.

Ilustre acadêmico, seu *curriculum vitae* demonstra plenamente a excelência de seus talentos. É essencial, portanto,

projetar perante os mais jovens a trajetória vitoriosa do nosso homenageado, como que a demonstrar, através do exemplo, que a qualificação profissional e a competência podem e devem ser ferramentas de combate na luta por uma sociedade mais justa e fraterna.

O professor José Nilton, contagiando inúmeros jovens com seus dons, sua dedicação e imenso amor a sua atividade de ensino. No percurso de sua vasta performance intelectual sempre observamos sua inclinação indisfarçável pelo ensino. Escolheu a data 15 de outubro para receber o título de sócio benemérito por se tratar do Dia do Professor escolhe o Colégio Apoio, como local onde ministra suas aulas.

Parabenizamos com alegria; seus filhos Michelle, Moisés, Maria Clara e José Nilton Filho, as jóias essenciais de sua vida, segundo a sua própria afirmação.

Rendemos homenagem a Mary Ferreira Mariano, sua atual musa inspiradora, diplomada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas Alga Mettig que dirigiu o Colégio Apoio da Vitória e hoje é grande colaboradora da Faculdade Apoio, em Vilas do Atlântico.

A vida - já afirmou alguém - *é um grande tabuleiro de xadrez*. O nosso parceiro no jogo é o tempo. Se hesitarmos, perderemos; se continuarmos a jogar, podemos vencer. O único capital verdadeiro é o tempo, mas é capital somente, quando bem empregado.

O nosso homenageado de agora, além de inteligência e sensibilidade é dotado de duas qualidades notáveis: um propósito definido e uma firme decisão para transformar seus propósitos em realidade.

Nem sempre podemos fazer o jogo acertado, mas se continuarmos a jogar com decisão, poderemos tirar vantagem da Lei das Médias e alcançar uma boa marcação antes de terminar esse grande jogo que se chama vida.

É o que tenho a dizer, é o que eu tenho a falar, sobre a vida deste grande e ilustre educador, Professor, empreendedor e prezadíssimo amigo José Nilton Carvalho Pereira.

Saudamos o nosso Confrade com um aplauso efusivo desejando-lhe cada vez mais bênçãos, luzes e esperança.

MINHA VIDA RESUMIDA

Acadêmico José Nilton Carvalho Pereira

O mestre Graciliano Ramos, em capítulo vestibular do clássico romance *São Bernardo*, anuncia uma frase sintomática: "Começo declarando que me chamo Paulo Honório. Peso 89 quilos e completei 50 anos pelo São Pedro." A mim não me interessa o peso nem a idade. Filho de viúvos, desde cedo aprendi a conviver com famílias e valores diferentes. Compreendi o sentido de comunhão da vida e para a vida, independente de crenças, religiões e culturas, desde que com lastro em valores éticos.

Perdi meu pai aos quatro anos e mais três meses de idade. Acostavam-se ele e seu pai, o coronel Geraldo Pereira de Matos, da então imperial vila de Tucano, àquele rol de desbravadores e aventureiros, provindos da matriz fluvial de Jacobina e Riachão do Jacuípe ou de plagas sergipanas, rumo ao Itapicuru-açu, e que foram responsáveis pela criação e expansão do gado e ovinocaprinocultura em terras baianas sertanejas, de que nos fala o essencial e, infelizmente, um tanto esquecido escritor feirense Eurico Alves Boaventura, no seu perenal livro *Fidalgos e Vaqueiros*.

Se a meu pai Deus o chamou de mim muito cedo, eis no outro prato da vida a vantagem da balança: compensou-me Deus com a longevidade de minha mãe, mente lúcida que ainda consegue reproduzir perfis de pessoas, passagens e atmosferas essenciais de sua existência, isso do alto dos seus quase 89 anos. Minha mãe, que me ensinou o lado prático da vida, o sentido e a importância do trabalho, a permanente consideração às pessoas dignas, aos parentes e o apego à religião católica, com missas dominicais, comunhão e rigorosos sermões do Pe. Demócrito de Serrinha. Minha mãe, que me ensinou a não levar desaforos para casa nem a guardá-los por muito tempo. Aprendi que sofrimento e ódio nunca

foram bons companheiros: golpeiam mais ao sofredor, e não a possíveis sofridas vítimas. E, se me permitirem a liberdade de parafrasear Camões, ódio é sentimento em que o vencido vence ao vencedor.

Ainda abraçado à minha mãe, não sei se acrescenta dizer que ela provém dos Freitas Bacelar de Purificação dos Campos (atual Irará-BA). Filha de Isaura Bacelar de Carvalho, neta de Anardina Freitas Bacelar e do Cap. José Bacelar, entroncado no vasto comércio da região, quando Irará, no século XIX, liderava a movimentação de tropeiros. Do lado paterno, origina-se minha mãe da 5.^a geração do desbravador José Ferreira de Carvalho, fundador de Araci, em 1812, que por sua vez era bisneto de Bernardo da Silva, fundador de Serrinha, isso no limiar do século XVIII, e que, a seu tempo, provinha de um tabelião de Salvador, comprador de terras e sítios entre Serrinha e Inhambupe, mas aí já estamos no ano de 1660, e convém não alongar.

Criança ainda, em minha telúrica e sertaneja cidade de Araci-BA, creio haver captado um sentido essencial desta existência, brincando em duas vizinhas roças de cajueiros: a do Sr. Biro-Biro e a do meu padrinho Zé Lima (o político José de Oliveira Lima, uma das principais referências éticas em minha vida). Foi uma revelação. Às árvores bem floradas de setembro, contrapunham-se as folhas mortas de março. As castanhas dos aromáticos cajus de fim de ano não resistiam ao vatapá da Semana Santa seguinte. E ali compreendi o sentido de fugacidade da vida e das coisas terrenas. E (quem sabe?) ali aprendi o "carpem diem", "o aurea mediocritas", "o locus amenus", entronizados na sabedoria latina por poetas líricos como Horácio, Virgílio e similares gigantes.

Nos cajueiros de meu padrinho e do aleijado Biro-Biro percebi que nem tudo se tem, nem tudo se ganha, nem tudo se perde. Só muito tempo depois é que reforcei a lição com o heteronímico e sempre transitivo metafórico poeta luso, Fernando Pessoa: "Tudo sempre vale a pena se a alma não é pequena." Jamais, em minha vida, abandonei aqueles cajueiros. Ali entendi que o primeiro caju não pertence ao dono, e sim ao passarinho mais

esperto. Ali entendi que, quem chega mais cedo à fonte, bebe água mais limpa. Ali percebi que, na plena safra, os donos não conseguem colher todos os cajus. Parte dos pseudofrutos tornam-se pecos, apesar da beleza uniforme da florada. Muitos apodrecem ao chão para ajudar a adubar os cajus da próxima geração. Outros tantos são colhidos, não pelo senhorio nem por doações que nos permitiam. Mas por aventureiros espertos. Pela vida fora, sempre desconfiei ou tomei alguns cuidados contra a esperteza dos arri-vistas. O que me remedeia, ampara e protege é que percebi que, em cada dez pessoas, se oito são falsas, as duas verdadeiras valem mais do que a falsidade em conjunto. Até hoje, onde moro ou trabalho, sempre que possível tenho um cajueiro perto de mim.

Aprendi e aprendo muito da natureza, pela natureza e com a natureza. Tanto que não sou adepto de formas permanentes inclinadas. Objetos e decoração inclinados, para mim, só se justificam em ambientes de passagem: restaurantes, buates, hotéis ou numa gravata de ocasião. É que a natureza não ensina assim. Tudo, na harmonia deste planeta, tende ao horizontal e ao vertical. É o ordenamento natural das coisas do mundo. Como a cruz de Cristo. Que abre os braços para o acolhimento, a solidariedade e a comunhão, mas ergue-se, verticalmente, ligando o céu e a terra, unindo o divino e o humano, a permanência e a transitoriedade, o tudo e o nada.

Lições de ética, comecei a aprendê-las na infância, em aulas semanais de catecismo e observando pessoas que se tornaram para mim referências definitivas. Como Dona Nane, de Araci, mãe do ex-prefeito e amigo Carlos Mota, uma senhora que nem havia completado o curso primário, mas capaz de lapidar frases do seguinte porte: "A moral de uma pessoa é como um travesseiro de lã. Se o vento rasga o travesseiro e leva a lã, jamais o dono conseguirá repor toda a lã ao travesseiro."

Os senhores já percebem que minha formação essencial é caipira, com dedicação para conhecer a sabedoria e formas de sobrevivência do homem do Sertão de Cima, ou Sertão dos Tocós, das terras que, a partir de 1609, já pertenciam a Antônio Guedes e, depois, a seu neto, Antônio Guedes de Brito - o morgadio da Casa

da Ponte. Caipira, para mim, é um modo de ser, é um jeito de compreender a existência e ser continuamente feliz, sempre de olho na balança com os dois pratos da vida. Da vida que é muito mais que o mundo da informação, muito mais que o mundo digital.

Quase tudo o que meu pai deixou desapareceu em menos de três anos. Desde esse tempo passei a não me entusiasmar com herança e a compreender que só o trabalho constrói com amor e dedicação. Era o tempo do Presidente Juscelino e de Brasília. Em Araci, município decaído, mas em vias de separação de Serrinha, corria e corre a estrada BR-116, ligando Porto Alegre-RS a Fortaleza-CE como um cinturão permanente da unidade nacional. Para ajudar minha mãe passei a vender, na Praça da Conceição, cocada, bolinho de goma e frutas da estação, isso dos sete aos doze anos. E com uma vantagem sobre a concorrência. Sabia fazer conta de cabeça, o que entusiasmava esfomeados e desavisados clientes, em busca do Sul maravilha. Algum tempo depois, outra paixão de minha vida foi tomar conhecimento da genialidade da cultura da península arábica em transformar e facilitar a vida prática na base **zero, dez, cem e mil**, em vantajosa contraposição ao sistema sexagesimal dos romanos. Se toda contagem de tempo e espaço começa de zero, é que zero é o nosso planeta, e é o tudo, e é o nada. E o genial Barão de Itararé já dizia que o nada é uma faca sem lâmina e sem cabo.

Primárias aulas, não sei se elementares, devo-as, em Araci, a professoras como Antonieta, Hilda, Dilma, Anavalda Pinho e, com especialíssimo destaque, à inesquecível mestra, professora Valdecy de Souza Carvalho, que me conduziu, de forma definitiva, para o mundo e a seara dos livros: o mundo do ler, escrever, contar, pensar, sentir e refazer. Devo-as, também, ao primeiro prefeito do recém-restaurado município araciense, o primo carnal de minha mãe, Erasmo de Oliveira Carvalho, que ajudou a prover escolas indispensáveis ao cidadão e à vida, com os sacrifícios inerentes a uma região marcada pela pobreza.

Agora abandono os cajueiros, tomo carona nos para-choques de caminhão da BR-116, no Almanaque Capivarol e Biotônico Fontoura, na revista O Cruzeiro, Manchete e outras, no

humorista Péricles e no sempre muito vivo Millôr Fernandes. Os pára-choques de caminhão foram meus primeiros livros de filosofia, além do catecismo cristão e da Bíblia, como elos cruciais da formação e expansão do conhecimento humano. Montado na alma desses veículos entendi que "Direito tem, quem direito anda." - Frase um tanto esquecida no Brasil de hoje, onde todo mundo tem direitos (**positivo!**), mas quase ninguém cultiva obrigações (**lastimável!**). Isso contraria as leis da Física newtoniana e o relativismo einsteiniano, além de confrontar as sagradas leis da existência. Pelos almanaques da vida, fui tomando conhecimento do mundo e do mundo do conhecimento. Com Péricles d'O Cruzeiro e o Vão Gogo Pif-Paf Millôr Fernandes aprendi que o humor é essencial à saúde, à criatividade, à vida das pessoas. Nesse campo, inestimáveis são as contribuições de Cervantes e da literatura universal, do Barão de Itararé, Chico Anísio, Mário Quintana, e aqui paro, preocupado com o pecado da omissão. Adoraria escrever um livro sobre o humor de natureza ibero-brasileira, na linha em que o saudoso político e escritor baiano Wilson Lins catalogou escárnios no seu Musa Vingadora. De Millôr Fernandes, sempre aprendi, desde criança, e tenho aprendido genialidades indispensáveis. Millôr, o sincopado filósofo com disfarce de humorista, com frases de preciosas jóias, encastoadas para a eternidade, como a do medíocre perfeito: o que só quando está ausente é que consegue preencher uma lacuna.

Pouco antes de completar treze anos cheguei ao ginásio. Não como o pai do Raul Pompéia Sérgio conduziu o filho ao Ateneu do Prof. Aristarco e o preveniu: "Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta." Mas ginásio bem organizado, pelos esforços do Prefeito José Brígido Torres Silva e sua Ex.^{ma} Senhora, a inesquecível professora e diretora Maria Edna Torres Silva, com quem tomei conhecimento da cultura da França e da Marselhesa. Ginásio, com direito a exame de admissão e classificação exemplar. Ginásio Municipal Oliveira Brito, inaugurado em Araci nos primeiros meses de 1964 (sede provisória) e em agosto de 1966 (sede definitiva). O então ministro pombalense Antônio de Oliveira Brito (patrono da instituição que

leva seu nome), a quem tive reveladora oportunidade de conhecer de perto, em almoço de efeméride vinte anos mais tarde, ensinou-me, em minha vida, mais uma reveladora frase sábia, digna de pára-choque de caminhão: "As pessoas vitoriosas são as que amanhecem para a vida antes da madrugada."

Minha sede de conhecimento era tanta, que fui e sou, no meu saudoso ginásio, o primeiro aluno a ser matriculado. Mas estudar demanda livros, e livros requerem dinheiro. Encontrei a ambos. Os livros, pelos correios da vida ou em ocasionais visitas a Serrinha e Salvador. O dinheiro, que não o tinha, fui buscá-lo abrindo, ainda com treze anos, um pequeno comércio ao lado de minha casa, na esquina da Praça da Conceição, 424. Era o que o insuperável Luís Gonzaga chamava "a venda de guardar faca em dia de feira". Como havia ordem e os delegados não transigiam, nessas pequenas vendas e botecos de secos e molhados, homens do campo guardavam do facão à indispensável sacola com gêneros de sobrevivência semanal.

No Ginásio Municipal Oliveira Brito, outra revelação definitiva. As aulas, em geral, de Matemática a Ciências, História, Geografia, Línguas Estrangeiras, além de Educação Moral e Cívica, que depois o governo descobriu ser Educação Cívica imoral. E aí revelou-se-me a paixão principal: o amor continuado e imorredouro pela "última flor do Lácio, inculta e bela", do imortal soneto parnasiano em decassílabos heróicos e sáficos, do poeta Olavo Bilac. À porta da entrada dessa catedral, a regente-pitonisa que me fez devorar gramáticas e livros de literatura e história: a mestra Maria de Lourdes Mota Carvalho, prima carnal de minha mãe, responsável principal, ao lado da citada Prof.^a Valdecy e da Diretora Maria Edna Torres Silva pelo salto ousado que julgo ter recebido da vida. Maria da Conceição Mota Carvalho Barreto, filha da Prof.^a Lourdes, muito nos honra com sua presença.

Pela bibliografia de um livro, o mestre in casu me passava suas fontes de aprendizagem. Comprava eu esses novos livros e assim aprendi na fonte primária do conhecimento. Agradeço essa elevadíssima contribuição a gigantes como Rui Barbosa (na Réplica), Carneiro Ribeiro (Gramática e A Tréplica). Um destaque

singular para o gramático Napoleão Mendes de Almeida que, pela sua Gramática Metódica da Língua Portuguesa, apresentou-me a mestres como Júlio Ribeiro, Mário Barreto, Sousa da Silveira, Antenor Nascentes e Carlos Góis. Agradeço aos das posteriores gerações como Rocha Lima, Domingos Paschoal Cegalla, Celso Cunha e Lindsey Cintra, Celso Pedro Luft., Luís Antônio Sacconi e outros (tão grandes quanto!), mas sem o mesmo bafejo de igual sucesso editorial. Assim, também, viajei do Dicionário da Língua Portuguesa de Antônio Moraes Silva às diversas edições do Aurélio; de Caldas Aulete a Antônio Houaiss, com passagem quase obrigatória pelas principais enciclopédias então existentes.

Ocorre que, já em 1966, com apenas quinze anos, comecei em Araci minha vida de Professor, com aulas a candidatos a exame de admissão. Ali descobri que uma vantagem do professor noviço é que o conjunto dos alunos sabe menos ainda. Mas aprendi, também, que, no processo ensino-aprendizagem, quem mais aprende é o que ensina ou pretende transmitir conhecimentos. Não sei se devo dizer que, em agosto de 1966, nos atos oficiais de inauguração do ginásio em sede própria, fui orador oficial e representante do Sr. Prefeito José Brígido da Silva, em improviso meio à moda Odorico Paraguaçu, perante o Ex.^{mo} Sr. Governador do Estado, Dr. Antônio Lomanto Júnior, acompanhado que estava do Ministro de Estado e patrono do colégio, Dr. Antônio de Oliveira Brito. Nessa mesma tarde, outra celebridade em honra e destemor passou a acompanhar minha vida. Tive oportunidade de conhecer, na inauguração do Açude de Poço Grande, empreendimento do DNOCs, e que deu início ao resgate socioeconômico de Araci, uma lenda viva. Ali conheci o Ministro Juarez Távora, um dos 18 do forte de Copacabana, o vice-rei do Norte na Revolução de 30, alto, magro, firme: um cedro a caminho da eternidade.

Reitero que devo muito a gramáticos como Napoleão Mendes de Almeida. Como já não havia Latim no currículo, comprei livros do mestre Napoleão, estudei parte deles e não me arrependo. No portal do cemitério de Serrinha, colhi em brocardo

latino especialíssima lição de humildade: " - Hodie mihi cras tibi ("Hoje para mim, amanhã para ti.").

Tempos depois pude verificar a precedência dessa sentença, aqui em Salvador, no cemitério da Baixa de Quintas. Posteriormente, na Universidade Católica do Salvador, aprimorei, parcialmente, o conhecimento de Latim, em aulas reveladoras do Prof. Petrônio, a quem muito devo, e às aulas de Teoria Literária do Prof. Brito. Larguei a Faculdade pouco antes da graduação porque não agüentei as aulas de uma Prof.^a de Língua Portuguesa, filha de um renomado mestre do idioma, que não sabia distinguir pronome substantivo de pronome adjetivo. Achei uma vergonha, e fui embora. Como os Senhores vêem, sou apenas um rábula provisionado em Língua Portuguesa. Não tive tempo de acumular títulos ou titulações acadêmicas. Mas sempre tive tempo de estudar e conhecer o que tenho estudado.

Peço, agora, que me acompanhem a Salvador, onde desembarquei de providencial carona de **jeep**, em frente ao Braseiro do Rua Carlos Gomes, com direito a batida de carro e desfile, em praça de guerra aberta, com mala à mão, até o elevador Lacerda para me proteger em solidária pensão de Dona Adelita Mota, senhora alinhavada com os parentes de Araci.

Não sei se devo dizer que, nos primeiros seis meses, vendi livros em Salvador para sobreviver, até conseguir minha primeira "aluna de banca", a hispano-brasileira Maria de Lourdes Luengo de Latorre, filha do catalão casal Maria e Joaquim Luengo de Latorre, família conhecida nossa por trabalho dele, como mecânico da Bahema, lá em Araci. A família de Dona Maria foi a minha primeira família em Salvador, lá no bairro dos Mares, onde um oceano se descortinou em minha vida. Meus dois primeiros anos, aqui na capital, devo-os à generosidade de alunos e pais de alunos de colégios da cidade baixa, como o Bom Jesus e o São José.

Tendo sido presidente do Grêmio do Ginásio de Araci, não posso deixar de relatar que, de 1968 até março de 1969,

participei de passeatas e ações comunistas, naquele furor dos anos sessenta, simpático que era ao PCB de Astrogildo Pereira, partido fundado em Niterói, a 25/3/1922. Vi nascer e fugi do AI-5. Em março de 1969, a partir de 16h, minhas ações mais ousadas. No dia do aniversário do Partido, fui escalado para jogar panfletos do Edifício Marquês de Abrantes, no Relógio de São Pedro, do 3.º andar. Se os atirasse do 1.º andar, a Voz Operária não se espalharia para conhecimento da Av. Sete de Setembro; se os atirasse do 4.º andar, a polícia poderia chegar antes. À noite, fomos fazer o mesmo serviço (ouvindo **Yesterday**, dos Beatles, enquanto batia meia-noite), na Ladeira do Peru, entre o Largo do Tanque e São Caetano e, logo depois, do Largo do Tanque em direção ao bairro Guarani.

Nessa noite minha vida mudou. Encontramo-nos com os aguerridos revolucionários comunistas, em frente ao mesmo restaurante Braseiro da Carlos Gomes, onde desembarcara eu um ano e dois meses antes. Ocorre que eles se escusaram da ação, por motivo de segurança de base. Preservando a base, muitos deles, depois, tornaram-se deputados. Faço uma honrosa e gigantesca exceção. A da figura ímpar, serena, lúcida e plural de Carlinhos Marighela, hoje advogado, filho do inquestionável líder político, Carlos Marighela, o homem mais caçado pela ditadura naquele 1969, e eu, caipira desavisado, ao lado do filho dele. Marighela que, quando estudante, nos anos de 1930, assombrou o Colégio Central respondendo, em poesia, a uma prova de Física sobre Espelhos. Marighela, que foi deputado constituinte e ajudou a elaborar a Constituição de 1946. Marighela, que terminou sendo imolado pelas trevas militares em 4/11/1969.

Assim, fomos quatro: Carlinhos, dirigindo um volks-fusquinha, eu e mais dois desavisados colegas do interior. Na segunda parte da ação, em frente ao Posto de Gasolina do Bairro Guarani, um policial nos interceptou, revólver em punho e nos obrigou a segui-lo até o quartel do Barbalho. A sensação que me ficou do ano de 1969 é que ali a polícia tinha medo do estudante, e o estudante morria de medo da polícia, com direito a tortura nos porões e trevas daquele tempo.

Foi a liderança, habilidade e serenidade de Carlinhos Marighela que nos salvou. À altura do bairro de São José de Cima, o policial adiantou o carro, mesmo com braço e revólver do lado de fora do vidro, em cruel plantão. Carlinhos, em velocidade que só Deus comanda, entrou pela direita, alcançou o Largo do Santo Antônio, e eu fui o primeiro a ficar protegido na pensão de D. Carmem, na Rua Joaquim Távora 44 (Rua Direita do Santo Antônio), onde eu morava e era parceiro de boas conversas e excelentes tertúlias ideológicas com o honradíssimo deputado, glória imorredoura do MDB histórico e da luta contra o regime militar, o feirense Chico Pinto, hoje com a saúde bastante debilitada.

Não se preocupe o povo da esquerda ou do governo que não vou pedir indenização a quem quer que seja. Novamente recorro ao inigualável Millôr Fernandes. Diz ele que, no Brasil, ação política de esquerda se tornou investimento pessoal a longo prazo. O certo é que, nessa madrugada, deixei de ser comunista, no modelo soviético, e o tempo provou que eu não estava errado. O comunismo, uma das ilusões-decepções do século XX (e pior ainda o Nazismo, o Fascismo, além do Franquismo, Salazarismo e outros), tudo isso foi uma grande ilusão-decepção para a humanidade. O comunismo soviético, por exemplo, queria acabar com a pobreza. O máximo que conseguiu foi deixar todo mundo pobre, após exaurir sua poupança interna, já no fim dos anos 80.

Desembarco da agitação estudantil e embarco na sala de aula. Ainda no primeiro semestre de 1969, um grande professor, um grande humanista me ajudou. O Prof. Lúcio, do Central, que, à noite, cansado, deixava-me viajar com a turma e os colegas, permitindo-me substituí-lo em aulas de concordância nominal e verbal, período composto por subordinação, formação de palavras e... e... literatura. Três colegas meus desta época, amigos e irmãos até hoje (Laudelino, Paulo e Jaime), muito me incentivaram nessa ação e nos honram com sua presença e a presença de suas famílias nesta assembléia. Dos quatro, ainda destaco o bioquímico Jaime Félix Cerqueira, meu compadre e irmão, que me emprestava a máquina de datilografia de seu trabalho, para que fossem

datilografadas minhas apostilas de literatura. Jaime sempre foi e é o traço-de-união do grupo.

Logo chegaram a bancas de revista (e na Livraria Civilização Brasileira de Demeval Chaves e dos gerentes Toninho e Careca, que foram pais para mim). Ali prosperaram minhas apostilas de Triste Fim de Policarpo Quaresma, A Ilustre Casa de Ramires, Vindima e Porta de Minerva; Senhora, Iracema e o Guarani; Memórias de um Sargento de Milícias, Memórias Póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba e Dom Casmurro; Vidas Secas, São Bernardo, Mar Morto, Terras do Sem Fim, e outras... e outras... e outras. Tudo isso em nome de um furor que crescia: a ânsia de acesso à Universidade. Em 1969, aos dezoito anos, eu já conseguia comprar calça lee e calça de veludo cotelê para arranjar namorada, radinho de pilha para ouvir jogo do Bahia (uma paixão definitiva!), máquina de datilografia para continuar escrevendo e livros... livros... muitos livros. Sou um produto do livro, pelo livro e para o livro.

Em 1971, alcancei a UFBA pela Área III, querendo fazer Direito, mas, ante as trevas do tempo, na seleção interna preferi fazer Administração, com graduação em 26/1/1976. No mesmo dia de minha primeira aula (6/3/1971), abracei a Introdução à Administração do Prof. Benedito Brito até 9h, atravessei o Largo da Piedade e, na Rua da Faísca, 1.º pavimento, em cima da Loja LC Flores, desenvolvi minha primeira aula de cursinho, viajando com os alunos à portuguesa Vindima, de Miguel Torga.

Quem confiou em mim, para o primeiro emprego em cursinho, foi o sócio do Curso Integrado em cima da loja de flores, o Professor de Geografia, Francisco Sampaio (olhe aí mais um pai em minha vida) - conhecido como Chico Ceará -, que viu seu cursinho falir em oito meses, e que depois ensinou no gigante e andino Curso Águia, do Prof. Jair Santos, confrade-fundador desta Academia. Chico Sampaio que, nas décadas seguintes, tornar-se-ia dono de uma rede de escolas no Ceará e outras capitais nordestinas, o grupo Geoestúdio.

Faliu o Curso Integrado graças às antiações do sócio Rubem Gutzman, um arrivista carioca que parece ter vindo ao

mundo ao passeio. A partir de julho de 1971, trabalhava-se sem receber. Relato esse fato como incentivo aos jovens professores, hoje - Dia do Professor -, em especial aos do Colégio Apoio, presentes a esta solenidade, e a todos agradeço. Sem receber salário, professores-estrelas deixaram de dar aula. Mesmo sem receber salário, eu e outros noviços (Feitosa, de Matemática; Rubem Soares, de Física, Matemática e o que aparecesse, até estatística sobre futebol pela televisão; Leão, de História; Adalberto, de Química e Chico Sampaio, de Geografia) passamos a dar aulas em dobro porque o aluno não tinha culpa. Em outubro, o Águia do Prof. Jair Santos bicou e acolheu os alunos do Curso Integrado com os professores que continuaram dando aula sem receber. Reitero o poeta: "Tudo sempre vale a pena, se a alma não é pequena."

O Prof. Jair Santos foi, nesse tempo, um pai em minha vida, e essa gratidão sabe ele e sua honrada família que a mantenho até hoje. No Águia me deram, ainda em novembro de 1971, uma turma especial de Gramática para o vestibular da Escola Bahiana de Medicina, com horário aos sábados, de 17h às 19h. Veja como era grande o Águia. Esse era o horário que sobrava.

Com muitas gramáticas em casa, haveria eu, dada a urgência, de optar por uma para construir apostila específica. Usei a de Cegalla, mas o jurista e prof. Edvaldo Brito, glória do mundo do Direito, também a usou para elaborar a prova. E minhas questões eram quase ou iguais às da prova, e aí fiz sucesso. O sucesso, como o direito, não socorre a quem dorme. (Há dois anos, em almoço de agradecimento por uma genial palestra na Faculdade Apoio de Direito, o Prof. Edvaldo Brito me confirmou esse fato.)

Em 1972, cresci como professor no Águia, e também muito agradeço a outro incentivador, o Prof. Zé Nelson, de Química, um dos mantenedores. Em 1973, alinhei no grupo fundador do Curso Nobel, ao lado de Alceu Lisboa e Marival, de Física; Francisco e João Calléia, de Química; Pádua, de Matemática; Pedreira, de Biologia; eu, com Língua Portuguesa e Literatura; Hélio Rocha, com Ciências Humanas e outro grande amigo e intelectual, o Prof. Gérson Alexandrino dos Santos, de

Inglês. Como eu tinha o maior número de alunos, deixei de ser assalariado e passei a ser tratado como sócio. Isso aos 22 anos de idade.

Fizemos convênio de 3.^o ano com o glorioso Colégio Ipiranga, do ilustríssimo Prof. Isaías Alves, instituição à época sob o comando de seus filhos: Ângelo e Edgar. Ali subi a ladeira da vida e cresci até 1976. Em 1978, veio o segundo Nobel. O grupo original dividiu-se em dois. Os Calléia, Hélio Rocha e Marival buscaram mais status. O bom Curso Status que, por décadas floresceu no Largo do Quartel da Palma. No Curso Noble (depois Curso e Colégio Nobel) ficamos Pádua (hoje Ruy Barbosa), Alceu (ainda Nobel), Pedreira (faliu no fim dos anos 90, já no Colégio Antônio Pedreira), e eu. Em apenas seis a oito anos, o Curso e Colégio Nobel alcançou até 10.000 alunos matriculados por ano, tornando-se ali, posto que momentaneamente, o maior colégio do Norte e Nordeste do Brasil.

Mas aí veio a vaidade, a desmedida ambição de alguns familiares dos sócios, e o grande Nobel se desintegrou. Fui o primeiro a sair (10/9/1985) e fundei o atual Colégio Apoio, já acima dos vinte anos, ao lado de dois irmãos como sócios, Gildaltro Carvalho Pereira e Maria Zélia Carvalho Reis, mas tudo sob minha liderança. Pádua saiu depois, abriu a Faculdade Ruy Barbosa e o Colégio Drummond. O colégio já fechou as portas há alguns anos para ceder mais espaço à referida Faculdade, um **case** de sucesso. Pedreira fechou o colégio, mas é glória viva, em fundamentadas palestras de terapia familiar e outros similares. Cada um com seu destino.

O Colégio Apoio chegou a possuir quatro unidades: Vilas, Stella Maris, Boca do Rio e Vitória, aqui neste espaço. A crise dos últimos dez anos modificou tudo. Continuamos em Vilas e Stella Maris, e ainda, em Vilas, com a Faculdade Apoio, ora em vias de reconhecimento, com os cursos de Direito, Administração e Engenharia de Produção com gestão ambiental.

Permitam-me, ainda, em se tratando de Vilas, que fomos dos primeiros empreendedores naquela área, sempre acreditando no futuro. Ali chegamos em 1979. Em 2004, a Câmara de Vereadores

de Lauro de Freitas concedeu-me o título de cidadão laurofreitense, por ocasião das efemérides dos vinte e cinco anos.

Ah, esqueci dizer que no período 1982-1992, fiz política partidária. Filiei-me ao PFL, amparado por Waldeck Ornelas (político sério, de muitos quilates). Fui candidato a Prefeito de minha terra em 1992 e ganhei porque perdi. Um problema da política é que não existe nada completo: é tudo partido. PT, PMDB, PSDB, é tudo partido. Com muita falsidade, com muita traição. O dia do benefício é a véspera da ingratidão.

Voltando aos cajueiros da infância, nem tudo se ganha nem tudo se perde. Fazendo política, aprofundei minha compreensão dos insondáveis mistérios que permeiam a alma humana. Aprendi a conhecer uma pessoa falsa ou falsificada com um simples olhar. E já me distraí muito, intimamente, com a postura novelesca desse tipo de gente. Para mim, quem me diz que é honesto já não o é tanto. A honestidade é condição substantiva, e não adjetiva do ser humano. Uma fraqueza de quem é falso é não perceber que a falsidade é mais observada e analisada que o reino das virtudes. A hipocrisia é motivo de riso continuado de quem não se insere nesse contexto, até porque o mau-caráter olha o mundo como se estivesse sofrendo do efeito espelho.

Se permitem, lembro que, desde cedo, passei a substituir a figura de meu pai (a quem perdi aos quatro anos, repito!) por pessoas mais idosas, que me aconselhavam e me conduziam ao cosmos da ética, da solidariedade e do humanismo. Lembro, mais uma vez, do meus tios maternos - Pedro Bacelar de Carvalho e Totônio Carvalho, de meu padrinho José de Oliveira Lima e seu sogro Nicolau Lira de Carvalho; do ético e disciplinado tenente Anfilófio Menezes - meu Prof. de Educação Física no ginásio, homem disciplinado, sério, justo; do parente tabelião Júlio de

Oliveira Carvalho, do farmacêutico João Moura, com andanças até pela Rússia stalinista, do também viajado relojoeiro Joaquim Messias, do satírico Antônio Gonçalves de Carvalho, Inocêncio Moreira de Carvalho, Luís Magno de Carvalho, Antônio Pinheiro, Isac Jeremias de Oliveira, Pedro Araújo, etc., etc. Nos quase quarenta anos em Salvador, jamais esquecerei pais como Hildérico Pinheiro de Oliveira e Rômulo Galvão de Carvalho, pessoas de elevada estatura moral e intelectual, e de ambos fui tributário e colega no Conselho Estadual de Educação. Pais-conselheiros, como João Fernandes da Cunha, que após os oitenta anos ainda me parecia ter de 20 a 25, pela sua força interior, energia suprema, lucidez e

Nasceu ali mesmo, no local onde se encontra o monumento, em 05 de junho de 1846. No batistério da Igreja da Conceição, uma placa registra as datas de batismo dos três irmãos - Antônio Pacífico, o primogênito, em 24 de abril de 1847.

Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1867.

Fez concurso para seção cirúrgica, em 1871, sendo aprovado e nomeado em 13 de maio do mesmo ano.

Professor eminente de Anatomia Patológica, e depois de Histologia, Vice-Diretor da Faculdade de Medicina, Diretor em seguida, quando foram iniciadas as reformas no antigo prédio dos jesuítas, visando a ampliação de suas instalações.

A Faculdade de Medicina da Bahia também exerceria influência na reforma do Ensino Superior através da representação aprovada pela Congregação, em 30 de outubro de 1880, dirigida à Câmara dos Deputados e ao Senado, tendo como relator o Dr. Antônio Pacífico Pereira, que defendeu a aplicação do “método experimental” no ensino médico do Brasil, reivindicou a exigência do bacharelado em letras e ciências físicas e naturais para matrícula no curso médico; desenvolvimento do ensino prático, criando os institutos com os laboratórios necessários aos trabalhos

experimentais das diversas cadeiras; maior autonomia às faculdades concedendo-lhes o direito de eleger seus diretores; criação junto ao Ministério do Império, de uma seção especial e um conselho consultivo para tratar de questões administrativas relativas à higiene e ao ensino.

Em 1882, foi ele nomeado lente catedrático de Histologia. Viajou três vezes à Europa, em cujos principais centros científicos aprofundou sua cultura médica.

Produção Científica

Antônio Pacífico, com seu irmão Manoel Vitorino e Nina Rodrigues, também médicos, integraram-se à Escola Tropicalista Baiana atraídos pela crítica à medicina ocidental tradicional e pelas pesquisas originais desenvolvidas pelo grupo.

A “Gazeta Médica da Bahia”, criada em Salvador, importante órgão divulgador da produção científica relacionada à patologia tropical no Brasil, teve como um de seus diretores o professor Antônio Pacífico. A Gazeta Médica é considerado “o mais importante jornal médico brasileiro do século XIX” e ainda circula.

A primeira idéia da criação de policlínicas no Brasil coube ao Dr. Pacífico Pereira, em 1877.

Entre 15 e 25 de outubro de 1890, em Salvador, realizou-se o 3º Congresso de Medicina e Cirurgia, tendo como orador oficial Antônio Pacífico Pereira.

Em 7 de março de 1917, instalou-se nesta capital a Academia de Letras da Bahia sendo ele um dos seus fundadores. Quanto ao evento de grande repercussão intelectual, foi dito na época: “Merece respeito especial a trindade constituída pelos três Irmãos Pereira, um como patrono, Manoel Vitorino, outro como

fundador, Antônio Pacífico e o terceiro, Dom Basílio, como correspondente pela circunstância de residir no Interior do Estado”.

Antônio Pacífico Pereira faleceu no dia 18 de novembro de 1922.

No Hospital “Couto Maia”, há um pavilhão com seu nome, assim como há na Faculdade de Medicina, a Sala “Pacífico Pereira”, das quais me deram notícias os meus dois filhos médicos, que assim como tantos outros estudantes depararam-se no início da vida acadêmica com a inscrição perene daquele que se constitui num excelso luminar em sua profissão.

- Quanto ao ex-titular da Cadeira 11, tive enorme satisfação em conhecer pessoalmente o Prof^o Ângelo Lyrio Alves de Almeida, filho de Dr. Isaías Alves de Almeida, um dos maiores expoentes da educação na Bahia, Secretário que marcou época.

Desde jovem, Ângelo dedicou-se ao Magistério no Colégio Ipiranga, onde exerceu, inclusive, o cargo de Diretor. Diplomou-se em Direito. Ministrou aulas em estabelecimentos de renome, como a Faculdade de Filosofia, Escola Superior de Guerra, sendo professor catedrático da Faculdade “Olga Mettig”.

Era grande seu dinamismo e destacou-se como membro do Conselho Estadual de Educação. No Rotary Bahia/Leste foi Governador, eloquente o seu talento de palestrante ainda ecoa.

De excelentes qualidades humanas, mestre inteiramente dedicado à educação.

No dizer de Celeste Almeida, sua saudosa companheira, Ângelo foi marido, pai, avô. Amou e foi amado.

- Reunir os dados biográficos de Pacífico Pereira, relembrar numa sentida saudade o professor Ângelo Almeida, impregnam-me dos melhores propósitos em relação ao meu

ingresso na Academia, no sentido de assimilar o compromisso inerente à honraria que me é concedida e atuar sob a luz refulgente do Patrono da Cadeira que me é destinada, em substituição a seu ex-titular, igualmente um educador de intenso brilho.

Afinal, contar histórias é resgatar a memória dos ancestrais que permanece em nosso inconsciente e, a qualquer momento, pode emergir ao nível consciente, ajudando-nos a encontrar soluções para nossas dúvidas e incertezas.

Em “A Teia da Vida”, Fritjof Capra, renomado físico e filósofo da atualidade afirma que “A procura pelo ancestral do homem é a procura pelo contador de história”, premissa que reacende nossa própria reflexão advinda da prática, donde se pode concluir: Ao olharmos para a vida, olhamos para redes que se interligam.

Falar em rede faz-me pensar em fios que nos envolvem no entremeio de suas tramas, fios que se entrelaçam e criam novas tessituras, criativas, coloridas, de admirável textura. Os educadores, com perfeição, constroem teias resistentes, que ajudam crianças e jovens a compreenderem melhor os seres humanos e o mundo que nos cerca, forjando-lhes um estilo para que possam apreender os conhecimentos.

O caminho é longo, complexo, oferece dificuldades. Por isso mesmo, é necessário tomar em linha de conta, antes do mais, o amor, ao expandir a maravilhosa colaboração de todos através de todos e através de cada um.

A Academia Baiana de Educação representa o espaço ideal, onde se vislumbram as sutilezas dessa extraordinária missão.

Agradeço a todos por me permitirem o acesso a esse lugar.

De modo especial, agradeço ao emérito educador e meu prezado amigo Dr. Edivaldo Boaventura, um dos mais importantes luminares em minha vida profissional. Somente a grandeza de seu coração poderia ter-lhe inspirado as palavras que proferiu a meu respeito, num testemunho de apreço ao Magistério, do qual ele é um expoente reconhecido com relevante admiração.

Estimadas confreiras e confrades, invoco a proteção das bênçãos de Deus, ao proclamar com energia e esperança o lema da Academia: “Luza vossa luz!”

A NOVA BUTTERFLY

Remy de Souza

Foi amor à primeira vista e nem ela nem ele ainda sabiam disso direito.

O caso se deu assim. Maria Clara, carioquinha da gema, classe média bem alta, nos seus radiosos vinte aninhos, estudava em Londres já havia ano e meio quando, em uma de suas costumeiras visitas ao Museu Britânico, detida a observar mais uma vez a **Pedra da Roseta**, sentiu aproximar-se dela um belo rapaz o qual não sabia direito se contemplava a ela ou a famosa pedra, dois monumentos, diga-se de passagem, dignos da admiração universal, embora de gêneros bem diferentes, óbvio.

Ela, com um leve sorriso, esgueirou-se e foi para outro canto do museu.

Não tardou muito e mais um encontro, meio casual meio adrede, com novo sorriso da garota, agora correspondido por outro, desajeitado, dele.

Pouco tempo depois encontraram-se nos corredores de uma escola para alunos adiantados de inglês, que ela já freqüentava bem antes dele. Pelo visto, ele era calouro. Como quem pede informações a uma colega veterana, foi ele timidamente puxando conversa sobre programas, horários, professores, manuais, tudo formal como sói em um primeiro contato cerimonioso.

Ela, sempre exuberante e gentil, disse o que sabia e pensava do curso. Dias depois, pretextando ampliar as informações, convidou-a para tomarem algo na cantina, após as aulas. A fim de não parecer rude, ela aceitou. Deram-se aí a conhecer.

Ela, brasileira de família abonada, com pai grande empresário, já havia percorrido meio mundo, em belas viagens com os pais e irmãos e decidira fixar-se por uns tempos em Londres para preparar um diploma de administração visando mais tarde ajudar a família nos negócios. Entendia que mulher também devia trabalhar a fim de manter-se independente e não ficar apenas na cozinha.

Ele, Ibrahim, era da Arábia Saudita, filho de pais aparentados à família real, morava em Riyad e viajara bastante.

Depois de seus estudos na terra natal, viera em busca de um doutorado em economia política na capital britânica.

Recém-chegado, ainda tateava no conhecimento da cidade e muito lhe agradeceria se ela aceitasse ciceroneá-lo... de vez em quando, é claro, pois, não queria por nada no mundo prejudicá-la nos estudos, sublinhou logo.

- Vamos ver, foi a resposta da moça. Outro dia a gente combina.

- Certo e desde já muito obrigado, senhorita, respondeu ele cortesmente.

O fato é que a imagem de um não saia da cabeça do outro.

Um dia em que ele não apareceu na escola foi ela, logo na tarde seguinte, tratando de informar-se do motivo da sua ausência: saúde, negócios?

- Não, senhorita, é que ontem iniciamos o Ramadã e eu não podia faltar à oração na mesquita.

- Ah, bem, retorquiu ela aliviada.

Tempos depois marcaram um passeio no *Kew's Garden*, nos arredores londrinos.

Foi sobre a relva daquele lindo jardim botânico, semeado de estufas cheias de plantas tropicais e outras exóticas, todas muito bem catalogadas, que eles tiveram pela primeira vez a oportunidade de se conhecerem melhor.

Num inglês quase fluente, embora com forte sotaque, naturalmente, contou-lhe ele sua infância de jovem príncipe saudita, criado no mais estrito islamismo.

O que sobremodo o chocava no Ocidente, confessou, era a extrema liberdade das mulheres.

- E você acha certo isso de sua gente prender as mulheres a quatro chaves como se fossem bichos, Ibrahim?

- Bem, confesso que só agora compreendo o olhar sempre triste de minha adorada mãe.

- E por que você não a liberta e a ocidentaliza logo de vez?

- Você está louca, menina? Eu seria enforcado na primeira árvore da praça lá perto de casa.

- Com todos os seus petrodólares bem que você podia fugir com ela para cá, não acha?

- Fácil de dizer, moça. Não se mudam hábitos seculares de um povo em uma geração.

- Bem, isso é. Mas você não vai deixar as coisas lá como estão depois de ter percorrido o mundo cá fora, não é mesmo?

- Tenho pensado muito estes tempos em como conciliar o Alcorão sagrado com a industrialização e a tecnologia dos infieis. Em tese não parecem incompatíveis, contudo, na realidade, são.

- Como assim?

- O modo de vida da gente, a nossa cosmovisão ou mundividência (a famosa **Weltanschauung** dos alemães que eu só fui entender direito em Munique), na verdade é um bloco, um todo: alterando-lhe uma só parte, o conjunto muda. As chamadas culturas dos povos são indivisíveis como o corpo humano. Indivíduo, aliás, significa indivisível, lembre-se.

- Ainda não tinha pensado nisso. No Brasil, país novo, mal fizemos cinco séculos de civilização ocidental, trazida pelos portugueses, e por isso ela não nos pesa muito. Temos outros problemas.

- Nós, muçulmanos, temos mais de treze séculos de islamismo, retorquiu ele, e isso sem falar nos tempos pré-islâmicos.

- É, de fato, os parâmetros são outros.

- Quando um dia você conhecer minha terra, estou certo de que vai gostar muito dela, moça.

- E o Brasil, então, você vai adorar. Já imaginou passear em Copacabana?

- Que é?

- A praia mais linda do mundo!

- Espero um dia, conhecê-la, se Alá assim for servido. Já percorri um bom pedaço do Oriente e da Europa, mas ainda não fui às Américas.

- Nova Iorque é linda, linda! Um mundo dentro do mundo...

- Pelo visto, a senhorita é muito viajada.
- Adoro viajar.
- Eu também.

--- x --- x ---

Na semana seguinte, coincidentemente, encontraram-se no Museu do Louvre, em Paris, diante da **Vênus de Milo**. Tinham vindo em excursões diferentes. Ele estava mergulhado na contemplação da beleza grega quando ela o interrompeu:

- Linda, não é?
- Perfeita. A mulher ideal.
- Nem tanto.
- Desculpe, senhorita, mas eu a imagino assim, tal e qual... com todo o respeito, emendou logo.
- Pois está redondamente enganado, seu moço. Eu tenho as brasileiríssimas duas polegadas a mais da Marta Rocha.
- Não entendi.
- Depois eu explico. E cada qual foi para o seu lado, seguindo o respectivo guia turístico.

Ele ficou encabulado. Que tipo de mulher tão linda como ela poderia não ser talhada assim como a **Venus de Milo**? Mistério! E prometeu a si mesmo desvendá-lo (ou melhor, desvendá-la...) algum dia.

Na primeira semana de volta da excursão, foi logo presenteando-a com uma bela tradução inglesa do Alcorão.

- Isso é para eu acabar usando o véu das muçulmanas, é? brincou ela com um sorriso maroto.
- Não, encabulou ele, é para você me conhecer melhor, isto é, o meu mundo. E por sinal, não entendi aquela sua história de Marta... Marta o que?

Ela abriu numa gargalhada:

- Marta Rocha, meu caro. Foi uma linda baianinha...
- ...?
- É, nascida na Bahia, um dos Estados do Brasil.
- Ah, entendi.

- Ela ganhou em 1954 o título de Miss Brasil, mas ficou em segundo lugar no concurso para Miss Universo porque tinha duas polegadas a mais nos quadris, segundo alegação dos juizes do concurso. O Brasil inteiro ficou indignado com tamanha injustiça.

Afinal, como bem disse o nosso grande poeta Carlos Drummond de Andrade, aquelas duas polegadas a mais não eram um defeito e, sim, uma generosidade do Criador, o Alá de vocês, para com as brasileiras.

- E todas vocês, brasileiras, têm aquelas duas polegadas a mais que a **Venus de Milo** não tem, é?

Para elevar o nível da conversa e não cair na vulgaridade, ela saiu-se com uma irada meio científica.

- Olha, a influência da miscigenação africana nos trouxe essa riqueza, digamos, genética. Você sabe o quanto a mulher negra é cadeiruda e peituda, bem mais que a branca ou a amarela.

Desde essa conversa ele vivia imaginando como devia ser ela... com tanta generosidade nos quadris.

--- X --- X ---

Por seu lado, ela costumava em casa folhear distraidamente o grosso volume do Alcorão que ele lhe ofertara, mais para pensar nele do que interessada mesmo nos preceitos de Maomé, diga-se a bem da verdade.

Percorrendo o livro sagrado dele imaginava-se uma sedutora imbatível dançando só para ele ao som de um bandolim, envolta em véus finíssimos que mal lhe velavam as formas generosas: desse modo achava-se até mais cativante do que metida em pesados trajes e capotes ocidentais, próprios para o clima europeu.

Seus olhos, certa vez, caíram sob o versículo 85 da surata 5, a da **Mesa Servida**, que reza assim: “Tu acharás certamente que os maiores inimigos dos crentes (os muçulmanos) são os judeus e os pagãos. E tu acharás certamente que aqueles que estão mais perto pelo amor dos crentes (os muçulmanos) são os que dizem: ‘em verdade nós somos cristãos’. É porque no meio deles há padres e monges e porque não são orgulhosos”.

Foi fiado nesse texto corânico, sagrado para ele, que ela certa feita lhe perguntou, olhos nos olhos, se ele teria coragem de casar um dia com uma cristã. Nunca o viu tão perturbado!

Parecia-lhe que ela estava se insinuando, quase se oferecendo. Demorou em responder e, baixinho, quase titubeando, disse:

- Sim...

Ela aí soltou uma de suas costumeiras gargalhadas cristalinas:

- Pois eu jamais quereria casar com um árabe para ser mulher dividida com outras, trancafiada em um harém. Quero um homem inteiro só para mim, sem dividi-lo jamais com nenhuma outra mulher, ouviu bem?

Ele não respondeu. Guardou aquelas palavras no coração, entre convite e censura, não estava bem certo.

Tempos depois, uma circunstância fortuita ensejou-lhe uma resposta mais racional.

Sabe, Maria Clara (pela primeira vez a chamava assim), precisamos nos conhecer melhor.

- Fala das polegadas a mais, ironizou ela?

- Não. Falo sério.

- Como assim?

- Gosto muito de você, quero que saiba, desde que a vi diante da **Pedra da Roseta**. A partir de então procuro o jeito de decifrá-la, encontrar a chave do enigma que você é para mim. Lamento não ser um Champollion dos corações femininos.

- Você é um poeta, sabe?

- Gostaria imenso de sê-lo, de fato, para me expressar, digamos, com mais leveza e assim descobrir os caminhos que levam ao seu coração.

Depois de uma conversa dessas, saíram de mãos dadas a passear sem rumo certo, só para estarem juntos.

--- X --- X ---

Em outra oportunidade, ao entrarem em uma igreja católico-romana e vendo-a persignar-se, perguntou-lhe qual o

significado daquele gesto. Depois da explicação dela, ele comentou:

- Pois olha, no Islã temos uma saudação semelhante só que de baixo para cima.

É o nosso tradicional salamaleque que significa “a paz seja contigo”, onde também colocamos a mão direita no peito, nos lábios e na testa para dizer numa reverência:

“Meus sentimentos, minhas palavras e meus pensamentos são seus.”

É nossa saudação costumeira.

- Pelo visto, querido, nossas religiões monoteístas não são tão diferentes assim, não é mesmo? Têm a mesma raiz judaica.

- Apenas a sua anda de cabeça para baixo, sentenciou com humor, em alusão ao persignar-se.

- Ainda assim, a diferença não é grande.

--- x --- x ---

Uma noite, já mais estreitados no relacionamento, ele a convidou para irem assistir a ópera **Madama Butterfly** de Giacomini Puccini. Foi uma noite de luxo, um sonho, onde a melhor sociedade londrina se exibia engalanada.

Depois do maravilhoso espetáculo esticaram a noitada jantando em um requintado restaurante na moda.

- Você acha certo o que o patife do Pinkerton fez com a coitada da Butterfly, perguntou ela?

- Certo, não, mas...

- Um machista, um egoísta!

- Digamos, um imaturo.

- Só? Você é homem e por isso não penetra nos sentimentos de uma mulher, desafiou ela.

- Não diga isso. Embora oriundo igualmente de uma sociedade semelhante à japonesa de então, no que se refere ao papel sempre submisso da mulher em relação ao homem, aprendi a ser sensível, não só aos encantos mas também à alma feminina.

- Contudo, jamais vai abdicar da poligamia de sua gente não é mesmo? Diga a verdade.

Ele demorou em responder. Pensou bastante e disse, depois de largo silêncio:

- Quer saber a verdade? Vi minha mãe e minhas irmãs sofrerem, resignadas mas sempre tristes, a reclusão permanente em que meu pai, verdadeiro patriarca tribal, as manteve toda a vida. Hoje, depois de minhas andanças por meio mundo e em contato com povos tão diversos, começo a questionar essa reclusão forçada.

- Ainda bem.

- Mas veja que não tenho absolutamente condições de mudar do dia para a noite o modo de vida multissecular de meu povo. Sejam sensatos.

- Você, então, voltando para a sua terra, abrirá o seu harém, não é mesmo?

- Eu não disse isso, protestou o rapaz!

- Mas pensou, na certa...

- Por mais inteligente que seja, você não tem o dom de penetrar nos meus pensamentos.

- Pelo que já conheço de você, não é difícil adivinhá-los...

- Engano seu, garota.

- *Un bel di vedremo.*

- Isso é um desafio, Maria Clara?

- Quase...

- Escuta, mulher. Eu sei que você não precisa em nada de mim. É jovem, rica, inteligente, linda... não faltarão brasileiros, gente de sua raça e religião e da melhor sociedade para desposá-la. Mas você me prendeu, enfeitiçou desde que a vi, essa é que é a verdade. Não sei o que não faça para conquistá-la, tê-la só para mim.

- Gostei dessa abertura...

- Então?

- Também você me agrada e muito, como homem. O que me impede de cair nos seus braços é, digamos, o seu Islã irredutível, uma verdadeira camisa de força em cima de você, deixe que lhe diga.

- Eu a entendo...

- Eu só botei véu na cara no carnaval, fantasiada certa feita de odalisca. Foi divertido, sabe? O carnaval brasileiro é uma coisa! Você ainda há de ver.

- Eu sei, eu sei, tenho notícia, li revistas, vi fotos, filmes, ouvi músicas, gostei, mesmo sem entender a letra. O clima lá é bastante animado, descontraído.

Animou-se também e pegou-lhe as duas mãos:

- Sabe como a sonho, Maria Clara? Como a minha Xarazade. Conhece a história?

- Conheço... a narradora das Mil e Uma Noites.

- Isso. O rei mudou sua misoginia de tanto ser seduzido pelo encanto das suas histórias. Você, desde que nos conhecemos, mudou muito minha atitude em relação às mulheres. Corno ele, não vou mais decapitá-las, mas, para isso, terei de viver fora de meu país, já pensou? Lá tomariam minha monogamia ocidental por frouxura, falta de masculinidade.

- Entendo. Mas sua fortuna e posição social lhe permitem viver a vida toda fora de sua terra, não é mesmo? Basta dar uns pulinhos lá de vez em quando para matar as saudades, rever família, parentes, amigos e espiar os negócios, não é assim?

- Quase. O que eu penso fazer depois de formado é pleitear uma posição oficial no exterior. Serei assim útil ao meu povo e a mim mesmo. Um homem ponte entre duas culturas. Um desafio! Que acha da idéia?

- Confesso que não me vejo enterrada viva em Riyad. Por mais que você faça, nunca terei lá a liberdade de que sempre desfrutei a vida toda, confesse...

- Reconheço...

- Mas você pode sem problemas viver no exterior o tempo todo ou quase.

- Ah, isso eu posso.

- Então, meu caro, negócio fechado. A gente casa e mora no Ocidente. Você de vez em quando vai visitar os seus parentes e ver como andam os seus negócios. Vida mansa. Eu até deixo você ir a Meca quantas vezes quiser para beijar a Pedra Negra da Caaba e matar as saudades do seu Profeta. Veja como eu sou boazinha.

E selaram o pacto com um longo beijo.

--- x --- x ---

Todavia, para a nossa história não parecer água de flor cumprir, a bem da verdade, revelar um aspecto dos bastidores, porém, decisivo na trama amorosa aqui narrada: o aspecto econômico. Como já foi dito muitas vezes, os países não têm aliados, têm apenas interesses. Pois foram esses interesses de bastidores que favoreceram o *happy end* do romance de Ibrahim e Maria Clara.

O caso foi assim. Sabedor do tradicionalismo arraigado da sua gente, Ibrahim, pretextando à sua bem amada uma viagem de negócios, foi a Riyad conferenciar com a família a respeito de seus planos matrimoniais.

Mal chegando foi beijar a mão do velho avô, patriarca do clã que ainda detinha muito poder, inclusive na esfera do Estado. Quase nada se fazia sem consultá-lo.

Foi ele quem convocou os cabeças da grei e, em solene reunião familiar e secreta, ouvidas as opiniões de cada qual, sentenciou:

- É preciso olhar o futuro com visão de águia, minha gente. O petróleo, em que estão alicerçados nossa fortuna e poder, vai acabar mais dia menos dia. Não há reservas inesgotáveis do ouro negro. Não é um produto renovável. Ora o que temos aqui, na Arábia Saudita, além dele é muita areia, algumas tâmaras e pouco mais.

Em breve acabaremos perdendo a nossa posição no mundo se não soubermos renovar a tempo as bases de nossa economia. A América Latina, que eu não conheço, é uma região ainda pouco explorada e rica de muitos recursos, segundo as informações mais seguras. Sendo assim, o casamento de Ibrahim com uma nativa de lá será uma boa lança em África para nós conquistarmos em tempo novos mananciais de riqueza. Por isso aprovo a sua união com uma infiel e permito que ele se instale naquelas bandas a fim de preparar aos poucos a nossa renovação econômica nacional. Isso, natural-

mente, sem o mínimo conhecimento e nem mesmo suspeita daqueles infiéis. Que Alá o guie, Ibrahim!

Depois daquelas palavras, verdadeira sentença de sábio de largo tirocínio, ninguém mais ousou dizer nada. Em fila prostraram-se diante do patriarca e um a um saiu da reunião secreta depois de cumprimentar o noivo, alçado daí por diante a embaixador honorário de sua gente e responsável de missão quase transcendental para os sauditas.

..... Ele, entre o amor juvenil sincero e os altos interesses de seu povo, agradeceu do fundo d'alma a Alá ter a sopa caída no mel, conjugando tão bem as razões do coração com as do Estado.

Saiu como personalidade oficial do seu país, cercado de muito rapapé. Inútil dizer que jamais teve coragem de revelar à noiva tamanho segredo de Estado. Ela talvez até desistisse de casar sabendo daquilo.

--- x --- x ---

De volta à Inglaterra, acertaram os últimos detalhes do casamento para breve.

O cristão foi em uma discreta igreja católico-romana de subúrbio londrino a fim de não dar muito na vista e não prejudicar a imagem do noivo ante os integristas muçulmanos. A família dela veio em peso prestigiar o enlace e conhecer afinal o noivo, que todos acharam muito simpático além de coberto de petrodólares, o que não fazia mal a ninguém.

No dia seguinte casaram em uma mesquita londrina, desta vez com toda a pompa e circunstância. A notícia saiu até na coluna social dos principais jornais ingleses.

Algumas folhas fofoqueiras inclusive não pouparam farpas titulando: “uma brasileira vai para o harém de um xeque árabe: coisa de povo subdesenvolvido...”

A lua-de-mel deles foi ecumênica. Primeiro foram a Roma receber a bênção do Papa na praça de São Pedro. Gesto de simples turista, justificou ele, fazendo o salamaleque enquanto ela se persignava.

Percorreram a Itália como um casal de pombos em arrulhos de amor. Foram até o túmulo de Dante, em Ravena, para saborear ao pé do autor e agradecer-lhe o lindo verso do **Paraíso**:

“O amor que move o sol e as estrelas.”

Em seguida foram a Meca, ela ficando à distância regulamentar da Caaba, como manda o preceito islâmico **relativamente aos infiéis**. Vestida a caráter, dizia baixinho para ele, entre sorrisos marotos, que se sentia como em carnaval carioca, fantasiada de novo de odalisca, só que desta vez mais a rigor. Ele sorriu da piada e não respondeu.

Tudo era novidade para ela na pátria do marido amado, o qual se esmerou na diplomacia das apresentações à família e à fina sociedade de Riyad. Como eram quase todos bastante viajados, não se surpreenderam demais com aquele casamento inter-religioso. Acharam a noiva até bem adaptada à vida muçulmana.

Inclusive já respondia em árabe algumas coisinhas simples, aprendidas com ele, o que constituía mais um triunfo na sua arte de seduzir, coisa que só ele sabia.

--- X --- X ---

Seguiram finalmente para o Brasil onde tudo, mas tudo, era novidade para ele. Sua adaptação, porém, não foi penosa devido, sobretudo, aos cuidados do pai dela, capitão de várias indústrias, que logo encaixou o genro árabe em uma de suas muitas empresas (com tradutor, inclusive) o que foi considerado um bom negócio para os interesses de ambas as famílias.

Com esse bom trato, os integristas da terra dele aceitaram sem grandes protestos aquele casamento inter-religioso. Afinal, em qualquer parte do mundo o dinheiro sempre fala mais alto porque o bolso é a parte mais sensível do corpo humano.

Cada dia lhe trazia uma descoberta nova. O jeitinho brasileiro foi o que mais o desconcertou na nova pátria de adoção pelos seus constantes arrepios à lógica.

Não demorou muito também em perceber a poligamia de fato do povo brasileiro, com tantos meninos de rua sem pai assumido, jogados à toa na vida. Certa feita chegou a comentar:

- Mas, Maria Clara - pelas barbas do Profeta! - você me dizia sempre que o seu povo era monogâmico! Como você explica tanta poligamia de fato?

- Subdesenvolvimento, querido.

- Bonito rótulo! Para mim é safadagem e pronto! O Profeta Maomé autoriza a nós, fiéis, a termos até quatro mulheres das quais somos plenamente responsáveis.

Pelo visto, os homens aqui no Brasil pegam quantas querem, jogam-nas fora, depois de enxertadas, como objetos descartáveis e fica tudo na mesma. Uma pouca vergonha, isto sim! Nós, muçulmanos, é que somos de fato responsáveis, decentes.

Ela tentou explicar:

- Meu bem, a escravidão negra no Brasil, que tem pouco mais de um século de abolida, é a explicação - sem ser absolutamente uma justificação - desse quadro lamentável. Os abolicionistas, a Princesa Isabel à frente (uma santa senhora, diga-se de passagem), deram a igualdade política aos escravos, porém, não cuidaram de dar a social, a econômica, a intelectual, etc...

Coisa de romantismo!

Eles saíram da senzala e foram para a favela, digamos para resumir. Nosso treze de maio culminou em uma linda festa de flores e risos, mas terminou onde devia apenas estar começando, creia.

- Mas, querida, não é só entre os pretos que a poligamia de vocês está na cara.

Tem muito branco por aí sem pai conhecido.

- De fato, mas é que o português colonizador veio para cá sem mulher.

O Padre Manuel da Nóbrega, jesuíta que veio com o governador Tomé de Souza fundar a cidade do Salvador, primeira capital da Colônia, alarmado com tanta promiscuidade, escreveu ao rei D. João III de Portugal: "mande Vossa Alteza para cá mulheres, nem que sejam erradas, porque aqui acharão casamento". A situação era alarmante e durou muito, tanto que o célebre poeta luso Fernando Pessoa escreveu estes lindos versos:

*“Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó Mar!
.....
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena...”*

Por aí você vê que os portugueses aqui só tinham mesmo as índias das tribos nativas com que se satisfazer sexualmente.

- Desculpas; desculpas...

--- X --- X ---

Com insuperável ar feminina ela aparava o quanto podia as arestas culturais do seu lar. Introduziu, por exemplo, Nossa Senhora de Fátima no seu oratório particular justificando a escolha com ser Fátima o nome da filha mais velha de Maomé. Era um modo de homenageá-lo.

Ele aceitou a intenção da homenagem. Retrucou apenas que ele seria, então, o Tarique da nova conquista islâmica, desta vez no distante Brasil (em alusão a Gibraltar, etimologicamente montanha de Tarique, nome do conquistador mouro da Península Ibérica).

- Cuidado para não se afogar na travessia, meu bem. O Atlântico não é aquele laguinho chamado Mediterrâneo.

- Não se preocupe, virei de avião.

- Olhe que a força bruta no Brasil não dá em nada. O herói do folclore indígena brasileiro não é o leão feroz das fábulas de vocês, do velho mundo, mas o jaboti, cascudo que nem ele, só que sabe tranqüilamente esperar que o pau que lhe caiu nas costas apodreça para livrar-se dele sem violência.

Essa imagem foi a chave com a qual ele começou a entender o jeitinho brasileiro de abordar as coisas.

Assim viviam os dois entre farpas gentis, suaves, e beijos apaixonados, ferventes, sem jamais caírem na injúria ou na incompreensão recíproca. Afinal, eram civilizados.

--- X --- X ---

O amor mútuo cobria largamente o que a razão de cada qual nem sempre alcançava com clareza.

Numa tarde domingueira de sol particularmente radioso, subiram os dois ao Corcovado. Vendo o Cristo Redentor de braços abertos no alto do céu, comentou ele:

- É, vocês, brasileiros, são mais asiáticos do que nós.

- Como assim?

- Esta estátua me lembra a de Buda em Kamakura, no Japão... colossal.

- E então? Mera coincidência.

- O Islamismo é avesso à reprodução de figuras humanas, daí os arabescos serem uma nossa expressão artística usual. Aqui o culto das imagens de vocês é bem parecido com o dos povos do Extremo Oriente.

- Iremos lá um dia para conferir, arrematou ela, evitando assim uma desnecessária discussão... iconoclasta.

Contemplando o panorama deslumbrante da Baía da Guanabara, ele compreendeu finalmente e concordou com o que a mulher sempre lhe dizia desde os tempos de namoro:

- Assim como Heródoto, o Pai da História, afirmou que "o Egito é uma dádiva do Nilo", também podemos dizer que o Brasil é uma dádiva dos trópicos.

Foi daí em diante que ele começou a abraqueirar-se por dentro. Na noite daquele dia brilhantemente carioca, ao voltarem para casa depois de um fino jantar, ele a apertou nos braços com imensa ternura segredando-lhe ao ouvido:

- Minha Xarazade (assim a chamava nos momentos de maior carinho). Era como se estivesse se rendendo às seduções tropicais da esposa.

- É, meu bem, nosso lar é o nosso oásis sul-americano.
Sou sua Butterfly realizada e feliz porque você não me deixou
sozinha como aquele malvado da ópera.

Obrigada, meu amor, por eu ser a favorita do seu serralho.
E adormeceram nos braços um do outro.

Breve Nota Sobre a Metodologia do Ensino do Direito

Alírio de Souza

O aumento da oferta de cursos de Direito, consequência da privatização na educação superior, requer uma reflexão sobre alguns aspectos do processo pedagógico em que os dois personagens principais, aluno e professor estão implicados. Em se tratando de “breve nota”, comecemos pela realidade do Estado da Bahia e possivelmente poder-se-á fazer uma projeção para os demais pontos do País.

A Faculdade Livre de Direito da Bahia, anexada a Universidade Federal da Bahia em 1946, mas fundada no princípio da última década do Século XIX, foi em nosso Estado a única escola superior de preparação de recursos humanos para a área jurídica (advogados, juízes, pretores, promotores, procuradores, etc...) até 1956, quando foi criada a Faculdade Católica de Direito, atualmente integrando a Universidade Católica do Salvador.

Permanecendo sozinha por aproximadamente sessenta e cinco anos, a pioneira Faculdade Livre de Direito exerceu rigoroso processo seletivo de professores e de alunos. Dentre os muito célebres nomes que compuseram seu quadro docente são lembrados Almachio Diniz e Virgílio de Lemos. Num passado mais recente, dentre outros, Nestor Duarte, Nelson Sampaio Auto de Castro, Machado Neto, Raul Chaves, pontificando a magistral figura de Orlando Gomes como professor e como jurista. Era uma época em que ensinar ou estudar numa Faculdade de Direito requeria a obrigatoriedade do uso do paletó e da gravata.

Mas, a exceção de professores preparados pelas Faculdades de Filosofia ou Escolas Normais em que o aprendizado da didática era obrigatório, e se destinavam a atuar nos níveis primário e secundário, todos os demais professores, em qualquer área da educação superior, eram empiricamente escolhidos por um processo que se pode denominar de “seleção natural”, envolvendo

domínio do conhecimento, competência e capacidade de comunicação.

A década de 1960 trouxe ao Brasil e a Bahia a Pós-Graduação. Além de programas de mestrado e doutorado no País, incentivos a estudar no exterior passaram a constar da agenda de todo aquele interessado em uma carreira acadêmica. Alguns programas de mestrado fora da área de educação incluíam em seu rol de disciplinas uma atividade chamada Tirocínio Docente Orientado, uma prática docente sem teoria. Constava basicamente da obrigação do mestrando em assumir uma disciplina da graduação, por certo tempo, observado pelo titular da cadeira. De qualquer forma era um treinamento onde se tomava conhecimento do plano de curso, do plano de aula, da necessidade de preparar uma aula, assim como a preocupação do novel professor quanto a avaliação que seria feita por seu tutor acadêmico.

Em 1988 o panorama acadêmico começou a mudar com a nova Constituição Federal, a qual, em seu artigo 209 estabelece, *verbis*:

Art. 209. O ensino é livre à iniciativa privada, atendidas as seguintes condições:

I - cumprimento das normas gerais da educação nacional;

II - autorização e avaliação de qualidade pelo Poder Público.

Como a Constituição não é *self-applied*, a Lei 9394/1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional regulamentou os níveis Básicos (Ensino Fundamental e Ensino Médio) e Superior da educação nacional, ensejando a abertura de cursos, faculdades, centros universitários e universidades tendo como mantenedores organizações de direito privado. Além da Lei supra citada, cursos e programas tais são disciplinados por decretos presidenciais e também portarias, resoluções e quejandos do Ministério da Educação.

Não tendo aqui condições de trabalhar preocupações de ordem varia, inclusive funcional, tais empresas acadêmicas devem atender as determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional (Lei 9394/1996), principalmente ao disposto no artigo 43 da citada Lei, sem contudo perder objetivo primordial da empresa ou sociedade, que é o lucro. Assim, tem-se verificado que os cursos mais facilmente instalados situam-se na área das Ciências Sociais Aplicadas, em especial o Curso de Direito.

Como observado, era pequeno número de cursos de Direito. Até 1996 havia na Cidade do Salvador dois cursos e em todo o Estado da Bahia apenas três, sendo o terceiro na Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus-Itabuna). Dez anos depois, há mais de trinta cursos de Direito no Estado da Bahia.

Nesse mesmo período havia em Salvador um Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Direito, na Universidade Federal da Bahia, com um Mestrado instalado em finais da década de 1970, oferecendo atualmente também o Doutorado com vagas anuais limitadas. Esse programa permanece ainda o único de pós-graduação *stricto sensu* no Estado da Bahia. A Universidade Católica do Salvador tem um programa de pós-graduado em Direito, *stricto sensu*, em fase de implantação. E o recrutamento de professores para os tantos cursos surgidos em menos de uma década, como se tem processado? A que critérios tem obedecido?

Além de professores que migraram para a Bahia, e sabido o esforço em busca de qualificação em outras plagas, no País e no exterior. E também conhecida a demanda por cursos de especialização. Entretanto, será que esse esforço tem conseguido suprir as exigências de qualidade que devem ter os cursos de Direito? Ou ainda, ante a rápida proliferação de cursos, mudou o perfil do professor de Direito?

Antes de comentar-se sobre o estado atual do alunado de Direito e talvez como um liame entre professor e aluno, e cabível um entendimento sobre didática, definida pelo Dicionário Enciclopédico Ilustrado Veja Larousse (2006) como “arte de ensinar; técnica de transmitir conhecimento” e ainda como “conjunto de teorias e técnicas pedagógicas que orientam a atividade educativa para torná-la mais eficiente”. Deduz-se então reunir a didática, necessariamente, a teoria e a prática.

Entretanto um novo problema surge com relação à abor-

dagem didática do atual aluno de educação superior e especificamente dos cursos de Direito. Isso porque a Pedagogia é a abordagem educacional de crianças e adolescentes. A Pedagogia é compulsória. A obrigatoriedade da educação fundamental tem-se tornado uma exigência universal, tendente a atingir o ensino médio, propiciando assim o nível básico para todos (LDB 9394/1996). E o aluno recém-aprovado nas seleções específicas não sendo mais criança nem adolescente, como classificá-lo? Pós-adolescente? Adulto?

A abordagem educacional de adultos e a Andragogia. Enquanto a Pedagogia é compulsória, a Andragogia tem motivações diversas. Nos países em que a Educação de Adultos não tem na alfabetização sua principal tarefa, adultos vão ou voltam a escola por motivos vários, a saber, disponibilidade de tempo, busca de melhoria salarial, luta contra a obsolescência profissional, desejo de fazer novo curso, aprender outros conhecimentos e também em busca do primeiro diploma de nível superior, etc... Autores como Paulo Freire (1982) em vários de seus livros, ou ainda Ivan Illich (1982), dentre outros, desenvolveram teorias ou proposições facilitadoras da compreensão, classificadas como perspectivas humanizadoras do processo de aprendizagem. Todavia tais estratégias requerem maturidade por parte do alunado. Psicólogos do desenvolvimento, a exemplo de Bronfenbrenner (1979) desenvolveram teorias ecológicas do desenvolvimento humano, relacionando as várias fases da vida e a atitude ante situações como a aprendizagem.

Mas, para deixar que cada um prossiga nessa reflexão e continuando o questionamento suscitado, indaga-se, os jovens selecionados para os cursos de educação superior, e no caso, cursos de Direito, são adultos? Podem assim ser considerados? Que motivação trouxe-os para a sala de aula? Ante a proliferação de cursos, que exigências são feitas para a admissão desse alunado? A massificação da oferta de vagas esta provocando queda de qualidade no rendimento acadêmico? Tal fenômeno também está influenciando professores? A atual qualificação do professorado tem contribuído para facilitar seu desempenho profissional e seu relacionamento

com os alunos? Que abordagem deve adotar o professor de Direito em relação à atual composição da sala de aula? O que se espera do professor?

Referências

- BRONFENBRENNER, U. **The Ecology of Human Development**. Cambridge-Ma, Harvard University Press, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo, Ed. Paz e Terra S.A., 1982, 11.^a ed.
- ILLICH, Ivan. **Sociedade Sem Escolas**. Petrópolis, Ed. Vozes, Ltda., 1982, 6.^a ed.

Alfrio de Souza, Bacharel em Direito e Doutor em Educação Superior e Professor do Curso de Direito da Faculdade Ruy Barbosa

PRONUNCIAMENTO DE DR. JOSÉ CARVALHO NA OPORTUNIDADE DA CONCESSÃO DO TÍTULO DE SÓCIO BENEMÉRITO PELA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Entre tantos outros ensinamentos que a passagem pelo seminário me proporcionou, alguns, sobretudo, marcaram minha vida, norteados o destino que dei a meus passos: os que pregavam a partilha, o serviço ao próximo por que, como dizia Marcos, “tendes os pobres sempre convosco e podeis fazer-lhes bem”, e os que tratavam de desprendimento e justiça e alimentavam o respeito ao outro e a suas necessidades.

Tais valores tiveram um peso considerável não só em minha história pessoal de estudante carente, sempre agraciado com bolsas de estudos que me abriram as portas dos melhores colégios, mas também minha vida profissional para cujo progresso sempre contei, além do esforço pessoal e da capacidade de trabalho, com o apoio de figuras notáveis e de instituições que muito contribuíram para o desenvolvimento de nossa empresa.

Nada mais justo, pois, que, em retribuição a tantos benefícios recebidos, criássemos oportunidades para oferecer a um grande número de crianças e adolescentes, em situação de carência, a chance de, em recebendo a educação de qualidade, poderem se construir como indivíduos e cidadãos capazes de transformar a sociedade onde vivem.

É preciso, portanto que esses jovens aprendam a pensar, a interrogar, a dizer sim ou não quando necessário, a interagir em seus ambientes, a buscar respostas aos problemas que atingiram a humanidade hoje, ou invertê-los para encontrar soluções inovadoras com vistas a um futuro atraente.

Urge incentivar a juventude, motivá-la a fim de evitar que a escola possa ruir; uma sociedade que não educa os jovens está fadada à morte.”

Contudo, mais do que o desenvolvimento cognitivo e o domínio da tecnologia, o estudante deve fortalecer suas atitudes

éticas e seu sentimento de humanidade, abrindo espaço para a solidariedade, a compreensão e, sobretudo, o sucesso de gratidão, de respeito àquilo que o outro lhe oferece como dádiva, como prêmio de reconhecimento por se constituir uma parcela dentre os que lutam por dias melhores no mundo. Por isso, também eu agradeço feliz e emocionado, por esta homenagem que ora a Academia Baiana de Educação me presta a qual me compromete mais ainda a acrescentar um tijolo a cada dia na construção de uma juventude mais educada, mais sadia, mais engajada no processo de fazer de sua comunidade, seu município, estado e país o habitat ideal para as futuras gerações.

Homenagem à Professora Maria Betty Coelho Silva, por ocasião de sua posse na Academia Baiana de Educação, em 29 de agosto de 2007.

Maria Antônia Ramos Coutinho

Senhoras e senhores,

Gostaria, neste momento, de relatar um episódio que marcou o início da carreira profissional de Prof^a. Maria Betty Coelho Silva.

Em abril de 1941, ano em que Betty Coelho completou dezoito anos, recebeu, em sua residência, situada à rua Areal de Cima, a visita de uma senhora elegantemente trajada, usando, na ocasião, luvas e chapéu. Vinha da parte do Secretário de Educação Doutor Isaías Alves, para conduzir a professora, recém-formada, ao seu gabinete, no Corredor da Vitória.

O inusitado convite surpreendeu a jovem Betty. Como deveria se apresentar diante de uma figura investida de tão alto cargo? O que desejaria com ela o Secretário de Educação e Saúde do Estado da Bahia? Muito indecisa quanto ao figurino que deveria usar, recorreu aos conselhos maternos. Que traje vestir? Que modelito usar naquela circunstância? Os poucos recursos não possibilitavam um exame demorado do guarda-roupa familiar, mas a opinião da mãe de Betty, Sr.^a Ana Rocha foi categórica:

- Vá de chapéu, minha filha.

Assim, protegida pelas abas firmes do seu chapéu, a jovem professora, que acabara de conquistar o primeiro lugar no concurso público para professores do Ensino Primário, do qual participaram egressos das numerosas turmas de formandos da Escola Normal da Bahia, compareceu, escoltada por uma elegante senhora, ao Gabinete do Secretário, atendendo ao chamado de Doutor Isaías Alves.

-Então, é esta menina?

O Secretário levantou-se para recebê-la, mas não conseguiu reter o seu espanto diante da figura magra e pequena da jovem. Não imaginava que o lugar de mérito pertencesse a um corpo aparentemente frágil e franzino. Era como se o saber formal fosse um conteúdo que exigisse um continente vasto, mais adequado à sua propriedade de expandir-se: um corpo robusto, talvez, uma forma agigantada que o pudesse conter.

Doutor Isaías Alves revelou, então, o motivo do convite. O Secretário tinha lido as provas de Didática de Betty, nas quais ela obtivera média 9,3, e queria que ela preenchesse uma vaga de Professora de Didática no curso de Magistério no município de Caetité. O cargo de docente da Escola Normal aumentaria os seus proventos, além de promovê-la para o sistema de Ensino Secundário.

Mas foi aí que Betty se lembrou dos jejuns de sua mãe, durante três sextas-feiras consecutivas, das promessas pagas mesmo antes dos exames oficiais, para que ela obtivesse um boa colocação e pudesse permanecer na Capital ao seu lado. Lembrou-se igualmente do tempo em que as combinações - roupa interna feminina - se transformavam em blusas colegiais, pelas mãos maternas, e a única meia era lavada diariamente à noite, para que pudesse se integrar ao seu uniforme no dia seguinte, quando ainda era bolsista no colégio de Nossa senhora Auxiliadora, dirigido por Anfrísia Santiago, um dos estabelecimentos de ensino mais respeitados à época. E por todo esse filme que, em fração de segundos, desenrolou-se em sua mente, foi que declinou da oportunidade pelo Secretário de Educação.

O Secretário, no entanto, não se deu por vencido. Colocou-se sentada ao seu lado e dispôs-se a fazer contas e mais contas, para mostrar à jovem professora as vantagens pecuniárias. Somou, subtraiu, comparou, exibiu números, atento sempre à reação da "menina": - Se você ficar aqui como professora primária vai ganhar 320 mil réis. Se você for para Caetité, vai ganhar 640, o dobro. O Secretário de educação permaneceu cerca de uma hora executando a difícil tarefa de persuasão. Prometeu, inclusive, removê-la para ensinar na escola Normal de Salvador, antes de deixar o cargo, mas

foi em vão todo o esforço governamental. Betty, resoluta, na elegância do seu traje a rigor, sentenciou: “Não, Senhor Secretário”, eu fico.

Nenhum argumento conseguiu demovê-la dessa histórica decisão. O Secretário, então, depôs suas armas e ferramentas verbais, cedendo à sua vontade firme e aos ditames do regulamento: -Então, vá escolher a escola onde você quer ensinar – arrematou. Em seguida, olhou bem para ela, tentando visualizar melhor o rosto miúdo sob as abas do chapéu. Ali, já não estava a “menina” que adentrara seu gabinete. Em seu lugar, o Secretário mirava, naquele instante, a face, levemente oculta, da professora que acabava de traçar as linhas reitoras da cartografia do seu percurso profissional. A partir dali, a jovem professora e o Secretário manteriam laços de amizade, a ponto de o Secretário, pesquisador na área Psicologia, ensinar, pessoalmente, a professora a aplicar a seus alunos testes da escala Binet-Simon. A mãe de Betty faleceria em 14 de fevereiro de 1943, dois anos depois do fato aqui relatado.

Rememorar esse episódio equivale a não apenas pensar no seu enorme significado em relação ao destino da professora, escritora e contadora de histórias Betty Coelho, mas é, sobretudo, pensar a amplitude de seu gesto e de sua firme palavra diante do Doutor Isaías Alves em relação à vida de todos nós, que, por causa dessa história decisão, tivemos a oportunidade de encontrá-la em nossa trajetória existencial. Neste momento, queria em meu nome e dos alunos que aqui represento, expressar a minha profunda gratidão por ter um dia, jovem, bem jovem, escolhido caminhos com os quais os nossos puderam se cruzar, possibilitando que usufríssemos de seus ensinamentos e de sua sabedoria.

Muito obrigada, Prof^a Maria Betty Coelho Silva, por ter permitido particularmente a mim, sua pretensa biógrafa, conhecer, de forma tão íntima, sua história pessoal. O meu preito de gratidão, sempre, e a minha alegria por vê-la receber o justo reconhecimento ao ingressar na Academia baiana de educação.

Salvador, 29 de agosto de 2007.

Discurso de Posse na Academia Baiana de Educação

Alfredo Eurico Rodrigues Matta

Nesse momento em que recebo a honra de participar como 3.º titular da Cadeira n.º 5 da Academia Baiana de Educação, agraciado pelo prestígio de conviver com tão seletto grupo de educadores, exemplos de dedicação e contribuições para o desenvolvimento da educação e da construção de comunidades de conhecimento no Estado, que tanto precisa disso, devo primeiramente agradecer a quem partilha comigo este momento. Acredito que cada vitória pessoal é sempre resultado de um conjunto de esforços e relações que envolvem muitos outros colegas de jornada de vida.

Em primeiro lugar aos acadêmicos, que a partir de agora posso chamar confrades, pela generosidade de me concederem tal dignidade especial.

Ao confrade Prof. **Edivaldo Boaventura**, particularmente, por fazer a saudação de acolhida, meu especialíssimo orientador de doutoramento em Educação, certamente um dos maiores especialistas em Metodologia da Pesquisa em Educação do Brasil, e de quem tive a sorte de poder submeter minha inexperiência de então, colhendo assim sabedoria e orientações preciosas.

Também agradeço ao Presidente da Academia Prof. **Roberto Santos**, com quem tive o prazer de conviver pessoalmente a partir de 2006, podendo constatar sua enorme capacidade de gestão e competência criativa à frente da Academia.

Gostaria também de agradecer a **João Eurico Matta**, meu pai, que foi meu primeiro orientador, e de sobre cuja convivência pude ouvir certa vez Edivaldo Boaventura dizer – Alfredo, você teve uma universidade em casa. Fato este que certamente pode ser confirmado pela extensa biblioteca com mais de 8.000 títulos, com os quais pude navegar desde cedo em nossa casa. Foi

através dele que conheci os outros 2 grandes orientadores acadêmicos de minha vida, o já citado Edivaldo, e a Professora **Consuelo Novais Sampaio**.

Permitam-me aqui aprofundar essa frase da “Universidade em casa” dita por Edivaldo. Meu pai ocupa a cadeira nº. 15 desta Academia, da qual é Patrono o grande **Cosme de Farias**, eterno defensor e símbolo da luta pela alfabetização no Estado, preciosa e necessária ação do presente, para a qual nos esforçamos nessa Secretaria de Educação sob o comando de nosso competente e inspirador Secretário da Educação, Prof. **Adeum Sauer**, projeto prioritário do Governo **Jacques Wagner**. Tenho também como tio e padrinho, o irmão de João, o Professor de Sociologia e Teoria Pura do Direito, **Emmanuel Matta**, membro da Academia de Letras Jurídicas da Bahia, cadeira nº. 12, que tem como Patrono o Jurista e Professor da Faculdade de Ciências Econômicas da UFBA, **Edgard Matta**, meu avô. Edgard foi figura impressionante de líder e orador nato, dentre outras práticas, advogado sindical, refinado criminalista, inesquecível convivência de minha infância, proprietário de outro acervo impressionante de livros, que também aprendi a burilar desde cedo. Acabei tendo livros como brinquedos e brincadeiras favoritas. Brinquedos de leitura, de escrita, brincar de estudar e conhecer. De fato minha primeira universidade.

Na biblioteca de meu avô estavam livros mais antigos: os de **Eurico Matta**, meu bisavô, Médico pela Faculdade de Medicina em 1885, Senador Estadual, Intendente de Nazaré das Farinhas, e como tal gestor de escolas municipais; estavam também os livros de **Paulo Joaquim Bernardes da Matta**, meu trisavô, Secretário da Faculdade de Medicina, também formado na mesma, e Mesário da Casa Pia de Órfãos de São Joaquim, instituição formadora de profissionais artesãos e escola exemplar da Bahia de meados do século XIX. Havia ainda os poucos livros mais antigos, de **Manuel Ferreira da Matta**, tetravô, que era comerciante, descendente de Cristãos Novos de recente imigração portuguesa para São Cristóvão, em Sergipe, e que foi, ainda nos tempos do Reino Unido, também Mesário da Casa Pia, e assim sendo

ligado à Educação. Devo, portanto, um agradecimento especial a esta família de linhagem paterna pela valorização da Educação e da profissão de professor, que acaba me legando no mínimo a posição de 6º sucessor de homens dedicados aos serviços de educar e formar seres humanos para a prática da vida e de uma profissão.

Devo ainda agradecer a todas as autoridades, colegas, amigos, professores e alunos, que me prestigiam e distinguem com sua presença e calor humano, nesta solenidade.

É mais que obrigação compartilhar esta honraria com aqueles que dividem os méritos comigo, pois que habitam em minha mente com seus ensinamentos e diálogos, procurando homenejar meus mestres e seus esforços para ajudar a formar-me.

De minha formação básica devo ressaltar e agradecer ao Colégio Instituto Social da Bahia, o ISBA, lembrando o nome da Professora **Maria Alice Teixeira da Silva**, sua Diretora e criadora, que sabe transformar tão bem sua escola em um grupo de convivência familiar.

No ensino superior, lembro bem da formação, em 1985, como Licenciado em História pela Universidade Católica do Salvador, instituição que tem como Reitor o Prof. **José Carlos Almeida da Silva**, titular da Cadeira nº. 3 desta Academia, guardando aqui a memória do Professor de História Econômica **José Luis Pamponet** que muito me influenciou. De minha formação em Processamento de Dados em 1990 pela então FACS, hoje UNIFACS, gerida pelo confrade Reitor **Manuel Barros Sobrinho**, cadeira nº. 31 da Academia, guardo a lembrança do Prof. **Luis Moraes**. Devo à convivência na graduação dessas duas instituições a tríade de conhecimentos que nortearia minha vida acadêmica desde então: História, Educação e Informática.

Sou também grato, e admito bem aventurado, por ter tido a honra de receber orientação para Mestrado em História, concluído em 1996, da Historiadora **Consuelo Novais Sampaio**, que me conduziu e presenteou, me levando a estudar a Casa Pia de Órfãos de São Joaquim, tradicional escola e orfanato baiano que iniciou seu funcionamento em 1799, graças a uma Carta Régia de Dona

Maria I, de Portugal; instituição que em 16 de agosto próximo completará 208 anos de funcionamento ininterrupto, e que, portanto deve ser reconhecida, auxiliada e preservada como sendo a mais antiga escola em funcionamento no Brasil, e ao mesmo tempo a mais antiga escola profissional, voltada para a formação da mão-de-obra livre, e conseqüentemente para o combate à escravidão. Deixo aqui a sugestão para que este governo Wagner, do qual faço orgulhosamente parte, pense em comemorar seus 210 anos de funcionamento em 2009, valorizando assim esta antiga escola brasileira, que habita o seio de nossa capital e Estado e que tanto influenciou o país. Valorizar a Casa Pia é valorizar a Educação e o esforço de tantas gerações interessadas em educar o Estado e o país.

Tive, aliás, uma grande sorte com meus orientadores. Além da preciosidade de Consuelo no Mestrado, proporcionando também que tivesse contato com professores tais como **Ubiratan Castro Araújo**, **João José Reis**, **Jorge Nóvoa** e meu primo, o nazareno, mais um capítulo da “Universidade em casa”, Prof. **Luis Henrique Dias Tavares**, Titular, desta casa, cadeira nº. 30. Após alguns anos, pude contar com a valiosa orientação de Edivaldo Boaventura para o Doutorado em Educação, concluído em 2001, que soube passar grandes ensinamentos, e propiciou o convívio com mestres do quilate de **Teresinha Fróes**, **Robert Verhine** e **Hermes Teixeira de Melo**, meu co-orientador de doutoramento e confrade titular da cadeira nº. 29 desta Companhia.

Edivaldo foi também o condutor de meus estudos doutorais na *Université Laval*, no Québec, Canadá, de onde guardo a lembrança magistral dos docentes **Jean Dionne**, **Christian Laville** e **Therèse Laférrière**, que me apresentaram à refinada metodologia de pesquisa em educação norte-americana, bem como a experiência mais aprofundada em Tecnologia Educacional e Educação a Distância, que norteiam desde então minhas práticas pedagógicas. Também iniciou meu atual convívio e encantamento pela fraternidade lusiada, seja brasileira, portuguesa, africana ou asiática, já que é estudioso do assunto, assim como ao me apresentar a portugueses como **Dom Marcos Noronha da Costa**,

Conde Subserra, dentre outros confrades seus da Academia Portuguesa de História, me aproximando também de **Sílvia Athayde**, atual diretora do Museu de Arte da Bahia.

Por fim, não posso omitir as preciosas orientações de **Fredric Litto**, da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED) e da Escola do Futuro, da Universidade de São Paulo (USP); de **João Paiva e Duarte da Costa Pereira**, da Universidade do Porto, Portugal, responsáveis pelo meu recente pós-doutorado sobre Educação a Distância, dedicado ao estudo sobre Comunidades Internacionais Lusófonas de Aprendizagem em Rede, projeto ao qual ainda me dedico, procurando facilitar a reunião, via educação e tecnologia, de povos irmãos que não permaneceram reunidos *sub judice* de impérios coloniais. Nesse estudo devo acrescentar a importância da interação com a Professora **Isabel Pereira** da Guiné Bissau e com o Professor **Dr. Miguel Buendia**, da Universidade Eduardo Mondlane, assim como do contato com toda a competente equipe da Academia de Ciências Polícias – ACIPOL, na qual destaco a ajuda de seu Vice-Reitor, **Prof. Alberto Mondlane**, estes últimos de Maputo, Moçambique.

Devo ainda agradecer a meus colegas e alunos da UCSal, da UNEB e da Fundação Visconde de Cairu, dentre eles especialmente a **Elisiário Andrade**, **Fábio Paes**, **Nadia Fialho**, **Jacy Menezes**, **Lynn Alves** e **Marcelo Moret**, dentre tantos outros, pelo meu contínuo aprendizado com todos eles.

Cabe-me a honra de ocupar a cadeira nº. 5 desta Companhia, que tem como Patrono o Prof. **Álvaro Augusto da Silva**, com o qual compartilho agora, trabalhando neste Instituto Anísio Teixeira – IAT, o ideal de formar professores para o Estado, prática que divido com a equipe deste Instituto, liderada pelo jovem e talentoso educador Prof. **Penildon Silva Filho**, sob orientação do Secretário Adeum Sauer.

Álvaro Augusto da Silva foi Diretor da antiga Escola Normal em novembro de 1930, e a partir de então, idealizou e pode realizar a construção do grande centro de educação e formação de professores no Barbalho, a nova Escola Normal, depois Instituto Central Isaías Alves – ICEIA. Em 1937, quando lançou a

pedra fundamental da grande edificação, recebeu congratulações dos maiores educadores brasileiros, dentre eles Anísio Teixeira, que declarava: *“Quero ainda felicitá-lo pela sua oração no lançamento da pedra fundamental do ‘seu’ Instituto de Educação, São poucos os homens, em nosso meio, que logram viver, até o fim, um grande sonho como o seu”* (SILVA, 1958).

Em 1942, sendo Interventor Pinto Aleixo e Secretário da Educação e Saúde Aristides Novis, foi Álvaro Augusto Diretor de Educação do Estado, tendo nesse mesmo ano inaugurado o formidável conjunto de edificações do novo Instituto Normal. Em 1946, na interventoria de Guilherme Marback, o Prof. Álvaro Augusto da Silva foi Secretário da pasta de Educação e Saúde.

O ICEIA, o Colégio Central, o Severino Vieira, estes tradicionais patrimônios de nossa educação e história, estão inseridos entre as prioridades de administração do governo Wagner, que deseja muito recuperar o valor que têm.

Foi também Inspetor Federal do Ensino Normal e Professor Catedrático da Faculdade de Ciências Econômicas da UFBA, portanto membro da Congregação junto ao amigo próximo, o já citado Edgard Matta, meu avô.

No Ministério Clemente Mariani, na Presidência de Eurico Gaspar Dutra, foi Álvaro Augusto responsável pela direção da Campanha de Alfabetização de Adultos na Bahia e em 1970 recebeu o título de Professor Emérito da Secretaria de Educação e Cultura da Bahia (BOAVENTURA, 1985).

Sua cadeira foi primeiramente ocupada pelo Acadêmico Emérito deste grêmio, para minha satisfação meu orientador de Doutorado, **Edivaldo Machado Boaventura**. Considero missão difícil apresentar o longo e importante caminho de contribuições de Edivaldo à educação da Bahia e do Brasil (MATTÁ, 2004).

Sei, a partir da convivência como orientando, da importância que devo dar à origem sertaneja, ao nascimento ocorrido em 10 de dezembro de 1933 na orgulhosa cidade de Feira de Santana, a Princesa do Sertão, da qual Edivaldo é tão digno representante e divulgador. Tenho um pouco também esta origem por via

materna, já que Minha mãe, **Maria Geisa Rodrigues Matta**, é filha de Bonfim de Feira, belo distrito feirense.

Edivaldo tem formação multidisciplinar e cosmopolita. Termina seus estudos iniciais entre os Jesuítas do Colégio Antônio Vieira. Graduou-se em Direito (1959) e Ciências Sociais (1969) pela UFBA, doutorou-se em Direito e obteve Docência Livre em Economia Política em 1964 também na UFBA. Aproximou-se da Educação ao cursar o Instituto Internacional de Planificação da Educação da UNESCO, em Paris, em 1971. Titulou-se Mestre (1980) e Doutor (1981) em Educação pela *The Pennsylvania State University*. Desta universidade recebeu o *Alumni Follow Award* em 1990, em reconhecimento aos trabalhos e serviços do ex-aluno, reconhecido então como brilhante profissional da educação.

Como educador as realizações e produções de Edivaldo são impressionantes.

Sua carreira docente acontece meio que em paralelo ao desenvolvimento da Universidade Federal da Bahia, sobre a qual afirma, com razão, tratar-se da principal construção da história cultural da Bahia no século XX. A História do educador Edivaldo, como muitos de sua geração, se confunde e mescla à da Universidade da Bahia.

Iniciou sua carreira como professor da Escola de Administração da Universidade, onde esteve junto a meu pai por algum tempo, na tarefa de então, construir e desenvolver esta formação e prática profissional na Bahia. Na Faculdade de Administração, como adjunto, implantou a Assessoria de Planejamento e participou da reforma universitária.

Mas foi em 1971 que alcançou o último cargo da carreira acadêmica com o concurso para Professor Titular da Faculdade de Educação.

Seguiu carreira nesta faculdade, na qual assumiu a Coordenação do Mestrado e implantou o Doutorado em Educação. Foi presidente da Câmara de Ensino e Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade.

Fora da Universidade sempre foi muito ativo. Membro do Conselho de Educação do Estado, o presidiu de 1976 a 1978, foi Secretário da Educação e Cultura da Bahia por duas vezes, uma de 1970 a 1971 no Governo de Luís Viana e outra entre 1983 e 1987 no Governo de João Durval, quando criou e exerceu a reitoria da Universidade do Estado da Bahia – UNEB (1983). Também fez parte do grupo de fundadores da Universidade Estadual e Feira de Santana (UEFS) em 1971 e instalou o Conselho da Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB). Como Secretário, além de toda a atenção para a educação básica, concentrou esforços na interiorização da educação superior no Estado. Realizou outras criações importantes. Foi o criador do Parque Histórico Castro Alves (1971), na cidade de Cabaceiras do Paraguaçu, e do Parque Estadual de Canudos (1986), resgatando a memória do sertanejo massacrado e resistente aos desmandos da república. Também 1983, ao passo em que reformava a Secretaria da Educação, criava este Instituto Anísio Teixeira - IAT, que já nasceu com objetivos de pesquisa e experimentação estratégica em educação, voltado para auxiliar a Secretaria no fornecimento de subsídio e estudos para a tomada de decisão, bem como com a intenção de pesquisar inovações e tecnologias educacionais diversas, tarefa que se completava com a dedicação à formação de professores. O IAT nasceu em 1983 com um regimento e objetivos voltados para o futuro, talvez só totalmente pertinentes no século XXI. Através desta criação Edivaldo mostrava o quanto estava preparado para perceber e assimilar as tendências mais fortes para a educação do século XX e XXI. Por fim devo mencionar a criação da TV Educativa em 1985, outra inovação de Edivaldo, desta vez já engajado nas comunicações e nas mais novas tendências do experimento educacional com as tecnologias.

Nos anos 90 tornou-se Diretor-geral do Jornal de A Tarde, passou a servir a Educação como jornalista e no trabalho de orientar o jornal para as discussões acadêmicas e de natureza educativa, participando também da política do Jornal de incentivo e formação de leitores.

Além de ser confrade em nossa Companhia Edivaldo é membro efetivo da Academia de Letras de Feira de Santana, da Academia de Letras da Bahia, da Academia Brasileira de Educação, Sócio do Instituto Geográfico Histórico Brasileiro, dentre outros. Por sua dedicação e estudos aos assuntos lusíadas tornou-se membro da Academia Portuguesa de História, mas também precursor da valorização das políticas afirmativas voltadas para os afro-descendentes e um dos primeiros a orientar teses e dissertações de resgate dos valores dos povos negros no Estado.

Por tudo isso muito me orgulha e enche de responsabilidade estar ocupando a cadeira nº. 5 desta Academia, da qual foi titular meu competentíssimo orientador, hoje Acadêmico Emérito, como se já não bastasse herdar a responsabilidade e a força do espírito de ativo formador de professores do Patrono da Cadeira, o também Professor Emérito Álvaro Augusto da Silva. Responsabilidade que ainda acumulo por estar trabalhando neste Instituto que leva o nome do Patrono da Cadeira nº. 8, o grande **Anísio Teixeira**, que tem hoje como confrade Titular a Professora **Maria Anália Costa Moura**. Tenho então todos os indicativos para afirmar que, nesse momento de minha vida, devo dedicar especial atenção à formação de professores e à experimentação educacional, realizada, porém, não da forma convencional, mas sim tendo em vista o uso das Tecnologias Educacionais e da Educação a Distância, especialização mais forte que guardo de minha prática docente e formação.

Sabemos que apesar de todos os esforços, não só para formar professores, mas também para desenvolver todo um conjunto de práticas educacionais emancipatórias, e voltadas para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos baianos, continuamos a ter êxito apenas parcial. Isso se conclui, não somente devido aos resultados ruins apresentados pelas escolas e alunos baianos nos testes de conhecimento nacionais e internacionais, inclusive de alunos da rede particular, mas também ao constatar a degradação das escolas públicas, principalmente aquelas que são pilares históricos de nossa formação, palco privilegiado da ação de muitos dos nossos patronos e acadêmicos, tais como: o Colégio Central,

com seus 170 anos de serviços; a Escola Parque, de Anísio Teixeira, o ICEIA, do Álvaro Augusto da Silva; e o Severino Vieira, de tantas glórias no passado, todos em estado de decadência e semi-abandono imperdoável, de maneira que este governo recebe a missão histórica de iniciar a recuperação de nossa educação pública, que certamente merece melhor atenção e destino. Se estes colégios, ícones de nossa educação e educadores continuarem como estão, imagine os outros, cuja auto-estima depende em parte da imagem e desempenho destes tradicionais centros educacionais.

Por outro lado, o analfabetismo, luta histórica de Cosme de Farias, ainda nos incomoda tanto, e nos envergonha ao percebermos que a Bahia ostenta algumas das piores posições do país, ainda registrando tantos analfabetos.

Quanto aos professores, como bem afirma, com meu total acordo, o atual Diretor Geral do IAT, meu colega Penildon Silva Filho, tendo por lei 2 níveis de sua carreira em processo de extinção, já que em breve somente estarão na rede aqueles que tiverem nível superior, são em nosso tempo impedidos de valorizar-se. É dado que atualmente não lhes é previsto um nível a mais para o caso de aprofundarem seus conhecimentos em um Mestrado, e ainda outro nível para professores Doutores. Será que isso não é a raiz da carência de professores de ciências? De professores de Física, Química e Biologia? Assim como de todos os problemas com os professores das humanidades e de Língua Portuguesa? Porque não podemos voltar a valorizar os professores do Estado com Títulos de Professor Emérito da Rede, como aquele que recebeu nosso querido Álvaro Augusto da Silva? Título justo, aliás, conferido na primeira Gestão do Confrade Edivaldo Boaventura como Secretário da Educação.

A situação que percebo como professor do Mestrado em educação e Contemporaneidades da UNEB é a seguinte: os professores da rede só são estimulados a aperfeiçoar-se no ensino com um mestrado, na firme intenção de deixarem a rede o mais rápido possível. Em outras palavras, assim que ele está mais qualificado para o ensino de que tanto necessitamos, deseja e se esforça para sair o mais rápido possível, pois não existe um plano

de carreira que o contemple, e nem valorização para realizar-se na escola pública. O estado ainda ganhará o ônus de necessitar em breve de novos professores, além de ter de gastar no futuro com concursos e contratação de novos e menos preparados docentes, para preencher a vaga deixada pelo professor mais qualificado que perdeu. Será que mesmo na ótica do economista houve algum ganho? Será que a não existência do nível de professor Mestre, a economia de não pagar a um professor Mestre, ou a um Doutor, compensam os gastos com concursos e com os conseqüentes prejuízos sociais. Estes últimos certamente serão cobrados na conseqüência da falta de formação dos nossos jovens, que acarretará em mais gastos com segurança pública, com saúde, e com outras necessidades de um povo menos educado e culto. Como resolver esta grave distorção? Não é problema de fácil solução. Além disso, nos foi herdado por uma política de desvalorização docente que vem evoluindo, no mínimo, desde a época da criação do Ministério da Educação pelo então Presidente Getúlio Vargas, nos anos 30.

Somos conseqüência de 500 anos de história, dos quais pelo menos os primeiros 400 foram dominados por relações senhoriais e oligárquicas de poder personalista e patriarcal. Estas relações eram resistentes, e até frontalmente opostas a qualquer iniciativa de educação popular. A educação nunca recebeu nenhuma prioridade no Brasil, e mais ainda na Bahia, até 1889, exceto talvez para os irmãos da Companhia de Jesus, em certas regiões. Não há dúvida de que até 1860 ou mesmo em 1880, como ainda encontrei indícios na documentação da Casa Pia de Órfãos de São Joaquim, os estudos chegavam a ser considerados perda de tempo e desperdício de braços por pais e responsáveis, não somente pobres, mas pelos senhores e famílias abastadas. Estes últimos tinham como preferência a atuação dos filhos trabalhadores e capazes de enfrentamentos as lutas do cotidiano. A isso ainda se somava a proibição do estudo aos escravos (MATTA, 1999). Não é por outro motivo que os índices de analfabetismo do Brasil no final do Império eram tão elevados. Eram então 85% dos brasileiros analfabetos (RIBEIRO, 1991). A sociedade senhorial, baseada no

prestígio, nos conchavos de interesse, nas relações de compadrio, funcionava na medida da distinção do “fidalgo”, do “homem bom”. Estes seres especiais, diferenciados da plebe rude e tosca, deveriam receber todo o tributo e fidelidade. Uma sociedade que não necessita de produtividade, pouco pensava em competência, nada se interessava pelo desenvolvimento da sociedade ou do mercado, e até se esforça para manter tudo como estava; a dominância do caudilho advindo de nossa herança latina via tradições ibéricas bem enraizadas em Portugal. Interessa ao poderoso manter a distinção e mostrar aos outros sua especialidade. A educação é então sinônima de erudição, e exatamente distinguia o “fidalgo” da “plebe”, aquele que é sofisticado, superior, da rude realidade das ruas com todo o seu burburinho, trabalhos manuais, pobreza e eterna dependência dos subalternos aos poderosos (MATTOSO, 1992).

Essa é a herança deixada para a República. Filha de um golpe de estado em 15 de novembro de 1889, que defendia a modernidade, o centralismo a cientificidade e civilidade da ascendente classe burguesa internacional, assim como da não menos ascendente classe agro-burguesa paulista, a república tentava modernizar o Brasil, necessitando implantar uma educação de perfil profissional voltada para o crescimento dos mercados.

Ao contrário da erudição objeto da educação senhorial, agora era necessária outra voltada para a elevação da produtividade e consumo; dedicada a criar o controle social e a previsibilidade dos comportamentos das pessoas, ou seja, dedicada a construir o processo de controle indireto dos cidadãos, que é tão bem realizado pela conjunção da educação burguesa com a Ciência do Direito, que cresce em importância em paralelo com a maior importância das escolas.

Todos estes elementos inovadores republicanos juntos acabaram por impor uma nova realidade de organização social baseada em teorias de progresso e da eterna inovação e elevação do consumo e conforto, a atualmente hegemônica na sociedade capitalista.

A transição, porém não é fácil, a ordem senhorial não desaparece como em um passe de mágica; põem-se então duas

forças poderosas em luta. A dos educadores e defensores da cidadania, da igualdade de oportunidades, da cultura de massa e da padronização da modernidade burguesa; desafia e recebe toda a resistência das forças basilares do mandonismo e caudilhismo que vivem da ignorância e desqualificação da população (MATTA, 1998).

A cada proposta de um Manuel Vitorino em prol da educação cidadã, correspondia uma outra menos avançada e mais próxima do que desejavam os coronéis, como a de Sátiro Dias. A cada avanço de um Anísio Teixeira na sugestão de uma escola aberta e propositiva, voltada para a formação do cidadão, correspondia uma contra-ação dedicada a reduzir o alcance da reforma, a desvalorizar salários de professores, e até a desqualificar completamente os profissionais do ensino.

Esta luta contínua entre dois modelos de escola, uma voltada para o erudito e a distinção, outra mais profissional e técnicas – uma luta entre 2 modelos de sociedade – são a explicação que encontro para os resultados contraditórios da educação da Bahia, cheia de tantas realizações e glórias, e ao mesmo tempo ainda ostentando péssimos indicadores.

Em pleno século XXI esta luta ainda não acabou e por isso penso que estamos aqui, nesta academia, voltados para ainda trabalhar na direção da completude da missão herdada de nossos patronos e esforços históricos. Considero que somos nesse grêmio companheiros para a continuidade desta missão educadora, da qual tenho certeza compartilhamos com as ações.

O século XXI, porém, tem suas próprias crises mais profundas que aquelas localizadas na Bahia. A sociedade capitalista, segundo a maioria dos pesquisadores do assunto, vive momento de crise profunda. Crise de produtividade, crise de pobreza, crise de desenvolvimento e emprego, crise ambiental, necessidade de uma sociedade solidária e de um processo social de fato sustentável. E, decorrente de tudo isso, crise da escola e dos parâmetros da educação tradicional mais conhecida.

É nesse quadro de crise da escola em todo o mundo, de repensar a educação em todos os níveis e possibilidades, que

emergiu há alguns anos, e se fortalece a cada dia, o conjunto de tecnologias educacionais e de ambientes em rede de computadores, que tornou viável, e até uma tendência mais que forte, a educação à distância: EAD via Internet, com apoio e presença maciça das diversas tecnologias da informação.

As tecnologias digitais educacionais e suas aplicações para a EAD estão entre as melhores saídas para esta sociedade em crise. Estas tecnologias têm se desenvolvido de maneira que a melhor educação oferecida em seu meio é hoje totalmente humanizada, humanista e colaborativa, a ponto de podermos chamar estas ditas novas tecnologias de *Tecnologias para a Colaboração*. Computadores, mídias e Internet são construções humanas que respondem desde o final dos anos 50 do século XX à crescente demanda por colaboração e socialização entre instituições, organismos e sujeitos individuais.

Estas tecnologias, antes confundidas com máquinas de ensinar, ameaças de robotização social e engessamento das relações humanas, ainda hoje interpretada por muitos mal informados como propensos a construir a automação do ensino, o desemprego do professor, assim como a se constituírem no definitivo ataque à existência do professor, são de fato o contrário total disso.

Houve de fato, a partir dos anos 90, a difusão de formas de EAD massificadas e baseadas no atendimento de turmas fechadas prontas e até cativas, obrigadas a estudar em um modelo monolítico de curso ditado por um centro cibernético. Surgiram verdadeiras fábricas de diplomação e uniformização do conhecimento, procedimentos que navegavam ao contrário da direção da formação construtiva e criativa demandada pelo mundo atual. Esse tipo de EAD ainda tem o efeito de subempregar e deformar o professor ao máximo, dando-lhe o papel de “animador de aula”, retirando totalmente a capacidade de agir de forma docente.

Felizmente a tendência das tecnologias e da EAD foi se direcionando pouco a pouco para abordagens colaborativas e para a construção coletiva do conhecimento. Os computadores tornaram a adoção do socioconstrutivismo e das teorias de Vigotsky ou de Paulo Freire quase inevitável.

É com satisfação que após 15 ou 20 anos acompanhando a evolução da EAD no mundo, graças às minhas funções e participações nas reuniões e trabalhos da ABED, que verifico o caminho trilhado pela EAD na direção de uma abordagem participativa voltada para a construção de comunidades criativas e colaborativas de aprendizes e alunos. Desta forma, atualmente a EAD está pronta para compartilhar com o ensino presencial o que este tem de melhor e preparada para a construção de transformações que a sociedade tanto demanda na educação e na escola.

Na Bahia pude ver o desenvolvimento da UNEB, da UNIFACS, da UFBA, do SENAI e de outras instituições, todas elas construindo boa tecnologia de EAD baseada em comunidades de aprendizagem, que revelam o bom preparo e nível de ensino e pesquisa que atingimos. Somos agora na Bahia capazes de preparar vãos mais altos: construir equipes de desenvolvimento de portais de aprendizagem, trabalhar com jogos educacionais digitais, desenvolver laboratórios digitais, TV e Rádio WEB, praticar ensino superior e técnico a distância. Até mesmo desenvolver técnicas de alfabetização baseadas em EAD, para assim tentar contribuir nessa importante proposta do governo estadual. Por outro lado, as redes de vídeo-conferência e os ambientes colaborativos em rede estão aproximando as instituições. E não importam se estão no mesmo município, estado ou país. Agora mesmo estamos no governo trabalhando para integrar pólos de EAD dos países da CPLP com a rede do Estado, e assim dar a chance aos alunos da rede pública brasileira, assim como aos professores, de contatar e trabalhar com parceiros portugueses, africanos e de outras regiões, alargando seus horizontes e possibilidades.

Hoje se sabe que as tecnologias para funcionarem bem em educação não devem ser só pensadas como armazenadoras velozes e de grande capacidade de memória e processamento preciso, ao contrário, o mais importante em qualquer sistema educacional é sua capacidade de diálogo e de situar-se na mediação entre os vários sujeitos, sistemas, regiões, cidades, ou países que as utilizem (MATTA, 2006).

Etienne Wenger (2004) é o grande educador deste início de século que tem desenvolvido esta abordagem humanista da tecnologia educacional, e que tem levado a tese de que a tendência por gestão participativa e construção coletiva do conhecimento não se verifica somente na prática pedagógica em rede, mas também é uma necessidade das aulas e escolas presenciais. Em outras palavras, como diz Fredric Litto, é a EAD que está agora ajudando a desenvolver o ensino presencial.

Esta abordagem exige do professor uma excelência de conhecimento em pedagogia. As mais modernas versões e abordagens da EAD necessitam cada vez mais de professores e educadores, o que desmonta totalmente a antiga crença no domínio do homem pelo computador. Mais que uma máquina para elevar o poder de uma pessoa, computadores são feitos para melhorar a capacidade de reunir pessoas. Desta forma os professores são agora totalmente necessários, não somente como controladores ou agentes de uma educação bancária, como diria Paulo Freire, mas sim como articuladores e artífices da construção coletiva do conhecimento, cada vez mais demandada.

Ao valorizar os ambientes construtivos e colaborativos, tanto os EAD como os presenciais, mais uma vez está valorizado o professor e seu conhecimento. As tecnologias e sua utilização em educação facilitam que cada professor seja um criativo, um construtor, um conhecedor da didática. Uma boa forma de avaliar se um programa EAD é ou não defensável, se tem ou não qualidade, é exatamente verificar como são considerados e remunerados os professores. A EAD como qualquer educação, é consequência de projetos pedagógicos bem feitos, que só podem ser realizados por professores, bons em didática, assim como fluentes em metodologia e abordagem pedagógica.

A valorização do docente tem sido um trabalho praticado pela Academia Baiana de Educação nos últimos anos. São conhecidas as iniciativas de seminários patrocinados pela Companhia, abordando as dificuldades e sugestões para melhoria do ensino de Ciências Naturais em 2006, para o ensino das Ciências Humanas este ano. Buscando realizar sempre a experimentação educacio-

nal, trabalhando a inovação tecnológica das escolas e procurando ser ativa parceria da sociedade em seu esforço por educar.

Venho então agora somar meus trabalhos e idéias aos dos confrades, na intenção de procurar melhorar cada vez mais os trabalhos da Academia diante da Sociedade e dos seus ideais, aproveito mais uma vez para agradecer a todos pela homenagem e honra de poder estar participando de tão seleta grêmio. Acrescento nesse final dois agradecimentos especiais às principais mulheres da minha vida, minha mãe Maria Geisa Matta, pela luz e espiritualidade sempre presentes da qual sou herdeiro, e minha companheira Francisca de Paula Santos da Silva, professora e educadora como eu, que divide e compreende tão bem meus espaços de vida, ainda ajudando com idéias e ações muitos dos meus projetos.

Trago comigo a esperança de que, junto aos confrades, realizemos o sonho de ver nossa Bahia crescendo em seu número de letrados, de leitores, de licenciados, de bacharéis, de mestres e de doutores, e espero poder contribuir agora ainda mais do que sempre, já que como acadêmico se ganha a responsabilidade de servir mais ao desenvolvimento da educação.

Vamos então ao trabalho.

Muito obrigado a todos pela atenção.

Salvador, 1º de agosto de 2007.

Alfredo Matta

Referências

1) BOAVENTURA, Edivaldo. *Papeis e personalidades baianas*. Salvador: Tempo Brasileiro, 1985.

2) MATTA, Alfredo. *Casa Pia de Órfãos de São Joaquim*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 1999.

3) MATTA, Alfredo. *Concepções e ferramentas para ascensão da burguesia na Bahia in Contra Ponto*. Salvador: UCSAL, 1998. 17p.

4) MATTA, Alfredo. *Educação, cultura e direito: coletânea em homenagem a Edivaldo M. Boaventura*. Salvador: EDUFBA, 2004.

5) MATTA, Alfredo. *Tecnologias de Aprendizagem em rede e ensino de história*. Brasília: Líber Livro, 2006.

6) MATTOSO, Katia. *Bahia século XIX, uma província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

7) RIBEIRO, Maria Luísa. *História da educação brasileira, a organização escolar*. São Paulo: Cortez, 1991.

8) SILVA, Álvaro Augusto. *Subsídios para a história do Instituto Normal da Bahia*. Salvador: Artes Gráficas, 1958. 36p.

9) WENGER, Etienne. *Communities of practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

ADENTRANDO O PORTAL

Vanda Angélica da Cunha

A noite é de gala. O ambiente solene. O clima de regozijo.

Reflico o que a noite, o ambiente e o clima significam na trajetória que, ao longo do tempo, venho desenvolvendo como educadora. E percebo, claramente, representar a materialização do anseio legítimo de integrar esta Congregação de tão valioso quilate.

Ingressar na Academia Baiana de Educação no ano em que comemoro quarenta e um anos de ação educativa em bibliotecas, arquivos e organismos similares de espaços de informação e cultura, período no qual, quinze anos, cumulativamente estão dedicados a docência na Universidade Federal da Bahia, representa para mim a mais elevada láurea.

Sinto-me, literalmente, cingida por uma coroa de louros.

Honrada, feliz, grata aos insígnies acadêmicos que me elegeram. defronta-se ao meu espírito um devir de compromisso com esta instituição na defesa de sua causa maior - a educação.

Chego à honrosa Academia Baiana de Educação. Tenho o coração pleno de alegria pelo alto privilégio que me é concedido. Trago as mãos vazias da vaidade ilusória. Conservo a mente plena de lucidez da grandeza e beleza da missão para a qual deverei contribuir com reflexões e ações.

Prezadas confreiras, prezados confrades, senhoras, senhores,

Que minhas primeiras palavras tingidas de emoção nesta noite festiva, tenham a competência de traduzir o sentimento de que sou invadida e o agradecimento que desejo exprimir a todos os Acadêmicos que julgaram oportuno o meu ingresso nesta Academia, acolhendo a indicação do meu nome para ocupar a Cadeira n.º 35, que tem por Patrono o Professor Pedro Júlio Barbuda e como

último Titular o Professor João Fernandes da Cunha. Com este gesto, Senhores Acadêmicos, vós me permitistes ser incluída nesta Congregação. Declaro o meu compromisso de colocar a serviço da egrégia Academia Baiana de Educação o meu saber em permanente construção, o meu fazer em constante aprimoramento, a solidariedade e dedicação que me são próprias, na disposição perene de colaborar para seu engrandecimento no convívio convosco.

Uma gratidão particular devo manifestar ao ilustre confrade Professor Germano Dias Machado pela iniciativa calorosa da indicação do meu nome e a ilustre confreira Professora Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon pelo entusiástico e irrestrito endosso.

Ao transpor o portal deste sodalício, encontro uma instituição de grande significação para a sociedade, de inequívoca legitimidade e representatividade pelo perfil intelectual e digno de seus acadêmicos.

O ARAUTO

Os ritos de passagem são enriquecidos por um cerimonial marcado pela nobreza de atitudes. Adentrar os umbrais das academias, e não é diferente neste sodalício, pressupõe ser o recém-chegado saudado por um ilustre Acadêmico.

No mais legítimo sentido dado nas Monarquias Medievais ao oficial incumbido de fazer as comunicações solenes, alcanço a elevada honra de ter como arauto o insigne Professor Doutor Antônio Jesuíno dos Santos Netto.

Homem de rara sensibilidade aliou ao exercício da medicina sua vocação para o magistério exercido na mais lúcida formação de médicos, fortalecidos de consistentes valores altruístas. Sua sensibilidade, Doutor Antônio Jesuíno dos Santos Netto, se materializa no cotidiano de sua profícua existência e se reflete no olhar, nos gestos, na elegância e bondade da forma como que acolhe e do modo como dialoga.

Sou vossa devedora de gratidão pelo desvelo de suas palavras enaltecendo fatos e feitos da minha trajetória de vida profissional a serviço da educação e da cultura.

Uma trajetória marcada pelo cenário das bibliotecas como verdadeiros pólos de concentração e irradiação do conhecimento, tradicionalmente tendo o livro como principal elemento disseminador de informações, hoje enriquecidas pela convergência de variadas tecnologias de informação e de comunicação. Uma trajetória acrescida da atuação em arquivo permanente, habitualmente considerado local de preservação de documentos e na contemporaneidade entendido como o espaço da memória, da cultura e patrimônio histórico em que as atuais tecnologias também são de inestimável valia.

O PATRONO

Sugere o ritual de acolhida das Academias que o recém-empossado faça a louvação ao Patrono e ao Titular que sucede. Uma missão que mescla honra, prazer e responsabilidade.

Ocorre, desse modo, o meu encontro com o Patrono da Cadeira n.º 35, o eminente Médico e Professor Pedro Júlio Barbuda.

Nascido em Salvador, a 12 de abril de 1853, cedo mostra sinais de uma inteligência aguçada apontando interesse por diferentes áreas do conhecimento. Em 1870, aos dezessete anos incompletos, ingressa na Escola de Medicina onde a 18 de dezembro de 1875 conclui seu curso. O Estado vizinho de Sergipe o acolhe como médico e durante os doze anos seguintes conta com seus serviços, a competência clínica e o desvelo no cuidar da saúde de quatros dele necessitassem.

A fecunda mente do Professor Pedro Júlio Barbuda associava ao talento nas ciências da saúde o interesse pela literatura, seja como deleite, seja como estudioso da arte literária e se expandia na direção do magistério. Revelou-se, então, talentosos como médico, escritor e professor.

Regressando à Bahia concorre à cátedra de Psiquiatria e Moléstias Nervosas na Faculdade de Medicina e à de Língua Portuguesa e Literatura Nacional na Escola Normal da Bahia. Ao assumir esta cátedra dá vassão ao espírito do mestre das letras, artesão das palavras, estudioso da história do Brasil. E, com maestria, tece e entretece a história e a literatura brasileira, não esquecendo de focar a educação nesse contexto permeando com as considerações sobre a forte influência portuguesa pelas razões naturais do entrelaçamento vivido na origem e desenvolvimento dos primeiros séculos do nosso país.

Percebe-se na leitura do seu livro *Língua Portuguesa Literatura Brasileira*, como o professor Pedro Júlio Barbuda circula entre a história, a literatura e a educação de forma interdisciplinar quando esse vocábulo não possuía a força do uso da expressão que a semântica faz reconhecer hoje.

Publicado em Salvador, em 1916, pela Editora que possui o nome simbólico de Estabelecimento dos Dois Mundos, muito provavelmente numa referência aos mundos europeus e autóctone, o autor faz valioso destaque ao registro da Ordem Régia de D. João VI, na qual proíbe, em 1652, a escravização indígena. Ressalta a missão confiada e bem desempenhada pelo Padre Vieira na defesa da liberdade de nossos índios. Faz apologia à Bahia como sendo o “vasto cenário em que se desdobra, mas amplitude, a actividade intelectual do país [...] o berço dos factos mais salientes de nossa literatura.

Da história à literatura chega à educação. E refere-se que até 29 de março de 1549 o Brasil esteve privado, em quase meio século, do ensino de qualquer natureza, situação somente alterada com a chegada de Thomé de Sousa, Primeiro Governador Geral com quem vieram “os primeiros mestres para a mocidade brasileira” os jesuítas Manoel da Nóbrega, João de Aspilcueta Navarro, aos quais se juntaram mais tarde outros jesuítas, cabendo destaque ao Padre José de Anchieta.

No campo da educação Pedro Júlio Barbuda encerrou sua extensa vida profissional aposentando-se em 28 de março de 1935, decorridos quarenta e dois anos de serviço na Escola Normal da

Bahia, vindo a falecer dois anos após, a 11 de novembro de 1937. Várias gerações tiveram o privilégio de conviver e absorver sua cultura geral e especializada. Pelos séculos além a Academia Baiana de Educação manterá vivo o seu espírito e a sua obra.

O ANTECESSOR

Fazer a louvação ao Titular a que sucedo na Cadeira n.º 35, igualmente mescla honra, prazer e responsabilidade. Mas se reveste de grande emoção por ser o meu inesquecível e amado irmão o Professor João Fernandes da Cunha

Nasceu o meu antecessor em Juazeiro - Bahia a 21 de maio de 1921. Alicerçou sua vida com uma argamassa cuja substância mais consistente foi o amor. Amor à família em que foi gerado. as famílias que constituiu no primeiro e no segundo casamento, amor aos amigos, alunos, companheiros das atividades profissionais, a todos brindando com gestos de bondade, apoio, estímulo. Amor à humanidade, amor à vida.

Preferi não aprofundar a narrativa dos inúmeros e destacados cargos que exerceu, os valiosos títulos, láureas, condecorações com que foi agraciado. E assim o fiz, por serem cargos e títulos sobejamente conhecidos, bem como pela extensão e profundidade do seu conteúdo melhor adequados a outra natureza de registro que não o de um discurso.

Entretanto, destaco fragmentos luminosos de sua atuação na educação pelo que representou em sua vida como ideal, missão e compromisso.

Com apenas dezessete anos de idade, em sua terra natal, recebe o chamamento para se tornar educador e acolhe a convocação. Ainda estudante, brilhante, exerce o partilhar conhecimento em salas de aula de crianças e jovens.

Já residindo em Salvador, bacharelou-se em Ciências Econômicas pela Universidade Federal da Bahia, a qual dedicou-se integralmente por mais de trinta anos, sendo agraciado em 21 de setembro de 1994 com o título de Professor Emérito. Diariamente usava na lapela o distintivo da UFBA que ele tanto honrou e o fazia

sentir-se honrado.

O apogeu de sua trajetória magisterial ocorreu na Academia Baiana de Educação. Em seu discurso de posse assim expressou sua visão de estratégias no ensino com vistas a uma educação integral do ser humano: “Sabemos que o professor ensina não só pelas palavras e lições dadas em aula, mas, também, pela linguagem permanente de sua existência”. Sobre os alunos destacou: “Não basta transmitir-lhes o conhecimento da ciência, bem assim orientá-los na pesquisa em livros e outros documentos. É necessário ajudá-los, por outra parte, no aprendizado e pesquisa no campo da realidade da vida”. E justificou: “Não basta, certamente, que se ensine aos discípulos, em sua grande maioria jovens, a solucionarem os problemas apresentados em aulas; é mister ajudá-los a resolver, efetivamente, os desafios da realidade existencial, mormente nesses períodos de crises em que temos vivido”.

Por seus méritos a egrégia Academia Baiana de Educação o condecorou em 23 de novembro de 2005 com o título de Educador do Ano.

Edificou sua vida sobre os pilares da educação e da cultura. Esse princípio o conduziu a integrar inúmeras academias e demais agremiações culturais. A Fundação João Fernandes da Cunha criada em 21 de maio de 1992 representa a culminância dos sonhos, vocação e missão de educador o homem culto.

A grandeza e nobreza da missão desta instituição de promover o desenvolvimento do ser humano ecoa nas paredes deste imponente solar e se expande por meio dos benefícios auferidos por seus leitores e usuários, em nada parcimoniosos nos testemunhos que registram de gratidão ao seu instituidor

O Professor João Fernandes da Cunha semeou. E colheu os frutos que lhe eram devidos.

Como testemunha privilegiada de sua vida, busco refleti-lo sob outro ângulo mais pessoal, mais coloquial Prezo admirá-lo como:

- Um homem privilegiado. Dotado de rara inteligência e múltiplos talentos, movido por uma fé profunda em Deus e em Maria Santíssima. Alimentado pela crença inabalável no ser huma-

no, na educação, na democracia, na cidadania, traçou e trilhou um caminho que lhe fez, como incansavelmente repetia - “um homem feliz”;

- De intenso denodo na busca pelo conhecimento. Intrépido na concretização dos anseios. Valoroso nas realizações pessoais e profissionais;

- De espiritualidade elevada que como legado, dá o testemunho de sua fé vivida no cotidiano de sua existência, registrada no último livro publicado *Poemas de Minha Fé*;

- Um homem íntegro, ético em todos os espaços sociais em que conviveu;

- Um homem que amou profundamente a terra em que nasceu assinalando as várias faces desse amor em livros que produziu. Terra onde começou a aprender e exercer o civismo e a cidadania declamando, desde os oito anos de idade, do coreto da praça para a multidão de conterrâneos extensos poemas impregnados desses sentimentos;

- Uma criança que se tornou homem apreciando entoar hinos cívicos do nosso país;

- Um homem de gosto refinado e elegância no trato com todos;

- Um homem intelectual e versátil que encantava ao entoar no realejo suas músicas prediletas. Exímio dançarino. Mestre no manejo das palavras com sonoridade em seus versos.

Honra e glória ao meu célebre antecessor. Expresso perene devotamento à sua memória. Sucede-lo e suprema honorabilidade. Será permanente o empenho em não desmerecer tão elevado privilégio.

EVOCÇÕES E COMPROMISSO DA RECIPIENDÁRIA

No momento em que sou acolhida neste espaço científico, educacional e cultural trago a marca de minha vocação de educadora voltada para a reflexão e a ação dirigidas a uma educação humanista. Acredito ser a educação a base para o desenvolvimento dos

indivíduos e da sociedade e a entendo não apenas como ferramenta ou meio para atingir rapidamente resultados. Considero a educação, na sua acepção mais completa, o sustentáculo para homens e mulheres que fortalecidos pelo que assimilam da ciência, da tecnologia, das artes, da filosofia e dos valores espirituais se tornam construtores de um mundo mais humano, justo e igualitário.

Sintonizada com os princípios estabelecidos para a educação do século XXI, busco desenvolver práticas pedagógicas alicerçadas sobre os pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, e aprender a ser. Associando ensino, pesquisa e extensão, despertando o interesse e estimulando a participação dos alunos, venho alcançando resultados animadores no desenvolvimento da criatividade, do espírito crítico, produção e disseminação do conhecimento. Tais práticas se realizam, concretamente integrando a teoria à prática com resultados que se revelam positivos no discurso dos alunos envolvidos.

Desenvolvi ao longo da vida a crença inarredável no papel mediador e estimulador do professor na formação do educando. No cerne desta crença está a figura dos meus professores - da alfabetização à pós-graduação, pelo que me ensinaram na transmissão de conteúdos e, sobretudo, na projeção do seu próprio exemplo de vida.

Neste momento, evoco a figura desses mestres, aqui simbólica e exemplarmente representados pelo meu muito respeitado e querido mestre no então denominado curso ginásial, o Professor Jose Newton Alves de Souza.

Sobressai, aqui, a bibliotecária que jamais deixei de ser pelo justo orgulho que tenho da profissão. Associo informação e memória para compor o caleidoscópio no sentido lato da palavra: evoco pessoas, espaços geográficos, temporais e afetivos, fatos e vivências que, como fragmentos de vidro colorido se movimentam e se refletem no espelho que é este momento, produzindo belas imagens

Ao evocar esses mestres faço o registro da narrativa de um longo tempo de minha vida. Torno perene, porque inscrita, a memória que estava vulnerável a um deixar de existir.

Evoco a Professora Maria Ondina Benevides Farias, minha primeira mestra, matriz de minha vocação para o ensino. Natural de Juazeiro, nossa terra natal, aí residiu até os dez anos de idade quando veio morar em Salvador durante o tempo necessário para completar os estudos de nível médio, incluindo a preparação para o magistério. Seu grau de professora foi conferido pelo Educandário Sagrado Coração de Jesus, o conhecido Os Perdões, à época referência de ensino e disciplina nesta Capital.

Modelo de elegância, delicadeza, paciência, estímulo e amor aos seus pequenos alunos, concedeu-me o privilégio de, literalmente conduzindo-me pela mão, aprender a gostar de estar na escola, dar vãs ao meu irrequieto espírito curioso pelo saber, desenvolver a solidariedade.

Flagrei-me, dias atrás, desejando intensamente reviver a emoção de voltar aquela Escola. Apropriei-me do recurso avançado da tecnologia de informação e de comunicação e, na Internet, através de um *software* que utiliza imagens de satélite permitindo desbravar o mundo, iniciei a viagem. A sensação é a de se agarrar às asas de um pássaro encantado, que em fração de segundos nos faz pousar exatamente no local desejado não importa a distância. O recurso tecnológico permitiu um percurso deslumbrante, arrebatador mas deixou-me num imenso vazio minha escola? Não mais existe. O bairro? o progresso modificou a geografia. Mas voltei plena da presença da Professora Maria Ondina Benevides Farias.

Evoco a Professora Maria Conceição Queiroz Gavazza, a primeira mestra que tive em Salvador e trago à lembrança a Escola São Raimundo, dirigida por freiras da Congregação de Nossa Senhora dos Humildes.

Da Professora Conceição Gavazza permanece na lembrança a estratégia do ensino por meio de sistemático trabalho de produção de texto a partir de leitura de imagens. É com enlevo que resgato da memória, grande álbum preso à parede com paisagens estimuladoras de novas imagens e ricas de sugestões para a elaboração dos textos. Descobri aí o intenso prazer de escrever.

Evoco o Professor José Newton Alves de Souza meu mes-

tre de Língua e Literatura Portuguesa no Instituto Sete de Setembro, colégio dirigido pela Professora Nathália Vinhaes onde fiz o ciclo ginásial e o curso pedagógico. Suas aulas, Professor, nas tardes mornas de Salvador eram amenizadas pela suavidade de sua voz nos deleitando com belíssimos trechos de autores brasileiros e portugueses e pelo movimento das folhas nas árvores que embelezavam e ainda o fazem, o jardim do Campo Grande. Sua voz suave e a postura de mansidão não impediam, muito ao contrário, a necessária firmeza para que o conteúdo trabalhado fosse adequadamente assimilado.

É desse tempo a descoberta do imenso gosto pela leitura e a busca incessante por bibliotecas e livros. Foi indelével sua marca deixada. Aprovada no vestibular de Biblioteconomia e tendo de declarar, de próprio punho, a razão da escolha do curso, assim registrei “o gosto de lidar com livros, de conhecer melhor os autores brasileiros e portugueses e o desejo de cooperar com minha parte no movimento oportuno que vem se fazendo na Bahia para se reconhecer o valor da biblioteca e do bibliotecário em nosso meio”. E por tudo isso, obrigada, Mestre.

Evoco o Professor Hermano José de Almeida Gouveia, de saudosa memória, um dos fundadores desta Academia. Ainda no Instituto Sete de Setembro, tive o privilégio de ser sua aluna. Com ele aprendi a gostar de filosofia da educação. Cristalicei a idéia da importância da leitura como ferramenta essencial à educação. Estávamos na década de 50, ainda não nos falava em SELIBA por ele criada em 1966, mas provavelmente em sua mente fértil e produtiva em seu imenso coração já se aninhava e desenvolvia a semente que tantos frutos legou à educação na Bahia.

Evoco, também desse período, os Professores Antônio Luiz Machado Neto e Zahidé Machado Neto. Que impacto positivo ambos causaram, de forma definitiva na mente adolescente ávida por conquistar e transformar o mundo.

De Antônio Luiz Machado Neto ficou meu interesse pela sociologia geral, o que terminou por me conduzir a reflexões e práticas pedagógicas, bibliotecárias e arquivísticas, profundamente marcadas por um compromisso social, ético, com a sociedade e

segmentos específicos.

Em Zahidé Machado Neto encontrei o caminho para gostar de História. Sua personalidade forte, a maneira como narrava os acontecimentos, a bravura com que se referia aos indígenas brasileiros, foco privilegiado de seus estudos, conduziram-me a despertar para as questões de memória e patrimônio histórico.

Evoco o Professor Luís Henrique Dias Tavares, eminente Acadêmico da Academia Baiana de Educação. Sinto-me privilegiada por haver sido sua aluna na Universidade Federal da Bahia na Escola de Biblioteconomia e Documentação, hoje Instituto de Ciência da Informação. Ensinando a disciplina Evolução do Pensamento Filosófico e Científico, num tempo em que os recursos didáticos eram muito precários, dispondo os professores basicamente do discurso e de algumas leituras recomendadas, com a competência de mestre mantinha os alunos em estado de permanente interesse. Sou-lhe grata por me haver tornado atraída por História da Filosofia e História das Ciências, conteúdo que precisei resgatar e aprofundar no mestrado de Ciência da Informação e permanece sendo basilar nas pesquisas científicas a que me dedico.

Evoco a Professora Esmeralda Maria de Aragão, dileta e competente docente da Escola de Biblioteconomia e Documentação dos anos de 60 a 90. Com nome de pedra valiosa, Esmeralda brilhou e ainda brilha no campo biblioteconômico da Bahia e do Brasil. Através da disciplina Catalogação e do seu exemplo ímpar de dedicação às bibliotecas e à biblioteconomia, formou gerações de bibliotecários conscientes da imponência de dominar o uso de princípios e normas que assegurem a unidade, eficiência e eficácia na organização dos acervos de informação que abrigam as bibliotecas e centros de documentação. Sua outra vertente, não menos importante, é a questão associativa como forma de garantir a valorização e o desenvolvimento da profissão de bibliotecário. Por meio de sua produção científica e atuação profissional é exemplo a ser seguido. De Esmeralda Aragão absorvi o interesse pela educação continuada do bibliotecário, o que veio a ser o tema de minha dissertação de mestrado.

Como vêdes, insignes confradeiras e confrades, minhas se-

nhoras, meus senhores, o professor se revela elemento propulsor de uma educação de qualidade. Se verdadeiramente vocacionado consegue vencer barreiras consideradas intransponíveis e marca, para sempre, sua influência em seus alunos.

Em um sistema de ensino, público ou privado, diferentes variáveis condicionam e qualificam a educação. São variáveis de igual importância entretanto, se destaca o professor como responsável pelo processo educativo demandado pela sociedade. No caso do Brasil, uma sociedade tão carente e merecedora de uma educação fortalecida por espaços, filosofia, políticas públicas, projetos pedagógicos e processos em que a eficiência e a eficácia sejam efetivamente comprometidas com a educação integral, de qualidade. Uma educação que represente efetiva contribuição ao aprimoramento do ser humano, enquanto razão primeira e destino final de toda ação educativa. Uma educação que signifique o alicerce seguro para o desenvolvimento da sociedade na perspectiva de um mundo mais humanizado

Recuso-me a pensar serem estas idéias uma utopia. Renuncio a comodidade de aceitar como imutável uma situação que, comprovadamente, tem dificultado o desabrochar e a permanente ascensão do ser humano, das organizações, da sociedade.

Neste instante, fugaz pela natureza temporal dos momentos vividos, e eterno porque inscrito, testemunhado e documentado, reafirmo sentir-me honrada por integrar a egrégia Academia Baiana de Educação e por representar neste sodalício a biblioteconomia e a arquivologia da Bahia, pelo que significam como verdadeiros laboratórios de ensino, produção e disseminação do conhecimento.

Torno-me Membro Titular desta prestigiosa Academia sob os desígnios e bênçãos de Deus, através da vontade dos eminentes Acadêmicos e inspirada pela luminosidade espiritual do ilustre e talentoso patrono o Professor Pedro Júlio Barbuda e do meu predecessor o brilhante, exemplar e inesquecível Professor João Fernandes da Cunha.

Devo, por último, ressaltar que, educadora há mais de quatro décadas, permaneço, em verdade, uma eterna aprendiz.

Referências:

BARBUDA, Pedro Júlio. *Língua Portuguesa quarta parte*. Bahia: Estabelecimento dos Dois Mundos, 1916

CUNHA, João Fernandes da. *Discurso de posse na Academia Baiana de Educação*. Revista da Academia Baiana de Educação. v. 2, n.º 7, p. 38-42, set. 2001.

DELORS, Jacques (org.). *Educação um tesouro a descobrir*: Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, 9.ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ESTATUTO DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

(ADAPTADO À REFORMA PUBLICADA NO DIÁRIO OFICIAL DE 16/5/1997)

Capítulo I

Natureza, Sede. Foro e Duração

Art. 1.º - A Academia Baiana de Educação, fundada em 09 de setembro de 1982, associação cultural sem fins lucrativos, com sede e foro na Cidade de Salvador. Capital do Estado da Bahia e prazo de duração indeterminado, reger-se-á pelas disposições deste Estatuto normas regimentais que adotar e demais dispositivos legais aplicáveis.

Parágrafo único - A Instituição, que funcionou regular mente desde a supracitada data, passa a ter personalidade jurídica a partir do registro deste Estatuto.

Capítulo II

Finalidade e Competência

Art. 2.º - A Academia tem por finalidade estudo e pesquisa, definição e interpretação dos fatos, fenômenos e problemas da educação e ensino na sua acepção geral competindo-lhe como órgão de cooperação cultural, consultas, incentivos, promoções e realizações no campo educacional:

- I. manter intercâmbio com as congêneres nacionais e estrangeiras demais instituições e órgãos culturais oficiais e particulares relacionados com a educação e o ensino;
- II. cultivar os fatos da educação e da memória, vida e obra de seus patronos, de titulares falecidos e de outras figuras e vultos da educação e do ensino;
- III. promover cursos próprios ou em convênio, de pós-graduação, aperfeiçoamento, atualização e especialização, sobre educação e ciências pedagógicas, nos seus vários graus ou níveis;
- IV. promover conferências, congressos e atividades outras que visem a elevar e melhorar nossos padrões culturais e de ensino;
- V. instituir prêmios a serem atribuídos a estabelecimentos de ensino da rede pública ou privada e a profissionais de educação;
- VI. adotar iniciativas e realizações outras que signifiquem preparação pedagógica ativa para a vida social. inclusive de consultoria sobre assuntos de pedagogia e de educação.

Capítulo III

Constituição do quadro e provimento das cadeiras

- Art. 3.º - A Academia Baiana de Educação é constituída de 40 (quarenta) cadeiras, ocupadas por membros titulares tendo cada uma delas um patrono, que tenha sido educador, professor ou estudioso de fatos e problemas da educação na Bahia.

- § 1.º - Haverá um quadro especial de 5 (cinco) membros eméritos, a ser preenchido, com a prévia aquiescência dos indicados, por membros titulares que tenham mais de 70 (setenta) anos de idade e pertençam há mais de 10 (dez) anos à Academia, e que tenham colaborado ativamente para o desenvolvimento e o renome do sodalício, ficando vaga, com cada escolha, a correspondente cadeira de membro titular.
- § 2.º - A Academia terá, ainda, as categorias de sócios beneméritos, benfeitores, honorários, colaboradores e correspondentes.
- § 3.º - O provimento das diversas categorias de membros e sócios da Academia será feito na forma disposta no seu Regimento Interno.
- § 4.º - Sem prejuízo do número de vagas estipulado no § 1.º, são considerados membros eméritos "*in memoriam*" os sócios fundadores Hermano José de Almeida Gouveia Neto, Antonino de Oliveira Dias e Raymundo José da Matta, podendo a Academia conceder o mesmo título a outros membros titulares falecidos que se tenham destacado por especiais serviços prestados à instituição.
- Art. 4.º - São membros fundadores os que, em número de nove (9), criaram a Academia Baiana de Educação constando da relação que se segue: Raymundo Nonato de Almeida Gouveia, Edivaldo Machado Boaventura, Antônio Pithon Pinto, José Newton Alves de Souza, Hermano José de Almeida Gouveia Neto, Remy Pompílio de Souza, Adroaldo Ribeiro Costa, Antonino de Oliveira Dias e Raymundo José da Matta.

§ 1.º - São membros da Academia os membros titulares e eméritos admitidos.

§ 2.º - Será considerado renunciatário o membro da Academia que, sem motivo justificado, a juízo da Assembléia Geral, faltar a 2/3 (dois terços) das sessões durante 1 (um) ano ou deixar de pagar a anuidade por igual período, competindo à Diretoria dar eficácia ao disposto neste parágrafo.

Capítulo IV **Administração da Academia**

Art. 5.º - São órgãos da Academia:
a) a Diretoria;
b) a Assembléia Geral.

Art. 6.º - A Diretoria é constituída dos seguintes membros:

- 1 . Presidente
- 2 . Vice - Presidente
- 3 . Primeiro Secretário
- 4 . Segundo Secretário
- 5 . Tesoureiro
6. Diretor da Revista e da Biblioteca
7. Diretor do Museu Pedagógico e do Arquivo

Art. 7.º - A Diretoria será eleita por um período de dois (2) anos, podendo ser reeleita total ou parcialmente e exercerá o seu mandato gratuitamente.

§ 1.º - As vagas ocorridas em cargos da Diretoria, no primeiro ano do mandato, serão preenchidas por eleição e as ocorridas no segundo serão preenchidas pela Diretoria.

§ 2.º - A eleição da Diretoria será feita no penúltimo mês do seu mandato.

§ 3.º - As atribuições e obrigações da Diretoria serão definidas no Regimento.

§ 4.º - A diretoria apresentará relatório circunstanciado no início de cada ano.

Art. 8.º - As sessões da Academia serão instaladas com o mínimo de 5 (cinco) membros presentes, entre titulares e eméritos, só podendo deliberar com o mínimo de 9 (nove) membros das referidas categorias.

Art. 9.º - A Assembléia Geral será constituída pelos membros titulares e eméritos, só podendo deliberar com presença, em primeira convocação, da maioria absoluta e, em segunda convocação, da maioria dos presentes, respeitado o disposto no artigo anterior.

Art. 10. A Academia deverá manter-se, financeiramente, com a contribuição dos seus associados, doações, renda de cursos e de outras atividades e fontes de receita, sendo que, enquanto não tiver sede própria, fará as suas reuniões em locais condignos, cedidos ou alugados.

Parágrafo único - A aplicação de suas rendas será para fins desta instituição no território nacional.

Capítulo V

Disposições Gerais e Transitórias

Art. 11. A Diretoria é responsável pelas obrigações e resoluções tomadas por maioria, cabendo ao seu presidente representá-la, na forma do Regimento.

Art. 12. Em caso de dissolução da Academia, os seus bens e valores serão entregues ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia ou a entidade congênere.

Art. 13. A Academia reunir-se-á em sessões ordinárias e extraordinárias, da Diretoria e da Assembléia, ou em sessões públicas, comemorativas e de posse, bem assim reservadas.

Parágrafo único - Os meses de dezembro, janeiro e fevereiro serão considerados de recesso, podendo haver convocação especial.

Art. 14. O presente estatuto deverá ser regulamentado por um regimento, no prazo máximo de 6 (seis) meses, aprovado pela Assembléia Geral, e somente poderá ser modificado pela maioria absoluta dos membros eméritos e titulares, por proposta da Diretoria ou da referida Assembléia.

Art. 15. O extrato do presente Estatuto será publicado no Diário Oficial do Estado, para fins de registro em Cartório e demais providências pertinentes.

Art. 16. Até o final do seu mandato, a Diretoria eleita para o biênio 1996/1998 permanecerá constituída pelos cargos para os quais foram eleitos os atuais ocupantes.

TÍTULO PRIMEIRO

DA ADMINISTRAÇÃO DA ACADEMIA

Capítulo I

Da admissão de Acadêmicos

Art. 1.º- A admissão de membro titular da Academia está sujeita às seguintes condições:

- a) ser brasileiro, nato ou naturalizado, educador, professor ou especialista em educação, com experiência e amplos serviços prestados à causa, ter domicílio no estado da Bahia e possuir idoneidade moral e científico-cultural;
- b) ser escolhido na forma de processo específico, composto das seguintes etapas:
 1. Decorridos 30 (trinta) dias da declaração de vacância da cadeira, a Academia reunir-se-á em sessão adremente convocada, com a presença mínima de 9 (nove) membros titulares e eméritos, quando será facultado a cada acadêmico indicar, em envelope fechado, o nome de sua preferência para preenchimento da vaga;
 2. Os membros titulares que se encontrarem impossibilitados de comparecer à sessão referida no item anterior poderão encaminhar as suas indicações ao Presidente da Academia, em envelopes fechados;
 3. Apuradas imediatamente as indicações, será organizada lista dos nomes que tiverem obtido pelo menos 3 (três) preferências, para fins de votação;
 4. Após 30 (trinta) dias da organização da lista, em sessão com a presença mínima de titulares e eméritos exigida pelo estatuto, proceder-se-á, através de voto secreto, à eleição do novo membro, em até 3 (três) escrutínios, sendo escolhido

- aquele que obtiver a maioria absoluta dos votos dos acadêmicos presentes;
5. Somente será feita a proclamação do nome eleito após sua aceitação, por escrito, ao receber comunicação feita pelo Presidente;
 6. Continuará vaga a cadeira, caso nenhum nome tenha alcançado, após 3 (três) escrutínios, a maioria absoluta dos votos, ou no caso de recusa pelo escrito.

Art. 2.º - O membro emérito será escolhido pela Assembléia Geral, dentre os membros titulares, mediante indicação de, pelo menos, dez (10) membros titulares e eméritos, atendido o disposto no parágrafo primeiro do art. 3.º do Estatuto.

Parágrafo único – O membro emérito manterá os mesmos direitos e prerrogativas do titular, estando dispensado, a seu critério, das anuidades e freqüência às sessões.

Art. 3.º - Só poderão ser membros correspondentes personalidades de comprovado mérito, que residam e tenham domicílio fora de Salvador, nacionais ou estrangeiros, por proposta de pelo menos dez (10) titulares e mediante aprovação da Assembléia Geral.

Art. 4.º - Só poderão ser membros honorários educadores de notável saber em pedagogia e educação, nacionais ou estrangeiros, por proposta de pelos menos (20) vinte titulares e mediante aprovação da Assembléia Geral.

Art. 5.º - A particulares e instituições que fizerem donativos à Academia ou tenham serviços de alta relevância à entidade, serão conferidos diplomas de benfeitores ou de beneméritos.

Capítulo II

Das Atribuições da Diretoria

Art. 6.º - Ao Presidente compete:

- a) zelar pelos interesses da Academia e fazer cumprir o Estatuto, o regimento e as resoluções da Diretoria;
- b) convocar e presidir as sessões da Academia, enunciando a ordem do dia e dirigindo os trabalhos;
- c) manter a disciplina nas discussões, não permitindo que os debates tomem caráter pessoal;
- d) representar a Academia em juízo e em qualquer ato ou solenidade, podendo fazer-se substituir por outro acadêmico que para esse fim designar;
- e) apresentar relatório anual das atividades da academia;
- f) nomear e demitir o pessoal administrativo da Academia e, *ad referendum* da Assembléia Geral, resolver os casos urgentes não previstos no Estatuto;
- g) autorizar, de acordo com a Diretoria, o pagamento das despesas extraordinárias e ordenar as de caráter urgente;
- h) nomear, quando se fizer necessário, comissões especiais de acadêmicos;
- i) designar a secção a que irá pertencer o novo acadêmico, observada a sua formação, especialidade, vivência e experiência pedagógica;
- j) rubricar todos os livros e documentos da Academia, assinar as atas das sessões, os diplomas, representações, despachos e o expediente dirigido às autoridades e instituições;
- k) movimentar conjuntamente com o tesoureiro os fundos e as contas bancárias.

Parágrafo único - Nas votações o presidente terá o voto de qualidade, além do de membro titular, exceto para as de eleições dos cargos da Diretoria e dos novos titulares.

Art. 7.º - Ao Vice-Presidente compete substituir o Presidente nas suas faltas e impedimentos.

Parágrafo único – No exercício da Presidência, exercerá, o Vice-Presidente as prerrogativas e atribuições do Presidente.

Art. 8.º - Ao Primeiro Secretário compete:

- a) manter e desenvolver as relações da Academia;
- b) promover a distribuição das publicações da Academia;
- c) auxiliar o Presidente nas providências de ordem administrativas, supervisionando o pessoal;
- d) expedir os diplomas dos membros da Academia, de qualquer categoria, subscrevendo-os, juntamente com o Presidente;
- e) assinar o expediente, comunicando aos interessados, em nome do Presidente, a realização das reuniões da Academia;
- f) substituir o Vice-Presidente em suas faltas e impedimentos;
- g) organizar e manter em dia o quadro social, encaminhando para publicação na revista a lista de todos os membros e indicando ao Presidente as vagas a preencher;
- h) fornecer ao Presidente os elementos para relatório anual.

Art. 9.º - Ao Segundo Secretário compete:

- a) apresentar e ler em sessão o expediente;
- b) ter sob sua responsabilidade os livros de atas e presenças;
- c) substituir o Primeiro Secretário em suas faltas e impedimentos e auxiliá-lo em suas funções;
- d) redigir as atas de todas as sessões.

Art. 10. Ao tesoureiro compete:

- a) zelar pelo caixa e pelo patrimônio da Academia;

- b) cobrar e receber toda a renda da Academia, tendo sob sua guarda valores em moeda ou títulos e realizar despesas para o que for autorizado pelo Presidente;
- c) dar quitação dos valores, quando de direito;
- d) arquivar todos os documentos relativos às finanças e à contabilidade da Academia;
- e) mandar escriturar, em livros próprios, a receita e à despesa da Academia;
- f) apresentar à Diretoria balancetes anuais.

Art. 11. Ao Diretor da Revista e da Biblioteca compete:

- a) coletar e organizar o material para a publicação da Revista e do Boletim da Academia, responsabilizando-se pela respectiva obediência aos critérios e normas pertinentes;
- b) organizar a biblioteca da Academia, que deverá conter, principalmente, trabalhos e documentos relacionados com a educação baiana;
- c) controlar as atividades da Biblioteca, inclusive o fichário;
- d) viabilizar a consulta do acervo da biblioteca aos membros da Academia, bem como a outras pessoas e instituições interessadas;
- e) contactar livrarias, editoras e outras instituições, visando a angariar publicações e doações para constituir o acervo da biblioteca.

Art. 12. Ao Diretor do Museu Pedagógico e do Arquivo compete:

- a) organizar o acervo museológico da Academia, coletando material pedagógico, documentos, objetos, fotografias, vídeos e publicações de importância histórico-educacional;
- b) organizar a documentação e a nominata biográfica dos grandes educadores.

Capítulo III

Dos Direitos e Deveres

Art. 13. São direitos dos membros titulares e eméritos:

- a) votar e ser votado, de acordo com o Estatuto e o regimento;
- b) freqüentar as sessões, apresentar trabalhos, participar dos debates em plenário e encaminhar para publicação a Revista trabalhos de interesse pedagógico, obedecidas suas normas e critérios;

Art. 14. São deveres dos membros titulares e méritos:

- a) respeitar e fazer respeitar o Estatuto e o Regimento, prestigiar a Diretoria e zelar pelo bom nome da Academia;
- b) desempenhar os encargos e funções para os quais forem designados pela Presidência;
- c) freqüentar com assiduidade as sessões da Academia, obedecendo o disposto no parágrafo único do art. 2.º deste Regimento;
- d) contribuir financeiramente para custeio das atividades da Academia.

Art. 15. É direito do membro correspondente e honorário freqüentar e corresponder-se com a Academia.

Art. 16. É dever dos membros, correspondentes e honorários contribuir, por todos os modos, para o progresso e engrandecimento da Academia.

Art. 17. Os membros, correspondentes e honorários, não terão direito a voto, nem podem ser votados.

TÍTULO SEGUNDO

Das Sessões da Academia

Art. 18. A Academia Baiana de Educação realizará sessões ordinárias e extraordinárias, públicas e reservadas.

§ 1.º - As sessões ordinárias serão realizadas 1 (uma) vez por mês, em dia, hora e local previamente determinados, observado o estabelecido nos Arts. 8.º e 9.º do Estatuto:

- a) não havendo número legal, a mesa tomará conhecimento dos assuntos urgentes e o Secretário registrará o ocorrido;
- b) havendo número legal, o Presidente abrirá a sessão, que contará de leitura, votação e aprovação da ata da sessão anterior, de expediente e ordem do dia;
- c) as partes serão concedidos desde que o orador permita;
- d) os que falarem no expediente poderão usar palavra uma vez e durante 5 (cinco) minutos, no máximo;
- e) as moções serão apresentadas ao plenário assinadas pelo menos por 10 (dez) acadêmicos.

§ 2.º - As sessões extraordinárias, que se realizarão por motivo de ordem superior ou para a eleições da Diretoria, serão convocadas pelo Presidente, observando o disposto nos Artigos 8.º e 9.º do estatuto.

§ 3.º - As sessões públicas serão realizadas:

- a) no dia 9 de setembro de cada ano, para celebrar a data da criação da Academia;
- b) na posse de novos acadêmicos;
- c) no elogio dos acadêmicos falecidos;
- d) quando a conveniência indicar, a juízo do Presidente.

§ 4.º - Nas sessões solenes, deverá ser usado traje adequado à natureza do evento.

§ 5.º - Quando a natureza do assunto o exigir, a Academia reunir-se-á em sessões reservadas tomando parte apenas os membros titulares.

TÍTULO TERCEIRO

DA CONSTITUIÇÃO DA ACADEMIA

Capítulo I

Da votação, Eleição e Posse

Art. 19. As votações serão por escrutínio secreto.

Art. 20. Para a eleição de novo membro titular, observado o disposto no Art. 1.º deste regimento, a votação será por escrutínio secreto, cumprindo-se as seguintes determinações:

- a) o direito de voto será privado dos membros titulares e eméritos;
- b) será permitido o voto por procuração;
- c) a posse de novo membro titular dar-se-á dentro de 60 (sessenta) dias após a eleição, salvo motivo de força maior, a juízo da Diretoria, cabendo-lhe escolher entre seus pares aquele que fará o discurso de recepção;
- d) ao ser empossado pelo Presidente, o novo membro titular fará o panegírico do respectivo patrono e dos seus antecessores e prestará o seguinte compromisso: “Prometo cumprir e fazer cumprir o Estatuto, o regimento e as resoluções desta Academia e trabalhar quanto em mim couber por seu engrandecimento e bom nome”;

- e) esgotado o prazo concedido na alínea “c” deste artigo, sem que o eleito tome posse, será declarada vaga a cadeira, com realização de nova eleição, na forma regimental, aplicando-se tal determinação a todos os casos em que o eleito não tenha tomado posse até a presente data, salvo motivo justificado, a critério da Diretoria.

Art. 21. A eleição dos membros da Diretoria far-se-á por escrutínio secreto:

- a) só poderão concorrer aos cargos da Diretoria os membros titulares e eméritos em pleno gozo de seus direitos;
- b) as eleições para os cargos da Diretoria serão realizadas de 2 (dois) em 2 (dois) anos, no penúltimo mês do seu mandato;
- c) a posse da Diretoria será na sessão solene de 9 de setembro, no ano em que a mesma for eleita;
- d) as vagas que ocorrerem durante o biênio que se seguir à eleição da Diretoria serão preenchidas por eleição, salvo se faltar menos de 1 (um) ano para o término do mesmo biênio, devendo neste caso o Presidente designar o titular que deverá preencher a vaga até as próximas eleições;
- e) as eleições para os cargos da Diretoria serão realizadas 30 (trinta) dias antes do dia previsto para sua posse, em sessão extraordinária;
- f) nenhum membro titular poderá exercer cumulativamente dois cargos na Diretoria;
- g) a votação deverá estender-se por 1 (uma) hora, e em seguida será processada a apuração, para que o Presidente designará, entre os acadêmicos, escrutinadores para a contagem dos votos, que deverão coincidir com o número de votantes, consignados em lista para este fim;
- h) o estatuto na linha acima só será aplicado à eleição dos membros titulares e méritos e da Diretoria.

Capítulo II

Dos Patronos

Art. 22. São considerados patronos da Academia, de acordo com o Art. 3.º do Estatuto, 40 (quarenta) nomes de grandes vultos já desaparecidos da educação baiana, ou a ela intimamente relacionados, que passaram à posteridade como modelos de educadores ou de homens de notório saber pedagógico.

Parágrafo único – As cadeiras serão numeradas cronologicamente de 1 a 40, conforme relação em anexo.

Capítulo III

Do Patrimônio

Art. 23. O patrimônio da Academia será constituído de bens imóveis, devidamente avaliados, doações, títulos e contribuições, rendas de cursos e de mais atividades, bem assim de outras receitas.

Capítulo IV

Dos Prêmios

Art. 24. A Academia, de acordo com o Art. 2.º, inciso V, do Estatuto, concederá prêmios aos autores de trabalhos de real mérito sobre Pedagogia, Psicologia da Aprendizagem, Filosofia da Educação e outras correlatas.

§ 1.º - Os prêmios a que se refere o artigo acima constarão do louvor acadêmico e de auxílio para publicação dos trabalhos premiados, ou de valores, especificamente, para esse fim destinados por doações.

§ 2.º - Poderão concorrer aos prêmios da Academia educadores, professores e especialistas estudiosos de educação.

§ 3.º - O julgamento dos trabalhos a prêmio competirão uma Comissão, designada pelo Presidente da Academia, nos termos do Art. 2.º, inciso V do estatuto.

§ 4.º - A Diretoria regulamentará a inscrição e a concessão desses prêmios.

TÍTULO QUARTO

Disposições Gerais

Art. 25. A Diretoria exercerá suas funções gratuitamente.

Parágrafo único – A Academia terá um quadro de funcionários, cujo números e vencimentos serão fixados pela Diretoria.

Art. 26. A Academia poderá convidar pessoas estranhas ao seu quadro a fim de realizar conferências, sempre que tal convite envolver verdadeiro interesse científico e cultural, devendo tal proposta ser aprovada pela Diretoria.

Art. 27. A Academia entrará em recesso durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, período em que haverá apenas reuniões da Diretoria, se esta assim deliberar.

Art. 28. A Academia adota como lema LUCEAT LUX VESTRA (Luza vossa luz), inserido nas suas insígnias.

Art. 29. O Estatuto e este Regimento somente poderão ser reformados mediante proposta assinada pela maioria absoluta dos titulares e eméritos ou da Diretoria.

Parágrafo único – Proposta a reforma, o Presidente designará uma comissão compostas de 4 (quatro) membros, escolhidos entre os titulares e eméritos, para, sob sua presidência, emitir “parecer”, que deverá ser submetido à apreciação da Assembléia Geral.

Art. 30. A Academia manterá intercâmbio com instituições coirmãs, no campo das letras, das artes e das ciências, internacionais, nacionais, estaduais ou municipais, para o que serão organizados os devidos assentamentos.

Art. 31. A partir da publicação e registro do Estatuto serão adotadas providências para:

I – reconhecimento de utilidade pública nas esferas dos poderes federal, estadual e municipal.

II – criação de subsidiárias em até 3 (três) municípios de grande porte no interior do Estado e,

III – Aquisição de sede própria.

Art. 32. Os casos omissos neste Regimento serão resolvidos pela Diretoria, *ad referendum* da Assembléia Geral.

Art. 33. Este Regimento entra em vigor na data da sua aprovação.

**PATRONOS DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO
E ACADÊMICOS TITULARES**

N.º	PATRONO	VIDA	ACADÊMICO TITULAR
1	Abílio César Borges	1824-1891	• Ruy Simões • José Simões e Silva Júnior • Maria Conceição Costa e Silva
2	Alfredo Brito	1876-	• Jair de Oliveira Santos
3	Alfredo Ferreira Magalhães	1873-1943	• Carlos Alberto Pedreira de Cerqueira • José Carlos Almeida da Silva
4	Alípio Correia Franca	1971-1957	• José Francisco de Sá Teles
5	Alvaro Augusto da Silva	1890-1977	• Edivaldo Machado Boaventura • Alfredo Eurico Rodrigo Matta
6	Amélia do Sacramento Rodrigues	1861-1926	• Germano Dias Machado
7	Afrisia Santiago	1894-1970	• Remy Pompílio Fernandes de Souza
8	Anísio Spinola Teixeira	1900-1971	• Hermano José de Almeida Gouveia • Maria Anália Costa Moura
9	Antônio Borges dos Reis	1859-1952	• Guiomar de Andrade Florence • Alirio Fernando Barbosa de Souza
10	Antônio de Castro Alves	1847-1871	• Consuelo Ponde de Senna
11	Antônio Pacífico Pereira	1846-1902	• Angelo Lyrio Alves de Almeida • Maria Betty Coelho
12	Arlindo Silva Costa		• Adroaldo Ribeiro Costa • Bárbara Vasconcelos de Carvalho • Rosa Pereira Levita
13	Arthur de Salles	1879-1952	• Raul de Souza da Costa e Sá • Elsiar Moreira Alves
14	Augusto Alexandre Machado	1896-1947	• Enock Sena Souza
15	Cosme de Farias	1875-1972	• João Eurico Matta
16	Diógenes Gomes da Costa Vinhaes		• Roisie Alaor Metzker Coutinho
17	Egas Moniz Barreto de Aragão	1870-1924	• Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon
18	Ernesto Carneiro de Ribeiro	1839-1920	• José Newton Alves de Souza • Maria Luígia Magnavita Galeffi • Nadja Maria Valverde Viana
19	Francisco da Conceição Menezes	1896-1959	• Cid José Cavalcante Teixeira
20	Gelásio de Abreu Farias	1882-	• Hermano Augusto Palmeira Machado
21	Helvécio Carneiro Ribeiro	1880-1969	• Pedro Júlio Barbuda • Milton Almeida Rabelo
22	Henriqueta Martins Catarino	1886-1968	• Zilma Gomes Parente de Barros
23	Hugo Balthazar da Silveira	1888-	• Rômulo Galvão de Carvalho • Eraldo Tinoco de Melo
24	Isaías Alves de Almeida	1888-1968	• Antônio Pitton Pinto • Joselice Macedo Barreira
25	João Alves Portela		• Cicero Pessoa da Silva
26	João Florêncio Gomes	1846-1925	• Astor de Castro Pessoa
27	José Olímpio de Azevedo	1843-1920	• Thales Olímpio Góes de Azevedo

			• Antônio Jesuino dos Santos Netto
28	Júlio Afrânio Peixoto	1876-1947	• Oldegar Franco Vieira • Roberto Figueira Santos
29	Luiz da França Pinto de Carvalho		• Luiz Fernando Seixas de M. Costa • Hermes Teixeira de Mello
30	Luiz Gonzaga Cabral	1853-	• Luiz Augusto F. Navarro de Brito • Luis Henrique Dias Tavares
31	Manoel Carlos Devoto	1853-	• Adelmo Soares Pessoa • Manoel Joaquim Fernandes de Barros Sobrinho
32	Maria Luiza de Souza Alves	1860-	• Angelina Rocha de Assis • Leda Jesuino dos Santos
33	Maria Romana Calmon de Bittencourt		• Jorge Calmon Moniz de Bittencourt • José Corgonzinho Carvalho Filho
34	Paulo Fábio Dantas	1900-	• Raymundo Nonato de Almeida Gouveia • Fernando Floriano da Rocha • José Rogério da Costa Vargens
35	Pedro Júlio Barbuda	1837-	• Cassilandro Everaldo Barbuda • João Fernandes da Cunha • Vanda Angélica da Cunha
36	Pedro Tenório de Albuquerque	1906-1982	• Yeda Barradas Carneiro
37	Possidonio Dias Coelho		• Francisco Pinheiro Lima Júnior
38	Roberta Correia	1876-1941	• Olga Pereira Mettig • Marcelo Rocha
39	Rui Barbosa de Oliveira	1849-1923	• Raimundo José da Matta • Lafayette de Azevedo Ponde
40	Sátiro de Oliveira Dias	1844-1913	• Antonino de Oliveira Dias • Hildérico Pinheiro de Oliveira • José Nilton Carvalho Pereira

MEMBROS EMÉRITOS DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

- Bárbara Carvalho
- Jorge Calmon
- José Newton Alves de Souza
- Oldegar Franco Vieira
- Olga Pereira Mettig
- Raymundo Nonato de Almeida Gouveia
- Edivaldo Machado Boaventura

MEMBROS BENEMÉRITOS DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

- José Corgozinho Carvalho Filho
- Jose Nilton Carvalho Pereira

ACADÊMICOS TITULARES

ALFREDO EURICO RODRIGUES MATTA
ALÍRIO BARBOSA FERNANDES DE SOUZA
ANTÔNIO JESUÍNO DOS SANTOS NETTO
ASTOR DE CASTRO PESSOA
BARBARA VASCONCELOS DE CARVALHO
CÍCERO PESSOA DA SILVA
CID JOSÉ CAVALCANTE TEIXEIRA
CONSUELO PONDÊ DE SENA
EDIVALDO MACHADO BOAVENTURA
ELSIOR MOREIRA ALVES
ENOCH SENA DE SOUZA
ERALDO TINOCO DE MELO
FRANCISCO PINHEIRO LIMA JÚNIOR
GERMANO MACHADO
GERMANO TABACOF
HERMANO AUGUSTO PALMEIRA MACHADO
HERMES TEIXEIRA DE MELO
JAIR DE OLIVEIRA SANTOS
JOÃO EURICO MATTA
JOSÉ CARLOS ALMEIDA DA SILVA
JOSÉ CORGOZINHO CARVALHO FILHO
JOSÉ FRANCISCO DE SÁ TELES
JOSÉ NEWTON ALVES DE SOUZA
JOSÉ NILTON CARVALHO PEREIRA
JOSÉ ROGÉRIO DA COSTA VARGENS
JOSELICE MACEDO DE BARREIROS
LEDA JESUÍNO DOS SANTOS
LUIS HENRIQUE DIAS TAVARES
MANOEL JOAQUIM F. BARROS SOBRINHO
MARCELO AUGUSTO CARVALHO ROCHA
MARIA ANÁLIA COSTA MOURA
MARIA AUGUSTA CARVALHO CRUZ ABDON
MARIA BETTY COELHO SILVA
MARIA DA CONCEIÇÃO COSTA E SILVA
MILTON DE ALMEIDA RABELO
NADJA MARIA VALVERDE VIANA
REMY POMPÍLIO FERNANDES DE SOUZA
ROBERTO FIGUEIRA SANTOS
ROSA PEREIRA LEVITA
VANDA ANGÉLICA DA CUNHA
YEDA BARRADAS CARNEIRO
ZILMA PARENTE DE BARROS